

A RÁDIO TRADICIONAL E O *ONLINE*: OS CONTEÚDOS E PRÁTICAS NA *TSF*

CAROLINA CARVALHO PINHO QUARESMA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO SUBMETIDO COMO REQUISITO PARCIAL PARA
OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM JORNALISMO

Orientadora:

Professora Doutora Maria José Pereira da Mata, Professora-Adjunta, ESCS-IPL

Junho, 2021

Declaração anti plágio

Para os devidos efeitos, declaro ser autora deste trabalho, uma parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo. Este relatório de estágio, apresentado à Escola Superior de Comunicação Social, constitui um trabalho original, que nunca foi submetido no seu todo ou em qualquer das partes a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou outra habilitação. Certifico também que todas as citações estão devidamente identificadas e acrescento que tenho consciência de que o plágio poderá levar à anulação deste trabalho.

Lisboa, 11 de Junho de 2021

A candidata,

Carolina Quaresma

Resumo

Este trabalho é produto da realização de um estágio curricular na *TSF*, com a duração de 418 horas. O principal objetivo desta investigação é perceber, de acordo com a perspetiva da redação da *TSF*, aquilo que mudou na *TSF* rádio em termos de conteúdos e práticas, em contexto de convergência com a plataforma *online*. Mais do que tentar compreender de que modo a convergência é ou não aplicada na *TSF*, este estudo permite perceber, através da observação participante, entrevistas e análise aos conteúdos, qual a perspetiva da redação da *TSF*, nomeadamente diretores, editores e jornalistas, relativamente à coexistência da antena com o *site*. Por outras palavras, procura-se compreender o modo de articulação entre a rádio tradicional e o *online*, em que se complementam e o que permanece do velho meio tendo sempre em conta o caso da *TSF*.

As principais conclusões é que, segundo os profissionais entrevistados, na *TSF*, ambos os meios conseguem coexistir e complementar-se um ao outro. A rádio continua a ser rádio e as suas capacidades de informar e de ser um meio de companhia para os ouvintes mantêm-se, sendo valorizadas e potenciadas pelo meio digital. Segundo a redação da *TSF*, determinados aspetos têm vindo a alterar-se aos longos dos tempos, mas o *online* consegue dar ao ouvinte/leitor da *TSF* toda uma nova experiência, através da multimédia, do *podcast* e do prolongamento da memória e arquivo.

Palavras-chave: Jornalismo Radiofónico; Convergência; Coexistência; *TSF* rádio; *Online*.

Abstract

This study is the result of 418 hours of curricular internship at the TSF radio station. The main purpose of this investigation is to understand, according to the perspective of TSF's newsroom, what has changed at the TSF radio station in terms of news content and practices, taking into account the context of convergence with the online platform. Besides realizing how we apply convergence at TSF, or not, this study allow us to perceive, through participant observations, interviews and content analysis, what is the perspective of TSF's directors, editors and journalists regarding the coexisting of the radio station with the website. In other words, it aims to: understand how radio and online articulate with each other, how they complement each other and what characteristics of the older medium remains, by always taking into account the case of TSF.

The main conclusions is that, according to the interviewed professionals, at TSF, both radio and online are able to coexist and complement each other. Radio is still radio and its capabilities to inform and be a means of companionship for listeners remains, but they are valued and enhanced by the digital medium. According to TSF's newsroom, certain aspects have been changing over time, online manages to give the listener/reader of TSF a whole new experience, through for example, multimedia, podcast and extending memory and file.

Keywords: Radio Journalism; Convergence; Coexistence; TSF radio; Online.

Agradecimentos

Elaborar um Relatório de Estágio de Mestrado é um caminho muito individual e solitário. Em 2020 isso foi ainda mais perceptível, com o aparecimento de uma pandemia mundial causada por um vírus contagioso. Em tempos atípicos como estes escrever o Relatório foi uma constante batalha mental. Uns dias consegue-se, devagarinho, cumprir os objetivos; outros dias não há a mínima vontade para tal. Neste sentido, mais do que nunca, foi importante o apoio e força da família, dos amigos, dos Professores e de todas as outras pessoas com quem me cruzei durante este processo. Por tudo isso, *obrigada...*

... À minha mãe, ao meu pai e à minha avó que sempre estiveram lá, todos os dias. Por todo o apoio. Por terem sido as primeiras pessoas que confiaram nas minhas capacidades e acreditarem que eu ia conseguir. Por todo o amor, carinho e orgulho que têm em mim. Vocês são os meus heróis, não poderia pedir melhor família para mim!

... À minha irmã Beatriz que, apesar de todas as zangas típicas, me ajudou sempre que eu precisava. Pela paciência, pelo apoio e por todos os momentos que passamos juntas, seja a entreatujadar-nos com trabalhos para a faculdade, seja a ver filmes ou a tirar fotografias. Os meus dias sem a tua boa disposição seriam muito mais tristes. Gosto muito de ti!

... À Patrícia que desde o primeiro momento em que comecei a Licenciatura, em 2015, me atura todos os dias. Por ter passado de *madrinha académica* a melhor amiga em muito pouco tempo. Por todas as idas ao cinema, pequenos-almoços, lanches e passeios. Também por todos os desabafos e “puxões de orelha”. Na verdade, todos deviam ter uma Patrícia na sua vida.

... À Maggie que desde a primeira aula de espanhol da Licenciatura continua comigo todos os dias. Por todas as gargalhadas e parvoíces nas sessões de cinema virtuais durante a pandemia. Por todas as conversas e desabafos. E, especialmente, pela companhia num dos melhores concertos desta vida. Prontíssima para o próximo!

... À Mariana e à Rita. Embora tenhamos seguido caminhos diferentes depois da Licenciatura, continuam na minha vida, tal como não poderia deixar de ser. Por todos os momentos que passamos juntas. Por todos os trabalhos e projetos a que demos vida durante a Licenciatura. Por tudo. Que possamos voltar aos velhos tempos, em breve.

... Ao quinteto fantástico da turma de Jornalismo: Maria Leonor, Renata, Maria, Miguel e Flávio. Sem eles, as aulas à noite não teriam piada nenhuma. Por todas as viagens de carro até ao metro do Colombo. Muitas saudades. Que o reencontro esteja para breve.

... À Professora Maria José Mata. Por ter aceitado ser minha orientadora. Por ter abraçado esta investigação com a mesma ou mais força que eu. Por me ter ajudado a dar vida ao projeto que quis fazer desde o início. Por toda a sua disponibilidade, paciência e exigência que me obrigaram sempre a fazer um melhor trabalho.

... Ao Professor Francisco Sena Santos. Pelas conversas que tivemos sobre a rádio e que me deram ainda mais vontade de avançar com este trabalho. Por todo o apoio e ajuda que me deu num projeto de reportagem do REC que, com certeza, me vai ajudar a crescer como jornalista.

... A toda a equipa da *TSF*. Em especial à *TSF Online*: a Teresa Mota, o Pedro Andrade Soares, a Sara Beatriz Monteiro, a Rita Carvalho Pereira, a Carolina Rico, a Cátia Carmo, a Catarina Vasconcelos, o Gonçalo Teles, o Guilherme Sousa e o Francisco Nascimento, que desde o primeiro dia me acolheram. Igualmente às equipas da Manhã 2 e Tarde, em particular, à Ana Sofia Freitas, à Dora Pires, à Guilhermina Sousa, ao António Pinto Rodrigues, à Gabriela Batista, ao Manuel Acácio, ao Anselmo Crespo, ao Ricardo Alexandre, à Beatriz Morais Martins, à Cláudia Arsénio, ao Pedro Pinheiro e tantos outros que, todos os dias, confiaram no meu trabalho e me ajudaram a ser uma melhor jornalista de rádio. Também ao técnico de som Alexandre Lima, pela paciência que teve para me ajudar a gravar e montar peças.

... *Last but not least*: às minhas colegas de estágio na *TSF*, a Filipa Murta e a Sara Lopes. Pela companhia nos almoços e pela vontade e paciência de abraçarem o papel de editoras nas gravações das minhas peças.

Índice

Declaração anti plágio.....	II
Resumo	III
Abstract	IV
Agradecimentos	V
Introdução.....	1
Metodologia.....	4
1. A TSF Rádio Notícias.....	8
1.1 O panorama radiofónico em Portugal	8
1.2 Evolução e caracterização da estação TSF	10
1.2.1 A TSF online	12
1.2.2 Organização da redação	16
1.2.3 O ouvinte/leitor TSF	17
2. O estágio na TSF: descrição da experiência.....	19
2.1 Preparação da viagem: o primeiro contacto com a entidade	19
2.2 O dia de embarque	19
2.3 TSF online: equipa de experiências marcantes e importantes	20
2.4 Mudança de equipa: da TSF online para a antena.....	22
2.5 Regresso ao ponto de partida e suspensão do estágio	24
2.6 O regresso à viagem: de volta à antena da TSF	24
2.7 Fim da viagem: aprendizagens e obstáculos	26
3. As especificidades do jornalismo radiofónico	28
3.1. O meio	28
3.2. A linguagem: texto e som	30
3.3. Os géneros	32
4. A convergência nos media	35
4.1. Um conceito, várias definições	35
4.2. Conceitos de fronteira	37
4.2.1. Convergência e Multimédia	37
4.2.1. Convergência e Remediação	38
4.2.3. Convergência e Multiplataforma ou Cross-Media	39
4.3. Modelos de convergência	41
4.4. Convergência no jornalismo	42
5. A convergência no meio radiofónico.....	46
5.1. Evolução da rádio na internet	46
5.2. Tipologias de rádio no digital	47
5.3. A convergência radiofónica: as novas características do meio	48
6. Rádio e Online: os conteúdos e as práticas na TSF	52
6.1. Rádio e Online: análise e discussão dos resultados da amostra	55
6.1.1 Acontecimentos, editoriais e temas	55
6.1.3 Géneros	57
6.1.2 Enquadramento	59
6.1.4 Elementos comuns	60
6.1.5 Fontes	62
6.1.7 Modo de obtenção de informação	64
6.1.8 Modo de produção da informação	65
6.1.9 Conteúdo	67
6.1.10 Linguagem.....	69
6.1.1.1. Género, fontes e autoria em acontecimentos de grande cobertura na TSF	71

6.2. Onde fica a essência da rádio com o digital? – a visão da redação da TSF.....	75
6.2.1. O que o online trouxe de novo à rádio	75
6.2.2. Qual o papel atual da rádio?	78
6.2.3. A TSF no online: um prolongamento da rádio ou um projeto autónomo?	79
6.2.4. As práticas profissionais no online e na antena	81
6.2.5. A reorganização na rádio e no online da TSF em tempos de pandemia	82
6.3. Síntese conclusiva.....	84
Conclusão	87
Bibliografia	92
Anexos	100
A. Certificado referente à realização do estágio	100
B. Parecer do responsável de estágio	101
C. E-mail de confirmação de estágio na TSF por parte da ESCS	102
D. E-mail de confirmação de regresso ao estágio, por parte de Pedro Pinheiro	102
E. Homepage do site TSF	103
E.1 Menu do site TSF	103
F. Organograma da TSF	104
F.1. Mapa TSF (jornalistas da antena e do digital e outras equipas).....	106
G. Diário de bordo mensal.....	107
H. Trabalho realizado enquanto estagiária	113
H.1 Temas encontrados na imprensa internacional.....	113
H.2 Notícia em formato de reportagem sobre a Capital Verde Europeia 2020.....	118
H.3 Acompanhamento em direto no online da segunda volta das eleições no PSD	119
H.4 Notícias sobre os Óscares 2020	130
H.5 Exemplo de uma crónica de João Pedrosa	131
I. Caracterização dos entrevistados	132
J. Codebook com orientações de codificação da análise aos conteúdos	134
K. Tabela referente às análises aos conteúdos	136
K.1. Enquadramento	136
K.2. Conteúdo.....	138
L. Conteúdo publicado no site da TSF e utilizado para a análise de conteúdo	142
M. Transcrição das entrevistas	243
M.1. Diretor interino, Pedro Pinheiro	243
M.2. Diretor adjunto, Ricardo Alexandre	254
M.3. Autor do programa “Sinais”, Fernando Alves	264
M.4. Editor online, Pedro Andrade Soares	270
M.5. Editora online, Teresa Mota	278
M.6. Subeditora da Manhã 1 e jornalista, Cristina Lai Men	283
M.7. Subeditora da Tarde e jornalista, Ana Sofia Freitas	289
M.8. Jornalista online, Carolina Rico.....	295
M.9. Jornalista online, Sara Beatriz Monteiro	303
M.10. Jornalista online, Rita Carvalho Pereira.....	309
M.11. Jornalista antena, Filipe Santa Bárbara	315
M.12. Jornalista antena, Beatriz Morais Martins	322
M.13. Jornalista antena, Inês André Figueiredo	329

Índice de figuras

Figura 1 – Certificado de estágio elaborado pelos Recursos Humanos do *Global Media Group*

Figura 2 – Parecer de avaliação emitido pelo responsável de estágio da *TSF*, Ricardo Alexandre

Figura 3 – Print do e-mail de confirmação de estágio na *TSF*

Figura 4 – Print do e-mail de confirmação de regresso ao estágio

Figura 5 – *Printscreen* da *homepage* do *site TSF*

Figura 6 – Barra de menu do *site TSF*

Figuras 7 e 8 – Organograma *TSF*

Figura 9 – Mapa *TSF*

Figura 10 - Notícia proposta e elaborada por mim no dia 7 de janeiro de 2020

Figura 11 - Notícia proposta e elaborada por mim no dia 8 de janeiro de 2020

Figura 12 - Notícia proposta e elaborada por mim em formato de galeria de fotografias no dia 14 de janeiro de 2020

Figura 13 - Notícia proposta e elaborada por mim no dia 15 de janeiro de 2020

Figura 14 - Notícia proposta e elaborada por mim no dia 29 de janeiro de 2020

Figura 15 - Notícia proposta e elaborada por mim em formato de reportagem no dia 13 de janeiro de 2020

Figuras 16 a 27 – Crónicas “weblogs” acompanhado por mim no dia 18 de Janeiro de 2020 a propósito da segunda volta das eleições no PSD

Figuras 28 e 29 - Notícias elaboradas por mim em formato de galeria de fotografias no dia 9 de fevereiro de 2020

Figuras 30 e 31 - Exemplo de uma crónica de João Pedrosa a propósito da situação de Covid-19 em Wuhan

Figuras 32 a 45 – Crónicas "weblogs" referentes ao tema sobre a Votação do Orçamento de Estado 2020

Figuras 46 e 47 - Notícias referentes ao tema sobre a Votação do Orçamento de Estado 2020, que decorreu a 6 de Fevereiro de 2020

Figuras 48 a 63 – Crónicas "weblogs" referentes ao tema sobre o debate quinzenal de 4 de março de 2020

Figuras 64 e 65 - Notícias referentes ao tema sobre o debate quinzenal de 4 de março de 2020

Figuras 66 a 75 - Crónicas "weblogs" referentes ao tema sobre a super terça-feira americana que decorreu a 4 de março de 2020

Figuras 76 a 79 - Notícias referentes ao tema sobre a super terça-feira americana que decorreu a 4 de março de 2020

Figuras 80 a 97 - Crónicas "weblogs" referentes ao tema sobre o coronavírus (9 de março de 2020)

Figura 98 a 108 - Notícias referentes ao tema sobre o coronavírus (9 de março de 2020)

Figura 109 – Notícia referente ao tema sobre a reunião de António Costa com ministros que decorreu a 10 de março de 2020

Figura 110 - Notícia referente ao tema sobre o plenário no Parlamento Europeu que decorreu a 10 de março de 2020

Figura 111 - Notícia referente ao tema sobre o coronavírus no futebol (10 de março de 2020)

Figura 112 - Notícia referente ao tema sobre os cuidadores informais (10 de março de 2020)

Figura 113 - Notícia referente ao tema sobre a reunião do Conselho Nacional de Saúde Pública (11 de março de 2020)

Figuras 114 a 117 - Crónicas "weblogs" referentes ao tema sobre a Comissão Parlamentar da Saúde com a Ministra Marta Temido que decorreu a 11 de março de 2020

Figura 118 - Notícia referente ao tema sobre a Comissão Parlamentar da Saúde com a Ministra Marta Temido que decorreu a 11 de março de 2020

Figuras 119 e 120 - Notícias referentes ao tema sobre as alegações finais do julgamento do caso de Alcochete que decorreu a 11 de março de 2020

Figuras 121 e 122 - Notícias referentes ao tema sobre a falha da compra da *Media Capital* pela *Cofina* (11 de março de 2020)

Figuras 123 a 125 - Notícias referentes ao tema sobre as ligações aéreas entre a Europa e os EUA (12 de março de 2020)

Figura 126 - Crónica “weblog” referente ao tema sobre o início dos jogos olímpicos com a cerimónia do acender da chama olímpica, na Grécia, a 12 de março de 2020

Figura 127 - Notícia referente ao tema sobre o encerramento das escolas, uma das medidas discutidas numa reunião entre os líderes partidários, que decorreu no dia 12 de março de 2020

Figuras 128 e 129 - Notícias referentes ao tema sobre as medidas tomadas no Conselho de Ministros devido à Covid-19 (13 de março de 2020)

Figuras 130 a 135 - Crónicas "weblogs" referentes ao tema sobre o debate na Assembleia da República sobre o coronavírus, que decorreu a 13 de março de 2020

Figuras 136 e 137 - Notícia referente ao tema sobre o debate na Assembleia da República sobre o coronavírus, que decorreu a 13 de março de 2020

Índice de tabelas

Tabela 1 – Número de peças por acontecimento em cada meio.

Tabela 2 – Número de peças pelas editorias mais utilizadas pela *TSF* em cada meio.

Tabela 3 – Número de peças por acontecimento, distribuídas pelas várias editorias, em ambos os meios.

Tabela 4 – Temas mais tratados por cada género jornalístico, na rádio e no *online*

Tabela 5 – Acontecimentos emitidos em direto/acompanhados ao minuto pela rádio e *online* da *TSF*

Tabela 6 – Tarefas realizadas em janeiro enquanto estagiária da *TSF*

Tabela 7 – Tarefas realizadas em fevereiro enquanto estagiária da *TSF*

Tabela 8 – Tarefas realizadas em março enquanto estagiária da *TSF*

Tabela 9 – Tarefas realizadas em setembro enquanto estagiária da *TSF*

Tabela 10 – Caracterização dos entrevistados

Tabela 11 – *Codebook* com orientações de codificação das variáveis referentes à rádio

Tabela 12 – *Codebook* com orientações de codificação das variáveis referentes ao *online*

Tabela 13 - *Codebook* com orientações de codificação das variáveis comuns à rádio e ao *online*

Tabela 14 – Variável “enquadramento” na rádio e no *online*

Tabela 15 – Variável “conteúdo” na rádio e no *online*

Índice de gráficos

Gráfico 1 - Número de peças por géneros predominantes na rádio

Gráfico 2 - Número de peças por géneros predominantes no *online*

Gráfico 3 - Número de peças por enquadramento em cada meio (Conselho de Ministros de 13 de março de 2020).

Gráfico 4 – Número de peças por enquadramento em cada meio (debate na Assembleia da República a 13 de março de 2020).

Gráfico 5 – Número de peças por elementos comuns predominantes na passagem dos conteúdos da rádio para o *site* da *TSF*

Gráfico 6 - Número de peças por fontes na rádio

Gráfico 7 - Número de peças por fontes no *online*

Gráfico 8 - Número de peças por autoria na rádio

Gráfico 9 - Número de peças por autoria no *online*

Gráfico 10 - Número de peças por modo de obtenção da informação na rádio.

Gráfico 11 - Número de peças por modo de obtenção da informação no *online*.

Gráfico 12 - Número de peças por modo de divulgação da informação na antena da *TSF*.

Gráfico 13 - Número de peças por conteúdo em ambos em meios, referente ao debate na Assembleia da República a 13 de março de 2020.

Gráfico 14 - Número de peças por conteúdo em ambos em meios, referente à evolução da Covid-19 a 9 de março de 2020.

Gráfico 15 - Número de peças por formatos de multimédia no *site* da *TSF*.

Gráfico 16 - Número de peças por géneros predominantes na rádio, em acontecimentos “especiais”

Gráfico 17 - Número de peças por géneros predominantes no *online*, em acontecimentos “especiais”

Gráfico 18 - Número de peças por fontes na antena, em acontecimentos “especiais”

Gráfico 19 - Número de peças por fontes no *online*, em acontecimentos “especiais”

Gráfico 20 - Número de peças por autoria na rádio, em acontecimentos “especiais”

Gráfico 21 - Número de peças por autoria no *online*, em acontecimentos “especiais”

Introdução

A mensagem emitida pela rádio é das mais ricas, imediatas e irrepetíveis. Com o aparecimento da *internet* e das novas tecnologias, a rádio redefine e reposiciona o seu conceito tradicional tanto aos níveis da produção e da receção como dos conteúdos (Cordeiro, 2005a, p.443). A cultura da convergência (Jenkins, 2006) é um dos elementos que permite que o digital potencie a essência da rádio. Além disso, a convergência transformou também o processo de produção de conteúdo, bem como as rotinas jornalísticas e o perfil do jornalista (Singer & Quandt, 2009, p.130).

No que respeita à rádio, a convergência teve um impacto particular no conteúdo noticioso. O áudio, o elemento diferenciador da rádio, passa a ser completado com a imagem, o texto e outros recursos visuais, criando, assim, um único produto caracterizado por elementos multimédia. As notícias passam a dispor de mais recursos, ficando mais robustas e fortalecidas. Há também mudanças ao nível das rotinas de produção e do perfil do profissional, dado que, por exemplo, jornalista tende a ser cada vez mais *multitasking*, o que nem sempre é positivo.

Do ponto de vista da convergência entre a rádio e o digital, em Portugal, nota-se que, no início do processo, o áudio ainda definia a essência da *ciber-rádio*. Dominava uma transposição de conteúdos em detrimento da produção de conteúdos multimédia (Reis, 2009, p.299; Reis, 2015, p.44). Paralelamente, existia também uma subvalorização do arquivo, não havendo ligações para conteúdos relacionados com determinado assunto, sendo a interatividade com o *ciber-ouvinte* quase inexistente (Reis, 2009, p.305-306). Ao longo do tempo, observa-se que nas plataformas digitais, o áudio passa a complementar o texto e não apenas a reproduzi-lo (Reis, 2009, p.307). Todavia, a linguagem radiofónica da qual fazem parte a música, os efeitos e o silêncio não estava representada nas *ciber-notícias*: a palavra e a declaração eram os tipos de áudio mais usados no digital (Reis, 2009, p.301).

Nas plataformas digitais radiofónicas não há uma narrativa única, mas sim várias que combinam o som, a palavra e o texto com a multimédia, a interatividade e a hipertextualidade. A rádio passa a ver na *internet* uma forma de ampliar as suas potencialidades e expressões, aliando-se a novos recursos e linguagens (Reis, 2015, p.44). Canavilhas (2012, p.13) afirma que, no meio radiofónico, a maior mudança ocorre ao nível da interatividade com o ouvinte, principalmente, nas redes sociais. A *TSF* é, de

acordo com Canavilhas (2012, p.14-15), um dos bons exemplos de convergência, uma vez que começou por inserir o som na sua página *online* e, posteriormente, investiu nas notícias hipertextuais e nos *podcasts*. Kroth (2016, p.24) explica também que a *TSF* teve de reorganizar o seu modo de produção e desenvolver novas estratégias para que houvesse integração e colaboração entre os jornalistas do formato analógico e os do meio digital.

Contudo, ainda não se atingiu nem uma gestão integrada, nem o patamar total de convergência. A razão por detrás deste problema deve-se, principalmente, à falta de recursos humanos. Continua a ser necessário um investimento em narrativas específicas para a distribuição de conteúdo nas plataformas digitais, especialmente, na multimédia, na multiplataforma e redes sociais para maior visibilidade, interação e relação com o público (Kroth, 2016, p.28).

No que toca aos conteúdos noticiosos, Canavilhas (2012) observou uma mera confluência/transposição de conteúdos, em que a informação oferecida ao público é a mesma só que em meios diferentes, sendo o texto e a imagem os formatos mais utilizados. Confirma-se, então que as definições tradicionais do meio ainda estão muito no centro das atenções das redações nacionais e que, apesar de abraçarem o desafio da convergência e produção *cross-media*, ainda não retiram o máximo da potencialidade de cada canal de distribuição (Ribeiro & Resende, 2017, p.151). Além disso, nota-se que as potencialidades tecnológicas não são totalmente aproveitadas. Os conteúdos não são criados de raiz para o meio digital, sendo o *site* um simples espelho da versão tradicional. É necessário investir na multimédia e em narrativas específicas para a distribuição de conteúdo nas plataformas digitais. No fundo, é preciso “mudar o modelo de negócio, apostando na formação e na criação de conteúdos só para o digital” (Silva, 2014, p. 80).

Através deste diagnóstico, é possível verificar que o caminho para a convergência, em Portugal, ainda é de experimentação, aperfeiçoamento e de adaptação/transição (Reis, 2009, p.311; Bastos, Zamith, Reis, Jerónimo, 2013, p.4). Existe uma importância grande em relação ao fenómeno convergente, mas este ainda não é concretizado de forma plena devido à resistência em efetivar o processo (Neto, 2017, p.348), por parte das direções e administrações que não investem em recursos humanos e materiais.

Esta investigação pretende dar mais um contributo para a compreensão destas mudanças, observando, a partir da redação da *TSF*, de que forma é que a essência da rádio permanece ou não, em ambiente de convergência. Mais do que perceber a forma como a

convergência está ou não presente, pretende-se dar conta da perspetiva dos jornalistas, editores e diretores da *TSF* sobre a coexistência da estação em antena com a plataforma *online*, observando conteúdos e práticas e recolhendo testemunhos. O foco é a rádio por ser um dos meios menos estudados em Portugal quando comparado com a imprensa ou a televisão. Fazemo-lo tendo ainda em conta o momento atípico provocado por um cenário de pandemia que obrigou os meios de comunicação a readaptarem as suas práticas e conteúdos.

Este relatório de estágio encontra-se dividido em seis capítulos. No primeiro caracteriza-se a entidade de estágio que, neste caso, é a *TSF*. Começa-se por situar o contexto atual das rádios em Portugal e, posteriormente, considera-se a história e evolução da *TSF* rádio até à sua presença no meio digital. No segundo capítulo é explanada a experiência de estágio curricular na *TSF*, desde o primeiro contacto com a entidade, até às atividades realizadas tanto no *online*, como na antena.

Os três capítulos seguintes suportam o enquadramento teórico do tema escolhido para reflexão. Assim, o terceiro capítulo trata sobre as especificidades do jornalismo radiofónico, em especial, o meio, o texto, o som e os géneros jornalísticos. No quarto capítulo é discutida a convergência, desde a definição mais lata do conceito, até aos seus efeitos nas redações, passando pela diferenciação de “conceitos de fronteira”, pela distinção entre vários tipos de convergência no jornalismo e pela apresentação e comparação de alguns modelos. O quinto capítulo é a interligação entre os dois anteriores, explorando a convergência no meio radiofónico, tendo em conta a evolução da rádio na *internet*, vários modelos de rádios digitais e as suas novas características.

No sexto e último capítulo são apresentados os resultados da análise de conteúdo apoiados pelas entrevistas que dão conta da perspetiva da redação da *TSF* sobre a rádio em antena e a coexistência com a plataforma *online*, focando-se o papel atual da rádio e as práticas profissionais de ambas as redações.

Metodologia

O principal objetivo desta investigação consiste em identificar focos de alteração e permanência das práticas e dos conteúdos da *TSF* rádio, num contexto de coexistência com a plataforma *online*. Sendo esta uma investigação científica, tornou-se fundamental definir a questão de partida que ajuda a perceber o que trata o projeto, resumindo os tópicos que vão ser abordados, fornecendo limites e guiando o investigador. Além disso, ajuda a delimitar o âmbito conceptual da investigação (Pryor, 2010, p.162). Assim, a questão de partida que vai acompanhar o desenvolvimento deste relatório é: O que mudou e o que persiste nas práticas e conteúdos noticiosos da *TSF* em ambiente de convergência? Para uma melhor definição do objeto de estudo, as hipóteses de trabalho são:

- **H1:** De acordo com a redação da *TSF*, o digital consegue coexistir com a rádio, potenciando-o e não diminuindo o seu espaço;
- **H2:** Em coexistência com a plataforma *online*, a *TSF* rádio mantém as características do meio, criando os seus conteúdos de forma autónoma;
- **H3:** Os conteúdos da *TSF* são distribuídos em várias plataformas, no *online* o áudio torna-se um acessório;
- **H4:** As características da linguagem radiofónica recomendadas no livro de estilo da *TSF* são anuladas no digital;
- **H5:** Os jornalistas da *TSF* consideram que o ser *multitasking* retira rigor e profundidade ao conteúdo noticioso que produzem;
- **H6:** Na *TSF*, a tendência para limitar as saídas ao exterior é comum ao *online* e à antena, o que pode limitar o trabalho jornalístico, fazendo com que este seja menos diferenciado dos outros.

O método de investigação é, na fase de enquadramento teórico, não interferente, tomando a forma de análise documental e pesquisa bibliográfica sobre o tema. Tendo em conta os objetivos deste estudo, a investigação é de natureza qualitativa, beneficiando a compreensão e a interpretação de um problema a partir de obras, artigos e estudos científicos já publicados, bem como a aplicação desse problema no estudo de uma realidade em particular. É igualmente um trabalho que permite uma integração sistemática de dados, na medida em que combina a observação participante com a análise aos conteúdos produzidos e às entrevistas, originando, desta forma, um texto integrado e coerente (Strom & Fagermoen, 2012, p.539). É utilizada a triangulação, ou seja, “a combinação de perspetivas e métodos próprios para entrar em linha de conta com tantas

facetadas distintas de um problema quantas seja possível” (Flick, 2005, p.50). Este aspeto é aplicado através da fusão entre a observação participante, as entrevistas e a análise de conteúdo, visto que, em conjunto, os três processos metodológicos permitem desvendar o máximo de dados possíveis, aumentando o grau de proximidade em relação ao objeto de estudo (Flick, 2005, p.50).

Sendo este trabalho um Relatório de Estágio, grande parte da recolha de informações tem como base a observação participante. Como refere Musante (2014):

Participant observation is a method in which a researcher takes part in the daily activities, rituals, interactions, and events of a group of people as one of the means of learning both the explicit and tacit aspects of their life routines and culture. (...) Is a way to collect data in natural settings by ethnographers who observe and take part in the common and uncommon activities of the people being studied.
(Musante, 2014, pp. 251-252)

O propósito desta técnica objetiva e sistemática é obter informações para formular hipóteses que ajudem a explicar aquilo que está a ser estudado (Berger, 2014, p.220). A observação participante é uma ferramenta de recolha de dados e análise (Musante, 2014, p.258) e é um dos métodos fundamentais para adquirir novos conhecimentos sobre os comportamentos dos participantes (Berger, 2014, p.224), sendo que o observador vai estando atento e recolhendo dados, ao mesmo tempo que participa nas atividades (Musante, 2014, p.252). Além disso, esta técnica permite a reavaliação da teoria ou dados anteriores e a aprendizagem dos pontos de vista e atitudes das pessoas.

Para esta investigação, a técnica será aplicada em diferentes momentos, quer enquanto interveniente direta ou indireta no processo produtivo quer enquanto observadora passiva, no local, durante o período de estágio. Neste caso, pretende-se tomar uma atitude de *participante como observador* (Berger, 2014, p.216), participando nas atividades da redação da *TSF*, fazendo parte do grupo e sendo um *insider*, permitindo, desta forma, um entendimento mais próximo do contexto real da estação de rádio. Ao longo das atividades realizadas na *TSF* foi possível estar perto dos jornalistas que produzem conteúdo tanto para a rádio *hertziana* como para o *site*, auxiliando-os e estando em contacto permanente com o material que criam, bem como com as ferramentas que utilizam, o que permitiu uma melhor compreensão do quotidiano da redação da *TSF*.

Na segunda parte do trabalho, o método de investigação passa a ser interferente, tomando a forma de entrevistas, em que o objetivo é recolher informação sobre experiências e a forma como os entrevistados entendem o mundo (Gudkova, 2018, p.95), tomando a forma

de “conversa” entre o investigador e o informante (Berger, 2014, p.159). Esta técnica é uma das mais básicas no que toca aos métodos para recolha de dados nas ciências sociais, em que o investigador procura por informações objetivas e factos (Gudkova, 2018, p.76) que não são possíveis de obter através da simples observação (Berger, 2014, p.159). A observação ajuda a compreender e a explicar aquilo que as pessoas fazem, mas não o porquê de as fazerem de determinada forma (Berger, 2014, p.161). Estas informações são conseguidas através de entrevistas.

Sendo esta uma técnica qualitativa, o objetivo neste trabalho é fornecer as perspetivas dos membros da redação da *TSF* relativamente à coexistência entre a rádio e a plataforma *online*, tendo em conta os conteúdos noticiosos e práticas profissionais. As entrevistas foram realizadas tendo por base um guião não estruturado, com questões de resposta aberta, em que o objetivo foi recolher material empírico para um melhor aprofundamento do tema em análise e uma melhor interpretação dos factos (Gudkova, 2018, p.78). As entrevistas foram apenas aplicadas após a análise dos conteúdos do *corpus*, de forma a obter respostas que sustentem as conclusões.

No total foram selecionados 13 entrevistados¹: o diretor interino, Pedro Pinheiro; o diretor adjunto interino, Ricardo Alexandre; os editores *online* Teresa Mota e Pedro Andrade Soares; a subeditora da Manhã 1, Cristina Lai Men; a subeditora da Tarde, Ana Sofia Freitas; os jornalistas da antena Inês André Figueiredo, Filipe Santa Bárbara, Beatriz Morais Monteiro; as jornalistas do digital Sara Beatriz Monteiro, Carolina Rico e Rita Carvalho Pereira; e, por fim, o autor do programa “Sinais”, Fernando Alves. A escolha destes entrevistados prendeu-se com o propósito de conhecer as perceções dos profissionais que desempenham papéis distintos na redação da *TSF*. As entrevistas decorreram entre 15 e 28 de Setembro de 2020 e 7 de Outubro de 2020. Todas as entrevistas foram presenciais e gravadas em formato de áudio, à exceção de duas. Devido à situação de pandemia de Covid-19², uma parte da redação da *TSF* estava, nesta altura, em teletrabalho, e por isso, a entrevista com Teresa Mota foi gravada através do telefone e com Pedro Andrade Soares por *Skype*.³

¹ Consultar a tabela 10 com a caracterização dos entrevistados no anexo I, pp.132-133.

² A pandemia de SARS-COV-2, provocada por um novo coronavírus, que causa “infecções respiratórias graves” foi apelidada de COVID-19 pela Organização Mundial da Saúde. “O vírus foi identificado pela primeira vez em humanos, no final de 2019, na cidade chinesa de Wuhan, província de Hubei, tendo sido confirmados vários casos em outros países, incluindo Portugal” (Serviço Nacional de Saúde, 2020). Retirado de: <https://www.sns24.gov.pt/tema/doencas-infecciosas/covid-19/#sec-1> (Consultado a 27-04-2021).

³ As entrevistas transcritas podem ser consultadas no anexo M, pp.243-334.

Previamente às entrevistas, de forma a enriquecer o trabalho, realizou-se uma análise aos conteúdos produzidos pelas duas redações. Através do uso de alguns instrumentos da análise de conteúdo, sistematizou-se informações a partir de categorias adaptadas ao objeto de estudo. A análise de conteúdo pode ser caracterizada como uma “colcha de retalhos” criada através de um processo de *bricolage* (Mendes e Miskulin, 2017):

Pedaços de panos de várias matizes como a questão de investigação e os objetivos, o referencial teórico adotado, a transparência dos procedimentos metodológicos para a constituição dos dados e os procedimentos de análise dos dados, como *bricoleurs*, como artesãs cosendo seu patchwork, construímos a investigação proposta.
(Mendes e Miskulin, 2017, p. 1046)

Vala (1999) reforça que a análise de conteúdo tem a finalidade de realizar inferências sobre determinadas mensagens, através das quais foram sistematizadas diversas características. Este mesmo autor demonstra que é função do investigador construir um modelo capaz de permitir que essas inferências sejam feitas. Além disso, tem uma metodologia própria em que o investigador planeia, executa, comunica, reproduz e avalia os resultados (Krippendorf, 2004, p.20). Esta técnica de investigação é de cariz sistemático, permitindo a identificação de termos-chave, a especificação da relação entre eles e o teste de hipóteses (Riffe, Lacy & Fico, 2014, p.20); objetivo, uma vez que as unidades são categorizadas; quantitativo, realizando-se através de contagens de ocorrências sobre um determinado aspeto importante e tem várias vantagens (Berger, 2014, p.232-233). É um processo metodológico de obtenção de informação não intrusivo relativamente barato em relação ao material necessário e lida com eventos/temas atuais e com a possibilidade de quantificar os dados (Riffe, Lacy & Fico, 2014, p.30; Berger, 2014, p.239).

A análise de conteúdo pode envolver não só análises quantitativas, mas também qualitativas, ou até ambas (Wright *as cited in* Berger, 2014, p. 232). A análise quantitativa é um processo sistemático de atribuição de conteúdo a determinadas categorias, de acordo com regras e análises das relações entre elas, utilizando métodos estatísticos (Riffe, Lacy & Fico, 2014, p.19). As análises de conteúdo qualitativas são de igual modo viáveis, dado que as respostas às questões de determinada investigação podem ser verbais (Krippendorf, 2014, p.87).

Para este relatório, esta técnica será aplicada a um conjunto empírico pré-definido, composto por conteúdos noticiosos produzidos e transmitidos em antena e/ou publicados *online*, tendo como principal objetivo o desmembramento dos conteúdos das mensagens, enfatizando alguns aspetos que têm a ver com a sua estrutura e difusão.

1. A *TSF Rádio Notícias*

Já são 32 anos de história. Desde 1988 que a *TSF* se constitui como uma rádio de referência nacional, sendo a única de natureza informativa privada na Europa. Desde cedo, esteve a par das mudanças da sociedade, de consumo e de tecnologias, conseguindo produzir conteúdo tanto em antena, como no meio digital. Os seus valores jornalísticos sempre foram “a credibilidade, a isenção, o rigor, a confiança, a competência, o prestígio e a qualidade” (Global Media Group, n.d.).⁴

Neste capítulo, o objetivo é perceber o panorama da rádio em Portugal, para, posteriormente, contextualizar a história e evolução da *TSF*, tanto no que diz respeito aos momentos mais marcantes da estação, como ao desenvolvimento da *TSF online*, à organização da redação e à caracterização da audiência tanto *on-air*, como no *online*.

1.1 O panorama radiofónico em Portugal

Segundo Cordeiro (2005b, p.2), dentro do panorama nacional, existem várias tipologias de rádio que se distinguem quanto à sua cobertura, especialização e aos conteúdos que transmitem. A cobertura divide-se entre a nacional, regional ou local. Já a especialização pode ser tanto ao nível musical como informativo, considerando o conteúdo dos programas emitidos e o público-alvo. Tendo em conta os conteúdos, as rádios podem ser classificadas em generalistas, temáticas, privadas ou públicas. As rádios generalistas, de acordo com Cordeiro (2004b, p.7), por norma, segmentam o público em função da idade, ao contrário das temáticas que, logo à partida, já devem ter o seu público definido. Podem ser consideradas, ainda, as generalistas que segmentam o público em função da idade e que são especializadas num determinado género musical.

Para compreender o panorama radiofónico em Portugal nos dias de hoje é fundamental conhecer-se o percurso do meio de comunicação ao longo dos anos. Cordeiro (2004b, p.2) sintetiza a história da rádio desde o seu início, ainda no século XX, em que se caracterizava por ser um meio dialógico, emotivo e experimentalista. Entre os anos 30 e 50 desse mesmo século, viveram-se, por um lado os “anos de ouro” da rádio, com dramatizações e espetáculos produzidos pelas emissoras e, por outro lado, impunha-se a estratégia da manipulação da opinião pública em defesa dos valores do Estado Novo, sendo este meio um aparelho que servia o Estado. Nesta altura, a rádio tinha a função de

⁴ Informação retirada do *site* do grupo multimédia a que pertence a *TSF*: Global Media Group. (n.d.). *TSF*. Disponível em: <https://www.globalmediagroup.pt/marcas/media/radio/tsf/> (Consultado a 21-05-2020).

entretenimento e de distração da população. Nos anos 50, diz Cordeiro (2004b, p.3), com o aparecimento da televisão, este meio teve de reinventar-se. A partir deste momento, viveu-se um momento de rutura entre a comunicação institucional e a comunicação que se construía de acordo com os acontecimentos. A noite passou a ser o principal horário de informação, adotando-se uma comunicação crítica e observadora. Em Portugal, o ano de 1974 foi fundamental para este meio. Foi através da rádio que se iniciou a Revolução de 25 de Abril de 1974 com a mobilização dos militares. Foi também neste período que se deu uma grande mudança ao nível radiofónico, uma vez que os *media* começaram a ser privatizados (Cordeiro, 2004b, p.4).

No período pós 25 de Abril, notaram-se outras alterações para a rádio em Portugal. Num primeiro momento, com a nacionalização das rádios sucedeu-se a perda de vitalidade no setor (Cordeiro, 2004b, p.4) e o desaparecimento de muitas estações (Santos, 2005, p.141). Posteriormente, a falta de legislação fez com que proliferassem várias rádios pirata e pequenas emissoras (Bonixe, 2015b, p.28) que, de certa forma, inovaram a forma de fazer rádio, através da criação de novos formatos, propostas e ideias, notícias locais e de proximidade, fragmentando e dinamizando o mercado em simultâneo (Cordeiro, 2004b, p.4; Santos, 2005, p.142). Além disso, a partir desta altura, adotou-se uma programação mais ligeira, em sequência horária, com emissão de notícias e música (Cordeiro, 2004b, p.4).

A regulamentação e legalização do setor radiofónico só aconteceu no final dos anos 80. A programação passou a ser mais generalista, organizada de acordo com o público de cada estação (Cordeiro, 2004b, p.5). Bonixe (2015b, p.28-29) faz um retrato do panorama radiofónico nesta época em que começaram a surgir projetos muito distintos, como a *TSF*, e que coexistiram com outros de pequena dimensão. O profissionalismo começou a surgir, através da contratação de pessoas. Contudo, muitas emissoras não conseguiram assegurar as receitas e tiveram de fechar portas ou ceder as frequências a rádios maiores. Mais recentemente, o modelo de negócio alterou-se, havendo uma progressiva concentração das grandes empresas (Cordeiro, 2004b, p.5). A concentração de meios dentro do mesmo grupo de *media* tornou-se vantajoso na produção de conteúdos, interação, partilha e troca de ideias. É o que acontece com a *TSF* e as marcas que do *Global Media Group*.⁵

⁵ Ver marcas da Global Media Group em: <https://www.globalmediagroup.pt/marcas/media/>

Cordeiro (2004b, p.7) chama, ainda, à atenção para o facto de, nesta época, em Portugal, a rádio ter-se distanciado das pessoas, sendo cada vez mais mecanizada. Por outras palavras, o trabalho jornalístico é comparado a uma fábrica industrial em que a informação deixa de ser devidamente tratada, fazendo com que os conteúdos sejam cada vez mais homogêneos, deixando, assim, de haver espaço para a essência jornalística que caracteriza a profissão. Esta situação é causada, principalmente, pela falta de profissionais qualificados, comercialização da rádio e grandes grupos económicos que formatam o setor, de forma a transformar-se num negócio rentável. Há uma perda de audiência devido à modernização das formas de comunicação e acesso à informação, mas sobretudo, em consequência da multiplicação de meios, que, ao invés de, apostarem na diversificação da programação, têm a tendência para aplicar o mesmo fio condutor.

Por volta dos anos 90, a *internet* surge nas rádios informativas portuguesas. A *TSF* foi a grande impulsionadora em 1996 ao criar a *TSF online* (Bonixe, 2015a, p.325). No início, começaram por disponibilizar os arquivos, as emissões em direto, os noticiários que eram emitidos na versão *hertziana* e algumas notícias na página principal (Bonixe, 2011, p.34). Em termos de conteúdos, limitavam-se à palavra escrita, à fotografia, às hiperligações para notícias relacionadas e à indicação de um *e-mail* de contacto (Bonixe, 2015a, p.329). Foi apenas a partir de 2006 que as rádios informativas nacionais começaram a investir nas suas plataformas digitais, “oferecendo conteúdos, serviços e procurando aproveitar as potencialidades do novo meio” (Bonixe, 2011, p.34), como é o exemplo da disponibilização de *podcasts* (Bonixe, 2015a, p.329). Posteriormente, entre 2009 e 2010, começam a disponibilizar os comentários dos utilizadores nas notícias, através, principalmente, das redes sociais (Bonixe, 2011, p.34).

1.2 Evolução e caracterização da estação *TSF*

Quando a TSF nasceu, já lá vão 15 anos, a Rádio contava pouco para quem tinha “sede de notícias”, expressão que, aqui, tem um valor que supera largamente o “gosto de estar informado”. Ligar uma telefonia tinha mais que ver com o que ainda hoje move as grandes audiências (...) entretenimento ou companhia. (...) A TSF teve como primeiro de muitos méritos o da destruição destes mecanismos (...).
(Carlos Andrade *as cited in* Meneses, 2003, p. 5)

O primeiro ponto mencionado no estatuto editorial da *TSF* (cf. Meneses, 2003) afirma que “a *TSF-Rádio Jornal* é uma estação privada de radiodifusão que se orienta pelos princípios da liberdade, do pluralismo, da independência e se subordina à deontologia da Comunicação Social”. A *TSF* nasceu em 1981 sob a forma de cooperativa com 15 elementos, designando-se de “*TSF – Cooperativa de Profissionais de Rádio*” (Meneses,

2003, p.22). Este grupo de pessoas pertenciam a outras rádios e tinham o objetivo de personalizar e criar uma rádio privada de serviço público, que transmitisse apenas notícias (Cordeiro, 2005b, p.3). Emídio Rangel foi o primeiro diretor desta emissora. Três anos depois de ter sido criada, em 1984, realizou-se a primeira emissão experimental e pirata da *TSF* com a duração de quatro horas, onde se ouviram mensagens de apoio ao movimento das rádios livres. Em fevereiro de 1988, deu-se a primeira emissão “a sério” da *TSF* apesar de ainda ser uma rádio pirata, com a primeira notícia e noticiário lidos por Francisco Sena Santos (Meneses, 2003, p.22).

Em agosto desse mesmo ano, aquando do incêndio dos Armazéns do Chiado, a *TSF* realizou a primeira cobertura jornalística histórica, arrecadando o primeiro prémio “Gazeta” atribuído pelo Clube dos Jornalistas, sendo esse um dos momentos mais marcantes para a estação. No mês seguinte, com a regulamentação do setor radiofónico em Portugal, as rádios pirata chegaram ao fim, dando lugar a um concurso público para a atribuição de alvarás, fazendo com que a *TSF* ganhasse Lisboa e Coimbra (Meneses, 2003, p.23). Em 1989, a *TSF* retoma a emissão, já legalizada (Cordeiro, 2005b, p.4). Outro dos momentos marcantes da história da *TSF* aconteceu em agosto de 1990, tendo sido a primeira rádio a entrar no Kuwait, a propósito da Guerra do Golfo (Meneses, 2003, p.23). Nove anos depois, em 1999, mais uma situação importante para a *TSF*: uma emissão especial de 10 dias devido à violência em Timor, que valeu à estação de rádio a medalha dos Direitos Humanos da Assembleia da República (Meneses, 2003, p.25).

Atualmente, tal como já havia sido dito por Cordeiro (2005b, p.4) a *TSF* é a única rádio integrada num dos mais importantes grupos multimédia em Portugal – o *Global Media Group*. Emite a partir de uma frequência regional a Norte e uma cadeia de retransmissão no resto do país, sendo proprietária de seis frequências locais, duas das quais nas ilhas (Costa e Silva, 2015, p.38). É uma estação radiofónica temática com aposta na informação generalista (Santos, 2005, p.140), diversidade de temas e espaço para os aspetos que compõem as notícias, apesar de a sua estrutura não se restringir a tal. A música assume um papel secundário que preenche os espaços vazios (Cordeiro, 2005, p.4).

Foi a *TSF* que introduziu novos conceitos no jornalismo radiofónico português, como os noticiários de meia em meia hora e a antena aberta (Santos, 2005, p.140; Cordeiro, 2005b, p.4). A estação radiofónica tem um estilo muito próprio: o *estilo TSF* caracterizado pela informação em permanência, a recolha em direto dos acontecimentos, os comentários de especialistas e a abertura à opinião dos ouvintes através do “Fórum TSF” (Santos, 2005,

p.140). Além disso, a *TSF* diferenciou-se pelos recortes sonoros e linguagem no que toca à capacidade para contar histórias e também pela criatividade e liberdade de escolha em relação aos diretos e entrevistas (Cordeiro, 2005b, p.4-5).

A programação da *TSF* contempla temas de política, economia, ciência e cultura em espaços de notícia, entrevista ou reportagem. Na estação, a entrevista tem como objetivo a recolha de informação, sendo utilizada não só isoladamente, mas também como fonte de informação. As grandes reportagens *TSF* apresentam um fragmento da realidade a uma audiência vasta. A título de exemplo, destaca-se a grande reportagem *TSF* de 16 de outubro de 2019 intitulada de “Chernobyl hoje” que conta a história da cidade depois do acidente nuclear de 1986⁶. Outro fator bastante relevante na programação da estação é o contacto com o ouvinte, através do “Fórum *TSF*” que dá voz ao cidadão anónimo que pode dar a sua opinião sobre as temáticas em debate. Estas características da programação da *TSF* confirmam aquilo que já havia sido referido por Cordeiro (2005b, p.5-6).

1.2.1 A *TSF* online

O *site* da *TSF* é um projeto autónomo à rádio que foi criado com o objetivo de experimentar uma nova linguagem (Cordeiro, 2005b, p.6). É dos *sites* mais antigos em Portugal no que respeita ao meio radiofónico, tendo sido criado em 1996. Apenas 10 anos depois, em 2006, é que existiu uma otimização da presença na *TSF* no *online*, com novos produtos, ferramentas, estratégias de imagem, navegabilidade e uma maior aposta na informação desportiva, com a utilização de vídeos, e na economia, com o desenvolvimento de gráficos e tabelas (Bonixe, 2010, p.336). Hoje em dia, a maior aposta é, de facto, em textos, fotografias e áudios. Os vídeos são apenas utilizados, por exemplo, em grandes entrevistas, como a Entrevista *TSF*/JN⁷, no programa “A Vida do Dinheiro”⁸ ou no “Em Alta Voz”⁹. Os gráficos são maioritariamente utilizados em sondagens, nomeadamente na área da política¹⁰. Foi também em 2006 que a *TSF* investe em conteúdos em formato de *podcast* (Bonixe, 2011, p.34) tornando-se a precursora na utilização deste tipo de configuração (Bonixe, 2010, p.335).

⁶ A grande reportagem pode ser ouvida em: <https://www.tsf.pt/programa/reportagem-tsf.html>

⁷ Ver exemplo em: <https://www.tsf.pt/desporto/nao-acredito-em-regionalizacao-mais-valia-brincar-as-descentralizacoes-13808028.html>

⁸ Ver exemplo em: <https://www.tsf.pt/portugal/economia/desconfinamento-pode-salvar-festivais-temos-de-aguardar-pelas-regras-13452991.html>

⁹ Ver exemplo em: <https://www.tsf.pt/portugal/cultura/um-por-cento-do-oe-para-a-cultura-nao-e-uma-utopia-13603177.html>

¹⁰ Ver exemplo em: <https://www.tsf.pt/portugal/politica/psd-reduz-desvantagem-em-mes-polemico-para-o-ps-bloco-descola-do-chega-13632554.html>

De forma semelhante ao que acontece na rádio hertziana, a principal aposta da *TSF* no digital é na informação (Bonixe, 2010, p.335) de carácter generalista, complementando com mais dados as notícias que são transmitidas *on-air* (Cordeiro, 2005b, p.7). O *site* é atualmente um projeto de *breaking news* que vai ao encontro da ideia do *slogan* da estação - *Tudo o que se passa, passa na TSF* -, o que condiz com as informações de Cordeiro (2005b, p.6). De acordo com Cordeiro (2005b, p.7), o *site* da *TSF* era utilizado para a promoção da rádio, através da escuta em direto e consulta de arquivos. Hoje em dia, apresenta uma maior estratégia de adesão às novas tecnologias e a uma nova linguagem para transmitir as notícias ao público, através das hiperligações, multimédia, interação, conteúdos exclusivos do *site* e redes sociais. Através da *TSF online* é possível acompanhar a informação ao minuto, que sendo sucinta e estando em constante atualização, mistura o imediatismo com uma linguagem adequada ao meio digital. No *online*, a *TSF* tem uma presença ponderada, confirmando-se as observações de Bonixe (2010, p.338). De facto, continua a haver um maior investimento no texto e nas fotografias, numa colagem ao que a rádio emite apesar de, atualmente, existirem conteúdos no *site* que não passaram na antena, devido às limitações de tempo e espaço do meio tradicional.

Confirmando aquilo que já havia sido dito por Cordeiro (2005b, p.6), a equipa que produz conteúdos para o *online* é distinta daquela que o faz para o meio tradicional, apesar de existir uma partilha do mesmo espaço da redação. Esta partilha acontece com o propósito de se desenvolver a cooperação necessária para o crescimento de um projeto comum, embora que com uma linguagem distinta. Ainda que haja colaboração, ambas as equipas são autónomas, trabalhando com objetivos e critérios editoriais estabelecidos em função de cada meio. O trabalho no *online* é mais imediato do que na rádio hertziana. No novo meio a notícia é publicada assim que o acontecimento ocorre, enquanto no meio tradicional há que esperar pelo noticiário da meia hora ou da hora certa. Tal como acontece na rádio de emissão hertziana, a periodicidade de publicação no *site* depende do ritmo dos acontecimentos, sendo que, no digital, durante a madrugada há uma interrupção de cinco a seis horas em que não é publicado qualquer conteúdo.

A tsf.pt tem um design *clean* onde predominam as cores da estação – o azul e branco. Na *homepage*, para além da hiperligação que leva o utilizador a ouvir a emissão em direto, pode observar-se as várias secções em que se organiza o *site* – **Portugal**, onde se inserem as editorias de **política**, **economia**, **sociedade** e **cultura**; **Mundo**, onde estão presentes as

categorias de **Europa, Lusofonia, América, África, Ásia e Oceânia; Desporto**, onde o utilizador pode aceder aos **resultados e classificações**, aos assuntos ligados ao **futebol, outras modalidades** e aos **jogos em direto; Futuro**, onde é possível consultar conteúdos associados à **ciência, tecnologia, astronomia e inovação** e, por fim, o **Lifestyle**, onde se encontram os temas relacionados com o lazer. É ainda possível aceder aos arquivos dos programas transmitidos *on-air*, em formato de *podcast*, à programação diária e aos noticiários. Mais recentemente, a *TSF* em parceria com o jornal *O Jogo* desenvolveram o projeto “Liga J” em que o objetivo é fazer o resumo das várias jornadas da 1ª Liga de Futebol. Tendo em conta os resultados e classificações de cada jornada, no *site* da *TSF* é possível os utilizadores competirem entre si e ganharem prémios com base nos pontos acumulados¹¹.

Ainda na página principal do *site* pode verificar-se o tema do dia em destaque e as últimas notícias publicadas. Logo a seguir, o *site* leva o utilizador a tomar conhecimento dos destaques informativos relacionados com a atualidade, o país, o desporto, a política, o mundo, a economia, o futuro, a cultura e o *lifestyle*. A partir da metade da *homepage*, podem ser consultados os textos de opinião, os programas em destaque naquele momento, os vídeos e as galerias de fotografias. Na aproximação do final da página principal da *TSF online*, o utilizador tem a possibilidade de ler artigos publicados por outros meios de comunicação do grupo, como o *Motor 24* e o *V Digital* e, ainda, subscrever à *newsletter* da *TSF*. O “top mais vistos” é apresentado no final da página, com as 10 notícias mais lidas durante o dia e pode também aceder-se à ficha técnica e aos contactos da redação da *TSF*. Por fim, através da barra de menu do *site*, além de poder aceder-se a todos os aspetos mencionados anteriormente, é possível consultar o trânsito, as parcerias, os “Sons da História”¹² e outros conteúdos como a meteorologia e os jogos *Santa Casa*. Existem ainda hiperligações que levam o utilizador para as redes sociais da *TSF* como o [Facebook](#), o [Twitter](#) e o [Instagram](#), tendo também duas opções para quem queira descarregar a aplicação móvel da estação de rádio¹³.

A partir de 2009, tal como refere Bonixe (2010, p.339, 2011, p.35) a *TSF* instalou-se nas redes sociais, nomeadamente no *Facebook* e no *Twitter*, que passaram a ser espaços de

¹¹ Consultar *printscreen* da *homepage* do *site* *TSF* no anexo E, p.103 (figura 8).

¹² O “Sons da História” é um projeto colaborativo entre a *TSF* e a Fundação Francisco Manuel dos Santos que tem como objetivo oferecer aos ouvintes um arquivo onde é possível recordar-se as reportagens mais marcantes da *TSF*, como por exemplo sobre o incêndio do Chiado, a Guerra do Golfo ou as histórias de Timor. Ver projeto em: <https://sonsdahistoria.tsf.pt/>

¹³ Consultar a barra de menu do *site* *TSF* no anexo E.1, p.103 (figura 9).

grande debate e participação dos ouvintes nos assuntos diários através dos comentários. A *TSF* conta com 476.894 “gostos”¹⁴ no *Facebook* e 282.144 seguidores¹⁵ no *Twitter*. Tal como refere Bonixe (2010, p.339), em ambas as redes sociais tem uma presença institucional, ou seja, uma presença da própria estação que utiliza a sua marca, logótipo e imagem. Nestes espaços é feita a promoção de programas que vão para o ar com o devido horário e tema em discussão, antecipando, desta forma, o próprio programa. Além disso, as publicações nestas duas redes sociais são maioritariamente anexos das notícias publicadas no *site*, através de hiperligações, o que permite a quem utiliza estes espaços clicar e navegar até ao *site*. Mais recentemente, a *TSF* aderiu ao *Instagram*. Nesta rede social a primeira publicação data de janeiro de 2017. Com 32.066 seguidores¹⁶, o *Instagram* é a rede menos utilizada pela estação de rádio, onde as publicações se resumem à promoção de alguns programas específicos como é o caso do “Tubo de Ensaio” de Bruno Nogueira e à divulgação de entrevistas a convidados importantes. Estes destaques são também partilhados nas *instastories*, uma ferramenta desta rede social que permite que os conteúdos fiquem visíveis por 24 horas.

O editor *online* da *TSF* Pedro Andrade Soares reconhece que as publicações nas redes sociais da estação deveriam ser muito mais apelativas. O editor refere que o *Facebook* deve ser uma mais-valia para os órgãos de comunicação social, incluindo a *TSF*, e que através de um *link*, título e, talvez, *lead* da notícia, as pessoas já se sentem informadas. Contudo, quem quiser saber mais deve clicar e saltar para o *site* da *TSF*. Pedro Andrade Soares afirma que “é preciso divulgar a nossa informação nas redes sociais mas também é preciso que as pessoas entrem porque caso contrário há inúmeros órgãos de comunicação social que estão condenados a desaparecer.”¹⁷ Além disso, o editor *online* bem como o diretor adjunto da *TSF*, Ricardo Alexandre, referem que a questão também assenta na falta de meios e recursos de qualidade.¹⁸

Por fim, no digital, a *TSF* distribui as notícias de modo personalizado através da assinatura de uma *newsletter*¹⁹. Tal como referia Cordeiro (2005b, p.7), a *TSF* torna-se, assim, um

¹⁴ Contagem realizada no dia 21 de maio de 2021, por volta das 13h00.

¹⁵ Contagem realizada no dia 21 de maio de 2021, por volta das 13h00.

¹⁶ Contagem realizada no dia 21 de maio de 2021, por volta das 13h00.

¹⁷ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.4, p.276.

¹⁸ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.2, p.259.

¹⁹ De acordo com as informações apuradas através de conversas informais com membros da direção da *TSF* e do departamento de serviços informáticos da *Global Media*, não é possível confirmar a data de início do envio das *newsletters* por se tratar de um serviço feito por uma empresa externa. As empresas foram mudando ao longo dos anos, não sendo possível verificar a data da primeira *newsletter*, mas foi dito pelos responsáveis que em 2005 (data do texto citado) já existiria esse serviço. Com a empresa atual, o envio destas *newsletters* começou em 2015.

boletim informativo com os títulos e *leads* mais importantes do dia. São distribuídas diariamente, por volta das 11h da manhã. Devido à situação pandémica do novo coronavírus, desde 23 de março de 2020 até 15 de maio de 2020, a *TSF* enviou, de segunda a sexta-feira, por volta das 19h, uma outra *newsletter* assinada pelo subdiretor da estação, nesta altura, Anselmo Crespo, dando conta de tudo aquilo que se passava no país e no mundo relativamente à doença de Covid-19. Esta comunicação teve a duração de 40 dias, o que equivaleu, aproximadamente, ao primeiro período de estado de emergência e de confinamento em Portugal.

1.2.2 Organização da redação²⁰

A sede da redação da *TSF* é em Lisboa. A **administração da empresa** é composta por quatro elementos que pertencem ao *Global Media Group*, nomeadamente José Pedro Soeiro, Afonso Camões, Domingos de Andrade e Guilherme Pinheiro. A *TSF* tem um total de 81 trabalhadores, de entre os quais 59 jornalistas (47 vinculados à rádio tradicional e 12 que estão presentes na equipa do digital). Seguindo a lógica de um organograma empresarial²¹, no que respeita à própria *TSF*, a **direção editorial** conta com dois diretores diferentes: o diretor interino, Pedro Pinheiro e o diretor-adjunto, Ricardo Alexandre. A *TSF* possui ainda seis editorias distintas: **Política** em que Judith Menezes e Sousa é subeditora (ainda não assumiu o cargo de editora depois da saída de Anselmo Crespo); **Economia** com edição de Hugo Neutel; **Sociedade** em que Pedro Pinheiro é o editor e Nuno Guedes o subeditor; **Desporto** em que João Ricardo Pateiro é o editor e Miguel Jorge Fernandes o subeditor; **Cultura** com edição de José Carlos Barreto e **Internacional** com edição de Ricardo Alexandre.

A redação que trabalha para a antena divide-se em quatro equipas: **Manhã 1** (das 5h às 11h30) em que Nuno Domingues é o editor e Cristina Lai Men a subeditora; **Manhã 2** (das 8h30 às 15h30) em que Helena Vieira é a editora e Rita Costa a subeditora; **Tarde** (das 13h30 às 20h30) em que Ana Cristina Henriques é a editora e Ana Sofia Freitas a subeditora e **Noite** (das 18h30 às 1h30) em que Artur Carvalho é o editor e Leonor Ferreira a subeditora. Manuel Acácio, Fernando Alves e Teresa Dias Mendes são também editores de programação, dado que cada um tem o seu próprio programa de autor na *TSF*: “Fórum TSF” de Manuel Acácio, “Sinais” de Fernando Alves e “Uma Questão de ADN”

²⁰ Estas informações não contemplam mudanças que poderão ter ocorrido após o fim do estágio (25 de setembro de 2020).

²¹ Consultar o organograma completo em anexo F, pp.104-105 (figuras 10 e 11).

de Teresa Dias Mendes. Outros jornalistas que fazem parte da equipa *on-air*²², tais como: Paula Dias, Rui Silva, Sara Melo Rocha, Cláudia Arsénio, Guilhermina Sousa, José Milheiro, Margarida Serra, Nuno Guedes, Maria Miguel Cabo, Dora Pires, Beatriz Morais Martins, António Pinto Rodrigues, Sónia Santos Silva, Rui Tukayana, Raquel de Melo, Filipe Santa Bárbara, Inês Figueiredo, Rute Fonseca, Francisco Nascimento, João Janes, António Botelho, Bruno Sousa Ribeiro, Mário Fernando, Tiago Santos, Teófilo Fernando, Carlos Vaz, Marques, João Francisco Guerreiro e Maria Augusta Casaca. Na redação da *TSF* está também presente o **digital** que conta com edição de Pedro Andrade Soares e Teresa Mota²³. Fazem parte desta secção a produtora de vídeo e multimédia, Ana António, e os jornalistas Carolina Rico, Gonçalo Teles, Guilherme Sousa, Rita Pereira, Sara Beatriz Monteiro, Teresa Alves, Cátia Carmo, Catarina Maldonado e Rui Polónio²⁴.

1.2.3 O ouvinte/leitor *TSF*

Sendo a *TSF* uma “Rádio Notícias”, o público-alvo é bastante específico. Com base no “Media Kit”²⁵ da *TSF* e do grupo *Global Media* que utiliza como fonte os estudos da Marktest, em outubro de 2020, no que diz respeito à emissão *on-air*, mais de 80% dos ouvintes correspondem ao sexo masculino, sendo que mais de 63% têm idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos e mais de 42% habitam em Lisboa ou no Porto. O “Media Kit” também mostra que, neste período, o perfil do público no digital é semelhante ao da antena: mais de 57% são homens, entre os quais 62% com idades entre os 25 e 54 anos e 40,5% habitam nos grandes centros urbanos. Este estudo mostra também que, em setembro de 2020, a *TSF online* registou mais de 2,6 milhões de visitas únicas e 7,5 milhões de visualizações de página (*page views*). A formação académica é também um aspeto fundamental para conhecer quem são os ouvintes desta estação de rádio. O mesmo estudo referido anteriormente menciona que 78% dos ouvintes da rádio *TSF* e 52,6% utilizadores da *TSF online* pertencem à classe A, B ou C1, o que indica um tipo de ouvinte/utilizador mais informado, com índices de cultura e atualidade elevados.

De acordo com o estudo “Bareme Rádio”²⁶ realizado pela Marktest em setembro de 2020, no que toca à emissão tradicional, a *TSF* registou um *share* de audiência²⁷ de 3,2 e um

²² Consultar o mapa *TSF* disponível em anexo F.1, p.106 (figura 9).

²³ Consultar o organograma *TSF* disponível em anexo F, pp. 104-105 (figuras 7 e 8).

²⁴ Consultar o mapa *TSF* disponível em anexo F.1, p. 106 (figura 9).

²⁵ Ver dados em: http://publicidade.tsf.pt/files/2020/10/MediKit_TSF_OUTUBRO2020.pdf (Consultado a 13-11-2020)

²⁶ Ver dados em: <https://www.marktest.com/wap/a/n/id~26bf.aspx> (Consultado a 13-11-2020)

²⁷ O *share* de audiência refere-se à “percentagem de tempo despendido, por um conjunto de indivíduos, na escuta de uma estação, relativamente ao tempo total de audição de Rádio, num dado período” (Marktest, 2020)

reach semanal²⁸ de 6,7%. Neste estudo é ainda possível observar que relativamente à audiência acumulada de véspera²⁹ a *TSF* alcançou uma percentagem de 3%, surgindo em último lugar, ultrapassada pelos grupos *Renascença Multimédia*, *Media Capital Rádios* e *RTP*. No cenário digital, o estudo “NetAudience”³⁰ realizado pela Marktest em setembro de 2020, mostra que a *TSF online*, entre junho e setembro de 2020, estava em 16º lugar numa lista de 20 meios de comunicação, incluindo jornais e televisões, com um *reach* multiplataforma de 13,4% (1.146.817 utilizadores), ganhando para as revistas *Tv7dias* e *VIP* e o jornal *online Maisfutebol*.

O “Media Kit” da *TSF* e do *Global Media Group*, referente a outubro de 2020, foi o último a ser produzido pela empresa. Segundo os últimos dados revelados pelo estudo “Bareme Rádio”³¹ da Marktest, em abril de 2021 a *TSF* continuava a ser ultrapassada pelos grupos *Renascença Multimédia*, *Media Capital Rádios* e *RTP*, registando 2,9% de *share* de audiência, 8,7% de *reach* semanal e 3,5% de audiência acumulada de véspera. No digital, a *TSF* deixou de fazer parte dos estudos “NetAudience” da Marktest, mas de acordo com dados cedidos pela empresa, em março de 2021, a *TSF online* registou cerca de 9,5 milhões de *page views* e 6,1 milhões de visitas únicas. Em abril de 2021, teve 8,1 milhões de *page views* e 4,8 milhões de visitas únicas, o que indica que as audiências da *TSF online* têm vindo a decrescer.

A leitura relativamente às audiências da rádio *TSF* e da *TSF online* não é muito clara. Do ponto de vista do diretor adjunto da estação, Ricardo Alexandre, essa leitura depende muito das *nuances* ao longo do dia na rádio e no *site* e, principalmente, daquilo que as pessoas ouvem e leem. Ricardo Alexandre refere se devia prestar mais atenção aos conteúdos que os ouvintes e leitores consomem.³² O editor do *online* Pedro Andrade Soares, por outro lado, reconhece que a *TSF* tem um ouvinte/leitor transversal: o tradicional; o mais recente do *online* e o ouvinte/leitor que procura ambos os meios. No fundo, é um público mais vasto e abrangente que, por vezes, procura assuntos específicos, como os relatos de futebol que trazem picos de audiência.³³

²⁸ O *reach* semanal corresponde ao “número ou percentagem de indivíduos que escutaram uma estação de rádio, no período de uma semana, independentemente do tempo despendido” (Marktest, 2020)

²⁹ A audiência acumulada de véspera indica “o número ou percentagem de indivíduos que escutaram uma estação, no período de um dia, independentemente do tempo despendido” (Marktest, 2020)

³⁰ Ver dados em: <https://www.marktest.com/wap/a/n/id~26b8.aspx> (Consultado a 13-11-2020)

³¹ Ver dados em: <https://www.marktest.com/wap/a/n/id~277e.aspx> (Consultado a 21-05-2021)

³² C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M2, p.254-255.

³³ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M4, p.275.

2. O estágio na *TSF*: descrição da experiência

O estágio na *TSF* iniciou-se a 6 de janeiro de 2020 e terminou a 25 de setembro de 2020.³⁴ As razões por detrás da escolha da *TSF* como local de estágio prendem-se com o facto de esta rádio ser conhecida como uma “escola” para quem quer seguir jornalismo radiofónico e por ser uma das rádios de natureza informativa de referência em Portugal. Durante o período de estágio, integrámos as redações da rádio e do *online*. De modo a retratar toda a experiência, neste capítulo serão descritas as tarefas realizadas, bem como as aprendizagens adquiridas e os obstáculos que foram ultrapassados.

2.1 Preparação da viagem: o primeiro contacto com a entidade

Foi em novembro de 2019 que se iniciou a aventura de estágio na *TSF*. No início desse mês, o Gabinete de Estágios da ESCS entrou em contacto para comunicar a marcação da entrevista com o subdiretor da *TSF* e posterior responsável de estágio, Anselmo Crespo, para o dia 12 de novembro. A entrevista foi, de facto, o primeiro contacto com a entidade de estágio. Foi um encontro rápido e uma conversa informal sobre as experiências profissionais anteriores e as áreas jornalísticas de maior interesse para nós. Anselmo Crespo perguntou em que editorias gostávamos de ser inseridas, ao que foi respondido que havia um maior interesse pelas áreas da cultura e de sociedade. A experiência profissional tinha sido, até à data, no meio digital e, por isso, seria possível começar por aí, mas também seria proveitoso ganhar mais prática no meio radiofónico, até devido à natureza deste trabalho. No dia seguinte, a 13 de novembro de 2019, já chegava a confirmação por parte da ESCS que tínhamos sido aceites como estagiárias da *TSF*³⁵.

2.2 O dia de embarque³⁶

No primeiro dia, a chegada à redação aconteceu por volta das 11h da manhã. A receção foi feita pelo responsável de estágio Anselmo Crespo que deu a conhecer todas as instalações da rádio e explicou que o trabalho começaria pela secção do *online* e, posteriormente, passaria pela redação da antena. Foi também definido o horário para as semanas seguintes na equipa *online*: das 10h às 17h, uma vez que os turnos são de 7 horas.

O primeiro dia foi dedicado ao acompanhamento do trabalho na redação com a editora *online*, Teresa Mota e pelos jornalistas Sara Beatriz Monteiro e Gonçalo Teles. Foi

³⁴ Devido à pandemia de Covid-19, o estágio esteve suspenso entre 16 de março e 13 de setembro de 2020. O certificado de realização de estágio pode ser consultado no anexo A, p.100 (figura 1).

³⁵ Consultar o e-mail de confirmação no anexo C, p.102 (figura 3).

³⁶ Consultar o “diário de bordo” em formato de tabelas no anexo G, pp.107-112 (tabelas 6 a 9).

explicada toda a dinâmica da equipa, desde o funcionamento do *backoffice* (local digital de produção de conteúdos noticiosos) e do *TeamNews* (plataforma onde os jornalistas escrevem as notícias, recolhem ficheiros de áudio e recebem os *takes* da agência *Lusa* e *AFP*) até à linguagem adotada nas notícias do *site*, passando por todo o processo de escolha de imagens e respetivos créditos/direitos de autor.

Foram também transmitidos alguns instrumentos que facilitam o trabalho. Um desses instrumentos são as plataformas de transcrição de entrevistas e bancos de imagens sem direitos de autor que podem ser utilizadas pelas redações, como o “DAM” que inclui imagens que chegam das agências *Lusa*, *AFP*, *EPA* e da *Global Imagens*.

2.3 TSF online: equipa de experiências marcantes e importantes

Com o acesso às credenciais de acesso ao computador, e-mail, *backoffice* e *TeamNews*, no segundo dia o trabalho começou mais “a sério”. Todos os dias, a maioria das tarefas pedidas pelos editores e jornalistas da *TSF online* resumiam-se a editar notícias da *Lusa*. Essa edição consistia, não em alterar o corpo do texto, mas em acrescentar uma entrada, uma fotografia e palavras-chave que ajudam os leitores a encontrar mais facilmente os conteúdos noticiosos.

Logo na primeira semana foi-nos dada maior liberdade, principalmente pela editora *online* Teresa Mota, que foi quem mais acompanhou o trabalho de perto. Essa situação permitiu com que fossem pesquisadas notícias ou artigos interessantes em órgãos de comunicação social internacionais para propor à equipa e, em caso de aprovação do tópico, escrever e publicar no *site*. Normalmente, os temas escolhidos baseavam-se em assuntos intemporais, nomeadamente, associados ao ambiente, tecnologia, astronomia ou descobertas/investigações científicas.³⁷

Ainda nesta semana, foi inaugurada a Lisboa “Capital Verde Europeia 2020”, pelo que foi pedido uma notícia mais desenvolvida, em formato de “reportagem”³⁸. A editora *online*, Teresa Mota, permitiu que fossemos mais independentes e autónomas, deixando-nos decidir os aspetos mais importantes para que fizessem parte da notícia.

Para além destas atividades, foram realizadas algumas transcrições de entrevistas feitas por outros jornalistas da estação, a pedido do subdiretor Anselmo Crespo. Um trabalho mais monótono, mas que não deixa de ser uma tarefa jornalística necessária a todo o

³⁷ Consultar o anexo H.1, p.113-117 (figuras 10 a 14).

³⁸ Consultar o anexo H.2, p.118 (figura 15).

processo de produção de conteúdo noticioso. Por vezes, foi também solicitado pelos editores e jornalistas da *TSF* que consultássemos os noticiários da antena para verificar se havia alguma informação dada na rádio que ainda não estivesse no *site*. Neste caso, era pedido que escrevêssemos uma notícia e juntássemos os áudios que passaram *on-air*.

Na segunda semana, surgiu o convite por parte do editor *online*, Pedro Andrade Soares, e do subdiretor e responsável pelo estágio, Anselmo Crespo, para estar presente na noite de resultados da segunda volta das eleições do PSD, a 18 de janeiro, das 20h às 24h. Durante as quatro horas, no *site* da *TSF* o trabalho resumiu-se à constante divulgação dos resultados, assim como das reações e discursos dos candidatos³⁹. A informação era seguida através dos jornalistas da *TSF* que estavam no local, sendo que, neste caso, havia uma articulação entre o *online* e a antena, no sentido em que sempre que a antena noticiava algo sobre as eleições, o *online* apressava-se a colocá-lo no *site*. Toda a informação era dada em direto em ambos os meios. Apesar de esta ter sido uma noite em que o tema da atualidade era, de facto, as eleições do PSD, era necessário estar com atenção aos restantes acontecimentos no país e no mundo, tarefa essa que nos foi incumbida desde o início da noite.

Nos últimos dias enquanto integrante da equipa *online*, a editora *online* Teresa Mota fez um convite para acompanhar a noite dos Óscares, a 9 de Fevereiro, das 22h às 06h. Sendo uma pessoa e futura jornalista que se interessa por temas culturais, nomeadamente, a música e o cinema, era impossível recusar a proposta. Embora tenha sido uma noite inteira a trabalhar e a atualizar as informações relacionadas com a cerimónia⁴⁰, foi também uma excelente oportunidade para aprender todo o processo de acompanhamento de uma gala tão importante como é a dos Óscares.

É ainda relevante destacar um trabalho que foi possível realizar na equipa *online*. Em conjunto com outras colegas estagiárias, Filipa Murta e Sara Lopes, foi proposto no início de fevereiro, um conjunto de reportagens semanais intituladas “Lojas com História”. A ideia era perceber como é que alguns dos negócios tradicionais da cidade de Lisboa ainda se mantêm de pé, resistindo ao passar dos anos e à mudança dos hábitos de consumo. O primeiro passo foi construir a estrutura daquilo que era pretendido para posterior autorização do trabalho pelos editores. Após a aprovação do tema pelos editores do *online*

³⁹ Consultar o anexo H.3, pp.119-129 (figuras 16 a 27).

⁴⁰ Consultar o anexo H.4, p.130 (figura 28 e 29).

Teresa Mota e Pedro Andrade Soares e consequente marcação de fotografos e reserva de material de captação de áudio, cada uma das estagiárias deslocou-se a uma loja. No nosso caso, a visita foi feita à loja “Au Petit Peintre”.⁴¹ Após a visita aos espaços, o trabalho resumiu-se, num primeiro momento, à transcrição do áudio das entrevistas e à estrutura do texto da reportagem. Depois de o texto estar finalizado, escolhiam-se as melhores fotografias e sugeriam-se vários títulos, em conjunto. Não era permitido avançar com deslocações a outras lojas enquanto os primeiros trabalhos não fossem corrigidos.

A preparação daquelas reportagens sobre “Lojas com História” estendeu-se até depois de passar a integrar a equipa da antena, permitindo realizar pequenas peças⁴² para a rádio sobre os espaços. A pedido de Anselmo Crespo, uma outra atividade que se prolongou foi a publicação de crónicas diárias escritas por João Pedrosa⁴³, um português que decidiu ficar em Wuhan, na China, mesmo depois de ter sido declarada quarentena nesta região devido ao novo coronavírus. João Pedrosa enviava os textos por *e-mail* e a tarefa limitava-se à colocação dos mesmos no *backoffice* e correção de possíveis erros.

É importante referir que, na *TSF online*, além dos que já foram mencionados, trabalhámos também com o editor *online* Pedro Andrade Soares e os jornalistas Rui Polónio, Guilherme de Sousa, Carolina Rico, Rita Carvalho Pereira, Cátia Carmo, Catarina Maldonado Vasconcelos e Francisco Nascimento. Na *TSF online*, não foi possível acompanhar os jornalistas em nenhum trabalho de terreno porque raramente saem da redação para cobrir algum acontecimento. Por esta razão, a interação com a equipa resumiu-se a perguntar se precisavam de ajuda e a propor alguns temas de notícias para o *site*.

2.4 Mudança de equipa: da *TSF online* para a antena

A 11 de Fevereiro passámos da *TSF online* para a antena. A redação da rádio *TSF* é distribuída por cinco turnos rotativos: a Manhã 1 (das 05h às 11h30), a Manhã 2 (das 08h30 às 15h30), a Tarde (das 13h30 às 20h30), a Noite (das 18h30 às 01h30, transmitida pela redação do Porto) e as Madrugadas (das 23h30 às 07h). Entre cada um destes turnos existem duas horas de sobreposição de horário em que o grupo anterior “passa o serviço”

⁴¹ A loja “Au Petit Peintre” fica situada na Rua de São Nicolau, na baixa de Lisboa. Inaugurada em 1909, o nome francês resulta daquilo que na altura era considerado a elite. Atualmente, é uma papelaria que vende artigos de pintura, quadros, desenho e escritório, bem como materiais mais antigos (tintas de escrever, antigas sebentas e cadernos diários). O atual proprietário, José Dominguez, designa a sua loja de “museu-vivo” dada a riqueza do espólio e a panóplia de objetos utilizados em tempos longínquos que podem ser admirados. Nos anos 20 do século XX, aqui funcionava a tipografia do “Jornal da Mulher”.

⁴² Todas as peças realizadas enquanto estagiária na antena foram guardadas em portfólio.

⁴³ Consultar um exemplo destes textos no anexo H.5, p.131 (figuras 30 e 31).

ao seguinte, transmitindo informações indispensáveis para que os jornalistas que vão assegurar os próximos noticiários saibam aquilo que já foi feito, os contactos que já foram estabelecidos ou as peças que já foram ou não para o ar.

Foi-nos transmitido por Anselmo Crespo que integraríamos o turno da Manhã 2, composto por Gabriela Batista, Ana Sofia Freitas, Cláudia Arsénio, Guilhermina Sousa e Beatriz Morais Martins. Posteriormente, em conversa com a editora deste turno, Gabriela Batista, foi definido o horário de trabalho: entrada às 8h30 para fazer leitura de jornais e pesquisa sobre informação importante para o dia e saída após o noticiário das 15h, por volta das 15h30 – tal como é habitual com os restantes jornalistas da equipa.

Todos os dias, pelas 9h, é feita uma reunião com a equipa da Manhã 2, onde se verifica a agenda, decide os temas que vão ser tratados durante as horas seguintes e quem será o jornalista responsável por cada tarefa. Discute-se aquilo que já foi feito e aquilo que pode ser abordado pela primeira vez, constituindo um tema “novo”. Terminada a reunião, os jornalistas iniciam o trabalho para elaborar os próximos noticiários, sendo que o primeiro do turno da Manhã 2 é às 11h.

É importante ressaltar que, tal como acontece com a equipa do *online*, o turno da Manhã 2 não sai frequentemente à rua para cobrir acontecimentos. A maioria da informação é conseguida através de entrevistas telefónicas. Os debates políticos na Assembleia da República são aqueles que mais são acompanhados pelos repórteres da *TSF*, normalmente pelas jornalistas Judith Menezes e Sousa, Inês André Figueiredo e Filipe Santa Bárbara.

No entanto, no dia 18 de Fevereiro houve oportunidade de acompanhar a jornalista Beatriz Morais Martins na deslocação ao Centro Cultural de Belém (CCB) para a apresentação de um concurso da Câmara Municipal de Lisboa com o objetivo de aumentar a oferta de transportes públicos na cidade. Nesta saída, pudemos observar como o som é captado e enviado para a redação. No final da conferência de imprensa, houve espaço para perguntas no exterior do auditório com o ministro do ambiente, João Pedro Matos Fernandes e o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Fernando Medina, o que nos permitiu aprender a forma como esse processo é desenvolvido por todos os órgãos de comunicação presentes. Aquando do regresso à redação da *TSF*, foi elaborada uma peça sobre os assuntos falados nesta conferência de imprensa.

Num plano geral, as tarefas enquanto integrante desta equipa limitaram-se à realização de pequenas peças com utilização de RM's. Praticamente todos os dias era sugerido um tema

e durante o horário de estágio, escrevia-se o texto, gravava-se o som e montava-se a peça (com o auxílio de um técnico) para no dia seguinte discutir com Gabriela Batista aquilo que poderia ou não ser melhorado. Para quebrar um pouco a rotina, foi pedido por Gabriela Batista que realizasse uma pequena entrevista a alguém da nossa família para produção de uma peça, assim como a elaboração de uma revista de imprensa, dividida em duas versões – uma apenas de títulos e outra completa – e de um “micro” noticiário (semelhante ao que é transmitido às meias horas). Por proposta individual, foi também realizado um noticiário completo para absorver um pouco de todas as diferentes atividades que se realizam numa redação radiofónica.

2.5 Regresso ao ponto de partida e suspensão do estágio

A 10 de Março, foi transmitido por Anselmo Crespo que no dia seguinte voltaria a integrar a equipa *TSF online*. Com todos os acontecimentos sobre o novo coronavírus (Covid-19) em Portugal e no mundo eram necessárias mais pessoas para atualizar as informações no *site*. Por esta razão, foi pedido pelo editor *online*, Pedro Andrade Soares para fazer o horário das 8h às 15h, ficando responsável pela atualização do *liveblog* sobre o tema. Todavia, sempre que necessário, eram produzidas/editadas notícias sobre outros tópicos, igualmente relevantes.

Infelizmente, devido à pandemia de Covid-19, no dia 13 de março, por ordens da ESCS e da própria *TSF*, o estágio foi suspenso por tempo indefinido. Porém, foi informado de imediato que assim que fosse seguro para todos, havia possibilidade de retomar o trabalho e finalizar as horas obrigatórias do estágio curricular.

2.6 O regresso à viagem: de volta à antena da TSF

Foram seis meses de suspensão devido à Covid-19. Em setembro, o diretor interino, Pedro Pinheiro, deu autorização para recomeçar o estágio no dia 14 de setembro⁴⁴, uma vez que esse dia, marca a *rentrée*, com novos turnos e equipas de edição. Para esta segunda parte do estágio houve uma alteração importante: o responsável pela primeira parte do estágio Anselmo Crespo decidiu, ainda no verão, abraçar um novo desafio profissional, pelo que, a responsabilidade do estágio passou para o diretor adjunto, Ricardo Alexandre.

Restavam apenas duas semanas para completar o número de horas obrigatórias. Neste período de tempo, fomos inseridas no turno da Tarde na antena, no horário das 13h30 às 20h30. No dia de regresso, a chegada à redação deu-se pelas 13h30, sendo recebidas por

⁴⁴ Consultar o e-mail no anexo D, p.102 (figura 4).

Pedro Pinheiro que nos encaminhou para a equipa da Tarde. A subeditora do turno, Ana Sofia Freitas, com quem já tinha trabalhado na Manhã 2, informou de imediato sobre quais seriam as nossas principais tarefas. Na primeira meia hora do turno, era feita uma leitura dos jornais do dia para estar a par da atualidade.

Tal como acontecia no turno anterior, na Tarde também há todos os dias uma reunião, pelas 14h, com toda a equipa, ou seja, Ana Sofia Freitas, Dora Pires, Guilhermina Sousa e António Pinto Rodrigues. Nos dias em que integrámos a equipa não estava presente a editora da Tarde, Ana Catarina Henriques, por motivos de férias e quem a substituiu foi a subeditora, Ana Sofia Freitas. A primeira vez que o turno da Tarde entra *on air* é às 15h30, com uma pequena síntese de aproximadamente 2 minutos em que se realça os assuntos que vão ser trabalhados nas horas seguintes. O primeiro noticiário é às 16h. Tal como acontecia no turno da Manhã 2 e no *online*, a equipa da Tarde não vai para o terreno, sendo as informações recolhidas maioritariamente no interior da redação.

As tarefas foram muito semelhantes ao que já tinha sido feito na Manhã 2, antes do estágio ser suspenso. No período da Tarde, a edição vai para o ar de meia em meia hora e, por isso, era raro pedirem algum tipo de tarefa sem ser “estar com atenção à atualidade informativa”. Por iniciativa própria, eram pesquisados alguns temas ou notícias que tinham saído naqueles dias para a elaboração de peças. Ao contrário do que aconteceu na Manhã 2, nesta segunda parte do estágio optou-se por fazer mais noticiários, para ganhar prática ao nível do alinhamento e estrutura deste formato.

No dia 17 de setembro, foi pedido por Ana Sofia Freitas um levantamento de dados e informações sobre a situação da pandemia de Covid-19 na China, no último mês. Era importante perceber o que estava a acontecer no país, pois nunca mais se tinha ouvido nada sobre o assunto. Assim foi. O dia foi passado a pesquisar em meios de comunicação social nacionais e internacionais e, no final do turno, a pesquisa foi apresentada à equipa. No dia seguinte, fomos desafiados por Ana Sofia Freitas a pegar nos dados encontrados e elaborar uma peça de apenas 1 minuto sobre a evolução dos números da pandemia na China. Fazer uma peça de 1 minuto para rádio é bastante difícil devido à grande quantidade de informação que tínhamos encontrado. No entanto, o desafio foi superado.

É importante mencionar que, ao contrário do que aconteceu na Manhã 2, em que era pedida ajuda ao técnico de som, Alexandre Lima, para gravar, editar e montar as peças, no turno da Tarde, optámos por fazer essa atividade individualmente, mostrando alguma

autonomia e que tínhamos aprendido as técnicas. Obviamente que não ficaram perfeitas, mas os jornalistas da equipa mostraram-se satisfeitos com a qualidade do trabalho vindo de uma pessoa com pouca experiência na área.

Nestas duas semanas de estágio, a equipa procurou ver e corrigir o trabalho feito. Uma das críticas foi sobre o tom de voz que, em rádio, deve ser mais assertivo e transmitir credibilidade. António Pinto Rodrigues foi o jornalista que mais transmitiu dicas e conselhos sobre a forma de escrever e falar para rádio, corrigindo as peças e explicando, por exemplo, a melhor forma de fazer lançamentos, como tornar as peças mais apelativas e como treinar a voz para ler em rádio.

2.7 Fim da viagem: aprendizagens e obstáculos

Tendo em conta um panorama geral, todo o período de estágio correu bastante bem, excedendo positivamente as expectativas iniciais. Todas as aprendizagens e conhecimentos obtidos permitiram reavivar noções adquiridas no primeiro ano do Mestrado e serão, com certeza, úteis no futuro. Claro que as dificuldades e obstáculos encontrados serviram e vão continuar a servir para melhorar o trabalho e aperfeiçoar competências.

Para além das aprendizagens mais técnicas dos primeiros dias, integrando a equipa *online*, aprendemos progressivamente como enriquecer os conteúdos noticiosos digitais com vários formatos, nomeadamente sons, vídeos ou galerias e também a fazer diretos (*liveblogs*) no *site*. Aquando da ida em reportagem à loja “Au Petit Peintre”, aprendemos também a captar o som com o microfone e gravador. Os maiores conhecimentos foram adquiridos enquanto integrante da equipa da antena, visto que nunca tinha tido a experiência de estar numa rádio em contexto profissional. Desde gravar num estúdio, à estrutura das peças e das revistas de imprensa, passando pela linguagem e leitura radiofónicas, reavivando alguns dos conhecimentos já adquiridos durante a parte curricular do Mestrado.

Porém, nem tudo foi fácil. Nos primeiros dias, tornou-se complicada a adaptação à rotina. Não estava habituada a estar em frente ao computador durante sete horas quase seguidas; com o tempo, ajustámo-nos aos horários e ao trabalho. Num plano mais geral, as maiores dificuldades resumiram-se à aplicação de créditos às imagens que são retiradas das redes sociais ou de *sites* de investigação, bem como a escolha de alguns títulos. Neste último caso, recorreu-se aos jornalistas e editores para pedir sugestões.

Um dos maiores obstáculos foi a mudança do *online* para a antena. Para uma pessoa que esteve sempre habituada a escrever para um jornal ou para um *site*, é normal que tenha problemas na adaptação da escrita. Parece fácil escrever como falamos, mas não é. Contudo, ouvindo os noticiários feitos por jornalistas com vasta experiência e pedindo alguns conselhos, torna-se possível. Para quem integrou as equipas da antena, escrevendo, por vezes, com uma linguagem de jornal, é possível dizer que o estágio foi finalizado já com textos mais apelativos para o ouvido. A questão do tom de voz foi também um obstáculo, pois não tínhamos a ideia de que fosse tão importante. Graças aos jornalistas da *TSF*, houve preocupação em tentar melhorar, aplicando as dicas que iam sendo dadas.

A não publicação das reportagens propostas devido à constante falta de tempo dos editores para corrigirem os textos e consequente suspensão dos estágios devido à Covid-19 foi também um ponto negativo. Caso os trabalhos tivessem sido publicados, o estágio teria sido certamente mais produtivo. Aquando do regresso à redação, em Setembro, também não foi possível a correção das reportagens, visto que toda a equipa *online* se encontrava em teletrabalho e a atualidade informativa dava prioridade a outro tipo de temas. O último e mais impactante obstáculo foi a suspensão do estágio devido à Covid-19, a poucas semanas do final do mesmo. A paragem de seis meses fez com que houvesse uma quebra na aprendizagem e na rotina de trabalho. Tratou-se, no entanto, de uma situação totalmente inesperada e nova que justificou a interrupção.

3. As especificidades do jornalismo radiofónico

A rádio, meio em que foi feito o estágio anteriormente descrito tem características singulares que interessam explorar para melhor delimitar o nosso objeto de estudo.

Com o aparecimento da *internet* e das novas tecnologias, os meios de comunicação, em particular, a rádio, redefinem o seu conceito tradicional, ao nível da produção e da distribuição dos conteúdos (Cordeiro, 2005a, p.443). Todavia, na sua vertente tradicional, o jornalismo radiofónico tem algumas especificidades em relação ao texto, à linguagem e aos géneros, tornando-se essencial compreendê-las para, conseqüentemente, entender-se a natureza deste meio.

3.1. O meio

A rádio que hoje conhecemos é a que se reposicionou quando surgiu a televisão: deixou a sala de estar e a noite, passando para o carro (e cada vez mais para os smartphones) e para o dia. Ou seja, este consumo secundário é fortemente influenciador da capacidade e qualidade de receção do ouvinte. Ignorar isso, por parte de quem comunica na rádio – neste caso dos jornalistas – é o primeiro e derradeiro pecado. (Meneses, 2016, p.7)

Tal como é referido por João Paulo Meneses, o consumo radiofónico foi passando de casa para o carro, não só devido ao surgimento da televisão, mas também graças ao aumento das vendas de automóveis. Desta forma, o consumo transformou-se: de primário, passou a secundário, podendo o ouvinte ouvir rádio, ao mesmo tempo que conduz, cozinha ou lê o jornal (Meditich, 1999, p.90; Meneses, 2010, p.2). Meditsch (1999, p.90) refere que o meio radiofónico articula a programação à rotina dos ouvintes, definindo os horários nobres que contam com maior audiência e investindo num fluxo contínuo de programação. Segundo Reis (2011, p.24), os horários de maior audiência são as manhãs e os fins de tarde quando as pessoas se deslocam de casa para o trabalho ou vice-versa. A rádio emite a programação de uma forma sincrónica e mediada (Reis, 2011, p.26), com conteúdos estruturados e apresentados ao público de modo sequencial, através de um horário predefinido (Fidler, 1997, p.38). Contudo, com o digital, a ideia de horário nobre na rádio pode estar ultrapassada. O ouvinte consegue aceder à rádio em qualquer hora do dia e não precisa de estar à espera para ouvir um determinado conteúdo, visto que, mais tarde, pode consultá-lo no *site* da rádio. A emissão passa a ser assíncrona. O “ciber-ouvinte” define o seu próprio tempo, tendo em conta as suas necessidades e interesses (Reis, 2011, p. 26-27).

Na sua essência tradicional, a rádio é um dos meios eletrônicos de grande alcance (Sousa & Aroso, 2003, p.11) mais rico, imediato, irrepitível, (Cordeiro, 2005a, p.443), efêmero (Quinn, 2005b, p.148) que mais influencia a mensagem transmitida (Meneses, 2016, p.7) e que se adapta constantemente às mudanças das expectativas das audiências contemporâneas (McEwan, 2017, p.51). Além disso, a rádio caracteriza-se pela flexibilidade, imediatismo, versatilidade, facilidade de recepção, proximidade, intimidade e credibilidade (Meditich, 2005, p.11 *as cited in* Weigelt & Parmeggiani, 2013, p.60), linearidade (Fidler, 1997, p.38), diversidade (Minkov, 1983, p.50), maneabilidade, ubiquidade e capacidade de informar em tempo real (Meditich, 1999, p.209).

A rádio é “um meio de massas que serve para informar, distrair e divulgar vários feitos” (Minkov, 1983, p. 50), caracterizando-se por um “ecossistema comunicativo em constante mutação, complexo e com adaptações” (Herrerros, 2011, p.69). Para Meditsch (1999, p.84) o segmento de público da rádio informativa prendia-se, num primeiro momento, com uma determinada faixa etária, poder aquisitivo e nível de instrução, sendo, muitas vezes, considerado como a “rádio dos ricos”, da elite econômica, política e cultural. Contudo, atualmente é capaz de atingir “pessoas de todas as classes, idades, condições econômicas, culturas e religiões, ao mesmo tempo e em qualquer lugar” (Weigelt & Parmeggiani, 2013, p. 59). Tal como Quadros & Lopez (2014, p.42) explicam, à medida que os aparelhos começaram a ser mais acessíveis, as audiências começaram a crescer, abrangendo outras camadas da sociedade. As estações de rádio começaram a investir em programas mais populares, aproximando-se, cada vez mais dos ouvintes.

Considerado por Meditsch (1999, p.102) um meio “guerrilheiro da informação” que se molda em tempo real e em função dos acontecimentos, a rádio é, segundo a visão de Sousa & Aroso (2003, p.11-12), ágil, vocacionada para a notícia em primeira mão, de recepção em todos os lugares, íntimo e envolvente, estimulando a imaginação das audiências através de cenários sonoros. Segundo Prado (1985, p.15) é o sistema de distribuição de informação mais extenso, ágil e barato, que aumenta a compreensão pública, explicando e analisando os temas e comunicando com um público que não precisa de formação para decodificar as mensagens, dado que nenhum outro meio consegue competir com a sua mobilidade.

O jornalismo radiofónico, além de favorecer a atualização constante dos acontecimentos (Lopez, 2009, p.59), privilegia o direto, por se tratar de uma forma de comunicação direta, simultânea, instantânea, imediata e precisa com o ouvinte (Sousa & Aroso, 2003, p.11),

transportando-o à cena do acontecimento (Quinn, 2005b, p.148). É uma forma de, como Dann (2012, p.349) escreve, quem está a ouvir saber que alguém está a falar para ele/ela. É relevante referir também que o jornalismo radiofónico possui uma função de guia na vida dos ouvintes, orientando-os, revelando a essência dos acontecimentos e contribuindo para a formação da opinião pública, ao mesmo tempo que é exigente quanto à estrutura dos materiais para que o público tenha uma perceção clara da informação e se sinta envolvido (Minkov, 1983, p.28; Meditsch, 1999, p.21).

Comparando com os jornais, a rádio possui duas grandes vantagens (Santos, 2012, p.97). A primeira é o facto de ser um meio entendido por todos, desde que se expresse na língua de cada um. A segunda prende-se com o facto de a rádio ser um meio barato, apesar do investimento inicial e dos custos de eletricidade, que alcança todos os lugares, que está sempre a trabalhar e pode ser partilhada simultaneamente por grupos de ouvintes. Também em relação à televisão, a rádio ganha vantagem. Conseguiu adaptar-se e não perdeu as características apresentadas anteriormente, potenciando a utilização de apenas um sentido, ao invés de dois, como na televisão (Meneses, 2010, p.4). No entanto, este último fator pode representar um problema. O facto de fazer uso de apenas um único sentido – a audição – faz com que a capacidade de retenção da informação seja menor (Meneses, 2016, p.7). Por conseguinte, é muito fácil perder-se a atenção do ouvinte caso o seu interesse não seja despertado logo de início. No entanto, deve reforçar-se que a rádio é o único meio que consegue unir o imediatismo da transmissão com o imaginário da narrativa, fortalecendo, assim, a relação com a audiência (Suetu, Gambaro & Ramos, 2015, p.222).

3.2. A linguagem: texto e som

A forma como se fala na rádio e se transmite a informação importam bastante. Por um lado, as notícias são transmitidas oralmente e, por outro, são recebidas através da audição (Papper, R., 2005, p.55). A palavra da rádio é substancialmente distinta da palavra do jornalismo impresso, uma vez que “um bom texto de imprensa será quase sempre um mau texto de rádio; e um bom texto escrito para ser lido na rádio dificilmente servirá para publicação na imprensa” (Meneses, 2016, p. 9). O desafio está, precisamente, em estruturar o texto de forma a adaptá-lo à linguagem oral do quotidiano, mantendo a credibilidade (Sousa & Aroso, 2003, p.24).

Prado (1985, p.29) e Meditsch (1999, p.174) referem que o discurso radiofónico é auditivo, invisível e em tempo real, sendo a palavra sonora o elemento central. Por esta

razão, o texto de rádio deve ser, como indica Meneses (2016, p.9) o mais oral possível, fazendo com que a leitura se assemelhe à fala natural. Meditsch (1997, p. 4) difere a linguagem radiofónica da do jornal impresso. Segundo o autor, a palavra da imprensa é “estática” e “congelada”, a palavra na rádio deve ser “elástica” e “líquida”. É através da sua condição “ao vivo” que a transmissão radiofónica se distingue da imprensa, provocando um efeito de realidade e chamando, assim, a atenção do público. Desta forma, as palavras devem ser claras, concisas, coloquiais (Kolodzy, 2006, p. 133) e informais (Papper, 2005, p.58). De acordo com Minkov (1983, p.31), devem ser evitados adornos literários, enfeites estilísticos, abundância de pormenores, nomes, figuras e termos protocolares. Apesar de a fala radiofónica assumir um aspeto mais natural e informal, ela não é totalmente espontânea, mas sim planeada e auto consciente (Goffman, 1981 *as cited in* Meditsch, 1999, p.183).

A mensagem radiofónica não permanece no tempo ou espaço, tendo de ser descodificada no momento (Sousa & Aroso, 2003, p.21). Assim, a linguagem deve respeitar determinadas particularidades, entre elas, ser curta, incisiva e linear, apesar de clara, rigorosa, exata, precisa, concisa e variada (Meneses, 2016, p. 14-15). Outra especificidade é a técnica de espiral que, tal como refere Reis (2013, p.234), se resume à repetição, no fecho das notícias, da informação essencial para que o ouvinte que só começou a ouvir a meio se situe. Por outro lado, a lei da redundância permite que, ao longo da notícia, se mantenha a ideia central da mesma, por exemplo, através da repetição de palavras-chave, facilitando a retenção do essencial (Reis, 2013, p.235).

Já Prado (1985, p.40), Meneses (2016, p.73), Papper (2005, p.61) e Reis (2013, p.231) reforçam a importância de se utilizar o tempo verbal do presente do indicativo que confere instantaneidade e atualidade, imediatismo e proximidade às informações. As referências temporais também são importantes em contexto radiofónico, sendo essencial as que aludem à realidade, como “esta manhã”, “início da tarde”, “há uma hora”, “daqui a pouco”, “durante esta madrugada”, “há minutos” ou “agora mesmo” (Meneses, 2003, p.41; Reis, 2013, p.228). É importante mencionar que a expressão “hoje” é um exemplo de má redundância na rádio, pois se assim não fosse, não seria notícia (Meneses, 2016, p.33).

A par deste aspeto, é valorizado o uso da voz ativa ao invés da voz passiva dando mais relevância ao sujeito da frase, para que a informação tenha mais força (Meneses, 2016, p.16; Papper, R., 2005, p.61; Reis, 2013, p.231; Kolodzy, 2006, p.137). Meneses (2016,

p.85) e Reis (2013, p.236) indicam que o mais aconselhável é utilizar o discurso indireto, caso não haja som ou caso o jornalista queira resumir as declarações de alguém. O discurso direto na rádio pode confundir o ouvinte e deixá-lo com dúvidas sobre quem está a dizer o quê: o protagonista da mensagem ou o próprio jornalista. Meditsch (1999, p.176) indica, ainda, que o texto radiofónico deve ser sinónimo de laconismo, isto é, concisão, síntese, brevidade e seletividade.

O som é a essência tradicional da rádio e a matéria-prima de excelência que permite uma maior capacidade expressiva (Sousa & Aroso, 2003, p.13). No jornalismo radiofónico, o som é a informação produzida tanto por jornalistas como animadores ou sonoplastas (Meneses, 2016, p.53), tomando a forma de voz, através de depoimentos ou entrevistas; som-ambiente ou efeitos sonoros e música (Meditsch, 1999, p.140; Sousa & Aroso, 2003, p.13; Meneses, 2016, p.53; Kolodzy, 2006, p.145).

Normalmente, os sons-ambiente são descritivos e documentais (Sousa & Aroso, 2003, p.16), permanecem na memória dos ouvintes (“imagens sonoras”), e dão-lhes uma noção daquilo que está a acontecer em determinado momento (Kolodzy, 2006, p.145). Os efeitos sonoros são artificialmente criados tendo a função de separadores de programação, alerta, descrição ou narrativa, enquanto a música para além de servir como separador de programa, ajuda também a criar ambiente (Sousa & Aroso, 2003, p.15-16). Kolodzy (2006, p.145) acrescenta que o som dá uma outra voz à história, fornecendo-lhe informação, autenticidade e humanidade. Por outro lado, o silêncio tem significado na rádio: promove a reflexão ou organização de ideias (Sousa & Aroso, 2003, p.13). Meneses (2016, p.53) identifica as funções do som: informar, acrescentando elementos novos ao texto, respondendo às perguntas “como?” e “porquê?” e distinguindo o jornalista (quem dá a informação) do protagonista (quem explica os acontecimentos); credibilizar e introduzir ritmo, apresentando registos de vozes diferentes e expressividade.

3.3. Os géneros

A notícia é o género principal do jornalismo radiofónico (Meneses, 2016, p.21) e a unidade mínima da informação radiofónica (Prado, 1985, p.48) que transmite mais autenticidade, credibilidade e atualidade (Minkov, 1983, p.27). Sendo que a informação deve corresponder aos interesses do público (Minkov, 1983, p.29), o fundamental é que os ouvintes compreendam o acontecimento e memorizem o mais importante (Lopez, 2009, p.60). Tal como diz Meneses (2016, p.21), deve agarrar-se a atenção dos ouvintes o mais cedo possível e, por isso, a lógica da pirâmide invertida torna-se fundamental. A

notícia deve começar pelo *lead* que contem os factos essenciais (Minkov, 1983, p.30; Barbeiro & Lima, 2003, p.72; Sousa & Aroso, 2003, p.25), seguindo-se o desenvolvimento com a explicação e contextualização e o fecho ou síntese que recupera a informação importante (Canavilhas, 2007, p.47; Franco, 2009, p.51). Esta técnica é utilizada em rádio para que, precisamente, os ouvintes tenham acesso as informações básicas logo no início da notícia, permitindo a mais fácil compreensão e memorização da mensagem transmitida, tal como refere João Paulo Meneses:

“Se todos concordarmos – pelo menos em abstrato – que o mais importante é agarrar a atenção dos ouvintes, o mais cedo possível, logo no início do assunto, então temos aí o conceito fundamental de “pirâmide invertida” (...) Da mesma forma, também é ponto assente que o último parágrafo das nossas peças é sempre algo de menos importante do que o lead. (...) O importante é, mais uma vez, apresentar os assuntos da forma que for considerada mais importante/interessante.”
(Meneses, 2016, pp.21-22)

Contudo, Meneses (2016) alerta que existem alguns limites à utilização da pirâmide invertida nas notícias de rádio. A resposta às perguntas “quem?” e “o quê?” é essencial, no entanto, o “onde?” e o “quando?” nem sempre são relevantes no contexto radiofónico. Para além disso, o autor afirma que quando se atualiza uma notícia, o seu contexto deve surgir no início, visto que o ouvinte deve perceber de que assunto se está a falar. O texto do repórter segue a lógica do texto do editor e deve ter em conta que, ao finalizar a peça com algum dado novo, deforma o conceito da pirâmide invertida. A resposta ao “porquê”, normalmente é dada através do som. Segundo o autor, os valores-notícia mais relevantes em rádio são a atualidade, o interesse e a importância. Todavia, existe um que se sobrepõe aos restantes: a atualização. Quando se atualiza uma informação deve falar-se dos dados mais recentes em primeiro lugar e, só num segundo momento, partir para a contextualização dos acontecimentos. Ainda sobre a transmissão de notícias, há outros elementos a ter em conta, como os títulos e aberturas, os lançamentos e os rodapés, refere o autor⁴⁵. Prado (1985, p.50) distingue três tipos de notícias radiofónicas: a notícia escrita, a notícia com citação “com voz” e a notícia com entrevista⁴⁶. Por outro lado, Sousa & Aroso (2003, p.45) identificam o *flash* e a breve⁴⁷.

De seguida, um dos géneros que ajuda o jornalista de rádio a obter informação e a elucidar os factos é a **entrevista** (Minkov, 1983, p.40; Prado, 1985, p.57). Na rádio, este género caracteriza-se por uma conversa autêntica, muitas vezes, em direto, com comentários de

⁴⁵ C.f os detalhes sobre estes elementos das notícias radiofónicas em Meneses (2016, pp.31-48)

⁴⁶ C.f a definição de cada tipo de notícia em Prado (1985, p.50)

⁴⁷ C.f a explicação sobre o *flash* e as breves em Sousa & Aroso (2003, pp.45-47)

especialistas sobre vários assuntos (Minkov, 1983, p.40) que revelam novos conhecimentos, esclarecem factos e marcam opiniões. Segundo Barbeiro & Lima (2003, p.59), ao contrário do que acontece com a entrevista impressa, na rádio, este género tem o poder de transmitir emoção. Prado (1985, p.60) e Sousa & Aroso (2003, p.52) distinguem as entrevistas de carácter ou personalidade; informativa ou noticiosa através de informação estrita, em profundidade ou declarações; ou coletiva⁴⁸.

A **reportagem** é um género atual, de reflexão da realidade objetiva (Minkov, 1983, p.46) e o mais rico da perspetiva informativa (Prado, 1985, p.5) em que convergem não só diversos elementos linguísticos como a música, a voz, os efeitos sonoros e sons ambiente, mas também os vários géneros jornalísticos (Sousa & Aroso, 2003, p.66). É a principal fonte de matérias exclusivas na rádio informativa (Barbeiro & Lima, 2003, p.55) que permite o tratamento de temas em profundidade, a abordagem interligada de vários assuntos (Sousa & Aroso, 2003, p.66), a transcrição direta e imediata dos acontecimentos e uma ideia dinâmica, autêntica e viva do que está a acontecer no mundo através do som, transportando o ouvinte para o local do evento (Minkov, 1983, p.46). Deve ser prioridade das reportagens radiofónicas, a originalidade, objetividade, clareza, autenticidade, significância, personagens, emoção e empatia (Barbeiro & Lima, 2003, p.56).

Há outros géneros comuns no meio radiofónico, como o **comentário** que tem a função de discutir, explicar, interpretar e analisar os vários temas da atualidade, caracterizando-se por uma conversa informal. De destacar o **comentário político** que pretende uma exposição e explicação rápida de novos factos, acontecimentos da vida pública e política (Minkov, 1983, p.36). Também os **debates** e as **mesas redondas**, que sendo géneros próximos à entrevista, segundo Sousa & Aroso (2003, p.62) permitem canalizar a opinião de atores sociais, com foco em temas atuais e de interesse geral, propiciando a participação do público. Sousa & Aroso (2003) destacam também a revista de imprensa, jornal de rádio e a magazine de informação⁴⁹. Prado (1985) indica outros dois: o documentário e a crónica⁵⁰.

⁴⁸ C.f a definição de cada tipo de entrevista em Prado (1985, pp.60-64) e Sousa & Aroso (2003, pp.52-62).

⁴⁹ C.f a caracterização destes géneros jornalísticos em Sousa & Aroso (2003, pp.71-81)

⁵⁰ C.f os conceitos em Prado (1985, pp.94,97-98)

4. A convergência nos *media*

Nos últimos anos, o digital tem vindo a ganhar cada vez mais força, obrigando os meios de comunicação a redefinirem as suas dinâmicas de produção. A rádio não foi exceção. Essa redefinição resulta da cultura de convergência (Jenkins, 2006, p.2) em que os *media* procuram novas estratégias para alcançar mais público.

4.1. Um conceito, várias definições

A convergência possui vários significados, tipologias e efeitos nas redações. Deste modo, é importante analisá-los e distingui-los para uma melhor compreensão deste novo paradigma mediático.

a. Um processo cultural

Welcome to convergence culture, where old and new media collide, where grassroots and corporate media intersect, where the power of the media producer and the power of the media consumer interact in unpredictable ways
(Jenkins, 2006, p. 2)

Henry Jenkins (2006, p.3) refere-se à convergência como um processo que implica transformações tecnológicas, empresariais, culturais e sociais. De acordo com o autor, o termo está relacionado com o fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas, a cooperação entre os *media* e a mudança do comportamento das audiências (Jenkins, 2006, p.2). Contudo, Jenkins é contra a ideia de que a convergência deve ser entendida meramente como um processo tecnológico. Para o autor, o processo convergente é “uma mudança cultural” em que os consumidores interagem através de “conteúdos dispersos” (Jenkins, 2006, p. 3).

b. Um processo “mediamórfico”

Para Fidler (1997, p.27) a convergência não é nada mais do que a ideia de união entre diversas tecnologias e indústrias mediáticas que levam a novas formas de comunicação. O autor aborda, ainda, a convergência de acordo com o processo “mediamórfico” definido como: “the transformation of communication media, usually brought about by the complex interplay of perceived needs, competitive and political pressures, and social and technological innovations” (Fidler, 1997, p. 22-23). Por outras palavras, os novos *media* surgem através da metamorfose dos antigos, dado que estes não deixam de existir, apenas evoluem e adaptam-se a uma nova realidade de sobrevivência a um ambiente em constante mutação. Esta adaptação acontece por meio de um processo que envolve coevolução, convergência e complexidade, dando origem ao princípio da metamorfose.

c. Além da tecnologia

“The term broadly refers to the blending or merging of formerly distinct media technologies, mainly based on digitalization processes, though the issues extend beyond those raised by the technology itself” (Quandt & Singer, 2009, p. 130). Estes autores referem que, no contexto dos *media*, a convergência aplica-se ao desaparecimento das fronteiras entre as comunicações fixas e móveis, à integração de vários formatos na *internet*, marketing e promoção *cross-media*, à produção paralela de conteúdo nas várias plataformas e às rotinas e capacidades jornalísticas. A conceção de Domingo *et al.* (2007, p.2) vai ao encontro da anterior. Os autores percecionam a convergência como o desaparecimento dos limites entre os diferentes meios de comunicação, resultando numa produção integrada, profissionais multicapitados, distribuição multiplataforma e audiências ativas. Já Gordon (2003) define o conceito a partir de cinco aspetos fundamentais: propriedade; estratégias; estrutura; recolha de informação e, por fim, a forma de contar a história, ou seja, o modo de apresentação do conteúdo.

d. Uma resposta à alteração do consumo

Kolodzy (2006, p.11) indica que, nos *media*, a convergência é uma resposta às audiências fragmentadas e à fusão das organizações noticiosas. Por outro lado, Quinn (2005a, p.34) refere-se à mudança de estilo de vida dos consumidores. A audiência, que antes era passiva, isolada e invisível, passa, agora, a ser mais participativa, interativa e ativa (Jenkins, 2006, p.18-19). Kolodzy (2006, p.24) refere, no caso do jornalismo, que a convergência é um novo modo de pensar as notícias para alcançar uma audiência diversa, para que esta seja informada da melhor forma possível. Salaverría (2010, p.39) destaca as coberturas informativas coordenadas entre os diferentes meios em que é oferecido ao público o mesmo conteúdo, mas com elementos específicos pensados para serem distribuídos através das diferentes plataformas (imprensa, televisão, rádio e digital). Desta forma, o acesso aos conteúdos é feito a qualquer momento e a partir de qualquer aparelho (Jenkins, 2006, p.16), de acordo com os interesses individuais de cada utilizador.

Jenkins (2006) faz referência à cultura participativa em que o consumidor de ser passivo, previsível, isolado e invisível e passa a ser totalmente ativo, interligado socialmente, participativo e interativo (Jenkins, 2006, p.18-19). Singer e Quandt (2009, p.137) apelidam estas novas audiências de “hiperativas”. Recentemente, Newman, Fletcher, Kalogeropoulos, Levy & Nielsen (2018, p.8) constataram que há uma queda no consumo de informação pelas redes sociais, mas um aumento na utilização de aplicações de

mensagens privadas, das *newsletters e-mail* e dos *push*. O estudo também demonstra um aumento da qualidade e da confiança dos consumidores nos *media*, bem como um crescimento das subscrições/assinaturas dos *media* em suporte digital.

e. Conceito multidimensional

“There is no single definition for convergence. Instead, this construct is multidimensional and has different conceptions and contexts” (Dupagne & Garrison, 2006, p. 239). A convergência não é vista como um processo apenas tecnológico, mas como um procedimento que também provoca alterações no modo produção e distribuição do conteúdo, agilizando-o e simplificando-o e que afeta igualmente as redações ao nível profissional e empresarial. É possível o cruzamento de meios e conteúdos e a integração dos *media* a vários níveis, por exemplo, através da unificação ou fusão de diferentes redações (Salaverría, 2009, p.4) num único espaço com o objetivo de partilhar recursos, aumentar a produção noticiosa e reduzir custos (Salaverría, 2010, p.28). Para Salaverría, Avilés & Masip (2008, p.325), a convergência é uma confluência de tecnologias que coincide com as noções de multimédia e multiplataforma; um sistema multifacetado e sistémico, manifestando-se paralelamente em âmbitos distintos e um processo tecnológico e dinâmico. Salaverría & Negrodo (2008) propõem uma definição mais completa, tendo em conta as múltiplas aceções do conceito do ponto de vista do jornalismo:

La convergencia periodística es un proceso multidimensional que, facilitado por la implantación generalizada de las tecnologías digitales de telecomunicación, afecta al ámbito tecnológico, empresarial, profesional y editorial de los medios de comunicación, propiciando una integración de herramientas, espacios, métodos de trabajo y lenguajes anteriormente disgregados, de forma que los periodistas elaboran contenidos que se distribuyen a través de múltiples plataformas, mediante los lenguajes propios.
(Salaverría & Negrodo, 2008, p. 45)

Independentemente da perspetiva, um processo de convergência bem-sucedido envolve, uma mudança de atitude e mentalidade da parte dos jornalistas e editores, confiança e partilha de ideias. Uma boa comunicação é fundamental para que, no final, o objetivo seja a qualidade do jornalismo (Quinn, 2005a, p.32).

4.2. Conceitos de fronteira

4.2.1. Convergência e Multimédia

A convergência implica uma importância crescente da multimédia. Os conteúdos passam a combinar aspetos textuais, audiovisuais (Herreros, 2005, p.104; Bastos, Zamith, Reis & Jerónimo, 2013, p.8) e gráficos (Salaverría & Negrodo, 2008, p.55) que anteriormente

estavam separados. A noção de convergência multimédia aplica-se, deste modo, à agregação de texto, áudio, vídeo ou outros elementos gráficos (Dailey, Demo & Spillman, 2005, p.155) dando origem a uma nova linguagem, géneros jornalísticos, mutações e combinações mais ricas (Salaverría, 2010, p.38). Neste tipo de produção, cada meio dá o seu melhor para complementar a experiência do recetor (Suetu, Gambaro & Ramos, 2015, p.219), na medida em que as histórias são contadas usando as forças de cada meio (Quinn, 2005b, p.147). Para Herreros (2005, p.91-96) o conceito de multimédia adquire três significados: é uma integração de sistemas expressivos através da interatividade, ligações (hiperligações) e navegação; uma integração de meios que, num mesmo suporte, adapta as suas características para formar conteúdos novos, resultando numa hibridização; e, por fim, pode ser considerada como concentração de empresas em que o objetivo é a união e coerência empresarial através de sinergias, ideologias e estratégias comuns.

De acordo com Deuze (2004, p.140-141), o jornalismo multimédia tem duas vertentes: a utilização de dois ou mais formatos diferentes (por exemplo, a simples utilização de galerias ou *slideshows* de imagens) ou a apresentação integrada de informação em diferentes meios (em que as equipas de cada meio trabalham juntas em todo o processo de planeamento, produção e distribuição de informação). Estas perspetivas distintas podem ser compreendidas entre o nível mais baixo e o mais alto de convergência, de acordo com o modelo “The Convergence Continuum” (Dailey, Demo & Spillman, 2005 *as cited in* Deuze, 2004, p.140). Deuze (2004, p.140) refere-se à convergência como a colaboração entre diferentes redações. A relação entre os conceitos de convergência e multimédia surge do facto de as empresas, quando iniciam o seu processo convergente, ambicionarem, entre outros aspetos, aplicar a multimédia nos seus conteúdos. Deste modo, “la convergencia es condición necesaria para el desarrollo de la multimedialidad” (Salaverría & Negredo, 2008, p. 56).

4.2.1. Convergência e Remediação

O conceito de remediação é inicialmente definido por Bolter & Grusin (1999). De acordo com estes autores, a par com a *imediácia* e a *hipermediácia*, a remediação faz parte da genealogia dos novos *media* (Bolter & Grusin, 1999 *as cited in* Dobson, 2006). No fundo, para Bolter & Grusin a remediação é “the formal logic by which new media refashion prior media forms” (Bolter & Grusin, 1999, p.273 *as cited in* Dobson, 2006, p.3). Canavilhas (2012) diferencia o conceito de convergência do conceito de remediação:

A história dos mass media mostra que cada novo meio passa por um período de indefinição até estabilizar um conjunto de características próprias. Isto significa que os novos meios começam por misturar os conteúdos dos seus antecessores (remediação) até estabilizarem uma linguagem própria (convergência).

(Canavilhas, 2012, p. 10)

Dito por outras palavras, “enquanto a convergência implica necessariamente uma nova linguagem que integre os conteúdos anteriores, a remediação pode ser uma acumulação de conteúdos de diferentes origens distribuídos” (Canavilhas, 2012, p.9). Por isso, o autor refere que a convergência é sempre uma remediação, mas a remediação nem sempre é convergência. Santos (2012, p.94) indica que a remediação pode estar associada a um processo de renovação em que o novo meio é uma modernização do antigo. Este conceito pode ser associado também à “mediamorfose” de Fidler (1997).

Canavilhas (2012, p.10) dá o exemplo da rádio, em que a remediação é verificada quando se deu a adaptação do texto escrito para uma linguagem mais próxima da oralidade. A convergência na rádio só foi possível com a introdução e combinação da música e do silêncio. Existe também a remediação no sentido inverso em que os *media* tradicionais incorporam características dos novos *media*:

O formato antena aberta, característico da rádio, é um exemplo de remediação inversa na televisão: estes programas, em que os ouvintes telefonam para opinar sobre determinado tema, são hoje uma presença regular na programação dos canais temáticos de informação. Nestes casos, a imagem é absolutamente desnecessária porque as intervenções ocorrem via telefone e os apresentadores pouco mais fazem do que gerir o tempo atribuído aos telespectadores previamente selecionados.

(Canavilhas, 2012, p.11)

Pode dizer-se também que a remediação de conteúdos resulta na coexistência de todas as plataformas (Herreros, 2011, p.73), em que os meios se influenciam uns aos outros (Suetu, Gambaro & Ramos, 2015, p.221). Em Portugal, Canavilhas (2012) verifica que o que existe, não é convergência, mas sim remediação. No caso da rádio na *web*, aposta sobretudo na multimedialidade, investindo em conteúdos semelhantes aos das televisões, como as notícias e entrevistas em vídeo (Canavilhas, 2012, p.14). Como explica o autor, “este modelo de multimedialidade por acumulação continua a ser uma remediação dos conteúdos televisivos, uma vez que não se vislumbra qualquer marca de adaptação ao meio, tal como acontece nas televisões” (Canavilhas, 2012, p.15).

4.2.3. Convergência e Multiplataforma ou Cross-Media

O surgimento e a evolução das tecnologias digitais fez com que a *internet* passasse a funcionar como uma nova plataforma de distribuição de conteúdos, dando origem a este novo modo de partilha de informação: a multiplataforma (Canelas, 2011, p.134). Este

conceito designa relaciona-se não apenas com a produção, dado que os *media* produzem conteúdo tendo em conta as diferentes plataformas (Salaverría, 2010 *as cited in* Bastos, Zamith, Reis, Jerónimo, 2013, p.6), mas também com a distribuição e consumo de conteúdos através de múltiplos meios (Salaverría & Negredo, 2008, p.53). A distribuição multiplataforma permite uma “wider coverage of an area and permits cross-marketing of a single product” (Quinn, 2005a, p.30), isto é, possibilita que determinado órgão de comunicação seja promovido em várias plataformas, para além de admitir que um dado tema seja mais desenvolvido e aprofundado. É um recurso para atingir novas audiências que podem aceder às notícias a qualquer momento (Domingo *et al.*, 2007, p.10).

A convergência distingue-se da simples distribuição multiplataforma, uma vez que é indispensável a adaptação dos conteúdos aos diferentes atributos de cada um dos meios de receção. Para Tyner (2004) *as cited in* Quinn (2005a, p.30), a convergência deve ter em conta as necessidades dos consumidores e oferecer-lhes novas formas de acesso à informação. Por conseguinte, a multiplataforma deve, sobretudo, facilitar a vida aos consumidores, permitindo-lhes, por exemplo, ler o jornal rapidamente, dando-lhes oportunidade para perceber o contexto e profundidade de determinada informação (Thelen, 2002 *as cited in* Quinn, 2005a, p.33).

É relevante, ainda, reforçar que o conceito de multiplataforma está relacionado com o termo *cross-media*, o que significa que “os mesmos conteúdos aparecem em diversas plataformas”, tendo “em alguns casos as adaptações pertinentes” (Herreros, 2011, p.73). Martínez-Costa (2015, p.169) refere, ainda, que a noção de *cross-media* centra-se na expansão de uma história em múltiplas plataformas de difusão e no desenvolvimento do espaço de participação da audiência. Através das estratégias de multiplataforma e *cross-media*, as empresas jornalísticas conseguem melhorar a sua produtividade, criar um efeito de complementaridade entre os vários meios, diversificar as audiências e distribuir conteúdos a públicos cada vez mais fragmentados (Salaverría & Negredo, 2008, p.54).

Martínez-Costa (2015, p.169) distingue, ainda, o conceito de *cross-media* de *trans-media*. Enquanto o primeiro corresponde aos processos de distribuição de conteúdo, o segundo trata-se de uma estratégia de comunicação e técnica narrativa que consiste em contar uma história através de diversos formatos e plataformas, utilizando os recursos específicos de cada meio bem como a participação e colaboração dos utilizadores, desaparecendo, assim, as barreiras entre o produto e o consumidor. A convergência, para além de facilitar a integração de vários formatos na *internet*, permite as parcerias *cross-media*, ou seja, que

os diferentes meios de comunicação ou plataformas se promovam entre si, colaborando e cooperando uns com os outros (Singer & Quandt, 2009, p.131). Estas parcerias são observáveis quando dois meios de comunicação que pertencem ao mesmo grupo de *media* partilham, regularmente, conteúdo produzido pelo outro, como acontece, por exemplo, com o *DN* e a *TSF*, que se inserem no grupo *Global Media*.

4.3. Modelos de convergência

Os meios de comunicação social estão a atravessar uma alteração profunda (Garcia *et al.*, 2018, p.8). O modelo tradicional dos *media* está em declínio devido à decadência da eficácia publicitária, à fragmentação da audiência e ao excesso de oferta provocado pelo acesso gratuito aos conteúdos no meio digital (Merlo & McPhillips, 2008, p.239). Por estas razões, a convergência é vista como uma evolução do modelo de negócio tradicional dos *media*, sendo caracterizada por Merlo & McPhillips (2008, p.251) como sendo um fenómeno complexo que traz incertezas, oportunidades e mudanças. As maiores alterações notam-se ao nível dos padrões de consumo, na definição da relevância da publicidade e no acesso aos conteúdos de forma gratuita.

Avilés & Carvajal (2008, p.235-236) propõem, por um lado, uma estratégia de organização em que o trabalho *cross-media* e a convergência surgem como ferramentas, independentemente das plataformas utilizadas (as redações trabalham em separado e existe um editor multimédia para cada plataforma, não havendo lugar a uma gestão integrada: os diferentes meios funcionam como independentes e apenas colaboram em algumas situações); por outro lado, o processo integrado que transcende a ideia de “um meio, uma redação”, em que a principal preocupação do jornalista não é a plataforma para onde trabalha, mas sim o conteúdo. No fundo, neste processo são ultrapassadas as divisões tradicionais entre os meios.

Por outro lado, Dailey, Demo e Spillman (2005, p.152) têm a necessidade de compreender a convergência a partir dos comportamentos dentro das redações, através da medição do nível de convergência de determinada organização noticiosa. Os autores propõem o “The Convergence Continuum” que conta com cinco níveis de convergência: “cross-promotion”; “cloning”; “coopetition”; “content sharing” e “full convergence”. O primeiro é o nível mais baixo de convergência em que os meios de comunicação promovem o conteúdo dos seus parceiros mas não produzem conteúdo em conjunto e os comportamentos esperados nas redações resumem-se à promoção mútua dos parceiros e dos seus conteúdos (Dailey, Demo e Spillman, 2005, p.153). Pelo contrário, no último e

mais alto nível de convergência espera-se que os parceiros colaborem na recolha, produção e distribuição da informação, usando os diferentes meios para contar a história. As diferentes redações devem ter um editor em comum e devem ser compostas por membros de cada redação, com o objetivo de cobrir diversos acontecimentos e produzir conteúdos diferentes (Dailey, Demo e Spillman, 2005, p.154). Domingo *et al.* (2007, p.3), no entanto, discordam desta proposta de modelo, dado que, segundo os autores, mostra que qualquer forma de convergência que não seja *full convergence* é apenas uma fase do processo. Do ponto de vista dos autores, a convergência deve ser observada como um processo aberto, não linear e que pode ter vários resultados e níveis de desenvolvimento. Tal como referem Avilés e Carvajal (2008, p.237), o desenvolvimento da convergência dentro das redações não é, de todo, fácil devido ao volume de trabalho e prazos cada vez mais curtos que fazem com que a dedicação a todas as plataformas seja complicada. Numa redação convergente é essencial o investimento na formação dos jornalistas, tendo como em vista a crescente polivalência e a capacidade de *multiskilling*. A qualidade do conteúdo e os valores jornalísticos devem ser também uma das preocupações principais.

4.4. Convergência no jornalismo

Detalhando alguns dos aspetos referidos nos modelos anteriores, no que diz respeito à convergência específica no jornalismo, esta manifesta-se em diversos aspetos – na organização do trabalho, nos conteúdos e na definição das funções do jornalista.

A organização do trabalho sofre alterações não só no âmbito tecnológico, mas também empresarial. A **convergência tecnológica** nos *media* começou por estar associada à digitalização das notícias sendo estimulada pela queda de venda dos jornais, a estagnação das audiências no mundo da televisão, o crescimento dos consumidores de notícias *online*, a introdução de cortes nos orçamentos e a diversificação dos *media* (Carvajal & Avilés, 2008, p. 222). Os argumentos de Jenkins (2006, p. 11) e Domingo *et al.* (2007, p.2) vão ao encontro do anterior. Os autores afirmam que a digitalização criou condições não só para a existência de convergência e integração de redações, mas também para a aceleração da produção, o imediatismo da transmissão da informação, o desenvolvimento de uma linguagem multimédia e distribuição multiplataforma. De um modo geral, ao nível tecnológico, a convergência manifesta-se na junção de aparelhos que antes eram distintos e na mudança de ferramentas utilizadas para recolher informação (Kolodzy, 2006, p.6).

No que respeita à **convergência empresarial**, Balbi (2017, p.7) observa que entre os anos 80 e 90 do século XX, a indústria dos *media* começou a sofrer uma transformação do mercado, havendo lugar para a concentração empresarial. Este autor refere que este tipo de convergência manifesta-se de duas formas: integração diagonal e integração vertical. A primeira significa a expansão de um setor para outro na cadeia de produção (Doyle, 2013 *as cited in* Balbi, 2017, p.8) e a segunda o controlo de várias partes da produção (por exemplo, matéria-prima, os produtos e a distribuição) por parte uma mesma companhia (Kolodzy, 2006, p. 16). Uma das consequências da concentração empresarial é o trabalho passar a ser feito em rede, de acordo com um sistema de integração, em que “the boundaries between traditional and new ways of communicating are becoming less clear and the relationships between different media are characterised by increasing cooperation, compatibility and connectivity” (Saltzis & Dickinson, 2008, p. 270).

Os espaços de trabalho também sofreram alterações (Garcia *et al.*, 2018, p.128). As redações fechadas passam a *open spaces* e acolhem diversas secções facilitando a comunicação entre os profissionais e passando a funcionar de modo integrado e unificado (Salaverría & Negredo, 2008, p.51; Salaverría, 2009, p.9). Partilham não só o mesmo espaço físico, mas também recursos e ferramentas, originando um crescimento da produtividade, uma produção mais ágil, diversa e capaz de atender as necessidades das novas plataformas digitais (Salaverría, 2010, p.35), sendo a rentabilização da produção e a redução de custos os principais objetivos (Salaverría, 2009, p.9).

As alterações a nível tecnológico e empresarial refletem-se nas práticas jornalísticas, ou seja, trabalho diário dos jornalistas e no perfil do próprio profissional (Salaverría, 2009, p.10). Há um maior distanciamento dos profissionais relativamente às regras e padrões do jornalismo, adotando novas lógicas. Este novo panorama designa-se de “cultura da inovação” em que os jornalistas passam a pensar no suporte digital em primeiro lugar (Garcia *et al.*, 2018, p.123). A **convergência profissional** redefine as funções do jornalista. Os jornalistas têm de ser polivalentes (Salaverría & Negredo, 2008, p.48), flexíveis e capacitados para trabalharem nos diferentes meios de comunicação ao mesmo tempo, adaptando as histórias à linguagem de cada um, conseguindo, por um lado, ter um maior controlo sobre o produto final, mas por outro, a possibilidade de um menor desempenho (Fidler, 1997, p.213; Salaverría, 2010, p.36). Tal como referem Saltzis & Dickinson (2008, p. 224, N.T), “a journalist will no longer be identified by a specific medium in the same way that the news companies tend not to be identified by a single

medium either”. Além disso, os jornalistas passam a exercer várias tarefas que, anteriormente, eram realizadas por indivíduos distintos, como a edição de áudio ou vídeo (Fidler, 1997, p.260), tornando-se profissionais multimédia e multiplataforma através da aprendizagem de novas habilidades e uma maior formação profissional (Quinn, 2005b, p.157; Garcia *et al.*, 2018, p.124). Salaverría (2010, p.37) resume este tipo de convergência através de uma única palavra: polivalência, distinguindo-a em quatro categorias diferentes: polivalência funcional (os jornalistas fazem parte do processo de produção, edição e distribuição, tendo em conta qualquer tipo de formato); polivalência temática (o jornalista passa a cobrir qualquer editoria ou assunto da atualidade informativa); polivalência mediática/multiplataforma (o jornalista produz conteúdos para qualquer plataforma de uma empresa) e polivalência transmediática (os profissionais podem servir meios que pertencem a grupos mediáticos diferentes).

Uma das responsabilidades do jornalista mais afetada com a convergência é o *gatekeeping*. O meio digital passa, de certa forma, a ter o controlo da seleção das notícias (Singer & Quandt, 2009, p.134). Por outro lado, o surgimento dos serviços noticiosos de 24 horas e a rapidez com que se publica informação no digital fez com que o *gatekeeper* dependesse, cada vez mais, do material preparado pelo “quinto estado” (Bruns, 2003, p.31), ou seja, os profissionais de relações públicas ou os *spin doctors*.

No *online*, o leitor passa a ser o seu próprio *gatekeeper* (Bruns, 2003, p.31; Singer, 1997, p.82), através dos comentários e partilhas dos conteúdos noticiosos nas redes sociais (Canavilhas, 2010, p.390). No novo meio, mais importante do que escolher a informação para o público, é avaliar quais as informações credíveis, tendo em conta o volume de conteúdo existente (Singer, 1997, p.74) para assegurar a qualidade, credibilidade e contextualização da informação (Singer, 1997, p.87). O modelo proposto por Dailey, Demo & Spillman (2005, p.162) sugere que, numa redação com o nível mínimo de convergência, o *gatekeeper* trabalha baseando-se nos valores-notícia tradicionais. Pelo contrário, numa redação *full convergence*, os parceiros devem acordar sobre os valores-notícia que consideram mais importantes (Dailey, Demo & Spillman, 2005, p.164).

Bruns (2003, p.34) refere que, no digital, o papel de *gatekeeper* passa a *gatewatcher*. O *gatewatching* é uma prática que permite observar as *gates*, em vez de as policiar, como faz o *gatekeeper*, e mostrar aos leitores que, ao abri-las, estarão a aceder a informação relevante. Assim, o *gatewatching* corresponde à publicitação das notícias e não à sua

publicação: “gatewatchers keep a constant watch at the gates, and point out those gates to their readers which are most likely to open onto useful sources” (Bruns, 2003, p.34).

Por último, a **convergência de conteúdos**. Salaverría (2010, p.38) aponta que esta tipologia pode ser resumida em apenas uma palavra: multimédia, que tal como Singer & Quandt (2009, p.136) referem, ajuda à criação de novas formas de contar as histórias. As organizações noticiosas passam a publicar a informação com um ritmo de atualização frequente e constante o que provoca um excesso de trabalho e uma menor verificação dos factos (Garcia *et al.*, 2018, p.125). Esta nova forma de fazer jornalismo é apelidada por Quandt (2006) *as cited in* Singer & Quandt (2009, p.136) de “jornalismo turbo” em que a qualidade do conteúdo tende a diminuir devido aos ciclos de produção menores, aos prazos inferiores e à crescente pressão e competição. Todavia, Garcia *et al.* (2018, p.119) notam que apesar de o objetivo ser a rentabilidade dos conteúdos, através do maior número de visualizações e de temas de tratamento rápido, os estatutos editoriais, a verdade e a subordinação aos factos continuam a ser os principais critérios adotados.

5. A convergência no meio radiofónico

No digital, o imediatismo característico da rádio permanece, combinado com a capacidade de detalhar todos os acontecimentos, particularidade comum à imprensa, e com a possibilidade de ser um meio mais interativo (Quinn, 2005b, p.148). Assim, a introdução da multimédia, a publicação multiplataforma, a novidade, a interatividade, a personalização e a atualização constante alteram a natureza tradicional da rádio (Cordeiro, 2005a, p.443), dando ao ouvinte um maior conjunto de opções (Cordeiro, 2012a, p.493).

5.1. Evolução da rádio na *internet*

A emissão digital traduz uma ligação ao multimédia, favorecendo a interactividade, ao mesmo tempo que faz desenvolver uma nova linguagem, pela incorporação de novos elementos à sua estrutura discursiva e potencia a criação de novos conteúdos para a mensagem radiofónica. (...) A Internet veio modificar a forma da recepção radiofónica, transformando o conceito de receptor, noutra que se aproxima mais da noção de usuário, pela forma como o ouvinte/utilizador toma uma atitude activa de pesquisa e consumo dos conteúdos.

(Cordeiro, 2004b, pp. 8-9)

A década de 60 constitui-se como a primeira transformação tecnológica, com o surgimento das primeiras tecnologias que permitiram o renascimento da rádio. O desenvolvimento do som estéreo, a abertura das emissões FM e a construção do transístor, que possibilitaram a portabilidade da rádio, são aspetos que tiveram consequências notáveis para este meio de comunicação (Meneses, 2010, p.4-5; Herreros, 2011, p.70). Ao longo dos anos, a rádio passou a estar em todo o lado e a tornar-se, cada vez mais, ubíqua (Meneses, 2010, p.6).

Com a chegada da *internet* às redações, a década de 80/90 do século XX consistiu na segunda transformação, baseada na digitalização e convergência dos meios (Herreros, 1994 *as cited in* Herreros, 2011, p.74), sendo este um momento compreendido como uma ameaça para o meio radiofónico (Reis, 2015, p.44). O receio pela chegada das novas tecnologias digitais pode ser explicado pelo facto de que “um novo meio, com muitas outras potencialidades (fragmentação do discurso, imagem, maior interatividade e proatividade dos ouvintes), acabaria por substituir a rádio” (Bonixe, 2011, p. 30). Cordeiro (2004b, p.9) sublinha que a ameaça pode ser observada na *internet* enquanto novo suporte para a rádio no que respeita à retirada de ouvintes da versão tradicional. Todavia, Reis (2015, p.44) refere que, posteriormente, a rádio passou a utilizar as novas tecnologias como aliadas na reprodução dos seus conteúdos para o digital e, por fim, como um complemento, ampliando as suas potencialidades e adquirindo novos recursos.

A terceira transformação tecnológica no meio radiofónico dá-se nos dias atuais com a sua presença nas plataformas digitais (Herrerros, 2011, p.74). A rádio torna-se um meio multiplataforma que se expande pela *internet*, marcando presença nos dispositivos móveis e nas redes sociais (Bonixe, 2015a, p.323). Em concordância com Cordeiro (2005a) e Bonixe (2011, 2015a), Reis (2015, p.44) refere que na rádio, a *internet* passou de apenas uma ferramenta de trabalho para uma produção de conteúdos específicos para o meio digital, passando pela disponibilização de conteúdos no seu formato original nos seus *websites*. Nesta era digital, a rádio está a passar por uma transformação e renovação do seu conceito tradicional, tornando-se num sistema multimédia e hipermediático que permite processos comunicativos mais abrangentes, uma diversificação dos enunciados e mudanças ao nível das redações e do trabalho do jornalista. Utilizando o conceito de “mediamorfose” de Fidler (1997), esta mudança é designada por Kroth (2016) de “radiomorfose”, dado que a rádio foi adaptando-se às novas formas de consumo, à maior competitividade e exigência do ponto de vista do consumidor.

5.2. Tipologias de rádio no digital

Nos dias de hoje, a rádio é sinónimo da combinação entre *broadcasting* e *streaming*, facilitando o *download* de ficheiros por parte dos ouvintes (Cordeiro, 2012b, p.161). Já Haandel & Ramos (2015, p.202) referem que a rádio utiliza um *streaming* contínuo para distribuir o conteúdo e uma interface gráfica para apresentar outras informações. Em consequência, estamos na presença de um novo conceito de rádio, uma vez que com as novas tecnologias e a rápida evolução do meio digital, passa a estar acessível em qualquer parte do mundo e a qualquer hora (Neuberger, 2012, p.126). Ainda assim, os *websites* das estações de rádio devem estimular a visita e o regresso do utilizador e, ao mesmo tempo, funcionar como uma montra da estação, apresentando a programação, a informação sobre os locutores e jornalistas, as notícias e outros conteúdos interessantes e relevantes para a audiência (Cordeiro, 2005a, p.445).

Existem diferentes definições daquilo que é a rádio no meio digital. Para Cordeiro (2005a), no novo meio, a rádio pode ser: **testemunhal**⁵¹, isto é, com uma presença bastante reduzida, apenas com “as informações essenciais sobre a estação, sem transmissão em direto das emissões” (Cordeiro, 2005a, p.444); **multimediática**, em que a *internet* é utilizada como uma plataforma paralela, um canal de difusão e de

⁵¹ De acordo com pesquisas realizadas, não foram encontrados dados sobre a existência de uma rádio com estas características nos dias de hoje.

comunicação multimédia para a rádio tradicional que passa a apelar à visita da página *online*, a referenciar conteúdos exclusivos do digital e a sugerir o contacto entre os ouvintes e os locutores; **webrádio** em que a rádio funciona exclusivamente em suporte digital e apresenta-se num formato visual. Para Neuberger (2012), a rádio no digital pode ser uma “**rádio na web**”, em que a rádio tradicional oferece os seus conteúdos ao vivo ou através de *podcast* ou também uma “**webrádio**” que, segundo a autora, é um formato de rádio apenas virtual em que os conteúdos são apresentados através de hipertexto ou hiperligações, alterando completamente o funcionamento analógico da rádio. Por fim, Merayo & Alaejo (2012) sugerem que a rádio no digital toma a forma de uma “**internet radio**”, ou seja, um meio interativo, imediato e multimédia, com um acesso mais fácil, maior oferta, disponibilidade de conteúdos e novas possibilidades, sendo a rádio um meio assíncrono, desconectada do tempo de antena, em que os ouvintes podem aceder aos programas quando quiserem.

5.3. A convergência radiofónica: as novas características do meio

A rádio reinventa-se. Passa a ser um meio multiplataforma, não perdendo o som nem a linearidade. O meio digital é como se fosse a “terceira vida da rádio” (Cardoso *as cited in* Bonixe, 2011, p.31) em que o tradicional transforma-se num conjunto que engloba as ondas hertzianas, as plataformas digitais, a multimédia e o conteúdo fragmentado. A relação com a emissão tradicional pode ser realizada, de acordo com (Bonixe, 2010, p.336) de três formas: **complementaridade** ao nível da expressividade através da representação dos mesmos temas e protagonistas mas com elementos multimédia diversos e ferramentas *web*; **extensão** em que os *sites* são utilizados para aprofundar um tema que na rádio só se ouviu um trecho, como é o caso das entrevistas ou **alternativa** o que implica a colocação de temas no meio *online* que não foram transmitidos na rádio. O desafio está em manter o equilíbrio entre o tradicional – imediato, rápido, em direto e com acompanhamento dos acontecimentos “em cima da hora” –, e os novos atributos – conteúdos interativos, multimédia, hipertextuais e multiplicação de plataformas (Bonixe, 2011, p.32). Na rádio, a convergência manifesta-se não só ao nível das novas linguagens e conteúdos, como dos profissionais e dos ouvintes.

A rádio, tal como a conhecemos, prima pela atualidade. Também é assim na *internet*, sendo apelidada por Bonixe (2010, p.333) de “nova rádio”. Complementa a informação transmitida *on-air*, com uma linguagem multimédia, hipertextual e interativa, que já não baseada em novas narrativas e elementos como o vídeo, a infografia, a fotografia (Bonixe,

2010, p.337, 2011, p. 33). Reis (2015, p.44) apelida a rádio atual de um meio hipermédia, onde a narrativa é formada por três linguagens distintas: visual, sonora e verbal. Os conteúdos passam a conter ligações de fácil acesso a informações relacionadas ou a bases de dados e arquivos (Silva, 2012, p.416; Cordeiro, 2005a, p.447). Estas características são resumidas por Cordeiro (2005a) no seguinte excerto:

“Promove-se uma nova discursividade, pela combinação de elementos de linguagens diferentes, menos singular, mas contudo, mais rica, por via da utilização multimédia na construção da sua mensagem. (...) o sistema expressivo da rádio decompõe-se e multiplica-se, adicionando mais elementos ao som (...) transformará o website de uma rádio num espaço multimédia onde a emissão radiofónica é apenas mais uma das propostas que a rádio tem para oferecer. (...) Os recursos hipermédia representam a possibilidade de interagir com o público e a estação, num processo de intercâmbio (...) A tecnologia veio permitir a ampliação da difusão e uma maior capacidade de armazenamento, favorecendo a utilização em função daquilo que os ouvintes/utilizadores determinem.”
(Cordeiro, 2005a, p.447)

A rádio vai procurando o seu lugar, “adotando novas estratégias e políticas”, passando “a integrar nas plataformas digitais onde está presente vários formatos que não estão no seu código genético” (Bonixe, 2013 p. 244). Para além de multimédia (Merayo & Alaejo, 2012, p.270), passa a ser um meio mais interativo, participativo e personalizado (Kroth, 2016, p.21), verificando-se uma hibridização de formatos, ferramentas digitais e géneros jornalísticos (Suetu, Gambaro & Ramos, 2015, p.210).

Tendo em consideração a distribuição dos conteúdos, a rádio passa a funcionar como uma “marca” em todas as plataformas (McEwan, 2017, p.53), apostando na diversidade de conteúdos e multiplicação de canais (Bastos, Lima, Moutinho e Reis, 2012, p.113; Herreros, 2011, p.75). Para a rádio, a multiplataforma é vista como uma oportunidade para exploração de conteúdos ou produtos próprios, embora haja uma falta de oferta de produtos específicos e uma consequente abundância de versões do mesmo produto (Herreros, 2011, p.85). O planeamento dos conteúdos deve ser pensado tendo em conta a transmissão por áudio e pelos suportes digitais e ecrãs (Silva, 2012, p.416), para que exista uma complementaridade (Haandel & Ramos, 2015, p.203).

Surgem também novos métodos de escuta. O *podcast* é um formato narrativo independente produzido sob valores editoriais (Bonini, 2015 *as cited in* McHugh, 2016, p.67) que representa um conjunto de práticas e significados culturais ligados à tecnologia para distribuição, organização e consumo (Morris & Patterson, 2015, p.221). O *podcast* pode ser considerado como uma extensão da rádio (Berry, 2016, p.7) que revitaliza formatos já existentes, como os documentários radiofónicos. Além disso, muitos

programas de rádio são distribuídos como *podcasts* para um maior *engagement* com os ouvintes (Murray, 2009 *as cited in* Berry, 2016, p.11). Continuam a ser programas de rádio, sendo o *podcast* uma outra forma de chegar aos ouvintes (Berry, 2016, p.11). Tal como refere Primo (2005, p.19), o *podcast* herdou elementos do meio tradicional, traduzindo-se assim como uma remediação do velho meio.

Apesar de o *podcast* ter semelhanças com a rádio tradicional, como por exemplo, o facto de ser uma experiência auditiva de consumo secundário (Berry, 2016, p.11), tem também algumas particularidades: novas funcionalidades sonoras, materialidade, visualidade e novo modo de consumo, é não linear e personalizável (Morris & Patterson, 2015, p.229); pode ser consumido depois de ter sido lançado (Berry, 2016, p.16); é mais informal e menos rigoroso (Shapiro, 2016 *as cited in* McHugh, 2016, p.70); é um formato sem mediação ou regulação e com mais liberdade de produção e transmissão (Biewen, 2016 *as cited in* McHugh, 2016, p.72, 74) e, por fim, qualquer pessoa pode criar um *podcast* (Merayo & Alaejo, 2012, p.271 & Dann, 2012, p.345).

Ao nível profissional, os jornalistas de rádio tiveram de se adaptar a este novo modo de produção multimédia, tendo que ganhar capacidades para lidar não só com a competitividade pela atenção das audiências (McEwan, 2017, p.45), mas também com várias tarefas no meio digital (Silva, 2012, p.415). Por estas razões, o jornalista radiofónico tradicional é agora um jornalista multimédia e interativo, tendo de incluir nas suas rotinas que antes eram dedicadas apenas ao som, práticas que permitam a utilização de outras ferramentas, técnicas e linguagens (Bonixe, 2013, p.251; Bastos, Lima, Moutinho e Reis, 2012, p.105).

Uma das grandes mudanças da rádio no meio digital é a sua interação com o público que sempre foi a identidade da rádio (Herrerros, 2011, p.96), sendo estimulada através de fóruns (como acontece no programa “Fórum TSF”), salas de conversação, correio eletrónico, votações ou comentários (Cordeiro, 2005a, p.447). Há uma amplificação da cultura do diálogo, participação da audiência, bem como uma maior abrangência, abertura de resposta, intercâmbio, discussão (Herrerros, 2005, p.99, 2011, p.94), troca, debate e partilha (Herrerros, 2011, p.99), por exemplo, através das redes sociais (Bonixe, 2010, p.339). O objetivo desta crescente interação é que os ouvintes passem a ser colaboradores ativos (Cordeiro, 2004b, p.440; Neuberger, 2012, p.10; Cordeiro, 2012b, p.159; Haandel & Ramos, 2015, p.203) e deem *feedback*, ideias e comentários (Cordeiro, 2012a, p.496).

Surge um novo tipo de ouvinte: o *e-listener* (Cordeiro, 2011b *as cited in* Cordeiro, 2012a, p.502), um ouvinte que consome rádio em várias plataformas (Cordeiro, 2012a, p.502).

Apesar de Bonixe (2011, p.30) referir que no meio digital a rádio não perde a linearidade ao nível da organização dos conteúdos, Neuberger (2012, p.128) menciona que com a presença da rádio na *internet*, o consumo passa a ser não-linear, dado que os consumidores têm acesso ao conteúdo quando quiserem a partir da *rádio on demand* em que as informações podem ser acedidas a qualquer momento. Por isso, do ponto de vista do consumo dos conteúdos, o tempo radiofónico é alterado (Bonixe, 2010, p.333), estando, de certa forma, o controlo da rádio nas mãos dos consumidores (Fidler, 1997, p.262; Dann, 2012, p.349).

Por um lado, Neuberger (2012, p.137) refere que a essência tradicional do meio que era criada pelo uso exclusivo do som é perdida, no entanto, outros teóricos, como Herreros (2005, p.98) e Silva (2012, p.414) acreditam que a essência sonora é desenvolvida através da escrita e dos recursos visuais. A presença da rádio na *internet* é uma ferramenta útil que serve necessidades práticas no que respeita à velocidade, difusão, recolha de informação, interação, acesso às últimas notícias e contacto com o público (Bastos, Lima, Moutinho e Reis, 2012, p.111). Contudo, é importante que a informação continue a ser compreensível, simples e detalhada, sendo esses os aspetos que caracterizam a essência do conteúdo radiofónico (Suetu, Gambaro & Ramos, 2015, p.215).

Apesar da crescente presença no meio digital, Cordeiro (2012a, p.504) refere que a rádio não está 100% na nuvem. Atualmente, o cenário continua a ser de transição, dado que o som é o recurso dominante nas notícias nos *websites* das rádios, não existindo um investimento completo na produção multimédia (Reis, 2015, p.47). A rádio tradicional e sonora continua a ser o “principal motor das organizações jornalísticas da rádio portuguesa” (Bonixe, 2013, p. 253), uma vez que a rádio está preparada para a recolha de sons e não de imagem. É necessário mais investimento em narrativas específicas para a distribuição do conteúdo nas plataformas digitais, para que a audiência tenha mais opções quando consome informação (Kroth, 2016, p.28). Cordeiro (2012a, p.504) sugere a criação de um novo tipo de rádio, a *rádio cognitiva*, ou seja, uma rádio inteligente que disponibilize conteúdos para todo o tipo de dispositivos móveis. Atualmente, já existem rádios com este tipo de características, como é o exemplo da *Rádio Observador*, um órgão de comunicação pensado para ser desenvolvido em suporte digital.

6. Rádio e *Online*: os conteúdos e as práticas na *TSF*

Neste capítulo, são apresentados os dados recolhidos através da análise aos conteúdos noticiosos produzidos e transmitidos em antena e/ou publicados no *site* da *TSF*. Esta análise será sustentada pelas entrevistas realizadas aos membros da redação da *TSF*.

Num primeiro momento, são apresentados os resultados das variáveis analisadas que mostram as diferenças e semelhanças de tratamento de conteúdos entre a rádio e o *online*. Posteriormente, compreende-se, mediante a perspetiva da redação da *TSF*, qual o atual espaço do meio rádio face àquilo que o digital traz de novo.

A recolha dos conteúdos a analisar foi segmentada de acordo com as peças jornalísticas incluídas na ordem do dia, no período de uma semana – entre 9 e 13 de março de 2020, dentro do horário de estágio – aproximadamente das 8h às 15h – de modo a observar como é que a antena e o *site* da *TSF* elaboraram os conteúdos, identificando as suas principais diferenças. Neste período, foram analisados os acontecimentos recorrentes ao longo dos noticiários, isto é, aqueles que estiveram presentes grande parte do tempo, dado a sua relevância. Ou seja, para esta investigação foram considerados os acontecimentos que marcaram a atualidade informativa da *TSF* durante várias horas⁵². Tendo em conta a semana escolhida, a maioria dos acontecimentos em análise está relacionada com a pandemia de Covid-19, porque foi neste espetro temporal que começaram a surgir os primeiros casos da doença em Portugal. Não quer isto dizer que os noticiários tenham incidido apenas sobre a Covid-19. Foram também analisadas outras notícias como: os apoios do Estado aos cuidadores informais (10 de março de 2020), a absolvição do ex-Presidente do Sporting Clube de Portugal, Bruno de Carvalho, no processo de Alcochete e a falha da compra da Media Capital pela Cofina (ambos a 11 de março de 2020).

Foram alvo de análise 246 peças – 166 transmitidas em antena (sendo que 51 foram sendo repetidas de noticiário em noticiário) e 80 publicadas no *site* – através de duas grelhas de análise de conteúdo (uma para o meio tradicional e outra para o *online*)⁵³, elaboradas no *software* IBM SPSS Statistics. As seguintes variáveis são comuns para ambos os meios:

- **Acontecimento:** ocorrência/evento acompanhado pela *TSF* (Ex: o debate na Assembleia da República sobre a pandemia de Covid-19, a 13 de março de 2020;

⁵² Não foram tidos em conta os acontecimentos que apenas passaram uma vez nos noticiários da *TSF*.

⁵³ Consultar *codebook* com as orientações no anexo J, pp.134-135 (tabelas 11 a 13).

- **Editorias:** secção onde se insere o acontecimento. Um acontecimento pode estar inserido em várias editorias. Exemplificando, o acontecimento referido anteriormente está presente nas editorias de política, economia e sociedade;
- **Temas:** assunto abordado nas peças, identificado através do título ou do *lead*. Um acontecimento é retratado através de diversos temas. A título de exemplo, as peças que correspondem ao acontecimento anterior desenvolvem temas como as medidas tomadas pelo Governo para combate à pandemia, o reforço da linha SNS24 ou a capacidade de resposta do país;
- **Fontes:** onde se indica se a informação chegou a partir de fontes próprias (fontes dos jornalistas da *TSF*), de agências, ou outros meios de comunicação;
- **Modo de obtenção da informação:** indicando se esta é obtida no interior (na redação) ou no exterior (local do acontecimento);
- **Enquadramento:** indicando o modo de abordagem do tema, que revela uma estrutura de pensamento a partir da qual os jornalistas e as audiências percecionam o mundo⁵⁴;
- **Linguagem:** foram tidas em consideração as características de cada meio, sendo destacados alguns exemplos.

A grelha individual para a rádio inclui as seguintes variáveis:

- **Emissão em direto:** se o acontecimento foi emitido em direto;
- **Género jornalístico**⁵⁵: notícias, reportagens, entrevistas, análises e opinião dos ouvintes;
- **Autoria:** identificação, para o público, do produtor da peça. Na rádio, a peça pode ser produzida pela *TSF* (quando é dito “em declarações à *TSF*”, não mencionando o nome do jornalista envolvido no trabalho); através de autoria com identificação de jornalista (quando é especificado o nome do jornalista envolvido); sem identificação de autor (quando a peça é feita a partir das notícias de agência ou quando são sons retirados de conferências de imprensa em que a *TSF* esteve

⁵⁴ Segundo Telmo Gonçalves (2005, p.160), o enquadramento no jornalismo têm uma “dupla função: organizar o mundo para os jornalistas que o reportam – são eles que permitem aos jornalistas operacionalizar o processamento de grandes quantidades de informação – e para as audiências”.

⁵⁵ Os géneros jornalísticos a analisar nesta variável tiveram como base a categorização elaborada por João Paulo Meneses (2003, p.183): **notícia, reportagem, entrevista, “poder dos ouvintes”, narrativa, debate, opinião (análise), inquérito de rua e promoções com sons de atualidade**. Contudo, na grelha considerou-se apenas a notícia, a reportagem, a entrevista, a participação dos ouvintes (opinião) e a análise devido ao facto de estes serem os géneros que predominam nos dados recolhidos.

presente – em ambos os casos não se especifica o nome do jornalista envolvido no trabalho);

- **Formato da peça:** referindo se foi transmitida ao vivo ou editada;
- **Local de emissão da peça:** identificando se o foi no estúdio; gravada no local ou em direto no local;
- **Conteúdo:** se apenas são apresentados os factos da notícia ou se existe explicação (esclarecimento sobre o que está em causa); aprofundamento (desenvolvimento do tema em questão, abordando outras questões relacionadas) ou contextualização (informação de *background* que permite perceber o contexto da informação).

Devido à natureza do meio digital, também para o *online* há variáveis específicas:

- **Géneros jornalísticos**⁵⁶: notícias, reportagens, crónicas “weblogs”⁵⁷ e entrevistas;
- **Formatos:** apenas texto; texto e fotografia; texto, fotografia e áudio ou texto, fotografia, áudio e vídeo;
- **Autoria:** semelhante à grelha da antena, mas com categorias diferentes. No *online*, a autoria é feita através da identificação do jornalista da *TSF*; agência (o texto é assinado, por exemplo, pela *Lusa*) ou *TSF* com agência (quando o texto é de agência, mas a *TSF* acrescenta informação que entretanto recolheu);
- **Conteúdo:** semelhante à grelha anterior, com a categoria de “acrescento de informação” no caso de a notícia ter hiperligação para *posts* nas redes sociais;
- **Elementos comuns:** em que na hipótese de o conteúdo ter sido passado da rádio para o *online*, investiga-se quais os elementos que coincidem nos dois meios: a) áudio (gravações editadas ou ao vivo); b) texto escrito; c) ambos (texto e áudio).
- **Passagem para o *online*:** avaliação da forma como os conteúdos são passados da antena para o *site*: a) transposição adaptada, ou seja, o tema e o enquadramento são os mesmos, mas a linguagem é adaptada de acordo com o meio, sem mais nenhum elemento novo; b) complementaridade, em termos de linguagem, isto é, utilização de linguagens específicas do digital, como por exemplo, hiperligações

⁵⁶ Os géneros em análise baseiam-se na classificação atribuída por Salaverría e Cores (2005). Estes autores dividem os géneros no *online* em: **notícia, infografia, dados em bruto, reportagem, crónica “de urgência” ou “weblog”, entrevista, fórum, chat, sondagem, editorial, coluna, “suelto”, cartas ao diretor, crítica ou recensão e vinheta**. Todavia, para esta análise, por serem os mais comuns e utilizados nos temas em observação, apenas foram considerados: notícia, reportagem, entrevista e crónica “weblog”.

⁵⁷ A crónica “weblog” é definida por Salaverría e Cores (2005, p.168-169) como o género jornalístico digital que permite a fácil atualização dos conteúdos através de uma sucessão de textos curtos (com dimensão entre 100 e 300 palavras), organizados de maneira cronológica decrescente. Cada uma destas peças tem, por definição, um título e uma data. Na *TSF*, este formato é internamente designado de “liveblog”.

para *tweets* ou outras redes sociais; em termos contextuais/ilustrativos, com o acrescento, por exemplo, de imagem, não chegando a constituir um conteúdo novo; ou ao nível sonoro em que, ao texto, são acrescentados os áudios transmitidos em antena, não chegando a ser considerado um conteúdo novo; c) sem transposição/produção autónoma, no caso de conteúdos exclusivamente produzidos para o *site*.

6.1. Rádio e *Online*: análise e discussão dos resultados da amostra

6.1.1 *Acontecimentos, editoriais e temas*

Tal como indica a tabela 1, recolhemos uma maior quantidade de peças transmitidas pela antena do que de peças publicadas no *site* da *TSF*. Esta situação ocorre, porque, na rádio há peças que são repetidas de noticiário para noticiário. Segundo a subeditora da Manhã 1 e jornalista da *TSF*, Cristina Lai Men,⁵⁸ essa opção coincide com o ciclo de vida de uma notícia, embora ao longo das horas se tente que os textos sejam reformulados, para que haja um conteúdo refrescado. Contudo, o que acontece é que “de facto, a notícia é importante e tem de estar lá”, até porque como acrescenta a subeditora da Tarde e jornalista da *TSF*, Ana Sofia Freitas,⁵⁹ “quem ouve o noticiário das 10h, pode não ouvir às 11h e ao meio-dia, ou vice-versa” e se a repetição acontece é porque não há mais nada de relevante a acontecer no país e no mundo.

O acontecimento recorrente mais acompanhado pela *TSF*, no período em análise, foi a evolução do novo coronavírus a 9 de março de 2020, com 85 peças (45 em antena e 40 no *online*; cf. Tabela 2). De seguida, com um total de 38 peças surge o Conselho de Ministros a 13 de março de 2020 em que foram discutidas medidas para o combate à pandemia de Covid-19. Sobre este acontecimento, a antena produziu 36 peças e o *online* apenas duas. Isto ocorre quando a antena vai fazendo várias atualizações sobre o acontecimento, sendo que, normalmente, o *online* faz apenas uma peça, no final, com tudo aquilo que se passou. O debate na Assembleia da República a 13 de março de 2020 sobre o estado da pandemia em Portugal surge em terceiro lugar, havendo mais peças no *online* do que em antena. Esta situação é verificada quando o acontecimento é tratado pelo *online* como crónica “weblog” (que foi o que aconteceu neste caso).

⁵⁸ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.6, p.284.

⁵⁹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.7, p.290.

		Meio		Total
		Rádio	Online	
Acontecimentos	Evolução do coronavírus (09.03.2020)	45	40	85
	Reunião de Ministros com António Costa (10.03.2020)	7	1	8
	Plenário Parlamento Europeu (10.03.2020)	2	1	3
	Coronavírus no Futebol (10.03.2020)	6	1	7
	Cuidadores Informais (10.03.2020)	2	1	3
	Reunião Conselho Nacional Saúde Pública (11.03.2020)	11	1	12
	Comissão Parlamentar da Saúde (11.03.2020)	10	6	16
	Alegações Finais de Alcochete (11.03.2020)	5	2	7
	Compra Media Capital pela Cofina (11.03.2020)	8	2	10
	Ligações aéreas entre a Europa e os EUA (12.03.2020)	12	3	15
	Chama Olímpica (12.03.2020)	4	1	5
	Encerramento das escolas (12.03.2020)	13	1	14
	Conselho de Ministros (13.03.2020)	36	2	38
	Debate na Assembleia da República (13.03.2020)	5	18	23
Total		166	80	246

Tabela 1 – Número de peças por acontecimento em cada meio.

Tendo em conta as peças recolhidas, tanto em antena (95), como no *online* (39), a editoria mais utilizada na *TSF* é a de sociedade, perfazendo um total de 134 peças (cf. Tabela 2). De seguida, surge mundo/internacional, com um total de 51 peças, 29 em antena e 22 no *online*. Em terceiro lugar, o desporto com 16 peças na rádio e oito no *site*. Tendo em conta os dados em análise, as editorias menos utilizadas, em ambos os meios, são a política e a economia.

		Meio		Total
		Rádio	Online	
Editorias	Política	13	6	19
	Economia	13	5	18
	Sociedade	95	39	134
	Mundo/Internacional	29	22	51
	Desporto	16	8	24
Total		166	80	246

Tabela 2 – Número de peças pelas editorias mais utilizadas pela *TSF* em cada meio.

Ao cruzar as editorias com os acontecimentos (cf. Tabela 3), percebe-se que, em antena, o acontecimento relacionado com a evolução da Covid-19 a 9 de março de 2020 tem mais peças inseridas na editoria de sociedade (27 peças), com temas relacionados com as medidas tomadas para a prevenção da pandemia no país, as condições para uma quarentena no país ou casos de agressões nas prisões (após terem sido proibidas as visitas devido à pandemia). Já no *online*, este acontecimento foi mais trabalhado na editoria mundo/internacional (18 peças), com temas relacionados às consequências da pandemia a nível global.

		Editoria										Total
		Política		Economia		Sociedade		Mundo/ Internacional		Desporto		
		RAD	ON	RAD	ON	RAD	ON	RAD	ON	RAD	ON	
Acontecimentos	Evolução do coronavírus	0	0	5	1	27	17	12	18	1	4	85
	Reunião de Ministros com António Costa	0	0	0	0	4	1	3	0	0	0	8
	Plenário Parlamento Europeu	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	3
	Coronavírus no futebol	0	0	0	0	0	0	0	0	6	1	7
	Cuidadores informais	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	3
	Reunião Conselho Nacional Saúde Pública	0	0	0	0	11	1	0	0	0	0	12
	Comissão Parlamentar da Saúde	0	0	0	1	10	5	0	0	0	0	16
	Alegações Finais de Alcochete	0	0	0	0	0	0	0	0	5	2	7
	Compra Média Capital pela Cofina	0	0	8	2	0	0	0	0	0	0	10
	Ligações aéreas entre a Europa e os EUA	0	0	0	0	0	0	12	3	0	0	15
	Chama Olímpica	0	0	0	0	0	0	0	0	4	1	5
	Decisão sobre as escolas	9	1	0	0	4	0	0	0	0	0	14
	Conselho de Ministros	3	0	0	0	33	2	0	0	0	0	38
	Debate na Assembleia da República	5	5	0	1	0	12	0	0	0	0	23
	Total	19		18		59		28		11		246

Tabela 3 – Número de peças por acontecimento, distribuídas pelas várias editorias, em ambos os meios.

Outro exemplo: o acontecimento sobre o Conselho de Ministros a 13 de março de 2020, está inserido, na sua maioria, nas editorias de sociedade, em ambos os meios (cf. Tabela 3), com temas que se relacionam com as medidas tomadas para combater a pandemia de Covid-19 e o respetivo impacto em determinados setores sociais (como o comércio, restauração, saúde e educação).

6.1.3 Géneros

A partir da observação do gráfico 1, percebemos que a maioria dos géneros jornalísticos das peças difundidas em antena são as notícias (134 peças), seguidas das reportagens (29 peças). As análises surgem logo de seguida (3 peças), sendo elaboradas por parte da direção da *TSF* ou outros convidados. De acordo com o gráfico 2, no *online* há um maior investimento nas crónicas “weblog” - visto que este é um género exclusivo deste meio (52 peças) - do que nos restantes géneros. A notícia surge logo a seguir com 27 peças e a reportagem é a que representa menor valor.

Tendo em conta a proporção, dado que a antena tem um número total de peças superior ao *online*, o meio tradicional apresenta mais notícias e reportagens do que o *site* que, por

sua vez, aposta mais em “weblogs”, um género exclusivo do digital. Em ambos os meios, dentro dos dados analisados, não foram encontradas entrevistas ou textos de opinião.

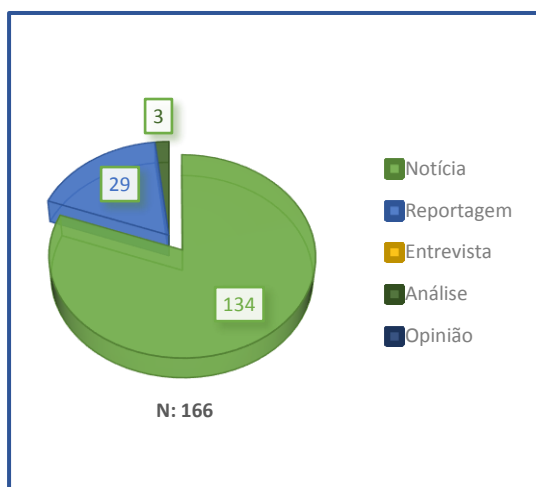


Gráfico 1 - Número de peças por géneros predominantes na rádio

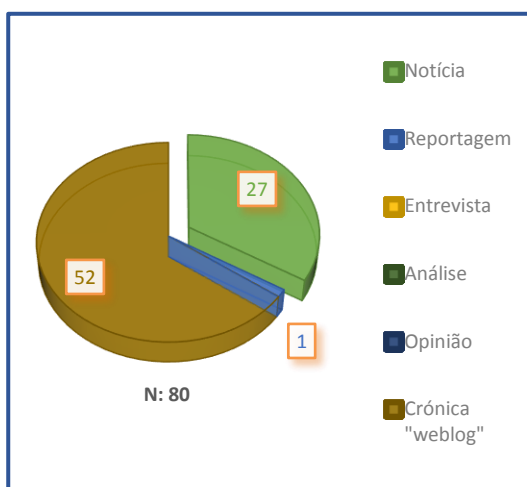


Gráfico 2 - Número de peças por géneros predominantes no online

Por serem elaboradas mais crónicas “weblogs” e notícias no *site* do que qualquer outro género, o editor *online* da *TSF* Pedro Andrade Soares refere que, “infelizmente não é só problema da *TSF*, mas sim do panorama nacional, em que se assiste a menos reportagens e menos produção própria dentro das redações porque há uma escassez gritante de jornalistas”.⁶⁰

Se optarmos por verificar as editorias que produzem mais peças de cada género em ambos os meios (cf. Tabela 4), chegamos à conclusão de que, tendo em conta os dados analisados, no *site* da *TSF*, a crónica “weblog” é mais utilizada em temas relacionados com sociedade (25), mundo/internacional (13), política (seis) e desporto (cinco). Contudo, não é só deste género que vive o *site* da *TSF*: também são feitas notícias - embora em menos quantidade - em sociedade (14), mundo/internacional (8) e desporto (3). Na rádio, o género mais presente são as notícias sobre sociedade (76), mundo/internacional (22), desporto (13) e política (12). De acordo com os dados em análise, são também elaboradas reportagens, ainda que em menor número, nas mesmas editorias referidas anteriormente, exceto política. Verifica-se, assim, que na rádio e no *online* as editorias têm sensivelmente o mesmo peso.

⁶⁰ C.f. as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.4, p.272.

		Género												Total	
		Notícia		Reportagem		Entrevista		Análise		Opinião		Crónica "weblog"			
		RAD	ON	RAD	ON	RAD	ON	RAD	ON	RAD	ON	RAD	ON		
Editorias	Política	12	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	6	19
	Economia	11	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	18
	Sociedade	76	14	19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	25	134
	Mundo/Internacional	22	8	5	1	0	0	2	0	0	0	0	0	13	51
	Desporto	13	3	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5	24
TOTAL		161		30		0		3		0		52		246	

Tabela 4 - Temas mais tratados por cada género jornalístico, na rádio e no online

6.1.2 Enquadramento⁶¹

A rádio e o *online* podem apresentar enquadramentos diferentes para o mesmo tema dependendo da forma como o acontecimento é acompanhado por cada meio (por exemplo, quando na rádio se noticia aquilo que vai ocorrendo ao longo de um evento e no *online* apenas se publica o resultado ou quando a antena aborda o acontecimento dando conta das implicações em diversas áreas da sociedade e reações de vários protagonistas a determinado aspeto, enquanto o *online* opta apenas por algumas dessas opções).

Por esta razão, é normal que o mesmo acontecimento tenha diferentes enquadramentos em cada meio, como acontece, por exemplo, com o Conselho de Ministros que terminou durante a madrugada de 13 de março de 2020, onde se discutiram medidas de prevenção à Covid-19 em Portugal (tal como mostra o gráfico 3). Aqui, a rádio produziu 36 notícias (14 foram sendo repetidas ao longo dos noticiários), dando conta das medidas nas várias áreas da sociedade, como a saúde, a educação ou a economia, mostrando, ao mesmo tempo, reações de determinados protagonistas relacionados com estas áreas. O *online* apenas publicou duas notícias referentes às medidas para a saúde e viagens de finalistas.

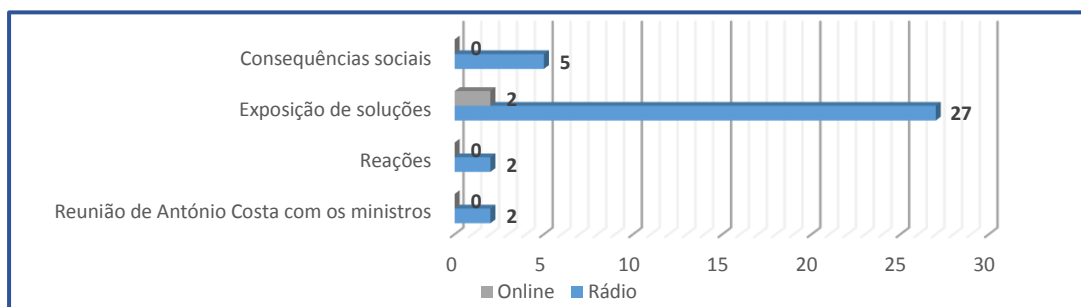


Gráfico 3 - Número de peças por enquadramento em cada meio (Conselho de Ministros de 13 de março de 2020).

No gráfico 4, que mostra o debate na Assembleia da República, a 13 de março de 2020 às 10h da manhã, sobre a evolução da pandemia de Covid-19 em Portugal, quando o

⁶¹ Os dados referentes a todos os acontecimentos encontram-se numa tabela no anexo K.1, p.136-137 (tabela 14).

acontecimento é tratado pelo *online* (e, aqui, é-o, maioritariamente pelo género crónica “weblog”), os enquadramentos são mais diversificados daqueles que foram dados na rádio.

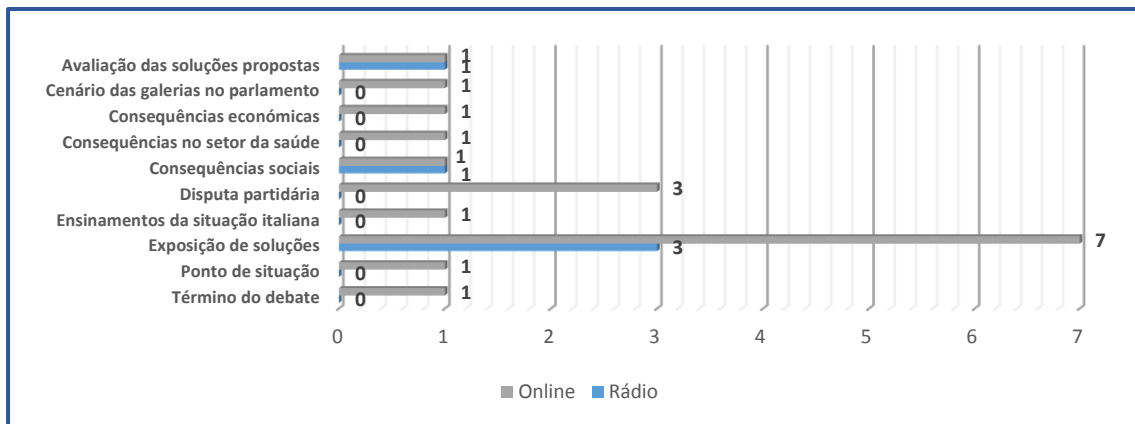


Gráfico 4 – Número de peças por enquadramento em cada meio (debate na Assembleia da República a 13 de março de 2020).

Existem, por outro lado, determinados enquadramentos que coincidem em ambos os meios. Isto ocorre especialmente em acontecimentos onde o mesmo jornalista produziu uma peça para a antena e outra para o *online*, como acontece, por exemplo, com a sessão plenária no Parlamento Europeu da manhã do dia 10 de março de 2020 sobre a evolução do coronavírus na Europa⁶². Por ter sido o mesmo jornalista que produziu as peças para ambos os meios, tanto na rádio, como no *online*, o enquadramento dado foi o mesmo: “exposição de soluções”, sendo o tema principal as possíveis respostas para o combate à pandemia de Covid-19 a nível europeu.

6.1.4 Elementos comuns

Na análise da passagem de conteúdos da rádio para o *site* da *TSF* considerou-se três formas: transposição adaptada, complementaridade ou produção autónoma do site.

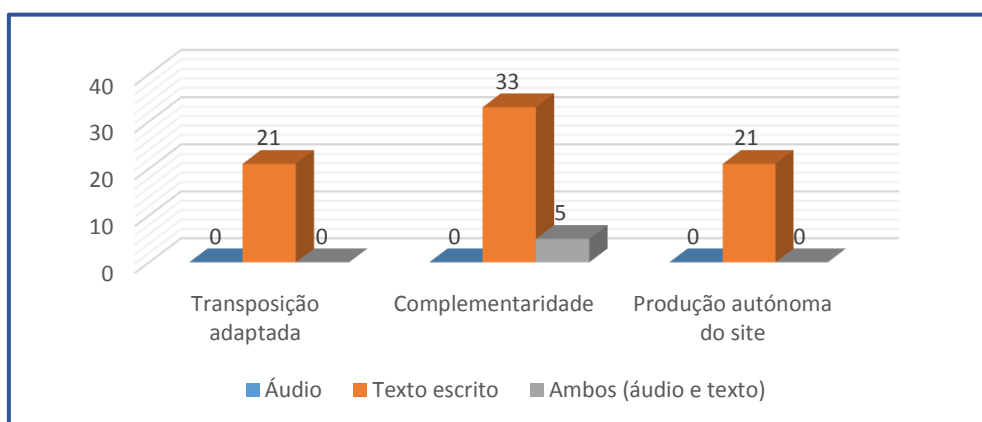


Gráfico 5 – Número de peças por elementos comuns predominantes na passagem dos conteúdos da rádio para o site da *TSF*

⁶² O print relativamente a esta peça está disponível no anexo L, página 217 (figura 110).

Tal como se observa no gráfico 5, a transposição adaptada é observada em 21 peças, quando se passa o texto que é transmitido em antena para o *site*, por meio da escrita⁶³. A título de exemplo, a evolução da Covid-19 a 9 de março de 2020, foi tratada numa peça com o encerramento de estabelecimentos de ensino, publicada às 11h01⁶⁴, e noutra com a linha de crédito criada pelo Governo para apoiar as empresas afetadas pela pandemia, publicada às 12h43⁶⁵.

A complementaridade acontece ao nível contextual/ilustrativo quando é acrescentada uma fotografia à notícia (total de 38 peças), como aconteceu, por exemplo, a 10 de março de 2020, em que o tema principal foi os jogos de futebol à porta fechada devido à Covid-19⁶⁶. O complemento pode também surgir ao nível da linguagem quando é acrescentado um *post* de alguma rede social, como por exemplo, a 12 de março de 2020 se informou sobre o encerramento das ligações aéreas entre a Europa e os EUA devido à Covid-19. Nesta peça, que tem como tema a reação da União Europeia a esta decisão, é apresentada uma hiperligação para um *tweet* do presidente do Conselho Europeu, Charles Michel⁶⁷. Também pode ser verificada uma complementaridade ao nível sonoro, num total de cinco peças, quando o texto escrito é complementado com o áudio que passou em antena. Esta situação verificou-se, por exemplo, quando numa notícia sobre as condições para se fazer quarentena em Portugal, foi então acrescentado o áudio da Secretária de Estado da Administração Interna, Patrícia Gaspar, a explicar o que está em causa⁶⁸. Note-se também que nenhum elemento em comum é apenas o áudio, dado que sendo um *site*, é natural que se acrescente, pelo menos, algum texto.

A produção autónoma do *site* verificou-se em 21 peças (em que são utilizadas as crónicas “weblog”, o género exclusivo do digital, em acontecimentos que foram acompanhados ao minuto em ambos os meios, como por exemplo, o debate na Assembleia da República sobre a Covid-19 a 13 de março de 2020). Apesar de os temas relacionados com o acontecimento serem os mesmos na rádio e no *online*, a forma de fazer o acompanhamento é distinta, dado que em antena é emitido o acontecimento em direto, na íntegra, com a introdução, ao longo do evento, de pequenos resumos feitos, ao vivo, por

⁶³ Apesar de ser um género específico do meio digital, aqui foram consideradas peças tratadas pelo *site* como crónicas “weblog” sendo o tema e enquadramento os mesmos em ambos os meios, verificando-se apenas diferenças de linguagem.

⁶⁴ O print relativamente a esta peça está disponível no anexo L, p. 200 (figura 93).

⁶⁵ O print relativamente a esta peça está disponível no anexo L, p. 194 (figura 87).

⁶⁶ O print relativamente a esta peça está disponível no anexo L, página 218 (figura 111).

⁶⁷ O print relativamente a esta peça está disponível no anexo L, página 230 (figura 125).

⁶⁸ O print relativamente a esta peça está disponível no anexo L, página 207 (figura 100).

um jornalista. Já no *online* vai sendo transcrito em texto aquilo que está a ser dito pelos protagonistas do acontecimento.

A rádio influencia o *online* ao nível do conteúdo que é publicado. Hoje em dia, influenciam-se mutuamente. Quem o diz é a jornalista da *TSF* Carolina Rico que refere que “a notícia não tem hora” e, por isso, não se deve esperar pelo noticiário da rádio para publicar algo no *online*⁶⁹. Também a jornalista da *TSF* Inês Figueiredo sendo da mesma opinião, afirma que tudo o que está na rádio, está no *online* e é muito raro “por questões editoriais”, não aparecer alguma coisa no *online* que passou na rádio. Claro que, como Sara Beatriz Monteiro esclarece, apesar de os meios se influenciarem, é preciso adaptar as linguagens e transcrever os sons⁷⁰. Para que os conteúdos que passam *on-air* sejam publicados no *site*, o editor *online* Pedro Andrade Soares afirma que é necessária uma coordenação entre os editores para decidir o que deve ser aproveitado para os dois meios, devido às limitações de tempo e espaço na antena que o *online* não tem.⁷¹

6.1.5 Fontes

É importante mencionar que a antena tenta sempre obter notícias diferenciadas, nem que seja através da gravação do depoimento de algum protagonista, sendo essa informação sempre aproveitada para o *site*.

Tal como observado através dos gráficos 6 e 7, em ambos os meios são privilegiadas as fontes próprias, ou seja, a informação recolhida pelos próprios jornalistas da *TSF*. É possível observar também que se recorre, ainda que em menor escala, às informações das agências e a outros meios.

Na rádio, como mostra o gráfico 6, há 117 peças em que as fontes utilizadas são as próprias da *TSF*, 44 são de agências noticiosas e cinco de outros meios de comunicação. Já no gráfico 7, que representa o meio *online*, verifica-se que há mais informação a chegar das agências (41) do que a ser recolhida diretamente pelos jornalistas (próprias) (37), sendo que apenas duas peças têm como fonte outros meios de comunicação. Proporcionalmente, o *online* recorre mais às agências do que a antena, mas na rádio o número é muito superior no que toca às fontes “próprias”.

⁶⁹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.8, p.295.

⁷⁰ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.9, p.303.

⁷¹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.4, p.272.

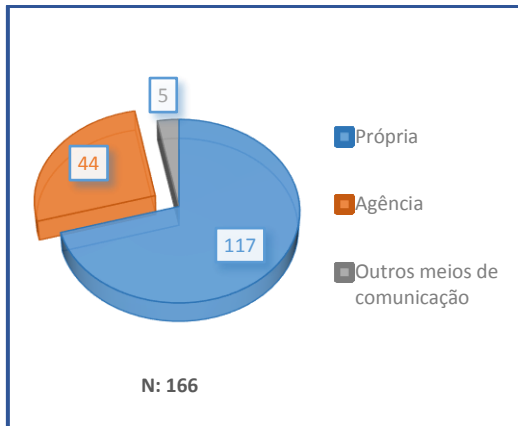


Gráfico 6 - Número de peças por fontes na rádio

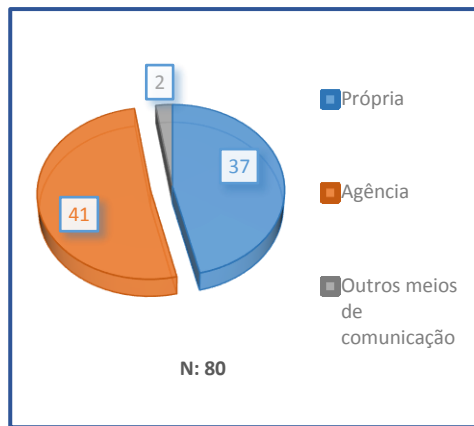


Gráfico 7 - Número de peças por fontes no online

O facto de, em ambos os meios, mas em especial no *online*, existir uma quantidade relevante de fontes proveniente de agências noticiosas, nomeadamente da *Lusa*, é explicado pelo diretor interino da *TSF*, Pedro Pinheiro, que indica a “insuficiência de meios e incapacidade de estar em todo o sítio”⁷². O mesmo refere o editor *online* Pedro Andrade Soares que, ao reconhecer que existe um excesso de *Lusa* no *site*, diz que a agência de notícias colmata o problema da escassez de recursos humanos da maioria das redações⁷³. A editora *online* da *TSF* Teresa Mota acrescenta que o *site*, por não ter um tempo limitado, como acontece na rádio, “pode recorrer mais vezes às agências”⁷⁴.

6.1.6 Autoria

Analisando o gráfico 8, percebe-se que, em antena, 51 peças são produzidas pelos jornalistas da estação, enquanto 41 têm indicada como autoria “*TSF*” - sendo identificadas pelas expressões “em declarações à *TSF*” ou “à *TSF*” - e 74 não têm identificação de autoria por serem peças que são feitas a partir de agências ou por serem informações retiradas, por exemplo, de conferências de imprensa em que a *TSF* esteve presente, mas não é identificado o nome do jornalista.

No *online*, através do gráfico 9, verifica-se que há 39 peças produzidas pelos jornalistas, 38 por agência e três são pela *TSF* em conjunto com agências (o que acontece quando a peça é de agência, mas a *TSF* recolheu, entretanto, algum depoimento).

Ainda que o número total de peças na antena seja o dobro das peças do *online*, a proporção de peças elaboradas com identificação de jornalistas da *TSF* é maior no *online*, dado que

⁷² C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.1, p.246.

⁷³ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.4, p.273.

⁷⁴ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.5, p.279.

em antena, há mais peças a não serem identificadas ou a serem assinadas apenas com “TSF”.

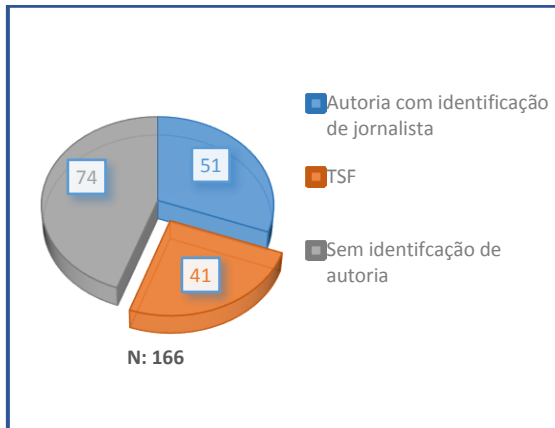


Gráfico 8 - Número de peças por autoria na rádio

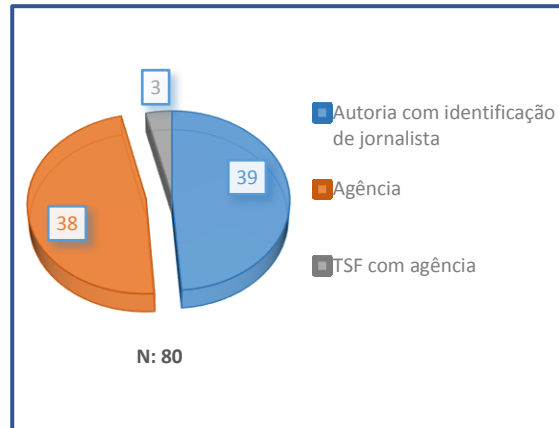


Gráfico 9 - Número de peças por autoria no online

6.1.7 Modo de obtenção de informação

Tal como mostra o gráfico 10, em antena, há 128 peças que foram feitas a partir do interior da redação da *TSF*, por exemplo, através do telefone ou dos *takes* que chegam das agências. Em 38 peças, os jornalistas deslocaram-se ao local do acontecimento. No *online*, a partir do gráfico 11, percebe-se que a grande maioria das peças (76) foram feitas no interior da redação e apenas quatro peças têm informações recolhidas a partir do local. Proporcionalmente, o *online* recolhe mais informação a partir do interior da redação do que a antena que, dentro do espetro de dados analisado, vai mais ao exterior. É importante realçar que as quatro peças do *online* que se referem ao exterior dizem respeito a um jornalista da antena que foi ao local recolher informações e que, depois, além de produzir uma peça para a antena, também escreve para o *site*, como se verifica no acontecimento referente ao processo relativo à invasão da Academia do Sporting Clube de Portugal, em Alcochete, que tem como tema principal a absolvição do ex-presidente do clube, Bruno Carvalho.⁷⁵

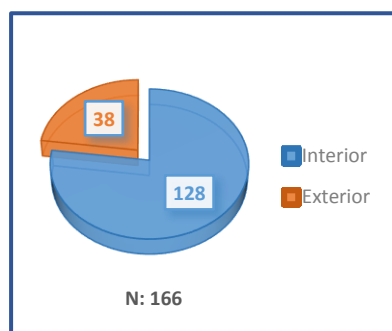


Gráfico 10 - Número de peças por modo de obtenção da informação na rádio.

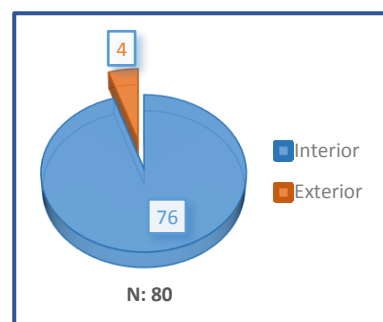


Gráfico 11 - Número de peças por modo de obtenção da informação no online.

⁷⁵ O print relativamente a esta peça está disponível no anexo L, página 225 (figura 120).

Na rotina diária da equipa que trabalha para o *site*, não é habitual os jornalistas irem para o terreno. A jornalista do *online* Carolina Rico explica que, apesar de poderem propor temas de reportagens ou entrevistas, “no dia-a-dia das *hard news*, não há pessoas suficientes no *online* para assegurar tudo, ou seja, que mantenham um site mais ou menos vivo e permitir que alguém saia efetivamente da redação e vá cobrir um acontecimento”⁷⁶. O mesmo acontece na antena, ainda que em menor quantidade.

Em antena, uma das formas mais comuns para recolher a informação a partir do interior da redação é através do telefone. A subeditora da Manhã 1, Cristina Lai Men, explica que o telefone funciona melhor para a rádio porque “é mais barato, não implica a deslocação e é a forma mais fácil para obter as reações”.⁷⁷ Também a subeditora da Tarde, Ana Sofia Freitas, é da mesma opinião, referindo que é “mais rápido e há coisas que não fazem sentido nenhum mandar alguém para o terreno”.⁷⁸

6.1.8 Modo de produção da informação

Tendo em conta apenas aquilo que acontece na antena, a partir do gráfico 12 percebe-se que a maioria do conteúdo informativo é emitido ao vivo, no estúdio. Esta situação ocorre porque muitas das peças analisadas são lidas pela edição quando o noticiário vai ao ar. Por isso, apenas 41 peças são previamente editadas, tratando-se de um jornalista que grava uma peça para depois ser transmitida. Destas, a maior parte é gravada/editada no estúdio (34 peças) e não no local dos acontecimentos (sete peças). Não considerando o número de peças que são lidas ao vivo no estúdio pelo editor do noticiário, deduz-se que há mais peças a serem gravadas e editadas no estúdio antes de irem ao ar do que a serem transmitidas ao vivo, a partir do local.

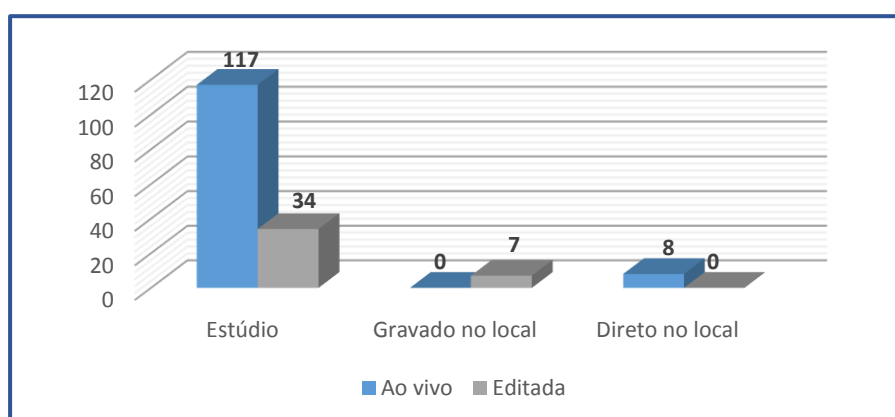


Gráfico 12 - Número de peças por modo de divulgação da informação na antena da TSF.

⁷⁶ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.8, p.299.

⁷⁷ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.6, p.286.

⁷⁸ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.7, p.292.

Indo mais além, através da tabela 5 percebe-se que, em antena, apenas um dos 14 acontecimentos foi totalmente emitido em direto. Neste caso, um debate na Assembleia da República sobre a evolução da pandemia de Covid-19 em Portugal, a 13 de março de 2020. O *online* fez o acompanhamento ao minuto de dois dos 14 acontecimentos em análise: a Comissão Parlamentar da Saúde a 11 de março de 2020, onde se discutiu o ponto de situação da pandemia em Portugal e também o debate na Assembleia da República a 13 de março de 2020 (o mesmo que foi emitido em direto, na antena).

		Emissão em direto/accompanhamento ao minuto	
		Rádio	Online
Acontecimentos	Evolução do coronavírus	Não	Não
	Reunião de Ministros com António Costa	Não	Não
	Plenário Parlamento Europeu	Não	Não
	Coronavírus no Futebol	Não	Não
	Cuidadores Informais	Não	Não
	Reunião Conselho Nacional Saúde Pública	Não	Não
	Comissão Parlamentar da Saúde	Não	Sim
	Alegações Finais de Alcochete	Não	Não
	Compra Media Capital pela Cofina	Não	Não
	Ligações aéreas entre a Europa e os EUA	Não	Não
	Chama Olímpica	Não	Não
	Encerramento das escolas	Não	Não
	Conselho de Ministros	Não	Não
	Debate na Assembleia da República	Sim	Sim

Tabela 5 - Acontecimentos emitidos em direto/accompanhados ao minuto pela rádio e online da TSF

Na rádio, foram contabilizadas ainda sete peças realizadas em direto, nomeadamente nos acontecimentos relacionados com a evolução da pandemia de Covid-19 a 9 de março de 2020, as alegações finais do processo de Alcochete a 11 de março de 2020, o encerramento das ligações aéreas entre a Europa e os EUA a 12 de março de 2020, o Conselho de Ministros e o debate na Assembleia da República sobre o coronavírus, ambos a 13 de março de 2020.

A razão para haver menos diretos ou deslocações ao local é só uma e é a mesma que foi dada anteriormente: falta de recursos e meios, diz o diretor adjunto da *TSF*, Ricardo Alexandre.⁷⁹ A subeditora da Manhã 1 e jornalista da *TSF*, Cristina Lai Men, explica que o meio da comunicação social atravessa uma crise e “é cada vez mais difícil ir *ao fim da rua e ao fim do mundo*”, mas que “o papel do jornalista deveria ser sempre ir para a rua e ouvir as pessoas”⁸⁰. O mesmo pensa a subeditora da Tarde e jornalista, Ana Sofia

⁷⁹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.2, pp.257-258.

⁸⁰ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.6, p.286.

Freitas, que afirma que “não é possível fazer bom jornalismo em rádio sem falar com pessoas”.⁸¹

No que respeita à visão dos jornalistas, Carolina Rico lembra que o *slogan* da *TSF* é “*ir ao fim do mundo e ao fim da rua*” e que, deixar de ir ao fim da rua é “perigoso” porque a visão do jornalista no terreno “acrescenta valor e é uma mais-valia enorme para todo o trabalho jornalístico”⁸². Não ir ao terreno é, na opinião do jornalista Filipe Santa Bárbara, o que “mata a rádio e qualquer outro meio”.⁸³ A jornalista da *TSF* Sara Beatriz Monteiro compara o trabalho de secretária ao de um monge copista: “O jornalista quando adapta uma *Lusa* ou um texto de um colega, não se sente como tal, mas sim como um monge copista.”⁸⁴ A jornalista da *TSF* Rita Carvalho Pereira refere que o maior trabalho de secretária, principalmente no *online*, tem de ser combatido com “investimento e confiança das direções e administrações de que é preciso procurar histórias inovadoras e não ficar só à espera que caia uma última hora”.⁸⁵

6.1.9 Conteúdo⁸⁶

Devido ao facto de no *online*, dentro dos dados em análise, o género predominante ser a crónica “weblog”, o que acontece é que os conteúdos apresentam apenas uma apresentação dos factos, isto é um texto escrito em pouco mais de duas linhas. A título de exemplo, considere-se o gráfico 13 que mostra as peças produzidas sobre o debate na Assembleia da República a 13 de março de 2020, que teve como tema principal a evolução do coronavírus no país.

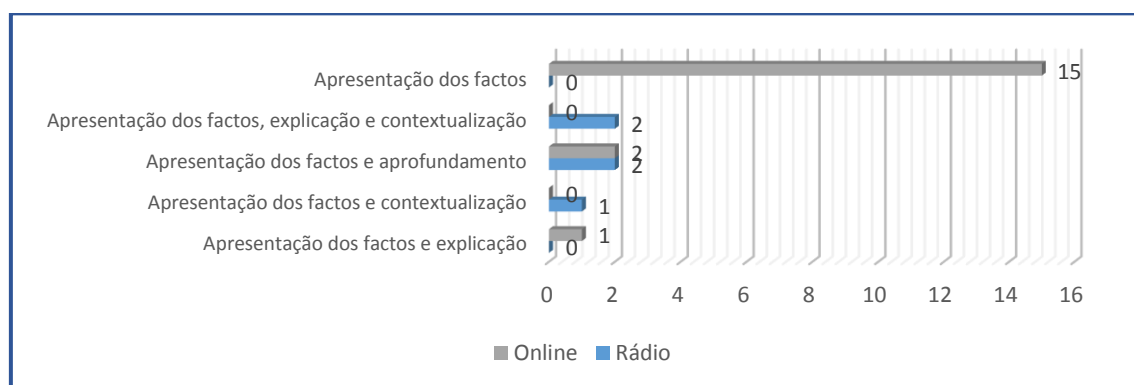


Gráfico 13 - Número de peças por conteúdo em ambos em meios, referente ao debate na Assembleia da República a 13 de março de 2020.

⁸¹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.7, p.291.

⁸² C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.8, p.298-299.

⁸³ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.11, p.318.

⁸⁴ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.9, p.305.

⁸⁵ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.10, p.3011.

⁸⁶ Os dados referentes a todos os acontecimentos encontram-se numa tabela no anexo K.2, pp.138-141 (tabela 15).

Apesar de a rádio investir mais na explicação, contextualização e aprofundamento da informação, não quer dizer que não se faça apenas a “apresentação de factos” (algo que acontece em 35 das 166 peças analisadas em antena).

Também é importante reforçar que no *online* existe informação além da mera apresentação dos factos, nomeadamente nas notícias que vêm das agências noticiosas que investem na contextualização e explicação do conteúdo através da citação das declarações dos protagonistas. O mesmo acontece na rádio, visto que a explicação é maioritariamente realizada através dos áudios. Quando não há som, o jornalista ou editor explica a informação, recorrendo, por exemplo, ao resumo e síntese das declarações dos protagonistas. A título de exemplo, observe-se o gráfico 19 que mostra as peças produzidas sobre a evolução do coronavírus em todo o mundo a 4 de março de 2020.

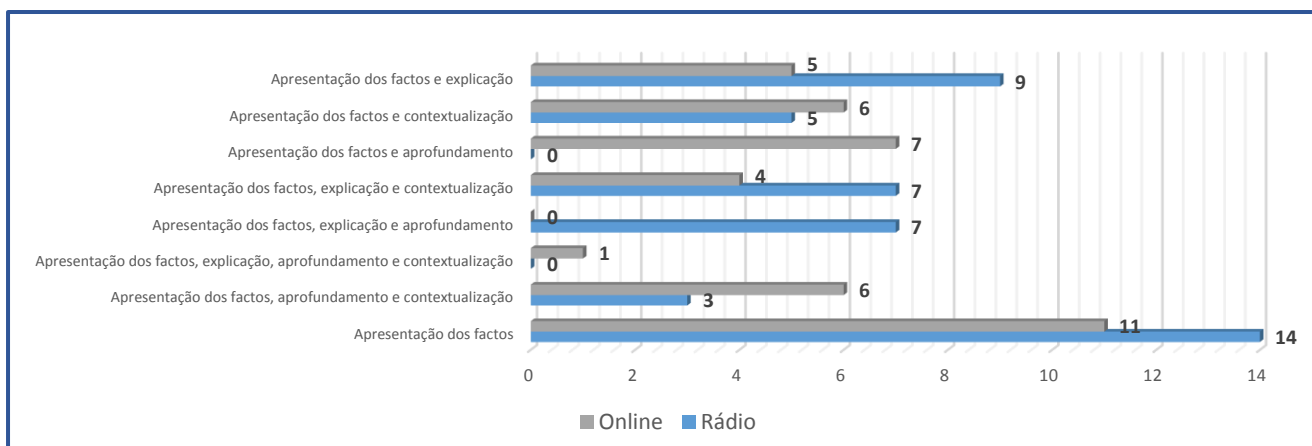


Gráfico 14 - Número de peças por conteúdo em ambos em meios, referente à evolução da Covid-19 a 9 de março de 2020.

Olhando apenas para o *online*, verifica-se que apenas em um dos 80 conteúdos analisados existe um acrescento de informação, isto é, uma hiperligação para publicações feitas em redes sociais e que ilustram o que está escrito⁸⁷. Esta situação ocorre num exemplo já dado anteriormente sobre o encerramento das ligações aéreas entre a Europa e os EUA, com a reação do presidente do Conselho Europeu, Charles Michel⁸⁸.

Tal como foi mencionado, no *online*, a mera apresentação dos factos é realizada maioritariamente no formato de crónicas “weblogs”. A editora *online* Teresa Mota indica que nesse formato o objetivo é ir dando a notícia para depois, num segundo momento, decidindo de acordo com os critérios notícia o que vai ser isolado ou não, ser feito um enquadramento com informação mais pormenorizada. O editor *online* Pedro Andrade

⁸⁷ A tabela referente a esta análise pode ser encontrada no anexo K.2, pp. 138-141 (tabela 15).

⁸⁸ O print relativamente a esta peça está disponível no anexo L, página 230 (figura 125).

Soares detalha que num *liveblog*, a informação deve ser mais curta, direta e quase tomando a forma de *lead*. Na verdade, a lógica é “ter mais entradas sobre um tema, mas com diferentes perspetivas e informação sucinta, sendo que essas entradas mais curtas quando são mais importantes têm um desenvolvimento posterior e um texto isolado”.⁸⁹

6.1.10 Linguagem

No que respeita a esta variável, cada meio assume as suas próprias características. Através da leitura das notícias observa-se que no *online* e na rádio a linguagem é concisa e simples, não existindo nenhuma característica que interfira um no outro, apesar de na rádio assumir uma estrutura mais coloquial e no *online* mais formal. Estas características podem ser observadas, por exemplo, numa notícia dada em antena às 10h00, no dia 11 de março de 2020, referente à suspensão das ações na sequência da falha da compra da *Media Capital* pela *Cofina*⁹⁰, que mostra que são cumpridas as regras referidas por Meneses (2016): o tempo verbal no presente do indicativo, as referências temporais “esta manhã” e o uso do discurso indireto.

No *online*, a título de exemplo, verifique-se uma notícia sobre a evolução da Covid-19, que destaca a situação vivida nas prisões publicada 9 de março de 2020, às 11h11⁹¹. O meio digital não requer o imediatismo do meio tradicional, tal como menciona Reis (2013), por isso, os tempos verbais utilizados pela *TSF online* variam entre o passado e o presente do indicativo. Além disso, os protagonistas são citados, entre aspas e em discurso direto.

Outro aspeto a ter em conta é a publicação das declarações em formato de áudio, quando passaram em antena, tal como acontece com uma notícia publicada a 9 de março de 2020, às 11h33⁹². Neste caso, para além do som, o jornalista transcreve as declarações para o texto, verificando-se, assim, uma repetição do som para o texto escrito.

A técnica de redundância ou espiral referida por Meneses (2016) é utilizada na antena da *TSF*, uma vez que no final de cada notícia, é feita uma síntese que resume a informação dada previamente. No *online*, estas técnicas não fazem sentido, visto que o leitor pode voltar atrás para ler outra vez. Nas notícias emitidas *on-air* pela *TSF*, as regras da pirâmide invertida são também respeitadas. No *online*, o primeiro elemento, neste caso o título,

⁸⁹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.4, p.273.

⁹⁰ A notícia pode ser consultada através do endereço: <https://www.tsf.pt/programa/noticiarios.html>

⁹¹ O print relativamente a esta peça está disponível no anexo L, p. 215 (figura 108).

⁹² O print relativamente a esta peça está disponível no anexo L, p.207 (figura 100).

deve ser o mais apelativo possível (Bryan, W., 2005, p.71; Reis, 2013, p.227) e o *lead* revela as informações mais relevantes para que o leitor decida se quer continuar a ler o conteúdo (Bryan, W., 2005, p.72). Franco (2009, p.88) defende a utilização de uma pirâmide invertida horizontal em que as primeiras palavras do título ou da frase têm de ser pautadas de informação, facilitando a procura visual dos conteúdos relevantes. No *site*, a *TSF* continua a preferir-se a pirâmide invertida tradicional. Os textos são, na sua maioria, lineares e semelhantes àqueles que são publicados num jornal. No entanto, em alguns casos, a informação pode estar organizada de acordo com subtemas divididos por subtítulos, técnica essa que permite romper a uniformidade do texto, tal como se pode verificar numa notícia publicada a 11 de março de 2020, às 12h14 sobre a evolução do coronavírus em Portugal, assunto que foi abordado na Comissão Parlamentar da Saúde.⁹³

A linguagem do *online* tem, contudo, algumas especificidades. O primeiro é o **hipertexto**. Na *TSF* não é muito comum a utilização desta ferramenta, pelo que, dentro dos temas analisados, o hipertexto é visível para artigos relacionados já publicados anteriormente, tal como se observa numa notícia publicada a 10 de março, às 12h27, sobre o coronavírus no futebol⁹⁴, ou em crónicas “weblogs” em que a informação foi isolada para um texto com mais informações. O editor *online* Pedro Andrade Soares⁹⁵ dá também o exemplo de um formato *longform*, que internamente é apelidado de “reportagem”, em que são usadas também algumas hiperligações. Este formato apenas surge com temas e textos muito longos, que são divididos em vários subtemas e depois existe uma hiperligação para um texto mais pormenorizado sobre esse tema⁹⁶.

A **multimédia** é a segunda característica fundamental, tal como já foi abordado no enquadramento teórico. Tal como é observado no gráfico 15, há uma grande parte dos conteúdos publicados na página da *TSF* – 33 peças – que apresentam texto ou fotografia. O áudio é muito pouco usado nas notícias do *site* e o vídeo não teve investimento nenhum, no período a que reportam os dados analisados. Verifica-se ainda que as crónicas “weblog” são maioritariamente produzidas apenas através de texto (42 peças), enquanto as notícias e reportagens têm texto e fotografia, e algumas vezes, áudio.

⁹³ O print da notícia pode ser consultado no anexo L, p.223 (figura 118).

⁹⁴ O print da notícia pode ser consultado no anexo L, p.218 (figura 111).

⁹⁵ C.f. as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.4, 272.

⁹⁶ Nos temas em análise, não foram encontradas peças nestes formatos.

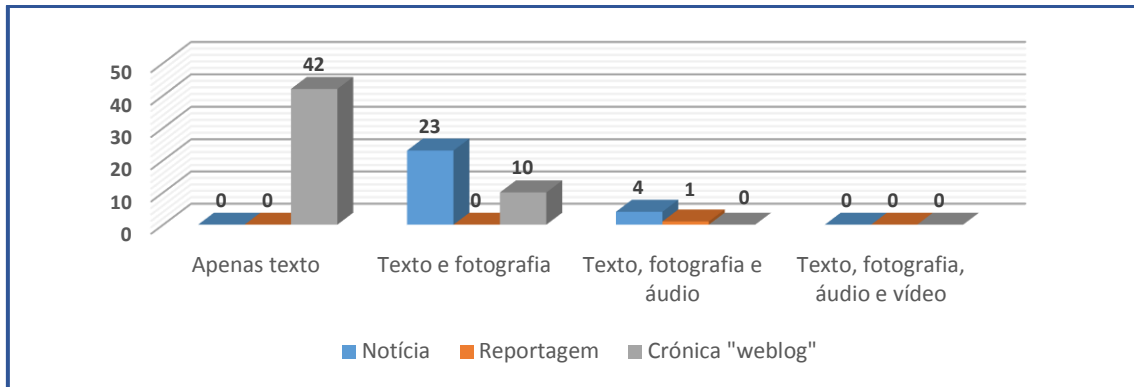


Gráfico 15 - Número de peças por formatos de multimédia no site da TSF.

Relativamente ao facto de o *site* ter muito mais texto do que outro qualquer formato, Teresa Mota esclarece que, normalmente, o som acrescenta conteúdo àquilo que está no texto, mas pode não estar presente, se não fizer sentido ou se for redundante⁹⁷. Pedro Andrade Soares acrescenta que a ausência de um som pode ser compensada com um texto bem construído e que depende muito daquilo que o leitor/ouvinte procura no *site* da TSF⁹⁸. No que respeita às crónicas “weblogs”, Pedro Andrade Soares apelida a situação de “gatekeeping técnico”⁹⁹ dado que este formato foi construído para as várias publicações do grupo *Global Media* e, sendo a TSF a única rádio do grupo, estão à espera que seja possível acrescentar áudios a este género digital. Relativamente à falta de vídeos ou até infografias, a resposta de Teresa Mota e Pedro Andrade Soares são as mesmas: falta de meios, recursos humanos e materiais. No entanto, esse é um caminho que a TSF continua a procurar.¹⁰⁰

A terceira característica importante da linguagem no *online* é a **interatividade**. No *site*, a TSF disponibiliza os comentários que vêm da rede social *FaceBook*, através de um *plugin*. A interatividade é, do ponto de vista da jornalista da TSF Sara Beatriz Monteiro¹⁰¹ uma forma de potenciar a rádio e o *online*, dando o exemplo do “Fórum TSF”, apresentado por Manuel Acácio, em que através do convite feito através do *site*, o objetivo é encaminhar as pessoas para a rádio.

6.1.1.1. Género, fontes e autoria em acontecimentos de grande cobertura na TSF

A título exploratório, foram ainda analisados três acontecimentos “especiais”, isto é, que saem da ordem do dia, relacionados com eventos de elevada noticiabilidade e expectável

⁹⁷ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.5, p.279.

⁹⁸ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.4, p.271.

⁹⁹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.4, p.273.

¹⁰⁰ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.4, p.273 e M.5, p.280.

¹⁰¹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.9, p.305.

intensidade de cobertura por parte da *TSF*, como a Votação do Orçamento do Estado a 6 de fevereiro de 2020, um debate quinzenal na Assembleia da República a 4 de março e a Super Terça-Feira Americana (um processo prévio às eleições norte-americanas) a 4 de março. No total, foram tidas em conta 135 peças: 52 em antena, sendo 11 repetidas, e 83 publicadas no *site*. Estes acontecimentos revelaram algumas diferenças no que toca a algumas variáveis, nomeadamente no género, fontes e autoria.

Nestes acontecimentos - ao contrário do que aconteceu nos observados anteriormente a partir da recolha sistemática ao longo da semana - o *online* produziu mais peças do que a antena, visto estes terem sido acontecimentos acompanhados ao minuto no *site*, através de crónicas “weblog” (como se observa, de seguida, no gráfico 17).

Na variável correspondente ao “género”, em acontecimentos que não são da ordem do dia, mas em que é esperada uma grande cobertura por parte da *TSF*, em antena são utilizados outros géneros jornalísticos para além das notícias e reportagens, existindo assim uma maior diversidade (Cf. gráfico 16). As análises e a opinião coincidem com a transmissão em direto do acontecimento da Votação do Orçamento do Estado a 6 de fevereiro de 2020 que foi alvo de debate no “Fórum TSF”. No *online* (Cf. gráfico 17), a aposta continua a ser maioritariamente em crónicas “weblog”, dado estes serem acontecimentos acompanhados ao minuto pelo *site*. Desta forma, apesar de o *online* ter um maior número de peças, proporcionalmente, a antena faz mais notícias e reportagens do que o *site*, que continua a apostar nas crónicas “weblogs”.

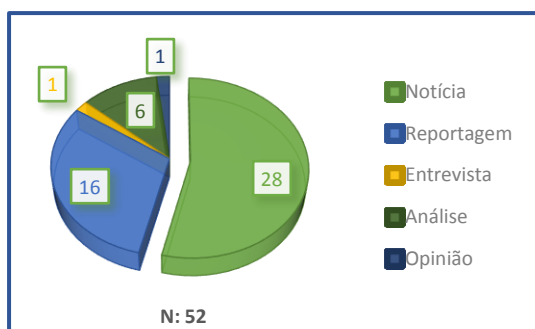


Gráfico 16 - Número de peças por géneros predominantes na rádio, em acontecimentos “especiais”

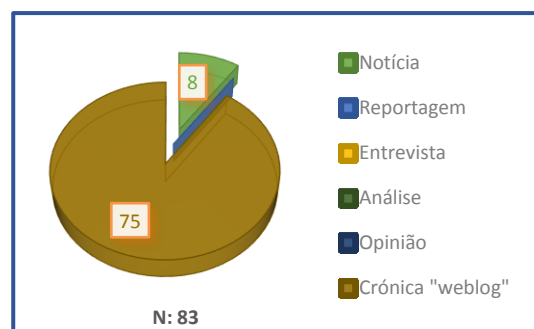


Gráfico 17 - Número de peças por géneros predominantes no online, em acontecimentos “especiais”

No que toca às fontes, os gráficos 18 e 19 permitem perceber que ambos os meios apostam na busca das informações, ao invés de considerarem as informações vindas das agências noticiosas, dado que, em acontecimentos deste tipo, normalmente, está presente algum repórter da antena da *TSF* no local. Neste gráfico, as fontes de agência dizem maioritariamente respeito à Super Terça-Feira Americana de 4 de março de 2020 que,

sendo um evento internacional e não tendo a *TSF* jornalistas destacados no terreno, a informação chega através das agências noticiosas. Proporcionalmente, os números são equilibrados em ambos os meios quando se trata das informações que chegam através de fontes da *TSF*, mas a antena, por ter um menor número total de peças, investiu mais em fontes de agência do que o *online*, ao contrário do que se observou na análise aos acontecimentos recorrentes.

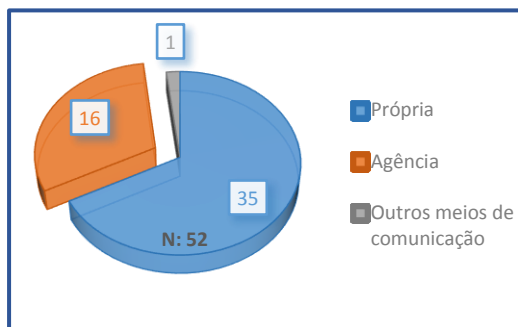


Gráfico 18 - Número de peças por fontes na antena, em acontecimentos "especiais"

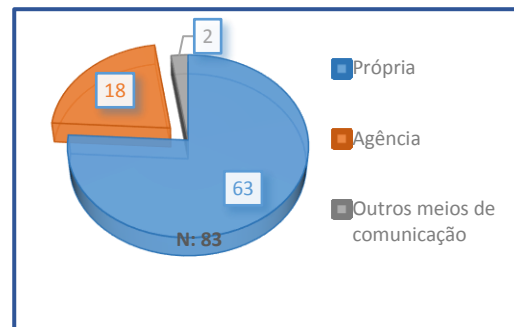


Gráfico 19 - Número de peças por fontes no online, em acontecimentos "especiais"

Como já foi mencionado anteriormente, a forma de identificação da autoria difere entre a rádio e o *online*. No gráfico 20, percebe-se que, em antena, a maior parte das peças são assinadas com identificação do jornalista (30), dado que, como já foi dito, nestes eventos em específico, há normalmente algum repórter da *TSF* no local. Como se verificou nos exemplos anteriores, a não identificação do jornalista em 15 peças acontece pelo mesmo motivo: a peça é lida a partir de textos de agência, não sendo identificado o nome do jornalista da *TSF* que trabalhou o texto para ser lido *on-air*. Aqui, nota-se também uma peça com autoria de ouvinte e três de convidados, devido à Votação do Orçamento do Estado de 2020, a 6 de fevereiro, que foi tema do programa "Fórum TSF".

O gráfico 21, mostra que, em comparação com os acontecimentos recorrentes, no *online*, no caso destes eventos com cobertura intensa, há mais peças a serem elaboradas com identificação do jornalista (63). No *site*, a identificação com autoria *TSF* acontece com uma notícia referente ao acontecimento do debate da Assembleia da República a 4 de março, publicada às 16h24, em que o tema principal é a substituição do governador do Banco de Portugal. Isto acontece quando, para o *online*, o trabalho é feito por uma pessoa diferente da que fez para a antena, sendo que, por vezes, ao invés de se ser identificado o nome dos vários jornalistas, assina-se "TSF".

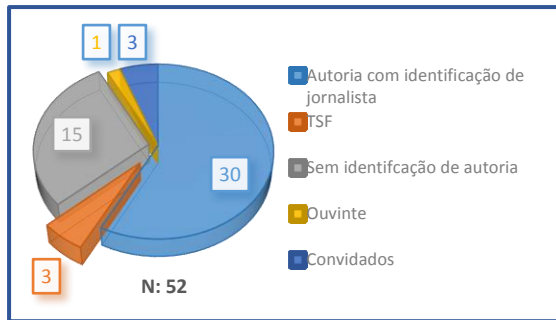


Gráfico 20 - Número de peças por autoria na rádio, em acontecimentos "especiais"

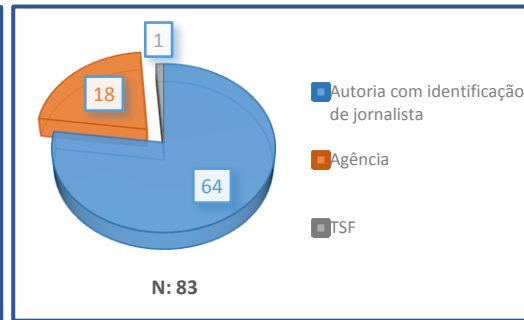


Gráfico 21 - Número de peças por autoria no online, em acontecimentos "especiais"

Através destes dados, verificam-se algumas diferenças dependendo do tipo de acontecimento que está a ser coberto pela *TSF*. Em acontecimentos de expectável cobertura, existe uma maior diversidade de géneros na antena, em especial se o evento for debatido no "Fórum TSF", como aconteceu com a Votação do Orçamento do Estado a 6 de fevereiro de 2020. Já no *online*, os dados mostram que a aposta continua a ser na cobertura através de, maioritariamente, crónicas "weblogs" e notícias. Além disso, neste tipo de acontecimentos, a *TSF*, tanto na antena, como no *site*, investe mais em fontes próprias e em peças produzidas pelos jornalistas da estação, ao contrário do que acontecia em acontecimentos recorrentes, nomeadamente no *online*, em que grande parte das fontes provinham de agências, bem como a autoria das peças.

Nota-se que dois dos três acontecimentos de elevada cobertura por parte da *TSF* estão, sobretudo, relacionados com política, como a Votação do Orçamento do Estado a 6 de fevereiro de 2020 e o debate quinzenal na Assembleia da República a 4 de março de 2020. Isso pode explicar o facto de existir, pelo menos em antena, um maior investimento em peças produzidas por jornalistas da estação, bem como em informações recolhidas pelos próprios. O diretor interino da *TSF*, Pedro Pinheiro, reconhece que a equipa da política é "relativamente autónoma e capaz de responder ao essencial"¹⁰². Exemplo disso é o jornalista de política da *TSF* Filipe Santa-Bárbara que, ao contrário do que acontece com a maioria da redação, "só está no terreno", considerando que essa deve ser a aposta, "porque é na rua que as coisas acontecem"¹⁰³. Nestes acontecimentos, a equipa do *online* também não saiu à rua, porque, como sublinha a jornalista Inês Figueiredo, "há poucas pessoas para o trabalho que há"¹⁰⁴. Contudo, os jornalistas estiveram na redação a

¹⁰² C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.1, p. 246.

¹⁰³ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.11, p. 318.

¹⁰⁴ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.13, p. 332.

acompanhar os eventos ao minuto para o *site*, através de crónicas “weblog”. Além disso, os jornalistas que produziram peças para a antena, também escreveram para o *online*.

6.2. Onde fica a essência da rádio com o digital? – a visão da redação da TSF

Verificadas, a partir dos dados obtidos pela análise do corpus empírico definido, especificidades de tratamento dos conteúdos na *TSF* em antena e na plataforma *online*, importou então perceber de que modo os diretores, editores e jornalistas percecionam essas diferenças e como se posicionam relativamente ao papel da rádio neste novo contexto e àquilo que o digital trouxe ao meio tradicional.

6.2.1. O que o *online* trouxe de novo à rádio

a. Memória, arquivo e acesso à rádio em qualquer hora e lugar

A jornalista da *TSF* Carolina Rico afirma que o *online* é uma mais-valia, no sentido em que a rádio passa a andar no bolso das pessoas¹⁰⁵. Também a jornalista da *TSF* Rita Carvalho Pereira acredita que o digital dá aos utilizadores a capacidade de aceder à rádio de todo mundo, a qualquer hora, e recuperar o seu conteúdo, armazenando-a no tempo e fazendo com tenha um lado de memória¹⁰⁶. Carolina Rico dá o exemplo de um programa americano, intitulado de “This American Life”, que tem episódios desde antes de ter nascido e, através do telemóvel, consegue ouvir os episódios de 1991, o que não aconteceria sem o suporte digital¹⁰⁷. O jornalista da *TSF* Filipe Santa Bárbara menciona que, para além de visibilidade, o *online* traz arquivo à rádio, visto que, hoje em dia, a rádio já não é ouvida de forma tão linear¹⁰⁸.

b. Um complemento e um novo modo de consumo

O diretor adjunto da *TSF*, Ricardo Alexandre, explica que o *online* consegue apresentar e disponibilizar a rádio de outra forma, complementando-a e desenvolvendo-a, fazendo com que possa ser consumida de outro modo¹⁰⁹. A jornalista da *TSF* Inês Figueiredo concorda porque “nem toda a gente ouve rádio e uma pessoa que nunca ouve a *TSF*, consegue receber um *push* da *TSF*, ou ir ao *site* da *TSF*”.¹¹⁰ Caso não existisse *online*, na visão de Inês Figueiredo, a *TSF* perderia a vantagem que tem atualmente no mercado. Para a jornalista da *TSF* Beatriz Morais Martins o *online* é um complemento “no sentido

¹⁰⁵ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.8, p.295.

¹⁰⁶ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.10, p.309.

¹⁰⁷ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.8, p.297.

¹⁰⁸ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.11, p.315.

¹⁰⁹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.2, p.255.

¹¹⁰ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.13, pp.330-331.

em que tem a última hora ou hiperligações para notícias anteriores, porque, na rádio, muitas vezes, dá-se a reação e nem sempre se consegue explicar o que está a acontecer, ou que já aconteceu quando o assunto é muito extenso”.¹¹¹

c. Novos ouvintes e um hábito de ouvir rádio

Com uma opinião um pouco diferente, a subeditora da Manhã 1 e jornalista da *TSF*, Cristina Lai Men, refere que “o *online* é um desafio para a rádio”. Cristina Lai Men afirma que o facto de as redações terem de funcionar como uma só pode ser uma desvantagem, dado que são meios com linguagens e velocidades diferentes¹¹². Contudo, a jornalista menciona o *online* conseguiu potenciar características da rádio, chegando a mais pessoas e mais longe e com maior rapidez¹¹³. O diretor interino da *TSF*, Pedro Pinheiro, acredita que o *online* trouxe uma nova vida à rádio, apesar das diversas “sentenças de morte” e explica que o crescimento do novo meio possibilitou novos ouvintes à *TSF*, especialmente as gerações mais jovens¹¹⁴. Já o editor *online* Pedro Andrade Soares e a jornalista Inês Figueiredo referem que o *online* cria um hábito de ouvir rádio¹¹⁵. Inês Figueiredo explica que “o *online* é o futuro e tudo tem mais presença se for feito *online*”.¹¹⁶

d. Uma vertente multimédia para além do som

Outra das formas em que o *online* valoriza a rádio é, como dizem as jornalistas Beatriz Morais Martins¹¹⁷ e Sara Beatriz Monteiro¹¹⁸, a possibilidade de o meio tradicional passar a ter imagem e não apenas áudio. O espaço ilimitado do *online* é uma vantagem para a rádio, nas opiniões dos jornalistas Filipe Santa Bárbara¹¹⁹ e Rita Carvalho Pereira¹²⁰, que mencionam que, para além de uma vertente multimédia, as entrevistas e reportagens podem ter uma versão maior no *site*. Os dados recolhidos nesta investigação não permitem observar esta característica, todavia o programa “Botequim”¹²¹ referido pelo diretor interino, Pedro Pinheiro¹²², foi pensado para ser um *podcast* com cerca de uma hora e um quarto, sendo depois editado para ir ao ar com apenas 30 ou 40 minutos.

¹¹¹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.12, p.322.

¹¹² C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.6, p.283.

¹¹³ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.6, p.284-285.

¹¹⁴ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.1, p.243.

¹¹⁵ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.4, p.270 e M.13, p.331.

¹¹⁶ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.13, p.329.

¹¹⁷ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.12, p.322.

¹¹⁸ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.9, p.303.

¹¹⁹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.11, p.317.

¹²⁰ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.10, p.309.

¹²¹ O programa “Botequim” pode ser consultado aqui: <https://www.tsf.pt/programa/botequim.html>

¹²² C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.1, p.248.

Sara Beatriz Monteiro acrescenta que com o tempo e espaço ilimitado do *online* é possível dar-se o contexto que não se dá na rádio¹²³, tornando-a, como refere a editora *online* Teresa Mota num meio “não tão linear”.¹²⁴

e. Mais publicidade

Quem o afirma é a subeditora da Manhã 1 e jornalista da *TSF*, Cristina Lai Men: “A publicidade é fundamental para a nossa sobrevivência. Pela rádio não conseguimos aumentar os nossos recursos e portanto é preciso apostar no *online*.”¹²⁵ Fazendo referência a outro tipo de publicidade, a subeditora da Tarde e jornalista da *TSF*, Ana Sofia Freitas, explica que a rádio potencia mais o *site*, publicitando e referenciando, por exemplo, uma reportagem/entrevista que poderá estar mais desenvolvida no *online*, ou vice-versa.¹²⁶

f. Novos métodos de ouvir rádio: o *podcast*

O *podcast* é um novo método de escuta mencionado por vários dos entrevistados, pois permite que o conteúdo da rádio não se perca no éter e que esteja à distância de um clique, tal como referem Carolina Rico, Filipe Santa Bárbara e Pedro Andrade Soares¹²⁷. Rita Carvalho Pereira assegura que, com os *podcasts*, cada vez mais, as pessoas querem ouvir os programas de rádio e não só ver¹²⁸. Cristina Lai Men tem a mesma opinião, embora acredite que em Portugal o *podcast* seja algo que ainda não está bem desenvolvido.¹²⁹

g. A rádio brilha mais, embora os focos sejam distintos

Sintetizando os vários aspetos já mencionados, a editora da Tarde e jornalista da *TSF*, Ana Sofia Freitas, garante que o *online* “vem fazer a rádio brilhar mais”, dado que quem não ouve rádio, possa consumir, de outra forma, o trabalho radiofónico. Além disso, segundo Ana Sofia Freitas, com a permanência do conteúdo no *online*, passa a existir uma continuidade do trabalho feito pela rádio¹³⁰. Por outro lado, Filipe Santa Bárbara admite que a rádio e o *online* não são competidores diretos, porque “uma pessoa está no carro a ouvir a rádio e se for preciso nunca vai ao *site* da *TSF*, mas pode haver outra pessoa que

¹²³ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.9, p.303.

¹²⁴ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.5, p.278.

¹²⁵ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.6, pp.285-286.

¹²⁶ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.7, p.291.

¹²⁷ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada nos anexos M.8, p.295; M.11, p.315 e M.4, p.270.

¹²⁸ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.10, p.311.

¹²⁹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.6, p.285.

¹³⁰ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.7, pp.289-290.

só vê as notícias no *site* da *TSF* e não ouve a rádio” e conclui que, apesar de o *online* ter aumentado o espaço da rádio, são focos diferentes.¹³¹

6.2.2. Qual o papel atual da rádio?

Do ponto de vista da direção da *TSF*:

Para o diretor adjunto, Ricardo Alexandre, a rádio foi o meio que demonstrou sempre maior capacidade de resiliência¹³². O diretor interino, Pedro Pinheiro,¹³³ afirma que o facto de a rádio permitir “reconstruir o resto da história de nós próprios fez com que o meio ainda não tenha perdido o seu papel”. Considera, ainda, que com o *podcast* a rádio remete-nos para aquela que é a sua verdadeira essência: uma postura mais descontraída. Por outro lado, Pedro Pinheiro, reconhece que a rádio, num futuro próximo, poderá ter um grande desafio no que toca a ter ouvintes em toda a parte do mundo, quando os automóveis vierem com um terminal que permita o acesso à *internet*. Nessa altura, a *TSF* poderá ser ouvida, por exemplo, em Londres. O diretor interino da *TSF* afirma que a história da rádio sempre foi feita de desafios e, apesar de todas as sentenças de morte, continua viva e bem de saúde.

Do ponto de vista dos editores multimédia e *online* da *TSF*:

A editora *online* da *TSF* Teresa Mota¹³⁴ considera que, independentemente do *online*, a rádio continua a ter o seu lugar, dizendo que “a telefonia até pode desaparecer ou ser substituída por telemóveis ou *tablets*, mas a rádio em si não desaparece”. Teresa Mota afirma que a rádio tem algumas particularidades, dado que é o único meio que ainda é linear, mas tal como Pedro Pinheiro explicou, num futuro com automóveis com *internet* disponível, vai ser possível seleccionar, segmentar e ouvir a rádio de forma não linear. Já o editor *online* Pedro Andrade Soares¹³⁵ explica que a rádio continua a manter o seu papel, só que com valor acrescentado no que toca à divulgação da informação que passa a ser cada vez mais vasta.

Do ponto de vista dos jornalistas da *TSF*:

A jornalista da *TSF* Carolina Rico acredita que a rádio ainda mantém o seu papel e que há espaço para todos os meios de comunicação social¹³⁶. A jornalista da *TSF* Inês

¹³¹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.11, p.316-317.

¹³² C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.2, p.257.

¹³³ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.1, p.244-245.

¹³⁴ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.5, p.278.

¹³⁵ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.4, p.270.

¹³⁶ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.8, p.297.

Figueiredo é da mesma opinião, mas refere que a *TSF* distingue-se dos outros porque “é a rádio que dá a notícia e que vai à procura de uma coisa que os outros não têm”.¹³⁷ A subeditora da Manhã 1 e jornalista da *TSF*, Cristina Lai Men, e o autor do programa “Sinais” da *TSF*, Fernando Alves, consideram que o papel da rádio continua a ser o de informar, para além de ser companhia, intimidade e um amigo¹³⁸. Na opinião da subeditora da Tarde e jornalista da *TSF*, Ana Sofia Freitas¹³⁹, o papel da rádio é fazer pensar e transmitir conhecimento através das notícias que são dadas, mas também das que não são dadas. Por outro lado, o jornalista da *TSF* Filipe Santa Bárbara¹⁴⁰ refere que o papel da rádio tradicional é manter a confiança e a verdade, bem como ouvir as pessoas e estar presente nos sítios dos acontecimentos. No caso da *TSF*, segundo a jornalista Rita Carvalho Pereira o papel deve ser o de “dar informação com rigor e com qualidade”.¹⁴¹

Com uma visão diferente, a jornalista Beatriz Morais Martins¹⁴² afirma não saber se há rádio tradicional nos dias de hoje, sendo que todas se renderam ao *online*. Porém, Sara Beatriz Monteiro¹⁴³ refere que a rádio precisa de adaptar-se aos novos tempos, investindo numa maior interatividade com os ouvintes, como acontece com o “Fórum TSF”.

6.2.3. A *TSF* no *online*: um prolongamento da rádio ou um projeto autónomo?

Aqui, as opiniões dos entrevistados confluem na distinção entre o papel da antena e do *online* e na sua especificidade. Alguns consideram que no *online* a *TSF* deveria ser um prolongamento da rádio; outros referem que “não é bem assim” e ainda outros que mencionam que o *site* é um complemento à rádio.

“O *site* da *TSF* é um prolongamento da rádio”:

A subeditora da Manhã 1 e jornalista da *TSF*, Cristina Lai Men, e o jornalista da *TSF* Filipe Santa-Bárbara defendem que o *site* da *TSF* deve ser o reflexo da rádio.¹⁴⁴ Já a subeditora da Tarde e jornalista da *TSF*, Ana Sofia Freitas¹⁴⁵, explica que a rádio e o *site* são produtos diferentes, mas têm de ter a mesma identidade e acrescenta que apesar de a forma de produção ser diferente, o modo de tratamento e seleção da informação é o

¹³⁷ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.13, p.331.

¹³⁸ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada nos anexos M.3, p.266 e M.6, p.284.

¹³⁹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.7, p.290-291.

¹⁴⁰ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.11, p.317.

¹⁴¹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.10, p.310.

¹⁴² C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.12, p.324.

¹⁴³ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.9, p.304.

¹⁴⁴ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada nos anexos M.6, p.284 e M.11, p.315.

¹⁴⁵ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.7, p.289.

mesmo. Segundo a editora *online* Teresa Mota¹⁴⁶ “o *site* da *TSF* é o *site* da rádio *TSF*”, o que significa que a rapidez, o imediatismo, o rigor, a seleção da informação e os critérios-notícia são aspetos que estão presentes em ambos os meios.

“O *site* da *TSF* não é bem um prolongamento da rádio”:

O diretor adjunto da *TSF*, Ricardo Alexandre, explica que o mais simples seria fazer um repositório da rádio, reproduzindo no digital aquilo que passa *on-air*. Por esta razão, para o diretor adjunto da estação, o *site* não é totalmente um prolongamento da rádio, mas sendo a *TSF* uma rádio de notícias, não fazia sentido, segundo Ricardo Alexandre, que o *site* não fosse também um *site* de notícias¹⁴⁷. A jornalista da *TSF* Rita Carvalho Pereira defende que, no início, o *site* da *TSF* era apenas um prolongamento da rádio, mas atualmente “já não é bem assim porque há mais liberdade e autonomia para tratar temas diferentes dos que passam em antena”¹⁴⁸. Fernando Alves sustenta que já que o *site* da *TSF* usa o símbolo da rádio, “deve expressar de grosso modo o que é a produção dominante da rádio, mas com a sua própria linguagem, estilo, leveza, com rasgos próprios”.¹⁴⁹

“O *site* da *TSF* é um complemento à rádio”:

O diretor interino da *TSF*, Pedro Pinheiro, e a jornalista Sara Beatriz Monteiro referem que, apesar de os alicerces, linha e critérios editoriais serem comuns aos dois meios, o *online* é um complemento porque os conteúdos são apresentados em formatos e linguagens diferentes¹⁵⁰. A jornalista da *TSF* Carolina Rico e o editor *online* da *TSF* Pedro Andrade Soares destacam os conteúdos com valor multimédia (vídeo ou galerias de fotografias) que só podem ser consultados no digital¹⁵¹. Na opinião da jornalista da *TSF* Beatriz Morais Martins só falta mesmo um *drone* para a página da *TSF* ser um *site* “a sério”.¹⁵² Já a jornalista da *TSF* Inês Figueiredo afirma que a *TSF* tem um *plus* que é o *site* e que “o *online* da *TSF* não é nada se não houver a rádio porque há uma ligação muito forte entre aquilo que passa na rádio e aquilo que vai para o *online*”.¹⁵³ No entanto, o diretor adjunto, Ricardo Alexandre¹⁵⁴, refere que há programas exclusivos do digital e

¹⁴⁶ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.5, p.279.

¹⁴⁷ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M2, p.254.

¹⁴⁸ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.10, p.309.

¹⁴⁹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.3, p.265.

¹⁵⁰ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada nos anexos M.1, p.243 e M.9, p.303.

¹⁵¹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.4, p.271 e M.8, p.295.

¹⁵² C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.12, p.323.

¹⁵³ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.13, p.329.

¹⁵⁴ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.2, p.258.

inicialmente pensados para serem publicados no *site* da *TSF*, mas que não têm muita visibilidade, acabando por ir para a antena.

6.2.4. As práticas profissionais no online e na antena

No *online*, a maior exigência, segundo a jornalista da *TSF* Carolina Rico¹⁵⁵ é estar sempre a par da atualidade. A jornalista da *TSF* Sara Beatriz Monteiro enumera outro tipo de exigências: a rapidez, a capacidade de fazer muita coisa ao mesmo tempo e gerir a informação¹⁵⁶. Contudo, é importante referir que aquilo que se faz no *online* difere do trabalho da antena. Apesar de a notícia ser a mesma, os jornalistas da *TSF* Inês Figueiredo e Filipe Santa-Bárbara referem que a rádio é completamente diferente do *site*, principalmente em termos de linguagem.¹⁵⁷

O *multitasking* é uma prática cada vez mais comum. O editor *online* da *TSF* Pedro Andrade Soares¹⁵⁸ acredita que se for dado tempo para o trabalho ser feito não vê nenhum inconveniente. Da mesma opinião são a editora *online* da *TSF* Teresa Mota e a subeditora da Tarde e jornalista da *TSF*, Ana Sofia Freitas, que sublinham que o jornalista deve estar preparado para escrever um bom texto para o *site*, fazer uma peça de rádio e ainda editar os sons.¹⁵⁹

De um ponto de vista diferente, as jornalistas da *TSF* Sara Beatriz Monteiro e Carolina Rico e a subeditora da Manhã 1 e jornalista da *TSF*, Cristina Lai Men, referem que ser um jornalista *multitasking* pode retirar valor aos conteúdos, apesar de ser uma forma de ter controlo sobre o próprio trabalho¹⁶⁰. Contudo, Sara Beatriz Monteiro refere que “é importante nós sabermos fazer um bocadinho de tudo para nos safarmos numa situação limite, mas naquilo que idealizo para uma redação, cada pessoa tem a sua função e as pessoas trabalham em equipa”.¹⁶¹ Já a jornalista da *TSF* Beatriz Morais Martins acrescenta que “o jornalista não é um robô” e é desgastante fazer tudo ao mesmo tempo “porque há falta de pessoal”.¹⁶²

¹⁵⁵ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.8, p.296.

¹⁵⁶ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.9, p.30.

¹⁵⁷ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada nos anexos M.13, p.330 e M.11, p.316.

¹⁵⁸ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.4, pp.275-276.

¹⁵⁹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada nos anexos M.5, p.281 e M.7, p.293.

¹⁶⁰ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada nos anexos M.9, pp.306-307; M.8, p.300 e M.6, p.286-287.

¹⁶¹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.9, p.307.

¹⁶² C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.12, p.326.

O jornalista da *TSF* Filipe Santa Bárbara, pelo contrário, assegura que o *multitasking* não retira valor ou profundidade aos conteúdos e que “tem a ver com o brio de cada um”.¹⁶³ No entanto, defende que haja um técnico para cuidar do som ou um sonoplasta para fazer a sonoplastia. A jornalista da *TSF* Inês Figueiredo tem uma opinião semelhante, mas defende que cada vez mais o jornalista tem de ser *one man show* porque “faz parte do trabalho”.¹⁶⁴ Já a jornalista da *TSF* Rita Carvalho Pereira afirma que o *multitasking* tem um lado positivo e outro negativo: o trabalho pode não sair com tanta qualidade como se fosse feito em conjunto com uma pessoa especializada no som ou outra no multimédia, mas a jornalista percebe que é importante que os jornalistas se adaptem às mudanças porque “quanto mais completo for o profissional, melhor”.¹⁶⁵

6.2.5. A reorganização na rádio e no online da TSF em tempos de pandemia

Face à pandemia de Covid-19 e ao perigo de contágio do novo coronavírus, o modo de funcionamento da redação da *TSF* teve de ser reorganizado. Alteraram-se os horários de trabalho e foi criado um modelo para que a redação funcionasse em espelho, com metade dos trabalhadores a trabalharem desde casa, enquanto a outra metade estava na redação, à exceção da equipa do *online* que esteve inteiramente em regime de teletrabalho. A *TSF* esteve também em regime de *lay-off*, tendo impacto nos recursos humanos disponíveis.

Teletrabalho, maior cuidado com as fontes

Na visão de Fernando Alves,¹⁶⁶ a pandemia fez com que a rádio ficasse mais triste e com mais medo. A primeira mudança verificou-se no empobrecimento das redações em que cada um está no seu canto, havendo menos reportagens, menos contacto com a cidade e menos capacidade de resposta. Sobre o trabalho jornalístico em si, o jornalista da *TSF* Filipe Santa Bárbara e o editor *online* da *TSF* Pedro Andrade Soares referem que teve de ser dada mais atenção à veracidade da informação, bem um cuidado redobrado com as fontes.¹⁶⁷

A *TSF* conseguiu, contudo, criar conteúdo e produtos novos. O diretor adjunto, Ricardo Alexandre,¹⁶⁸ sublinha que todas as pessoas se mobilizaram para apresentar ideias, mostrando o brio que têm em trabalhar na *TSF*. Em termos de procura de notícias, a

¹⁶³ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.11, p.318.

¹⁶⁴ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.13, p.333.

¹⁶⁵ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.10, p.312-313.

¹⁶⁶ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.3, p.267.

¹⁶⁷ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada nos anexos M.11, p.319 e M.4, p.277.

¹⁶⁸ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.2, p.262.

editora *online* Teresa Mota e o diretor interino, Pedro Pinheiro, referem que foram meses com números incríveis que mostram que a pandemia veio reabilitar a profissão.¹⁶⁹ Por outro lado, o editor *online* Pedro Andrade Soares equipara a pandemia de Covid-19 com a queda das torres gémeas em Nova Iorque a 11 de setembro de 2001: “Durante dias tivemos de nos dedicar praticamente a um só tema, até porque as pessoas, tal como no 11 de Setembro, procuravam praticamente só um assunto, era isso que estava a influenciar as suas vidas.”¹⁷⁰

O teletrabalho foi, de facto, a maior mudança durante este período. A preocupação do diretor adjunto da *TSF*, Ricardo Alexandre, é que, “daqui a 10 anos queira contar o que foi esta pandemia e olhe para trás e veja que não há reportagens sobre a pandemia”.¹⁷¹ O diretor interino da *TSF*, Pedro Pinheiro, concorda com a visão de Ricardo Alexandre e acrescenta que o que mais lhe aflige é o facto de que “tenhamos esquecido que somos uma profissão de risco”. Reforça também que a pandemia veio afastar ainda mais o jornalismo da sociedade porque “o jornalismo precisa de toque, de olhos, de ouvidos e em casa isso não é possível”.¹⁷²

Menos qualidade, menos diversidade

Para a jornalista da *TSF* Rita Carvalho Pereira, em termos de conteúdos, no *online*, não mudou muito, uma vez que “sempre houve este trabalho de secretária”.¹⁷³ Inês Figueiredo¹⁷⁴ identifica que sentiu a falta o espírito da redação. Já Sara Beatriz Monteiro¹⁷⁵ reforça que, numa fase inicial, havia muita informação nova para os jornalistas, sendo preciso geri-la com uma equipa muito reduzida e com dificuldades de comunicação. Relativamente às consequências da pandemia no trabalho jornalístico, os entrevistados afirmam que a qualidade do trabalho pode não ter sido a melhor, especialmente no que respeita à qualidade do som, tal como explicam a jornalista da *TSF* Beatriz Morais Martins, a subeditora da Manhã 1 e jornalista da *TSF*, Cristina Lai Men, e a subeditora da Tarde e jornalista da *TSF*, Ana Sofia Freitas¹⁷⁶. A diversidade poderá ter sido o valor jornalístico que mais sofreu, porque tudo o que saía nos meios de comunicação era sobre a Covid-19. “A balança deveria ter sido melhor equilibrada, mas

¹⁶⁹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada nos anexos M.5, p.282 e M.1, p.252.

¹⁷⁰ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.4, p.277.

¹⁷¹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.2, p.260.

¹⁷² C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.1, p.250.

¹⁷³ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.10, p.313.

¹⁷⁴ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.13, p.334.

¹⁷⁵ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.9, p.307.

¹⁷⁶ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada nos anexos M.12, p.327; M.6, p.287-288 e M.7, p.293.

era complicado porque a agenda mediática ditava que os temas eram sobre a Covid”, refere Filipe Santa-Bárbara.¹⁷⁷

A maioria dos entrevistados considera que ainda é cedo para retirar lições, mas tal como sublinha a subeditora da Manhã 1 e jornalista da *TSF*, Cristina Lai Men,¹⁷⁸ o jornalismo deve adaptar-se a novos desafios. No entanto, as jornalistas da *TSF* Sara Beatriz Monteiro e Carolina Rico referem que é preciso perceber que o jornalismo é um trabalho de equipa que se faz no terreno e não em casa, acomodados na cadeira¹⁷⁹. A jornalista da *TSF* Rita Carvalho Pereira reforça que “não importa que o mundo esteja a desabar e que as pessoas estejam a morrer. As pessoas precisam de saber quando e como é que o mundo vai acabar e a função dos jornalistas é estar lá para contar o que está a acontecer”.¹⁸⁰

Numa outra perspetiva, o diretor interino da *TSF*, Pedro Pinheiro, menciona, em sentido autocrítico, que é preciso perceber se os meios de comunicação tomaram a atitude correta ao tornarem-se os porta-vozes das entidades oficiais e se a informação que saiu foi rigorosa ou se por vezes foi alarmista, porque “não havia tempo para questionar devido à urgência”.¹⁸¹ Já a jornalista da *TSF* Ana Sofia Freitas pondera sobre o facto de estar constantemente a falar em mortos, casos de infeção e consequências da pandemia: “Nós não conseguimos despir a pandemia, porque o nosso trabalho é falar da pandemia”.¹⁸²

6.3. Síntese conclusiva

Após a recolha e tratamento da informação, os dados mostram que em ambos os meios grande parte da informação é recolhida no interior da redação. Apesar de a rádio e o *online* privilegiarem as fontes dos jornalistas da *TSF*, o meio digital apostou mais nas peças com informações fornecidas pelas agências noticiosas, nomeadamente a *Lusa*. Existem poucas reportagens e nenhuma entrevistas. De acordo com os entrevistados, as razões por detrás deste panorama prendem-se sobretudo com a falta de condições financeiras e investimento, que tem implicações ao nível dos recursos e meios disponíveis para a realização de conteúdo diferenciado. Esta é uma situação comum às duas redações, mas mais notável no *online*, dado que tal como a jornalista Carolina Rico menciona, o tamanho

¹⁷⁷ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.11, p.320.

¹⁷⁸ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.6, p.288.

¹⁷⁹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada nos anexos M.9, p.308 e M.8, p.301-302.

¹⁸⁰ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.10, p.314.

¹⁸¹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.1, p.252.

¹⁸² C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.7, p.294.

reduzido da equipa, não permite que os jornalistas do *site* se desloquem ao terreno no seu dia-a-dia.

Utilizando a divisão de Bonixe (2010) apresentada no capítulo 5.3, no *online*, a *TSF* aplica as três formas de relação com a emissão tradicional. A “complementaridade” é verificada ao nível da contextual/ilustrativo em que o *online* acrescenta outros formatos (maioritariamente fotografias) aos conteúdos radiofónico, ao nível da linguagem com hiperligações para *posts* de redes sociais e ao nível sonoro em que, ao texto, é acrescentado o som que passou em antena. Nos temas analisados, a *TSF* não investe na “extensão”, mas o “Botequim”¹⁸³ pode ser considerado um exemplo com esta característica por ser um programa que no *site* tem uma versão alargada. Relativamente à “alternativa”, apesar de nesta investigação não ter sido verificada, de acordo com aquilo que foi observado durante o estágio e com base nas entrevistas realizadas aos membros da redação da *TSF*, o *site* da estação pode apostar, de vez em quando, em conteúdos exclusivos que não passam na antena por limitações de espaço ou tempo, tal como foi mencionado em algumas entrevistas¹⁸⁴.

Tendo em conta o panorama de convergência apresentado na introdução, deduz-se que o caminho, na *TSF*, continua a ser de transição (Reis, 2009; Bastos, Zamith, Reis & Jerónimo, 2013, Ribeiro & Resende, 2017). A falta de meios e recursos faz com que ainda não se tenha atingido o patamar de *full convergence* proposto por Dailey, Demo & Spillman (2005) ou o “modelo integrado” proposto por Avilés & Carvajal (2008). Aplicando os modelos apresentados no capítulo 4.3, pode dizer-se que a *TSF* é uma redação *cross-media*. Apesar de a rádio e o *online* se regerem pelos mesmos critérios e linhas editoriais, trabalham em separado, havendo um editor diferente para cada plataforma. A *TSF* encontra-se, por isso, no nível 4 (*content sharing*) de convergência do modelo proposto por Dailey, Demo & Spillman (2005), uma vez que as redações colaboram frequentemente entre si: o *online* publicando os conteúdos que passam na rádio e a antena referenciando e promovendo o *site*. Há que referir que todas as semanas os editores de ambas as plataformas reúnem para trocar ideias.

Ainda assim, pode dizer-se que a *TSF* apresenta algumas características que pertencem à convergência tecnológica devido à sinergia existente entre a rádio e o digital que permite

¹⁸³ O programa está disponível aqui: <https://www.tsf.pt/programa/botequim.html>

¹⁸⁴ Ver exemplo em: <https://www.tsf.pt/mundo/vem-ai-a-maior-superlua-do-ano-e-um-eclipse-lunar-total-13758498.html>

que os conteúdos da *TSF* estejam acessíveis pela rádio *hertziana*, bem como através do *site*. É também observada a convergência profissional, principalmente na geração mais nova que faz trabalho tanto para a rádio, como para o *online* (polivalência mediática/multiplataforma) e embora alguns jornalistas sejam especializados em determinados assuntos, a grande parte cobre qualquer tema (polivalência temática)¹⁸⁵. A *TSF* mostra, de igual modo, uma convergência de conteúdos, através da utilização da multimédia, bem como das diferentes plataformas para atualizar a informação.

De acordo com os entrevistados, a estação de rádio está num nível “aceitável” de convergência, estando no meio de um caminho que é longo e difícil, tal como mencionam também o diretor interino da *TSF*, Pedro Pinheiro, e os editores *online* da *TSF* Teresa Mota e Pedro Andrade Soares¹⁸⁶. O diretor adjunto da *TSF*, Ricardo Alexandre, acrescenta que são precisos mais recursos e meios para cumprir mais objetivos.¹⁸⁷ Apesar destas tentativas de convergência, o que permanece na *TSF* é a remediação, tal como referia Canavilhas (2012). A título de exemplo, a maioria dos textos escritos reproduz aquilo que é apresentado nos áudios, verificando-se, assim, uma redundância e não a criação de um produto novo. Em termos de temas e protagonistas, nesta investigação também não foi encontrada uma complementaridade entre os meios, mas sim uma transposição, ainda que adaptada, dos conteúdos do meio velho para o novo, características que obedecem ao conceito de remediação.

Aplicando os modelos de rádio digital indicados no capítulo 5.2 e, segundo os entrevistados, a *TSF* é uma *internet radio*, pois disponibiliza a emissão em direto e os conteúdos que passam na antena no *site* da estação. Pode ser também uma rádio multimediática, utilizando o *site* como mais um canal de difusão, apelando à visita do *site* e incentivando a interação entre os ouvintes e os conteúdos. O *site* da *TSF* continua, por um lado, a ser um prolongamento da rádio, mas, por outro, constitui um valor acrescentado, através da vertente multimédia que “dá cor” aos conteúdos sonoros. Para os editores *online* da *TSF* Pedro Andrade Soares e Teresa Mota, o *site* de uma rádio deve ser o seu espelho dessa mesma rádio, isto é, áudio e menos texto.¹⁸⁸

¹⁸⁵ A polivalência é um conceito abordado por Salaverría (2010) e explorado no capítulo 4.4.

¹⁸⁶ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada nos anexos M.1, p.248; M.5, p.280-281 e M.4, p.274.

¹⁸⁷ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.2, p.259.

¹⁸⁸ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada nos anexos M.4, p.270 e M.5, p.278-279.

Conclusão

Fazendo um balanço geral do período de estágio¹⁸⁹, pode concluir-se que superou as expectativas iniciais, dado que foram 418 horas de constante aprendizagem, que permitiram alargar os conhecimentos em relação à profissão de jornalista. É inevitável dizer que poderia ter corrido melhor, nomeadamente, no que toca à não correção e publicação do conjunto de reportagens proposto ou no facto de não ter saído mais vezes à rua para acompanhar algum jornalista, mas a verdade é que eles próprios pouco se deslocam ao terreno. É importante referir que sendo a *TSF* uma rádio de informação, todos os dias são uma azáfama e é normal que não haja tempo suficiente para um acompanhamento mais pormenorizado dos estagiários.

Este relatório de estágio propôs-se a estudar, principalmente, do ponto de vista da redação da *TSF*, os focos de alteração e permanência das práticas e conteúdos da *TSF* rádio, em coexistência com a plataforma *online*. Através da observação participante, das experiências vividas no estágio, bem como do olhar dos entrevistados e da análise aos conteúdos, a conclusão a que chegamos é a de que ambos meios conseguem coexistir e complementar-se um ao outro, no sentido em que o *online* dá uma nova vida à rádio através da dimensão multimédia, do espaço/tempo ilimitado que permite ter versões mais alargadas dos conteúdos, do *podcast* e da extensão da memória, arquivo e acesso a qualquer hora e lugar. A rádio também potencia o *site*, publicitando e referenciando conteúdos que estejam mais desenvolvidos no digital, tal como referia a jornalista Ana Sofia Freitas¹⁹⁰. O *online* da *TSF* permite, por isso, uma nova experiência por parte dos ouvintes/leitores, sendo que com a rádio em direto no *site* da *TSF*, “as pessoas criam o hábito de ouvir rádio”, como mencionava a jornalista Inês Figueiredo¹⁹¹.

Desta forma, é possível agora responder à questão de partida: O que mudou e o que persiste nas práticas e conteúdos noticiosos da *TSF* em ambiente de convergência? De acordo com os diretores e editores entrevistados, para atingir a convergência são precisos mais meios e recursos. Apesar de o *site* não ser um “mero repositório” da rádio, como diz o diretor adjunto da *TSF*, Ricardo Alexandre, tendo, tal como refere a jornalista Rita Carvalho Pereira “autonomia e liberdade para tratar temas diferentes dos que passam em antena”, os acontecimentos e protagonistas em análise para este trabalho são os mesmos

¹⁸⁹ Ver parecer de avaliação do estágio emitido por Ricardo Alexandre no anexo B, p.101 (figura 2).

¹⁹⁰ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.7, p. 291.

¹⁹¹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.13, p. 331.

em ambos os meios, não tendo sido considerados produtos novos no *site*, o que significa que, dentro do período escolhido, o *online* esteve sempre sintonizado com a antena.

A rádio continuou a ter o seu espaço, independentemente do *online*. Tal como considera o diretor adjunto da *TSF*, Ricardo Alexandre, a rádio não mudou e “continua a ser rádio”.¹⁹² De acordo com os entrevistados, há aspetos que persistem na rádio tradicional, tais como o papel de informar, alertar, dar pistas, ensinar, fazer as pessoas pensar, ser um meio de companhia, íntimo e amigo dos ouvintes. A prioridade da rádio de informação, como é o caso da *TSF*, continua a ser a procura, dentro do possível, de conteúdo que os outros não dão, sempre com o máximo de verdade, rigor e qualidade, ouvindo as histórias, estando presente no local dos acontecimentos e sendo a primeira a dar as notícias. Segundo o diretor interino da *TSF*, Pedro Pinheiro¹⁹³, este papel acentuou-se em tempos de pandemia em que os ouvintes/leitores recorreram mais às marcas de referência, como a *TSF*.

As características do meio rádio permanecem inalteradas, sendo potenciadas pelo digital, na medida em que, como diz a editora *online* da *TSF* Teresa Mota o digital traz “novos caminhos, novos suportes e novas possibilidades para a rádio”.¹⁹⁴ Através de uma nova plataforma, é possível a extensão e o prolongamento da memória, arquivo e acesso em qualquer hora e lugar, o que significa que, a partir do *site* da *TSF*, os utilizadores podem consumir tudo aquilo que perderam num dado momento na antena ou até recordar algum programa/entrevista. Deste modo, o *online* oferece aos ouvintes da rádio um novo modo de consumo e uma experiência diferente, complementando os conteúdos noticiosos, por exemplo, com diversos formatos multimédia. A rádio ganhou novos ouvintes, principalmente, as novas gerações que já não ouvem tanto a rádio tradicional, mas podem ouvir no *site* da *TSF*, através dos *podcasts* e da rádio em direto. O digital trouxe também uma nova prática: o *multitasking*, em que o jornalista além de observar o que está a acontecer em determinada situação, tem também de captar sons, fotografias ou até vídeos.

Contudo, a essência tradicional da rádio não foi totalmente mantida. Há aspetos que, com o passar do tempo e com a inovação das novas tecnologias, foram mudando. Como refere Fernando Alves¹⁹⁵, perdeu-se “o espírito de corpo muito forte” que existia nas redações

¹⁹² C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.2, p. 255.

¹⁹³ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.1, p. 253.

¹⁹⁴ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.5, p. 278.

¹⁹⁵ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.3, página 264.

radiofónicas, porque começou a “imperar outra lei”. Apesar de quando se fala em *TSF*, saber-se do que se está a falar, o jornalista admite que “hoje não há esse amor à camisola que marcou” outros tempos. *Ir ao fim da rua e ao fim do mundo* já não é tão fácil devido à crise pela qual os meios de comunicação passam, sendo que a *TSF* não é exceção. A falta de condições financeiras e a insuficiência de recursos humanos não é compatível com a quantidade de informação que é necessário cobrir todos os dias. Há menos mãos para uma quantidade muito grande de informação que é preciso tratar, o que faz com que o jornalista tenha de ser cada vez mais *multitasking*, tendo de fazer uma maior quantidade de tarefas ao mesmo tempo, de forma mais rápida, o que aumenta o risco de falhar em algum aspeto fundamental. Deste modo, a *TSF* deixou de ir tantas vezes *ao fim do mundo*, ficando refém de conteúdos semelhantes aos de outros meios e agências, ao invés de apostar em reportagens próprias, com a marca *TSF*.

Passando para a verificação das hipóteses, conclui-se que:

- É válida a H1. Tendo em conta a perspetiva dos vários entrevistados, a coexistência entre os meios verifica-se por toda a nova experiência que é oferecida ao ouvinte radiofónico, na medida em que permite um novo modo de consumir os conteúdos. A multimédia, o *podcast*, a interatividade, o tempo e espaço ilimitados, bem como a possibilidade de memória e arquivo do digital fazem com que, no fundo, a “rádio brilhe mais” (Ana Sofia Freitas¹⁹⁶). Fernando Alves garante que “uma rádio como a *TSF* deve apostar seriamente no *online*”¹⁹⁷, e de facto, o novo meio não diminuiu o espaço da rádio tradicional. Com o *online*, a *TSF* consegue chegar mais longe, a mais pessoas, e tal como a jornalista Inês Figueiredo¹⁹⁸ afirma “uma pessoa que nunca ouve a *TSF* e nunca tem a possibilidade de o fazer, consegue receber um *push* da *TSF*, ou ir ao site da *TSF*”. Os alicerces, linha e critérios editoriais e cariz informativo são comuns aos dois meios, complementando-os, não só através dos vários formatos em que as peças são disponibilizadas no *site* da *TSF*, mas também pela “ligação muito forte entre aquilo que passa na rádio e vai para o *online*” (Inês Figueiredo).
- É válida a H2. O digital veio para ficar e deu uma nova vida à rádio, mas o meio tradicional ainda mantém as suas especificidades. A jornalista da *TSF* Cristina Lai

¹⁹⁶ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.6, p. 290.

¹⁹⁷ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.3, p. 265.

¹⁹⁸ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.13, p. 331.

Men afirma que uma rádio como a *TSF* continua a ter “o papel de informar, fazer companhia a quem está lá em casa e ser um amigo”.¹⁹⁹ Já a editora *online* Teresa Mota²⁰⁰ indica que “a rapidez, o imediatismo da rádio, o curto intervalo de tempo entre o acontecimento e o seu relato, a sua difusão, a sua publicação, contar a história mantendo aquilo que é a marca da *TSF*, o rigor, a seleção da informação e os critérios notícia” continuam a ser importantes. O diretor interino da *TSF*, Pedro Pinheiro²⁰¹, acredita que “a rádio não tenha perdido o seu papel”, considerando que “todas as notícias sobre a morte da rádio são manifestamente exageradas, talvez por ser um meio único, particular, talvez pelo som continuar a mexer com o que de mais emocional temos”.

- É válida a H3. Tal como referia a editora *online* Teresa Mota²⁰² o áudio é utilizado nas peças do *site* *TSF* quando acrescenta valor ao texto, não devendo ser utilizado quando é redundante relativamente ao que está escrito, algo que foi observado em algumas das peças analisadas. A ausência do áudio nas peças que são publicadas no *site* da *TSF* é compensada com “um bom texto escrito”, como menciona o editor *online* Pedro Andrade Soares²⁰³. Ainda que possa ser considerado como um acrescento, no meio digital o áudio tem ainda bastante força. Exemplo disso são os *podcasts* que são cada vez mais ouvidos no *site* da *TSF*, dado que, como afirma a jornalista Rita Carvalho Pereira “as pessoas não querem só ver ou ler os conteúdos, mas também ouvir”.²⁰⁴
- É válida a H4. Apesar de simples e direta, com rigor e tendo como objetivo a fácil compreensão, tal como referiram vários dos entrevistados, as linguagens de ambos os meios são, naturalmente, distintas. No *online*, a escrita tem um outro tipo de estrutura mais formal do que a da rádio. Além disso, na rádio a linguagem está “presa” ao som, enquanto o *online* pode ir mais longe através da multimédia, da interatividade e da hipertextualidade. Assim acontece na *TSF*.
- Não pode ser considerada totalmente válida a H5. Do ponto de vista dos jornalistas da *TSF*, o *multitasking* faz com que os conteúdos fiquem menos bem conseguidos.

¹⁹⁹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.6, p. 284.

²⁰⁰ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.5, pp. 278-279.

²⁰¹ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.1, p. 244.

²⁰² C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.5, p. 279.

²⁰³ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.4, p. 271.

²⁰⁴ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.10, p. 311.

O principal trabalho do jornalista que é observar e prestar atenção aos acontecimentos perde-se quando tem de se realizar múltiplas tarefas. O ideal seria trabalhar em equipa com pessoas especializadas em vídeo ou em áudio para que o trabalho tenha uma maior qualidade do ponto de vista técnico. Contudo, esta capacidade do jornalista é bem vista por alguns elementos da redação da *TSF*, porque para além de dar ao jornalista um maior controlo sobre o seu trabalho, é importante que o profissional se adapte aos novos tempos e consiga fazer um pouco de tudo.

- É válida a H6. Apesar de esta situação ser menos visível na antena da *TSF*, onde ainda se investe na deslocação dos jornalistas ao exterior (local dos acontecimentos), sempre que se justifica e é necessário, o “trabalho de secretária” é “o que mata a rádio como mata qualquer outro meio”, como aponta o jornalista Filipe Santa-Bárbara²⁰⁵. A jornalista Ana Sofia Freitas²⁰⁶ acrescenta que este “é um problema nas redações” que têm cada vez “menos gente, menos pessoas que podem ir para a rua, menos capacidade de fazer reportagem”. No *online*, esta situação é mais visível devido ao tamanho bastante reduzido da equipa, que não permite aos jornalistas que trabalham para o *site* ir para o terreno no seu dia-a-dia, ficando reféns das notícias das agências e outros meios. No fundo, tal como mencionam os diretores da estação o problema resume-se à falta de meios, recursos e investimento, que faz com que cada vez mais se vá atrás daquilo que os outros meios fazem e se aposte menos em reportagens próprias.

Para futuras investigações, seria interessante alargar o período de análise para perceber de uma forma mais sistemática as diferenças e semelhanças entre os dois meios e, por exemplo, que tipo de conteúdos e temas é que são publicados no *site* da *TSF* que não passam na rádio. Poderia ser também relevante ampliar o estudo para outras rádios nacionais para comparar e compreender se o panorama é semelhante ao da *TSF* ou não, nomeadamente com a Rádio Observador que já nasceu sendo pensada para o digital.

²⁰⁵ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.11, p. 318.

²⁰⁶ C.f as afirmações dadas em entrevista gravada no anexo M.7, p. 291.

Bibliografia

- Avilés, J. A. G., & Carvajal, M. (2008). Integrated and cross-media newsroom convergence: Two models of multimedia news production - The cases of novotécnica and la verdad multimedia in Spain. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*, 14(2), 221–239. <https://doi.org/10.1177/1354856507087945>.
- Balbi, G. (2017). Deconstructing “Media Convergence”: A Cultural History of the Buzzword, 1980s–2010s. In S. Sparviero, C. Peil, & G. Balbi (Eds.), *Media Convergence and Deconvergence* (pp. 31–51). Palgrave Macmillan.
- Barbeiro, H., & Lima, P. R. de. (2003). *Manual de radiojornalismo* (2nd ed.). Campus.
- Bastos, H., Lima, H., Moutinho, N. & Reis, I. (2012). Radio journalists and the Internet: a study on perceptions. In M. Oliveira, P. Portela, & L. A. Santos (Eds.), *Radio Evolution: Conference Proceedings* (pp. 103–116). Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.
- Bastos, H., Zamith, F., Reis, I., & Jerónimo, P. (2013). Convergência jornalística nos média em Portugal: um estudo exploratório. In F. Zamith, H. Bastos, & I. Reis (Eds.), *III Congresso Internacional de Ciberjornalismo - Livro de Atas* (pp. 4–37). Observatório do Ciberjornalismo.
- Berger, A. A. (2014). *Media and communication research methods: an introduction to qualitative and quantitative approaches* (3rd ed.). Sage Publications.
- Berry, R. (2016). Podcasting: Considering the evolution of the medium and its association with the word ‘radio’. *The Radio Journal – International Studies in Broadcast & Audio Media*, 14(1), pp. 7-22.
- Bonixe, L. (2010). A rádio informativa portuguesa na Internet – o estado da arte. *Estudos Em Jornalismo e Mídia*, 7(2), 332–341. <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2010v7n2p332>
- Bonixe, L. (2011). Jornalismo radiofónico e Internet – Um estudo da evolução do uso das potencialidades online nas notícias dos sites da rádio. *Comunicação e Sociedade*, 20, 29–41. [https://doi.org/10.17231/comsoc.20\(2011\).881](https://doi.org/10.17231/comsoc.20(2011).881).
- Bonixe, L. (2013). O que está na rádio que não é rádio – um estudo sobre os formatos não sonoros nos sites de emissoras de informação portuguesas. In F. Zamith, H. Bastos, & I. Reis (Eds.), *III Congresso Internacional de Ciberjornalismo - Livro de Atas* (pp. 244–264). Observatório do Ciberjornalismo.
- Bonixe, L. (2015a). Políticas, Práticas e Narrativas do Jornalismo Radiofónico Português na Web. In M. Oliveira & F. Ribeiro (Eds.), *Radio, Sound and Internet* (pp. 323–333). Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.

- Bonixe, L. (2015b). Rádios locais em Portugal: entre a proximidade e as regras do mercado. *Jornalismo & Jornalistas*, 61, 28–33.
- Bruns, A. (2003). Gatewatching, Not Gatekeeping: Collaborative Online News. *Media International Australia Incorporating Culture and Policy*, 107(1), 31–44. <https://doi.org/10.1177/1329878x0310700106>.
- Bryan, W. (2005). Writing for the web. In S. Quinn & V. Filak (Eds.), *Convergent Journalism An Introduction: writing and producing across media* (pp. 69–80). Elsevier.
- Canavilhas, J. (2007). *Webnoticia: propuesta de modelo periodístico para la WWW*. Livros Lab.
- Canavilhas, J. (2010). Do gatekeeping ao gatewatcher: o papel das redes sociais no ecossistema mediático. *Nuevos Medios, Nueva Comunicación: Libro de Actas Del II Congreso Internacional Comunicación 3.0*, 388–397. Universidad de Salamanca.
- Canavilhas, J. (2012). Da remediação à convergência: um olhar sobre os media portugueses. *Brazilian Journalism Research*, 8(1), 7–21.
- Canelas, C. (2011). Os Efeitos da Convergência nos Media Noticiosos. In S. Pereira (Ed.), *Congresso Nacional “Literacia, Media e Cidadania”* (pp. 127–139). Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.
- Cordeiro, P. (2004a). A rádio de modelo multimediático e os jovens : a convergência entre o FM e a Internet nas rádios nacionais. In A. Fidalgo & P. Serra (Eds.), *Actas do III Sopcom, VI Lusocom e II Ibérico - Volume IV* (pp. 433–441). Universidade da Beira Interior.
- Cordeiro, P. (2004b). *A Rádio em Portugal : um pouco de história e perspectivas de evolução*. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior.
- Cordeiro, P. (2005a). Rádio e Internet : novas perspectivas para um velho meio. In A. Fidalgo & P. Serra (Eds.), *Actas do III Sopcom, VI Lusocom e II Ibérico - Volume I* (pp. 443–450). Universidade da Beira Interior.
- Cordeiro, P. (2005b). *Rádios temáticas: perfil da informação radiofónica em Portugal. O caso da TSF*. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior.
- Cordeiro, P. (2012a). Radio becoming r@dio: Convergence, interactivity and broadcasting trends in perspective. *Participations, Journal of Audience and Reception Studies*, 9(2), 492–510.

- Cordeiro, P. (2012b). From Radio to R@dio : broadcasting in the 21st century. In M. Oliveira, P. Portela, & L. A. Santos (Eds.), *Radio Evolution: Conference Proceedings* (pp. 155–166). Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.
- Dailey, L., Demo, L., & Spillman, M. (2005). The Convergence Continuum: A Model for Studying Collaboration Between Media Newsrooms. *Atlantic Journal of Communication*, 13(3), 150–168. https://doi.org/10.1207/s15456889ajc1303_2.
- Dann, L. (2012). One Half of the Story: Radio Drama, Online Audio and Transmedia Storytelling. In M. Oliveira, P. Portela, & L. A. Santos (Eds.), *Radio Evolution: Conference Proceedings* (pp. 345–356). Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.
- Deuze, M. (2004). What is multimedia journalism? *Journalism Studies*, 5(2), 139–152. <https://doi.org/10.1080/1461670042000211131>.
- Domingo, D., Salaverría, R., Aguado, J. M., Cabrera, M. A., Edo, C., Masip, P., Meso, K., Palomo, M. B., Sádaba, C., Orihuela, J. L., Portilla, I., Noci, J. D., Larrañaga, J., Larrondo, A., López, X., Pereira, X., Gago, M., Otero, M., Rivera, C. F., ... Giménez, E. (2007). *Four Dimensions of Journalistic Convergence: A preliminary approach to current media trends at Spain*. 8th International Symposium on Online Journalism.
- Dupagne, M., & Garrison, B. (2006). The meaning and influence of convergence: A qualitative case study of newsroom work at the Tampa News Center. *Journalism Studies*, 7(2), 237–255. <https://doi.org/10.1080/14616700500533569>.
- Fidler, R. (1997). *Mediamorphosis: Understanding New Media*. Pine Forge Press.
- Flick, U. (2005). *Métodos qualitativos na Investigação Científica*. Monitor.
- Franco, G. (2009). *Cómo Escribir para la Web: bases para la discusión y construcción de manuales de redacción online*. Knight Center.
- Garcia, J. L., Martinho, T. D., Alves, M. P., Correia, J. C., Cunha, D. S. d., Matos, J. N., Graça, S. M., Ramalho, J., & Rodrigues, C. (2018). *Os media em mudança em Portugal: implicações da digitalização no jornalismo*. ERC – Entidade Reguladora para a Comunicação Social.
- Gonçalves, T. (2005). A abordagem do enquadramento nos estudos do jornalismo. *Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura*, 5(6), 157–168.
- Gordon, R. (2003). The Meanings and Implications of Convergence. In K. Kawamoto (Ed.), *Digital Journalism: emerging media and the changing horizons of Journalism* (pp. 57–73). Rowman & Littlefield Publishers, Inc.

- Gudkova, S. (2018). Interviewing in Qualitative Research. In M. Ciesielska & D. Jemielniak (Eds.), *Qualitative Methodologies in Organization Studies*. Volume II: Methods and Possibilities. (pp. 75-96). Palgrave Macmillan.
- Haandel, J. C. V., & Ramos, F. (2015). The Use of Transmedia Storytelling in the Radio Universe. In M. Oliveira & F. Ribeiro (Eds.), *Radio, sound and Internet* (pp. 200-208). Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.
- Herreros, M. C. (2005). Convergencia multimedia en Internet. In O. Islas (Ed.), *Internet y la sociedad de la información: una Mirada desde la periferia* (pp. 89–114). CIESPAL.
- Herreros, M. C. (2011). O rádio no contexto da comunicação multiplataforma. *Rádio-Leituras*, 2(2), 69–105.
- Jenkins, H. (2006). *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide*. New York University Press.
- Kolodzy, J. (2006). *Convergence Journalism: Writing and Reporting across the News Media*. Rowman & Littlefield Publishers.
- Krippendorff, K. (2004). *Content Analysis: An Introduction to Its Methodology* (2nd ed.). Sage Publications.
- Kroth, M. E. (2016). Radiomorfose: mutações nas rotinas produtivas das rádios TSF e Renascença, de Lisboa, PT. *Estudos Em Jornalismo e Mídia*, 13(1), 19–31. <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2016v13n1p19>.
- Lopez, D. C. (2009). O papel do gatekeeper no jornalismo radiofônico em ambiente de convergência. *Chasqui*, 108, 59–62. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Martínez-Costa, M. D. P. (2015). Radio y Nuevas Narrativas: de la Crossradio a la Transradio. In M. Oliveira & F. Ribeiro (Eds.), *Radio, sound and Internet* (pp. 168-187). Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.
- McEwan, R. (2017). Renegotiating radio work in the era of media convergence: Uncertainty, individualisation and the centrality of brands. *The Political Economy of Communication*, 5(2), 45–66.
- McHugh, S. (2016). How podcasting is changing the audio storytelling genre. *The Radio Journal – International Studies in Broadcast & Audio Media*, 14(1), pp. 65-82.
- McPhillips, S. & Merlo, O. (2008). Media convergence and the evolving media business model: an overview and strategic opportunities. *The Marketing Review*, 8(3), 237-254. <https://doi.org/10.1362/146934708X337663>

- Meditsch, E. (1997). *A nova era do rádio : o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico*. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação da Universidade da Beira Interior.
- Meditsch, E. (1999). *A rádio na era da informação : teoria e técnica do novo radiojornalismo*. Minerva.
- Mendes, R. & Miskulin, R. (2017). A análise de conteúdo como uma metodologia. *Cadernos de Pesquisa*, 47(165), 1044–1066.
- Meneses, J. P. (2003). *Tudo o que se passa na TSF... “para um livro de estilo”*. Jornal de Notícias.
- Meneses, J. P. (2010). A rádio em crise antes da crise provocada pela Internet. *Observatorio*, 4(1), 1–18. <https://doi.org/10.7458/obs412010334>.
- Meneses, J. P. (2016). *Jornalismo Radiofónico*. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.
- Merayo, A. & Alaejo, M.d.l.P.M.P (2012). Radio today: the risks of the past and an uncertain future. In M. Oliveira, P. Portela, & L. A. Santos (Eds.), *Radio Evolution: Conference Proceedings* (pp. 269–280). Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.
- Minkov, M. (1983). *Jornalismo radiofónico*. OIJ.
- Morris, J. W. & Patterson, E. (2015). Podcasting and its Apps: Software, Sound, and the Interfaces of Digital Audio. *Journal of Radio & Audio Media*, 22(2), pp. 220-230.
- Musante, K. (2014). Participant Observation. In H. Bernard & C. Gravlee (Eds.), *The Handbook of Methods in Cultural Anthropology* (pp. 251-22). Rowman & Littlefield.
- Neto, I. (2017). *As multiplataformas informativas: os desafios que as redes de media social e os periféricos móveis colocam no campo do jornalismo* (Tese de Doutoramento). Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.
- Neuberger, R. (2012). *O Rádio na Era da Convergência das Mídias*. Editora UFRB.
- Nic, N., Levy, D. A. L., Nielsen, R. K., Fletcher, R., & Kalogeropoulos, A. (2018). Reuters Institute Digital News Report 2018. In *Reuters Institute Digital News*.
- Papper, R. A. (2005). Broadcasting Writing and Speaking. In S. Quinn & V. Filak (Eds.), *Convergent Journalism An Introduction: writing and producing across media* (pp. 55–68). Oxford: Elsevier.
- Prado, E. (1985). *Estrutura da informação radiofónica*. Summus.

- Pryor, J. (2010). Constructing research questions: Focus, methodology and theorization. In P. Thomson & M. Walker (Eds.), *The Routledge Doctoral Student's Companion: Getting to grips with research in Education and the Social Sciences* (pp. 161-171). Routledge.
- Quadros, M. & Lopes, D. C. (2014). O Rádio Interativo e o Ouvinte: um olhar sobre a evolução das Tecnologias de Participação e o Desenvolvimento do meio no Brasil. *Media & Jornalismo*, 24(13), 39-50.
- Quandt, T., & Singer, J. B. (2009). Convergence and Cross-Platform Content Production. In K. Wahl-Jorgensen & T. Hanitzsch (Eds.), *The Handbook of Journalism Studies* (pp. 130–144). Routledge.
- Quinn, S. (2005a). Convergence's fundamental question. *Journalism Studies*, 6(1), 29–38. <https://doi.org/10.1080/1461670052000328186>.
- Quinn, S. (2005b). Multimedia Journalism: Putting it all Together. In S. Quinn & V. Filak (Eds.), *Convergent Journalism An Introduction: writing and producing across media* (pp. 147–162). Elsevier.
- Reis, A. I. (2009). *O Áudio no Jornalismo Radiofónico na Internet* (Tese de Doutoramento). Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.
- Reis, A. I. (2011). A reconfiguração da temporalidade da rádio na era da Internet. *Comunicação e Sociedade*, 20, 13-28.
- Reis, A. I. (2013). As notícias nos sites de rádio: contributos para a identidade da notícia ciber-radiofónica. In F. Zamith, H. Bastos, & I. Reis (Eds.), *III Congresso Internacional de Ciberjornalismo - Livro de Atas* (pp. 224–243). Observatório do Ciberjornalismo.
- Reis, A. I. (2015). O lugar do som nos sites das rádios. *Jornalismo & Jornalistas*, 61, 44–47.
- Ribeiro, N. C. & Resende, F. (2017). O jornalismo convergente e a reconfiguração do trabalho nas redações da imprensa portuguesa. *Observatorio*, 11(4), 139–153.
- Riffe, D., Lacy, S., & Fico, F. (2014). *Analyzing Media Messages: using quantitative content analysis in research* (3rd ed.). Routledge.
- Salaverría, R. (2009). Los medios de comunicación ante la convergencia digital. *Actas Del I Congreso Internacional de Ciberperiodismo y Web 2.0*. Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco.
- Salaverría, R. (2010). Estructura de la convergencia. In X. López & X. Pereira (Eds.), *Convergencia digital. Reconfiguración de los medios de comunicación en España*

- (pp. 27-40). Santiago de Compostela: Servicio Editorial de la Universidad de Santiago de Compostela.
- Salaverría, R., & Cores, R. (2005). Géneros periodísticos en los cibermedios hispanos. In R. Salaverría & R. Cores (Eds.), *Cibermedios. El impacto de internet en los medios de comunicación en España* (pp. 145–185). Comunicación Social Ediciones y Publicaciones.
- Salaverría, R., & Negrodo, S. (2008). *Periodismo integrado: convergencia de medios y reorganización de redacciones*. Editorial Sol90.
- Salaverría, R., Avilés, J. A. G., & Masip, P. (2008). Media Convergence as a Research Concept: A Proposal for Its Theoretical and Operational Definition. *European Communication Research and Education Association: 2nd European Communication Conference*. ECREA.
- Saltzis, K., & Dickinson, R. (2008). Inside the changing newsroom: Journalists' responses to media convergence. *Aslib Proceedings: New Information Perspectives*, 60(3), 216–228. <https://doi.org/10.1108/00012530810879097>.
- Santos, R. (2005). Rádio em Portugal: tendências e grupos de comunicação na actualidade. *Comunicação e Sociedade*, 7, 137–152. [https://doi.org/10.17231/comsoc.7\(2005\).1214](https://doi.org/10.17231/comsoc.7(2005).1214)
- Santos, R. (2012). Radio and Technologies. Ideas for research. In M. Oliveira, P. Portela, & L. A. Santos (Eds.), *Radio Evolution: Conference Proceedings* (pp. 93–100). Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.
- Scacco, J. M., Curry, A. L. & Stroud, N. J. (2015). Digital divisions: Organizational gatekeeping practices in the context of online news. *International Symposium on Online Journalism*, 5(1), pp. 106-123.
- Silva, E. C. (2015). Rádio: entre a concentração e o “localismo”. *Jornalismo & Jornalistas*, 61, 34–39.
- Silva, N. M. (2012). Radio and the Web: BBC radio as a new model of radio communication. In M. Oliveira, P. Portela, & L. A. Santos (Eds.), *Radio Evolution: Conference Proceedings* (pp. 413–420). Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.
- Silva, N. M. (2014). A redação convergente e a produção de conteúdos para dispositivos móveis. *Sobre Jornalismo*, 3(2), 70–83.
- Singer, J. B. (1997). Still guarding the gate? The newspaper journalist's role in an on-line world. *Convergence*, 3(1), 72–89. <https://doi.org/10.1177/135485659700300106>.

- Sousa, J. P., & Aroso, I. (2003). *Técnicas Jornalísticas nos Meios Eletrónicos: princípios de radiojornalismo, telejornalismo e jornalismo on-line*. Universidade Fernando Pessoa.
- Strøm, A. & Fagermoen, M. S. (2012). Systematic Data Integration—A Method for Combined Analyses of Field Notes and Interview Texts. *International Journal of Qualitative Methods*, 11 (5), pp. 534-546.
- Suetu, C. Y., Gambaro, D., & Ramos, T. S. (2015). Hybrid Processes On Radio: How the Video Camera is Becoming Part of a New Format of Radio Shows. In M. Oliveira & F. Ribeiro (Eds.), *Radio, sound and Internet* (pp. 209-223). CECS - Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.
- Vala, J. (1999). A análise de conteúdo. In A. Silva e J. Pinto (Eds.), *Metodologia das Ciências Sociais* (10th ed., pp. 101–107). Edições Afrontamento.
- Weigeit, D. & Parmeggianni, B. (2013). O rádio nos novos meios de comunicação: uma nova forma de ouvir. In F. Zamith, H. Bastos, & I. Reis (Eds.), *III Congresso Internacional de Ciberjornalismo - Livro de Atas* (pp. 58–76). Observatório do Ciberjornalismo.

Anexos

A. Certificado referente à realização do estágio

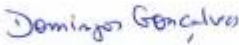
rádionotícias

DECLARAÇÃO


RÁDIO NOTÍCIAS – PRODUÇÕES E PUBLICIDADE, S.A., com sede na Rua Tomás da Fonseca, Torre E – 3º Piso, 1600-209 Lisboa, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número único de matrícula e identificação fiscal nº 503024554, declara para os devidos efeitos, que **CAROLINA CARVALHO PINHO QUARESMA** realizou entre 6 de janeiro de 2020 e 25 de setembro de 2020, num total de 418 horas, um estágio curricular na Direção Editorial TSF.

Mais declaramos que, entre o dia 14 de março de 2020 e o dia 12 de setembro de 2020, o estágio esteve suspenso devido à situação pandémica do Covid19.

Lisboa, 25 de setembro de 2020



DOMINGOS GONÇALVES
DRH - Direção Recursos Humanos
Director

 **Global Media**
GROUP

www.globalmediagroup.pt

RÁDIO NOTÍCIAS – Produções e Publicidade, SA
Sede: Rua Tomás da Fonseca, Torre E – 3º Piso, 1600-209 Lisboa
Tel: (+351) 218 612 500
Fax: (+351) 218 612 502
Capital Social: 3.085.760,74 euros | Matrícula CRC Lisboa | NIPC 503.024.554

Figura 1 - Certificado de estágio elaborado pelos Recursos Humanos do Global Media Group

B. Parecer do responsável de estágio




 ESCOLA SUPERIOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL	
Parecer do responsável do Estágio	
<p>Referente ao período de estágio da aluna Carolina Carvalho Pinho Quaresma, estabelecido pelo Protocolo de Cooperação entre a Escola Superior de Comunicação Social (ESCS) e a Rádio Notícias - Produções e Publicidade, SA, no ano letivo 2019/2020, o responsável de estágio Ricardo Alexandre, designado por esta empresa, informa e emite parecer sobre o seguinte:</p>	
<p>1. Descrição sumária das tarefas executadas pelo estagiário:</p> <p>Essencialmente, a Carolina Quaresma fez gravações de voz, peças, edições de jornais (em simulador), enfim, as tarefas habituais numa redação de rádio, bem como elaboração de notícias e iniciação ao sistema de backoffice, tarefa essencial para o trabalho numa redação digital.</p>	
<p>2. Apreciação qualitativa do desempenho do estagiário, tendo em conta os seguintes aspetos:</p> <p>Proatividade, procura de conhecimento, vontade de aprender, foram marcas deste estágio. A estagiária Carolina Quaresma teve uma prestação extremamente positiva no trabalho que realizou no site da TSF – tanto na elaboração de notícias, como em reportagem. A qualidade da escrita já era notória e foi desenvolvida durante o estágio.</p> <p>Foi respondendo de modo bastante satisfatório às propostas que lhe foram sendo apresentadas bem pelo interesse em executar outras tarefas além do lhe foi solicitado, manifestando um bom desempenho nas tarefas habituais numa redação e integrando-se perfeitamente nas equipas por onde passou (manhã, tarde, online). Revela capacidade na escrita radiofónica. Boa execução na gravação de voz. Margem para progressão rápida. A Carolina é, sem dúvida, alguém que estará nos nossos radares.</p>	
<p>Lisboa, 27 de Outubro de 2020,</p> <p> Ricardo Alexandre Diretor - Adjunto da TSF Coordenador de Estágios</p>	

Figura 2 - Parecer de avaliação emitido pelo responsável de estágio, Ricardo Alexandre

C. E-mail de confirmação de estágio na TSF por parte da ESCS

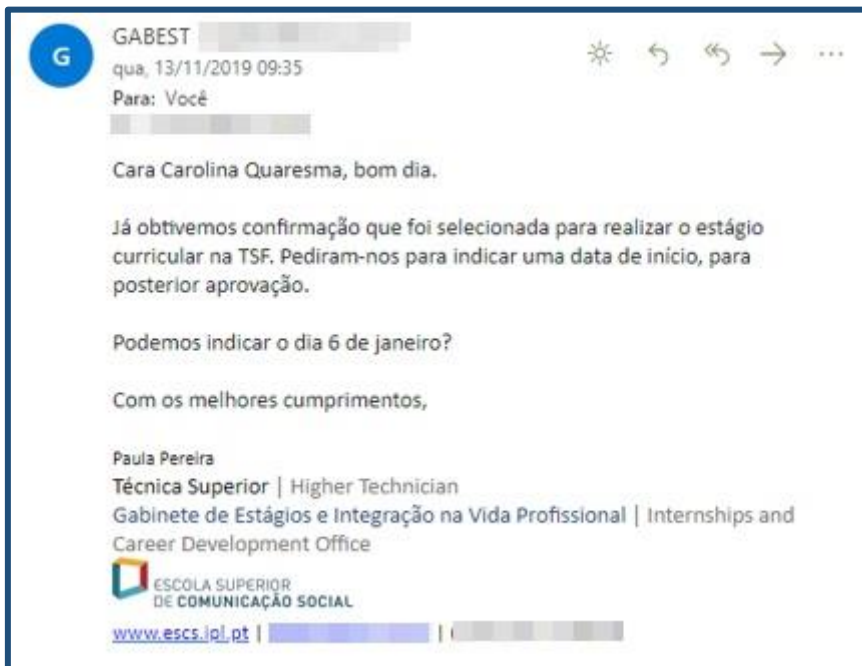


Figura 3 - Print do e-mail de confirmação de estágio na TSF

D. E-mail de confirmação de regresso ao estágio, por parte de Pedro Pinheiro

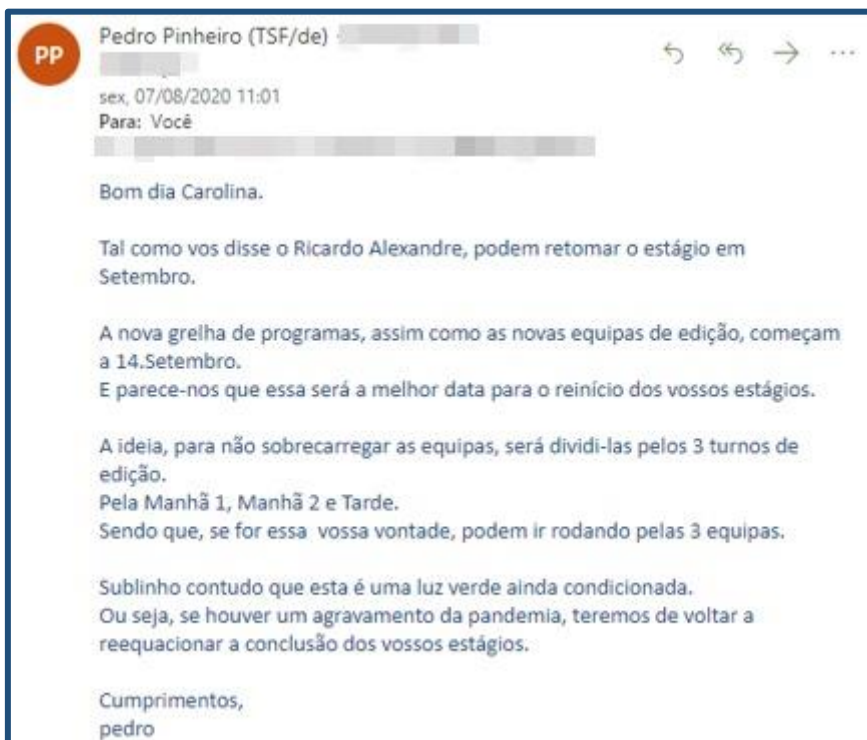


Figura 4 - Print do e-mail de confirmação de regresso ao estágio

E. Homepage do site TSF



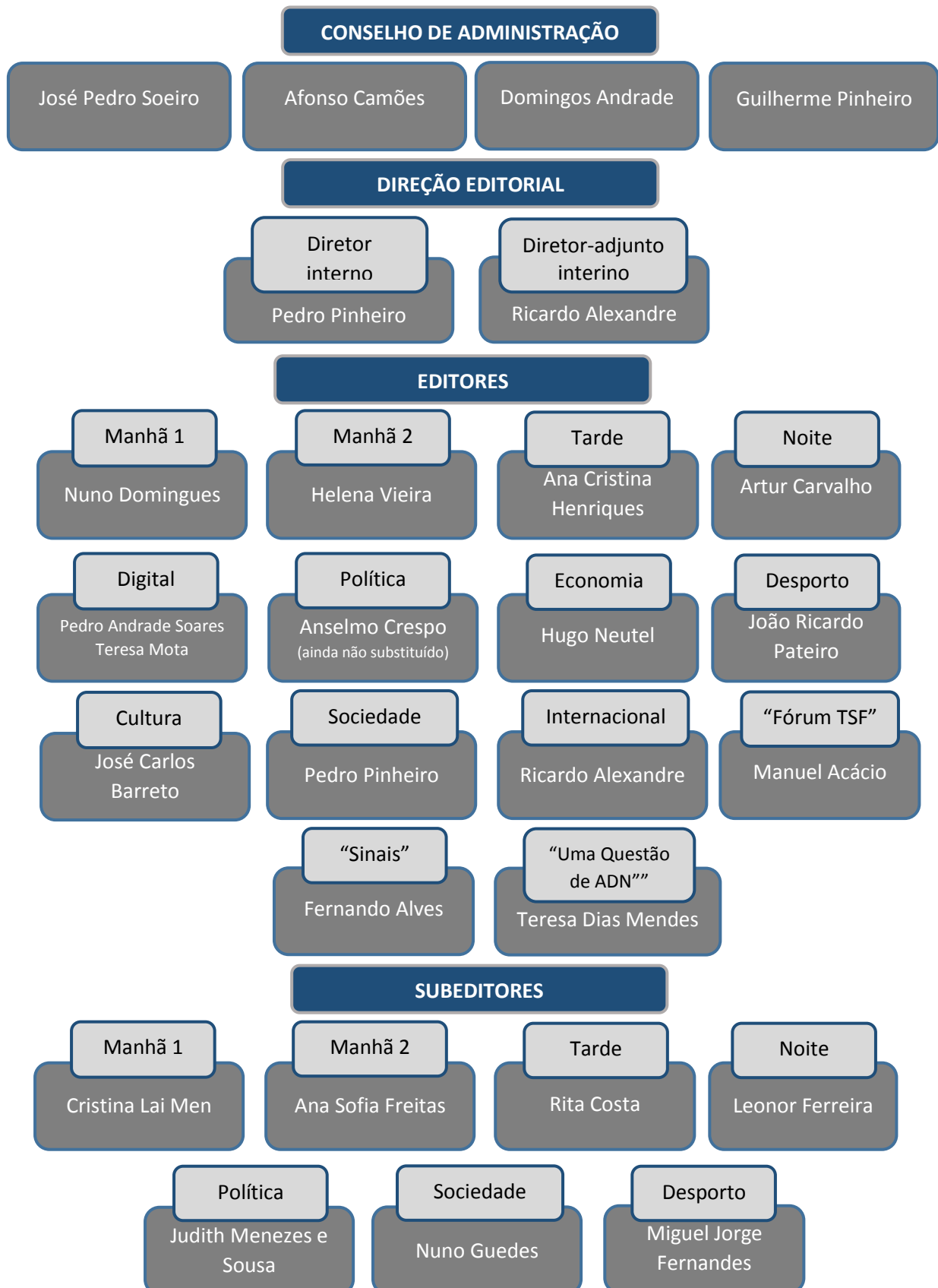
Figura 5 - Printscreen da homepage do site TSF (o printscreen foi tirado no dia 9 de Novembro, às 12h00)

E.1 Menu do site TSF



Figura 6 - Barra de menu do site TSF

F. Organograma da TSF²⁰⁷



²⁰⁷ Este organograma não contempla possíveis mudanças ocorridas posteriormente ao fim do estágio.



Figuras 7 e 8 - Organograma TSF (Informações gentilmente cedidas por Anselmo Crespo, em maio de 2020 e, posteriormente atualizadas e confirmadas por Ricardo Alexandre, no último dia de estágio, em setembro de 2020)

F.1. Mapa TSF (jornalistas da antena e do digital e outras equipas)²⁰⁸

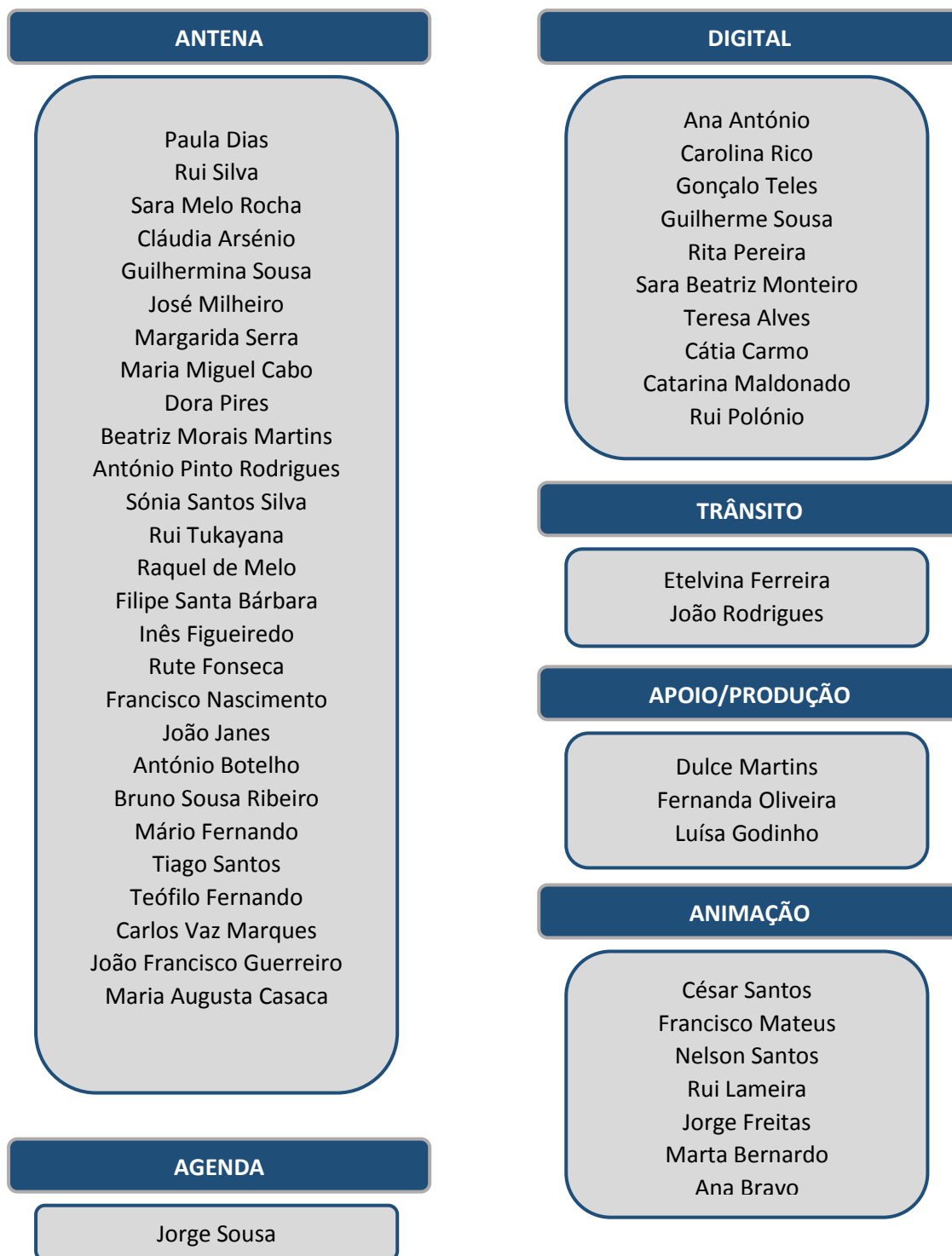


Figura 9 - Mapa TSF (Informações gentilmente cedidas por Anselmo Crespo, em maio de 2020)

²⁰⁸ Este mapa não contempla possíveis mudanças ocorridas posteriormente ao fim do estágio.

G. Diário de bordo mensal

JANEIRO				
Dia 6	Dia 7	Dia 8	Dia 9	Dia 10
<ul style="list-style-type: none"> • Acompanhamento do trabalho dos jornalistas da secção <i>online</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Edição de duas notícias <i>Lusa</i> • Elaboração de duas notícias <i>TSF</i> <ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de temas na imprensa internacional • Verificação de tags nas peças sobre a tensão entre os EUA e o Irão 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de temas na imprensa internacional • Edição de quatro notícias <i>Lusa</i> <ul style="list-style-type: none"> • Proposta e elaboração de uma notícia <i>TSF</i> • Publicação de uma notícia que foi dada em antena 	<ul style="list-style-type: none"> • Edição de cinco notícias <i>Lusa</i> <ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de temas na imprensa internacional • Transcrição de uma entrevista de Anselmo Crespo com Rui Rio 	<ul style="list-style-type: none"> • Elaboração de uma reportagem <ul style="list-style-type: none"> • Proposta e elaboração de uma notícia <i>TSF</i> • Pesquisa de temas na imprensa internacional
Dia 13	Dia 14	Dia 15	Dia 16	Dia 17
<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de temas na imprensa internacional <ul style="list-style-type: none"> • Edição de duas notícias <i>Lusa</i> • Elaboração de uma notícia <i>TSF</i> • Atualização de uma notícia já publicada 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de temas na imprensa internacional <ul style="list-style-type: none"> • Proposta e elaboração de duas notícias <i>TSF</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de temas na imprensa internacional <ul style="list-style-type: none"> • Edição de cinco notícias <i>Lusa</i> • Alterações e melhoramentos numa das notícias feita no dia anterior 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de temas na imprensa internacional <ul style="list-style-type: none"> • Proposta e elaboração de uma notícia <i>TSF</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de temas na imprensa internacional <ul style="list-style-type: none"> • Edição de duas notícias <i>Lusa</i> • Proposta e elaboração de uma notícia <i>TSF</i>
Dia 18 (sábado)	Dia 20	Dia 21	Dia 22	Dia 23
<ul style="list-style-type: none"> • Acompanhamento dos resultados da 2ª volta das eleições do PSD (emissão especial) • Edição de três notícias <i>Lusa</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de temas na imprensa internacional <ul style="list-style-type: none"> • Edição de seis notícias <i>Lusa</i> • Elaboração de uma notícia <i>Lusa/TSF</i> <ul style="list-style-type: none"> • Proposta e elaboração de uma notícia <i>TSF</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de temas na imprensa internacional <ul style="list-style-type: none"> • Edição de quatro notícias <i>Lusa</i> • Proposta e elaboração de uma notícia <i>TSF</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de temas na imprensa internacional <ul style="list-style-type: none"> • Edição de duas notícias <i>Lusa</i> • Proposta e elaboração de duas notícias <i>TSF</i> • Atualização de uma notícia <i>TSF</i> já publicada 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de temas na imprensa internacional <ul style="list-style-type: none"> • Edição de quatro notícias <i>Lusa</i> • Proposta e elaboração de uma notícia <i>TSF</i>
Dia 24	Dia 27	Dia 28	Dia 29	Dia 30
<ul style="list-style-type: none"> • Transcrição do programa “Uma Questão de ADN” com Paulo Pedroso e Beatriz Pedroso 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de temas na imprensa internacional <ul style="list-style-type: none"> • Edição de duas notícias <i>Lusa</i> • Proposta e elaboração de uma notícia <i>TSF</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de temas na imprensa internacional <ul style="list-style-type: none"> • Edição de treze notícias <i>Lusa</i> • Publicação de um artigo para a “Economia do Golo” • Atualização do “liveblog” sobre o coronavírus 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de temas na imprensa internacional <ul style="list-style-type: none"> • Edição de duas notícias <i>Lusa</i> • Proposta e elaboração de uma notícia <i>TSF</i> • Atualização do “liveblog” sobre o coronavírus 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de temas <ul style="list-style-type: none"> • Edição de sete notícias <i>Lusa</i> • Transcrição de uma entrevista • Publicação no <i>site</i> de uma peça feita por Afonso de Sousa • Elaboração de uma notícia <i>TSF</i>

Dia 31

- Pesquisa de temas na imprensa internacional
- Edição de seis notícias *Lusa*
- Elaboração de uma notícia *TSF*
- Acompanhamento e atualização do “liveblog” sobre a greve da Função Pública

Tabela 6 - Tarefas realizadas em Janeiro enquanto estagiária da TSF

FEVEREIRO				
Dia 3	Dia 4	Dia 5	Dia 6	Dia 7
<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de temas na imprensa internacional • Elaboração de uma galeria de fotografias • Acompanhamento e auxílio à nova estagiária, Filipa Murta • Publicação de um artigo sobre o programa “TSF Pais & Filhos” • Edição de duas notícias <i>Lusa</i> • Isolamento de uma notícia do “liveblog” sobre o coronavírus 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de temas na imprensa internacional • Elaboração de uma notícia sobre um tema falado durante a “Manhã TSF” 	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de temas na imprensa internacional • Edição de uma notícia <i>Lusa</i> • Elaboração de uma notícia <i>Lusa/TSF</i>: acrescento de áudios <ul style="list-style-type: none"> • Proposta e elaboração de uma notícia <i>TSF</i> • Proposta de um conjunto de reportagens “Lojas com História” em conjunto com Filipa Murta e Sara Lopes 	<ul style="list-style-type: none"> • Início da estrutura das reportagens • Edição de três notícias <i>Lusa</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Atualização do “liveblog” sobre o coronavírus • Estabelecimento de contactos e início da preparação das reportagens • Requisição do material necessário para as reportagens • Edição de duas notícias <i>Lusa</i>

Dia 9 (domingo)	Dia 11	Dia 12	Dia 13	Dia 14
<ul style="list-style-type: none"> • Acompanhamento da noite dos Óscares • Elaboração de duas galerias de fotografias com imagens da cerimónia • Edição de seis notícias <i>Lusa</i> • Elaboração de uma notícia <i>Lusa/TSF</i> • Atualização do “liveblog” com tweets 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Manhã² • Elaboração de uma peça (texto e gravação de som) • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Manhã² • Elaboração de uma peça (texto e gravação de som) • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) <ul style="list-style-type: none"> • Início da preparação da primeira reportagem “Lojas com História” 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Manhã² • Melhoramento da peça do dia anterior • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) • Preparação da primeira reportagem “Lojas com História” – texto e corte de sons 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Manhã² • Elaboração de uma peça (texto e gravação de som) • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) • Finalização da primeira reportagem “Lojas com História” – revisão de texto, colocação de áudios e fotografia
Dia 17	Dia 18	Dia 19	Dia 20	Dia 21
<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Manhã² • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) • Elaboração de um “mini-noticiário” (texto e gravação de som) 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Manhã² • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) • Acompanhamento da jornalista Beatriz Morais Martins em reportagem • Elaboração de uma peça (texto e gravação de som) 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Manhã² • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) <ul style="list-style-type: none"> • Ida em reportagem para o <i>online</i>: loja “Au Petit Peintre” • Preparação da segunda reportagem: transcrição de sons e início do texto 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Manhã² • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) • Preparação da terceira reportagem “Lojas com História”: transcrição de sons • Elaboração de uma peça (texto e gravação de som) 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Manhã² • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) • Elaboração de uma peça (texto e gravação de som) • Finalização da segunda reportagem “Lojas com História”: revisão de texto, colocação de áudios e fotografias

Dia 24	Dia 26	Dia 27	Dia 28
<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Manhã2 • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) • Elaboração de uma peça (texto e gravação de som) • Preparação da terceira reportagem “Lojas com História”: transcrição e início da escrita” 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Manhã2 • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) • Produção de uma revista de títulos e uma revista de imprensa completa (texto e gravação de som) 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Manhã2 • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) • Elaboração de um lançamento e de um rodapé para uma peça jornalística (texto e gravação de som) • Preparação da terceira reportagem “Lojas com História”: texto, escolha de fotografias e legendas 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Manhã2 • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) • Elaboração de uma peça (texto e gravação de som) • Finalização da terceira reportagem “Lojas com História”: revisão final

Tabela 7 - Tarefas realizadas em Fevereiro enquanto estagiária da TSF

MARÇO				
Dia 2	Dia 3	Dia 4	Dia 5	Dia 6
<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Manhã2 • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) • Acompanhamento da situação de coronavírus em Portugal 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura de jornais • Reunião com a equipa da Manhã2 • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) • Elaboração de duas peças (texto e gravação de som) 	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura de jornais • Reunião com a equipa da Manhã2 • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) • Elaboração de uma peça (texto e gravação de som) 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Manhã2 • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) • Atualização do “liveblog” sobre o coronavírus 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Manhã2 • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) • Atualização do “liveblog” sobre o coronavírus • Verificação do noticiário do meio-dia da Antena1 • Elaboração de um noticiário (texto)

Dia 9	Dia 10	Dia 11	Dia 12	Dia 13
<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Manhã² • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) • Elaboração de um noticiário (gravação de som) • Atualização do “liveblog” sobre o coronavírus 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Manhã² • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) • Atualização do “liveblog” sobre o coronavírus • Elaboração de duas peças (texto e gravação de som) 	<ul style="list-style-type: none"> • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) • Atualização do “liveblog” sobre o coronavírus 	<ul style="list-style-type: none"> • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) • Atualização do “liveblog” sobre o coronavírus 	<ul style="list-style-type: none"> • Publicação do diário de João Pedrosa (português que vive em Wuhan) • Atualização do “liveblog” sobre o coronavírus

Tabela 8 - Tarefas realizadas em Março enquanto estagiária da TSF

16 DE MARÇO – 11 DE SETEMBRO

SUSPENSÃO DE ESTÁGIO DEVIDO À COVID-19

SETEMBRO				
Dia 14	Dia 15	Dia 16	Dia 17	Dia 18
<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Tarde • Leitura de jornais • Alinhamento de noticiário (texto e gravação de som) 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Tarde • Leitura de jornais • Elaboração de duas peças (texto e gravação de som) • Exercício para melhorar o tom de voz 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Tarde • Leitura de jornais • Elaboração de duas peças (texto e gravação de som) 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Tarde • Leitura de jornais • Levantamento de dados e informações sobre a situação de covid-19 na China, no último mês 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Tarde • Leitura de jornais • Elaboração de uma peça (texto e gravação de som)
Dia 21	Dia 22	Dia 23	Dia 24	Dia 25
<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Tarde • Leitura de jornais • Elaboração de uma peça (texto e gravação de som) 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Tarde • Leitura de jornais • Elaboração de um noticiário (texto e gravação de som) 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Tarde • Leitura de jornais • Elaboração de duas peças (texto, gravação de som e montagem) • Mini tutoria com o jornalista da <i>TSF</i> António Pinto Rodrigues sobre os lançamentos em rádio 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Tarde • Leitura de jornais • Melhoramento de uma das peças do dia anterior • Elaboração de uma peça (texto, gravação de som e montagem) • Mini tutoria com o jornalista da <i>TSF</i> António Pinto Rodrigues sobre como tornar o texto mais apelativo, escrevendo a história do meio ou do final para o início 	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião com a equipa da Tarde • Leitura de jornais • Elaboração de um noticiário com tituleira (texto, gravação de som e montagem) • Mini tutoria com o jornalista da <i>TSF</i> António Pinto Rodrigues sobre como treinar a voz para ler em rádio

Tabela 9 - Tarefas realizadas em setembro enquanto estagiária da TSF

H. Trabalho realizado enquanto estagiária

H.1 Temas encontrados na imprensa internacional

Facebook vai banir deepfakes para combater desinformação

Numa época em que as eleições norte-americanas se aproximam, a nova política da rede social surge como uma medida de combate à desinformação.

Por TSF
07 Janeiro, 2020 • 14:00

PARTILHAR

-  Facebook
-  Twitter
-  WhatsApp
-  E-mail
- 
-  Comentar



A medida vai incidir sobre os vídeos manipulados produzidos por inteligência artificial. (5) Pixabay

I Facebook anunciou esta segunda-feira que vai retirar vídeos falsos, conhecidos por "deepfake", da rede social. Contudo esta nova política apenas abrange os vídeos manipulados e desinformação produzida através de ferramentas de inteligência artificial. Os "shallow fakes", vídeos feitos a partir de elementos de edição convencionais, continuam a ser permitidos na plataforma. A gestora de políticas globais do Facebook, Monika Bickert, alerta que esta é apenas uma entre várias medidas que a rede social pretende implementar para combater a desinformação.

Com as eleições norte-americanas a aproximarem-se, esta política vai incidir sobre os vídeos que possam induzir as pessoas em erro ou que sejam um produto de inteligência artificial em que o conteúdo possa parecer, indevidamente, autêntico. **"Se uma fotografia ou vídeo for categorizado como falso por um verificador de factos, vamos reduzir significativamente a sua distribuição e rejeitá-lo caso esteja a circular como um anúncio"**, anunciou Bickert. "As pessoas que tentarem partilhar essa informação, **vão poder ver o alerta de que o conteúdo é falso**", acrescenta a chefe de gerenciamento de políticas globais desta rede social.

No entanto, caso o vídeo falso seja publicado por um político, pode permanecer na rede social. "No caso de alguém fazer um comunicado ou partilhar uma publicação que quebre os padrões da comunidade, mas em que o interesse público se sobreponha aos prejuízos, poderá continuar na plataforma", explica o vice-presidente de assuntos e comunicações globais do Facebook, Nick Clegg.

Figura 10 - Notícia proposta e elaborada por mim no dia 7 de janeiro de 2020. Disponível em : <https://www.tsf.pt/futuro/facebook-vai-banir-deepfakes-para-combater-desinformacao-11679024.html>

Hyundai junta-se à Uber para lançar "carros voadores"

Com capacidade para quatro pessoas e velocidade máxima até 290 quilómetros por hora, a Uber espera começar a operacionalizar viagens aéreas em 2023.

Por TSF
08 Janeiro, 2020 • 13:14

PARTILHAR



A Hyundai em parceria com a Uber apresentou esta terça-feira no Consumer Electronics Show (CES), em Las Vegas, um protótipo em tamanho real de um "carro voador" semelhante a um helicóptero com quatro hélices. O design proposto pela Hyundai é capaz de transportar um piloto e três passageiros e fazer viagens até 100 quilómetros de distância, numa velocidade máxima de 290 quilómetros por hora. Este protótipo (S-A1) tem como objetivo eliminar as viagens com combustíveis fósseis, contribuindo para a diminuição da poluição.

A Uber pretende começar a operacionalizar estes táxis aéreos por volta de 2023 e, por isso, já se juntou a vários fabricantes como a Bell Helicopter e a brasileira Embraer para desenvolver as suas próprias aeronaves. Contudo, os especialistas dizem que esta previsão é muito incerta. O professor e investigador da área de design aeroespacial da Universidade de Purdue afirma que "vai demorar um pouco" e que "se tudo correr bem, será viável nos próximos dez anos".

Também o CEO da Near Earth Autonomy, uma start-up de desenvolvimento de softwares para táxis aéreos, Carnegie Mellon não espera que estas viagens aéreas sejam possíveis até que os helicópteros voem sozinhos. "É caro pagar a um piloto e as companhias têm mais lucros se colocarem mais um passageiro na aeronave", acrescenta.

A Hyundai e a Uber ainda não realizam voos de teste e a Administração Federal de Aviação terá ainda de certificar os veículos, um processo que pode demorar alguns anos.

Figura 11 - Notícia proposta e elaborada por mim no dia 8 de janeiro de 2020. Disponível em : <https://www.tsf.pt/futuro/hyundai-junta-se-a-uber-para-lancar-carros-voadores-11682902.html>

FOTOS NA AUSTRÁLIA

Grupo de artistas pinta mural em homenagem a bombeiros australianos



Por TSF
14 Jan, 2020 • 17:28

Além dos graffitis, os artistas conseguiram também angariar fundos para a WWF da Austrália.

Um grupo de artistas de graffiti prestou homenagem aos bombeiros que combatem os incêndios florestais que estão a assolar à Austrália, que, até ao momento, mataram 28 pessoas e mil milhões de animais e destruíram dez milhões de hectares. Entre os murais de Hosier Lane, em Melbourne, na Austrália, está pintado um "coala-bombeiro", juntamente com uma nota de agradecimento aos bombeiros do país.

Andrew Gibbons, um dos artistas, disse à BBC que a resposta tem sido bastante positiva. "O meu amigo Koryu Aoshima pediu ao grupo que se juntasse para pintar por uma boa causa", sublinhou. "Foram nove participantes e cada um pintou a sua própria peça", acrescentou.

Enquanto decorria esta ação, o grupo ajudou também a angariar dinheiro para a organização não-governamental World Wide Fund for Nature (WWF), da Austrália. "Várias pessoas estiveram lá para apoiar aquilo que estávamos a fazer", contou Andrew Gibbons, acrescentando: "Foi o mínimo que podíamos fazer para ajudar e, além do dinheiro angariado, esperamos que as imagens sejam úteis."

Figura 12 - Notícia proposta e elaborada por mim em formato de fotogaleria no dia 14 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/grupo-de-artistas-pinta-mural-em-homenagem-a-bombeiros-australianos-11704786.html>

INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA

Xenobot? É o primeiro robô "vivo e programável"

"Não são nem um robô tradicional nem uma espécie animal conhecida. São um novo artefacto: um organismo vivo e programável." Não é ficção científica, mas pode parecer. Saiba o que são e como funcionam os xenobots.

Por TSF
15 Janeiro, 2020 • 17:04

PARTILHAR



Os xenobots podem transportar remédios para dentro do corpo humano? Universidade de Vermont e universidade de Tufts

Foi criado o primeiro robô auto regenerador, concebido a partir de células estaminais de sapos, avança a [CNN](#). A nomeação de Xenobot surge do facto de as células terem sido retiradas do sapo da espécie "unhas africanas" ("*Xenopus laevis*").

Os xenobots, com menos de um milímetro de largura, podem andar, nadar, trabalhar em grupo e sobreviver dentro do corpo humano durante várias semanas sem comer. "Estas são formas totalmente novas", referiu em comunicado a universidade do estado norte-americano de Vermont que conduziu esta investigação em parceria com a universidade de Tufts, em Massachusetts, nos Estados Unidos.

"Estas são novas máquinas vivas."

Para dar vida a este novo robô, os cientistas começaram por recolher as células estaminais vivas de embriões de sapos, deixando-as em incubadoras. Este tipo de células pode diferenciar-se em diversas linhagens celulares, autorrenovando-se e dividindo-se indefinidamente. Posteriormente, as

células foram cortadas e modeladas em "formas corporais", desenhadas por um supercomputador - as da pele foram unidas para formar a estrutura, enquanto as do músculo do coração possibilitaram que o robô se movesse sozinho.

Figura 13 - Notícia proposta e elaborada por mim no dia 15 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/sociedade/ciencia-e-tecnologia/xenobot-e-o-primeiro-robo-vivo-e-programavel-11705369.html>

ARQUEOLOGIA

"Incrivelmente raro." Túmulo com dois mil anos encontrado em Inglaterra

Dentro do túmulo estavam uma lança de ferro com uma bainha decorada, um recipiente de madeira e ainda frascos de cerâmica feitos de argilas locais.

Por TSF
29 Janeiro, 2020 • 15:24

PARTILHAR



As escavações foram feitas antes da construção de 175 habitações © Archaeology South-East/Twitter

Um túmulo de um guerreiro com dois mil anos foi encontrado em Chichester, West Sussex, em Inglaterra, avança a [Sky News](#). A descoberta feita pela equipa da Archaeology South-East, da University College London, é considerada "incrivelmente rara", sendo uma das poucas conhecidas no Sul de Inglaterra que remete para o período entre o final da Idade do Ferro e o início da época romana.

O túmulo foi detetado durante uma escavação que aconteceu antes da construção de 175 habitações nas proximidades de Chichester. Dentro dele foi encontrada uma lança de ferro com uma bainha altamente decorada, mas o esqueleto não foi encontrado. Os arqueólogos estão a investigar a identidade e o estatuto social do indivíduo.



Figura 14 - Notícia proposta e elaborada por mim no dia 29 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/incrivelmente-raro-tumulo-com-dois-mil-anos-encontrado-em-inglaterra-11761679.html>

H.2 Notícia em formato de reportagem sobre a Capital Verde Europeia 2020



Capital Verde Europeia: Lisboa "escolhe evoluir" e propõe objetivos para a década

Por TSF/Lusa
11 Janeiro, 2020 • 09:49

TÓPICOS CHAVE

- Metas para cumprir ao longo da década
- Atividades programadas para o dia da inauguração
- Um ano de iniciativas, conferências e exposições sobre o meio ambiente

É a primeira vez que uma cidade do sul da Europa é reconhecida como Capital Verde Europeia e, por isso, a Câmara Municipal de Lisboa implementou um conjunto de objetivos para serem cumpridos ao longo da década.

PARTILHAR ESTE ARTIGO

Facebook Twitter WhatsApp Email

O reconhecimento de Lisboa como Capital Verde Europeia 2020, anunciado em 2018 pelo Comissário Europeu do Ambiente, Assuntos Marítimos e Pescas, Karmenu Vella, surgiu do trabalho que tem vindo a ser feito na cidade, no sentido de criar uma Lisboa mais verde. É a primeira vez que uma cidade do sul da Europa é distinguida com este galardão. Com o slogan "escolhe evoluir", Lisboa é, ao longo de 2020, Capital Verde Europeia, tendo o município estabelecido um conjunto de metas que vão para lá deste ano.

"Todos nós podemos fazer mais, pequenos gestos, pequenas coisas, podemos fazer mais. Todos nós temos de fazer escolhas, é como se estivéssemos num labirinto e temos uma porta boa e uma porta má. Temos de ir pela porta boa, porque já não há maneira, se formos pela porta má isto vai piorar. Temos de escolher a porta boa", disse à agência Lusa o vereador da Câmara Municipal de Lisboa responsável pelos pelouros do Ambiente, Estrutura Verde, Clima e Energia, José Sá Fernandes, numa antecipação da abertura oficial da Lisboa Capital Verde Europeia 2020, marcada para este sábado.

Figura 15 - Notícia proposta e elaborada por mim em formato de reportagem no dia 13 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/capital-verde-europeia-lisboa-escolhe-evoluir-e-propoe-objetivos-para-a-decada-11690973.html>

H.3 Acompanhamento em direto no online da segunda volta das eleições no PSD

DIRETAS PSD

"O PSD não está partido." Rio vence com 53,2%

Rio vence diretas no PSD com 53,2% dos votos. Montenegro conquista 46,98%.

Por TSF
18 Janeiro, 2020 • 19:51

PARTILHAR

Facebook
Twitter
WhatsApp
E-mail

Comentar



Rui Rio @ José Coelho/Lusa

OUVIR EM DIRETO

Última Atualização 18 Jan, 2020 • 23:23

18 Jan • 23:23
há 267 dias
Pedro Andrade Soares

Resultados finais oficiais:

Rui Rio: 16.420 votos (53,2%)
Luís Montenegro: 14.547 (46,98%)
Número de eleitores: 40.628
Total de votantes: 31.295
Votos em branco: 199
Votos nulos: 129

18 Jan • 23:18
há 267 dias
Cátia Carmo

Sobre a possibilidade de integrar Luís Montenegro na sua direção, Rio disse que conta com todos que estejam no partido pela estabilidade e com lealdade.

"Aceito, desde pequenino, todas as diferenças de opinião porque todas enriquecem. Aquilo que não aceito é quando não há diferenças de opinião e **se inventam diferenças de opinião para criar problemas.**"

18 Jan • 23:13
há 267 dias
Cátia Carmo

"O resultado é inequivocamente claro. É suficiente para a unidade"

Questionado pelos jornalistas sobre se o resultado que obteve é suficientemente expressivo, uma vez que Montenegro obteve 47% dos votos, Rio sublinhou que o resultado é claro.

"O resultado, para mim, é inequivocamente claro. Se me perguntar se queria ter mais 0,5, eu queria ter, como é lógico, mas não é politicamente importante. É suficiente para a unidade. Agora, uma coisa é eu querer unidade e dar passos nesse sentido, outra coisa é os outros quererem também."

LER MAIS

18 jan • 23:08

há 267 dias

Cátia Carmo

"Uma posição forte ao PS é uma posição construtiva e credibilizadora. Servimos o país, tanto no Governo como na oposição. Mesmo na oposição **temos o dever de servir o país** e é com essa postura que lidero o maior partido da oposição."

18 jan • 23:06

há 267 dias

Cátia Carmo

"Os portugueses, na minha opinião, têm razão quando se afastam da vida partidária. Por isso temos de oferecer um partido mais atraente, com mais espaços de militância, **para que os portugueses possam discutir as suas ideias e não ver lutas de galos por lugares.**"

18 jan • 23:05

há 267 dias

Pedro Andrade Soares

Rui Rio: **"O PSD não está partido. Houve um momento para marcar diferenças. Vamos ter agora o momento da unidade"**

18 jan • 23:03

há 267 dias

Cátia Carmo

"Hoje, **os militantes do PSD votaram pela estabilidade ao votar pela manutenção da atual liderança.** Vamos iniciar agora um momento para marcar a unidade. É isso que espero. Cabem todos cá dentro, desde que estejam com lealdade e seriedade."

18 jan • 23:00

há 267 dias

Cátia Carmo

"Tenho a honra de o doutor Balsemão me ter apoiado sempre. Queria dizer diretamente ao fundador do PSD que continuarei a defender a social-democracia."

18 jan • 22:57

há 267 dias

Cátia Carmo

"Queria cumprimentar Miguel Pinto Luz e, em particular, Luís Montenegro, que disputou comigo esta última volta e me ligou há pouco a parabenizar. O PSD dos Açores está neste momento a realizar o seu congresso, que era onde eu deveria estar se não tivesse de fazer esta volta."

18 jan • 22:55

há 267 dias

Cátia Carmo

"Agradecer àqueles que votaram em mim, que são mais de 1670 do que há uma semana. Sempre disse que **não prometi nada a ninguém em troca de votos**. Sempre disse que seria assim e na segunda volta assim foi."

18 jan • 22:54

há 267 dias

Cátia Carmo

Rio começa discurso de vitória a agradecer afluência dos militantes às urnas

"Faz hoje uma semana que comecei por deixar aqui sete mensagens. Aliás, o número com que Ronaldo joga. São sete as mensagens que aqui vou deixar outra vez. A primeira é naturalmente para agradecer a todos os militantes do PSD que se deslocaram às urnas e até foram um bocadinho mais do que há uma semana."

18 jan • 22:49

há 267 dias

Pedro Andrade Soares

Rui Rio vai falar após vitória nas eleições diretas do PSD

18 jan • 22:40

há 267 dias

Pedro Andrade Soares

Luís Montenegro: "Não vale a pena anunciarem a minha morte política porque essa notícia é manifestamente exagerada"

LER MAIS

18 jan • 22:40

há 267 dias

Cátia Carmo

"Respeito os resultados e desejo sucesso ao líder"

Sobre um eventual arrependimento relativamente a esta candidatura e se vai reclamar os 47% de apoio no próximo congresso do PSD, Montenegro recorda que já tinha pedido estas eleições diretas há um ano.

"Há um ano fiz o repto para a clarificação que só foi possível termos agora. Preferia que isto tivesse sido feito antes do ciclo eleitoral. Foi feito agora, respeito os resultados e desejo sucesso ao líder e à liderança do partido."

<p>18 jan • 22:37 há 267 dias</p> <p>Pedro Andrade Soares</p>	<p>Luís Montenegro: "Não sou político por profissão, sou político por missão"</p>
<p>18 jan • 22:35 há 267 dias</p> <p>Pedro Andrade Soares</p>	<p>Montenegro pede a Rio que "saiba interpretar resultados" e que "acabe com divisões no PSD"</p>
<p>18 jan • 22:34 há 267 dias</p> <p>Cátia Carro</p>	<p>"Não tenciono desempenhar nenhuma função nem nenhum cargo"</p> <p>Questionado pelos jornalistas sobre o seu futuro no partido após esta derrota, Luís Montenegro afirmou que continuará a estar disponível para ajudar o partido.</p> <p>"Vou portanto regressar, com muita tranquilidade, à minha condição de militante de base. Não tenciono, nos próximos tempos, desempenhar nenhuma função nem nenhum cargo."</p>
<p>18 jan • 22:31 há 267 dias</p> <p>Cátia Carro</p>	<p>Montenegro pede a Rio que saiba interpretar resultados eleitorais do PSD</p> <p>"São também muitas as estruturas do partido aqui representadas, desde a base local à distrital. O partido está vido e as suas estruturas estão dedicadas ao trabalho que temos pela frente. Quero também agradecer à minha família todo o apoio. Quero finalmente cumprimentar o engenheiro Miguel Pinto Luz pela delicadeza de me ligar ainda esta noite e, sobretudo, cumprimentar o nosso companheiro Rui Rio."</p> <p>"Aqui não há nenhuma dúvida: ele foi o vencedor destas eleições. Desejo ao doutor Rui Rio que possa ser bem sucedido nessas duas importantes campanhas eleitorais que teremos pela frente."</p> <p>"Não pondo em causa, de maneira nenhuma, os resultados de hoje, de pedir ao doutor Rui Rio e à nova direção política que saibam interpretar os resultados eleitorais que o PSD teve no último ano e aquilo que resulta da avaliação que os militantes hoje fizeram nas urnas. Temos de acabar com as divisões no PSD. A unidade começa precisamente na liderança e no líder."</p>
<p>18 jan • 22:24 há 267 dias</p> <p>Cátia Carro</p>	<p>"Quero agradecer a todos os que colaboraram nesta campanha, de todos os pontos do país. Mulheres e homens que se dedicaram a esclarecer os militantes. Foram muitos, muitas, mulheres, homens, pessoas que estão no ativo e pessoas que já não estão no ativo mas têm muita atividade."</p>

18 jan • 22:23 há 267 dias Pedro Andrade Soares	Entre outros militantes, Maria Luís Albuquerque, ex-ministra das Finanças, está ao lado de Luís Montenegro.
18 jan • 22:22 há 267 dias Cátia Carmo	"Quero também cumprimentar as muitas milhares de pessoas que, não sendo do PSD, participaram nesta campanha eleitoral, dialogando connosco na rua. O PSD é um partido aberto à sociedade."
18 jan • 22:21 há 267 dias Cátia Carmo	Montenegro agradece aos militantes "Queria começar por agradecer a todos os militantes do nosso partido, os que votaram e os que não votaram. Somos um grande partido, uma grande instituição da democracia portuguesa. Temos dentro do nosso partido uma grande força e temos de aproveitar a dimensão daquilo que está cá dentro e daquilo que temos para dar em Portugal", começou por dizer Luís Montenegro.
18 jan • 22:18 há 267 dias Cátia Carmo	Luís Montenegro já está no púlpito para fazer o discurso de derrota
18 jan • 22:10 há 267 dias Pedro Andrade Soares	Rui Rio vence com 53,3% dos votos. Luís Montenegro conquista 46,7%
18 jan • 21:59 há 267 dias Cátia Carmo	"O PSD contará com a minha militância leal e interventiva" Miguel Pinto Luz, que também foi candidato à liderança do PSD na primeira volta destas eleições, já parabenizou Rui Rio no Facebook. "Quero cumprimentar Rui Rio pela vitória e por ter merecido a confiança dos militantes. Uma palavra de agradecimento ao Luís Montenegro pela elevação democrática com que disputou esta eleição", começou por escrever.

18 jan • 21:51

há 267 dias

Raquel Melo

Paula Teixeira da Cruz, Teresa Morais, Nilza de Sena acabam de entrar na sala seguidas de algumas dezenas de apoiantes da candidatura de Luís Montenegro. De repente, a sala onde é aguardado o antigo líder da bancada parlamentar do PSD ficou composta com as cerca de cinquenta cadeiras todas ocupadas.

18 jan • 21:51

há 267 dias

Rui Rio considera que boicote na Madeira "não é lá muito correto"

O candidato à liderança do PSD Rui Rio considerou este sábado "não muito correto" que os 104 militantes com quotas em dia da Madeira não tenham podido votar nas eleições diretas do partido.

"Não é lá muito correto, porque há 104 pessoas na Madeira que fizeram exatamente o mesmo que os tais 40 mil e não sei quantos [os 40.604 militantes com as quotas em dia que puderam votar na segunda volta deste sábado], portanto têm o direito a votar", afirmou Rio em declarações aos jornalistas à chegada ao hotel do Porto onde vai acompanhar a noite eleitoral do partido.

LER MAIS



18 jan • 21:48 <small>há 267 dias</small> Raquel Melo	Sala onde é aguardado Luís Montenegro permanece sem apoiantes da candidatura. Apenas jornalistas permanecem no local.
18 jan • 21:45 <small>há 267 dias</small> Pedro Andrade Soares	Rui Rio vence as eleições diretas no PSD
18 jan • 21:43 <small>há 267 dias</small> Pedro Andrade Soares	Os resultados podem ser acompanhados <u>ao minuto aqui</u>, na página do PSD.
18 jan • 21:32 <small>há 267 dias</small> Cátia Carmo	Rio e Montenegro com os mesmos pontos às 21h30 O candidato e presidente do PSD, Rui Rio, com 50%, e Luís Montenegro, com 50%, seguiam este sábado, às 21h30, com os mesmos pontos percentuais, segundo os <u>resultados provisórios</u> .
18 jan • 21:23 <small>há 267 dias</small> Cátia Carmo	Urnas em Portalegre não abriram às 16h00. Candidatura de Montenegro pede impugnação A candidatura de Luís Montenegro pediu, este sábado, a impugnação da eleição em Alter do Chão, Porte de Sor e Gavião, três secções do distrito de Portalegre, por as urnas não estarem abertas às 16h00, avançou o <u>Observador</u> . Diogo Cúmano, diretor da campanha de Montenegro no distrito e vice-presidente da JDS, revelou ao mesmo jornal que a GNR também confirmou no local que a sede estava fechada às 15h00.
18 jan • 21:08 <small>há 267 dias</small> Cátia Carmo	Rio ganha Aveiro, tal como na primeira volta

18 jan • 21:06

há 267 dias

Cátia Carmo

Rio à frente com 50,69%

Rui Rio está à frente na segunda volta das eleições diretas do PSD com 50,69% contra 49,31%, de acordo com o site que o partido disponibilizou onde é possível acompanhar a análise dos resultados ao minuto.

Por enquanto foram apurados 20.103 votos. Estão 15.523 por apurar.

18 jan • 21:00

há 267 dias

Pedro Andrade Soares

Luís Montenegro vence a segunda volta das eleições em Coimbra

18 jan • 20:56

há 267 dias

Pedro Andrade Soares

Rio já está no hotel

Rui Rio já está no hotel onde vai acompanhar os resultados da segunda volta das eleições internas do PSD. Chegou por volta das 20h15.

Desta vez, chegou acompanhado apenas pela mulher. Mostrou-se bem disposto. Garante que só agora vai começar a acompanhar a contagem dos votos.

Rui Rio disse que passou o dia de forma tranquila. Já anotou alguns tópicos para o discurso desta noite.

Sobre a Madeira, onde não decorreu votação, Rio afirmou que "não é lá muito correto": "Não acho bonito."



18 jan • 20:56

há 207 dias

Ricardo Melo

Ambiente muito calmo na sala do hotel escolhido pela candidatura de Luís Montenegro para acompanhar a noite eleitoral. Apesar de o candidato ter chegado pouco depois das 19h, o núcleo duro da campanha está reunido num dos pisos superiores. Na sala onde Luís Montenegro deverá dirigir-se aos militantes permanecem apenas jornalistas a acompanhar a par e passo os resultados das primeiras contagens divulgadas pelo conselho de jurisdição social-democrata.



18 jan • 20:45

há 207 dias

Paulo Andrade Soares

Primeiros resultados não oficiais

Setúbal:

Total votantes - 168

Rui Rio - 81

Luís Montenegro - 53

Branco - 2

Nulo - 1

Barreiro:

Luís Montenegro - 176

Rui Rio - 10

Branco - 1

Nulos - 2

Distrito de Viseu:

Rui Rio - 664

Luís Montenegro - 668

Concelho de Coimbra:

Rui Rio - 209

Luís Montenegro - 224

Viana do Castelo:

Rui Rio - 195

Luís Montenegro - 56

18 jan • 19:48
há 267 dias

Os resultados podem ser acompanhados [ao minuto aqui](#), na página do PSD.

18 jan • 19:47
há 267 dias

Montenegro espera que anulação do sufrágio na Madeira não suscite dúvidas sobre resultados

O candidato à liderança do PSD Luis Montenegro afirmou este sábado estar "confiante" numa vitória na segunda volta das diretas do partido e espera que a anulação do sufrágio no PSD/Madeira não suscite "dúvidas" no "resultado final".

"Estou muito confiante e muito tranquilo. A campanha foi uma campanha longa, tive sempre o cuidado de fazer o maior número de sessões e de encontros com os militantes para poder esclarecer os meus propósitos, as minhas ideias, as minhas convicções e as orientações estratégicas que pretendo para o PSD. Fi-lo sempre com elevação, sem atacar ninguém", disse Montenegro.

O antigo líder parlamentar do PSD chegou às 15h20 à Junta de Freguesia de Espinho, no distrito de Aveiro, acompanhado pela mulher, e antes de exercer o seu direito de voto cumprimentou os militantes do partido que o aguardavam.



18 jan • 19:43
há 267 dias

Rio "tranquilo" e "confiante" na vitória embora admita que "nunca se sabe"

O candidato à liderança do PSD Rui Rio afirmou-se este sábado "confiante" numa vitória na segunda volta das eleições diretas do partido, embora admitindo que "nunca se sabe", e garantiu estar "tranquilo como em todas as eleições".

"Estou confiante, mas tenho sempre de pôr dois cenários, nunca se sabe", disse Rio aos jornalistas depois de votar na sede do PSD no Porto, acrescentando que "até poderia pôr três [cenários], mas um empate é estatisticamente difícil".

A segunda volta das eleições diretas do PSD é disputada entre o atual líder do partido, Rui Rio, e o antigo líder parlamentar Luis Montenegro, que foram os dois candidatos mais votados na primeira ronda, com 49,02% (15.546 votos) e 41,42% (13.137

18 jan • 19:42
há 207 dias

Catarina Maltoni de
Vasconcelos

Rio não preparou discurso. Parco em palavras, já não vai fazer mais "campanha"

Rui Rio não preparou nem um discurso de vitória nem de derrota para a noite que marcará a decisão definitiva sobre o futuro da liderança social-democrata. "Discurso não preparei nem vou preparar porque não faço nenhum discurso escrito. Tenho uns tópicos, e vou pensar um bocadinho nesses tópicos."

O atual homem do leme do PSD admitiu não ter palavras preparadas para o momento da revelação, e foi também poupado nas declarações aos jornalistas, para evitar fazer "campanha" nos momentos finais da corrida.

LER MAIS



18 jan • 19:42
há 207 dias

Catarina Maltoni de
Vasconcelos

Montenegro quer "construir unidade" no PSD e "conquistar confiança dos portugueses"

Em dia decisivo para o PSD, Luis Montenegro já foi votar. Foi em Espinho que o fez, onde também, à boca das urnas, deixou uma promessa: quer unificar o partido de novo, para depois conquistar os restantes portugueses.

"Empenhar-me-ei, desde o primeiro minuto, em construir a unidade do partido, e, construindo essa unidade, em lançar-me à conquista da confiança dos portugueses, este ano já participando ativamente na nossa campanha para o governo regional dos Açores. No próximo ano, para as eleições autárquicas."

LER MAIS



Figuras 16 a 27 - Liveblog acompanhado por mim no dia 18 de Janeiro de 2020 a propósito da segunda volta das eleições no PSD. Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/politica/direto-rio-e-montenegro-confiantes-na-vitoria-11722148.html>

H.4 Notícias sobre os Óscares 2020

OSCAR 2020

Das mensagens subliminares às homenagens assumidas na passadeira vermelha

A 92.ª cerimónia dos Óscares realiza-se este domingo, no Dolby Theatre, em Los Angeles, nos Estados Unidos.

Por TSF
09 Fevereiro, 2020 • 22:23

PARTILHAR

Facebook
Twitter
WhatsApp
Email
Comentar



Os atores, cineastas e diretores de cinema já pisam a passadeira vermelha dos Óscares. O filme "Joker" lidera as nomeações, com 11 categorias, seguido de "O Irlandês", "Era Uma Vez... Em Hollywood" e "1917", com 10 indicações.

Mais sobre os Óscares 2020 [aqui](#).

Figura 28 – Notícia elaborada por mim em formato de fotogaleria no dia 9 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/oscares-2020-celebridades-comecam-a-chegar-a-passadeira-vermelha-11803705.html>

OSCAR 2020

Óscares 2020: os melhores momentos da cerimónia

A 92.ª edição dos Óscares decorreu esta madrugada em Los Angeles.

Por TSF
10 Fevereiro, 2020 • 02:54

PARTILHAR

Facebook
Twitter
WhatsApp
Email
Comentar



Entre muitas surpresas, esta edição dos Óscares ficou marcada pelo marco histórico do filme "Parasitas", que arrecadou quatro estatuetas. Joaquin Phoenix venceu o seu primeiro Óscar na categoria "Melhor Ator" pelo seu papel principal em "Joker". Elton John deliciou o público com uma atuação do tema "I'm Gonna Love Me Again", do filme "Rocketman" e surpreendeu ao ganhar a "Melhor Canção Original".

Mais sobre os Óscares 2020, [aqui](#).

Figura 29 – Notícia elaborada por mim em formato de fotogaleria no dia 9 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/oscares-2020-os-melhores-momentos-da-cerimonia-11803915.html>

H.5 Exemplo de uma crónica de João Pedrosa

DIÁRIO DE UM PORTUGUÊS EM WUHAN

"Algo extraordinário." Português descreve o que está a ser feito contra coronavírus

João Pedrosa decidiu ficar na cidade chinesa que é o epicentro do novo coronavírus. Agora, escreve no site da TSF sobre o estranho dia a dia em Wuhan.

Por TSF
13 Fevereiro, 2020 • 13:44

PARTILHAR


Facebook

Twitter

WhatsApp

Email

Compartilhar




João Pedrosa vive em Wuhan © Cortesia João Pedrosa

E

az hoje três semanas que foi decretado o "bloqueio" de Wuhan. Sim, 3 semanas! Há 21 dias que uma cidade com quase 11 milhões de habitantes (mais do que um Portugal inteiro) suspendeu todos os transportes públicos, aéreos, terrestres e marítimos(*). Há 21 dias que toda a população de Wuhan se encerrou nas suas casas.

Confesso que estou a assistir a algo com uma dimensão tal que nunca pensei assistir. Bem sei que os números de casos e mortes são assustadores e um só morto já é um número muito elevado. Mas o que tem estado a ser feito é algo excepcional.



SUBSCREVER NEWSLETTER

Subscreva a nossa newsletter e tenha as notícias no seu e-mail todos os dias

Só um país com o potencial da China poderia fazer tal. Dificilmente haverá outro país no mundo com essa capacidade. Não sei o que aconteceria se tal acontecesse noutra localidade do planeta.

Já perdi a conta ao número de hospitais e clínicas que foram construídos ou criados em menos de duas semanas. Já perdi a conta ao número de médicos e enfermeiros que foram mobilizados.

LEIA TAMBÉM:

"Agora, as ruas não estão totalmente desertas." Português descreve Wuhan

Hoje, outros 2.600 militares vieram para a cidade. Isto assinala o terceiro destacamento de médicos militares no esforço para conter o surto. O pessoal agora enviado ficará encarregado dos pacientes do Hospital Taikangtongji (que vai abrir 860 camas) e do Hospital Provincial de Mulheres e Crianças de Hubei (que vai abrir 700 camas).

Mas o que não quero deixar de assinalar é a capacidade de resistência e perseverança deste povo. Há 21 dias que 10.600.000 pessoas estão "enclausuradas" nas suas casas e praticamente só saem para ir ao supermercado. Famílias inteiras que estão dispostas a continuar e a manter esse espírito de sacrifício.

Repito, algo de extraordinário está a acontecer e que eu nunca pensei que fosse possível.

Todos estão mobilizados para levar de vencida esta batalha. Todos estão mobilizados por Wuhan, por Hubei e pela China. Mas também, no meu entendimento, todos estão mobilizados pelo mundo.

Figuras 30 e 31 – Exemplo de uma crónica de João Pedrosa a propósito da situação de Covid-19 em Wuhan. Crónica completa de 13 de fevereiro de 2020 disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/algo-extraordinario-portugues-descreve-o-que-tem-estado-a-ser-feito-em-wuhan-11816735.html>

I. Caracterização dos entrevistados

Nome	Idade	Cargo	Formação	Tempo de trabalho na TSF	Já trabalhou no online?
Pedro Pinheiro	51	Diretor interino	Licenciatura não finalizada por uma cadeira	20 anos	Não se aplica
Ricardo Alexandre	49	Diretor adjunto interino	Licenciatura em Sociologia; Mestrado em Sociedade e Políticas Europeias; Doutoramento em Ciência Política e Relações Internacionais	2 anos e meio, mas jornalista há 31.	Não se aplica
Fernando Alves	66	Jornalista; autor/editor do programa “Sinais”	12º ano	Desde a fundação da rádio	Não se aplica
Teresa Mota	40	Editora <i>online</i>	Licenciatura em Comunicação Social	2 anos e meio	Esteve sempre na equipa do <i>online</i>
Pedro Andrade Soares	44	Editor <i>online</i>	Licenciatura em Ciências da Comunicação & Jornalismo	3 anos e meio	Esteve sempre na equipa do <i>online</i>
Cristina Lai Men	48	Subeditora Manhã 1	Licenciatura em Comunicação Social	25 anos	Nunca esteve na equipa, mas faz trabalhos pontualmente
Ana Sofia Freitas	42	Subeditora Tarde	Licenciatura em Filosofia	16 anos	Nunca esteve na equipa, mas faz trabalhos para o <i>online</i> , de tempos em tempos

Filipe Santa-Bárbara	31	Jornalista antena	Licenciatura em Jornalismo	2 anos e meio	Nunca esteve na equipa do <i>online</i> , mas escreve para o <i>site</i> de vez em quando
Inês Figueiredo	27	Jornalista antena	Licenciatura em Ciências da Comunicação	2 anos e meio	Esteve no <i>online</i> durante um ano e meio
Beatriz Morais Martins	26	Jornalista antena	Licenciatura em Jornalismo	4 anos	Nunca fez parte do <i>online</i> , apesar de escrever textos para o <i>site</i> quando é necessário
Sara Beatriz Monteiro	24	Jornalista digital	Licenciatura em Ciências da Comunicação	2 anos	Sempre fez parte da equipa do <i>online</i>
Carolina Rico	28	Jornalista digital	Licenciatura em Jornalismo e Pós Graduação em Jornalismo Multimédia	3 anos	Sempre esteve no <i>online</i>
Rita Carvalho Pereira	25	Jornalista digital	Licenciatura em Ciências da Comunicação e Jornalismo	3 anos	Está na equipa do <i>online</i> há 2 anos

Tabela 10 - Caracterização dos entrevistados

J. Codebook com orientações de codificação da análise aos conteúdos

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	ORIENTAÇÕES DE CODIFICAÇÃO
Caracterização das variáveis da rádio	a) Emissão em direto b) Autoria c) Formato da peça d) Local da peça	a) 1 – Sim; 2 – Não b) 1 – TSF; 2 – Identificação de jornalista; 5 – Ouvinte; 6 – Convidado; 7 – Sem identificação de jornalista c) 1 – Ao vivo; 2 – editado d) 1 – Estúdio; 2 – gravado no local; 3 – direto no local

Tabela 11 - Codebook com orientações de codificação das variáveis referentes à rádio

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	ORIENTAÇÕES DE CODIFICAÇÃO
Caracterização das variáveis do online	a) Formatos b) Autoria c) Passagem para o <i>online</i> d) Elementos Comuns	a) 1 – Apenas texto; 2 – texto e fotografia; 3 – texto, fotografia e áudio; 4 – texto, fotografia, áudio e vídeo b) 1 – TSF; 2 – Identificação de jornalista; 3 – Agência; 4 – TSF com agência c) 1 – Transposição adaptada; 2 – complementaridade; 3 – produção autónoma do <i>site</i> d) 1 – Áudio; 2 – texto escrito; 3 – ambos (áudio e texto escrito)

Tabela 12 - Codebook com orientações de codificação das variáveis referentes ao online

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	ORIENTAÇÕES DE CODIFICAÇÃO
Caracterização das variáveis comuns aos dois meios	a) Acontecimentos b) Editorias c) Temas d) Género e) Fontes f) Modo de obtenção de informação g) Enquadramento h) Conteúdo	a) 1 – Votação do Orçamento de Estado 2020; 2 – debate quinzenal; 3 – super terça-feira americana; 4 – coronavírus; 5 – Reunião de Ministros com António Costa; 6 – Plenário no Parlamento Europeu; 7 – Coronavírus no futebol; 8 – Cuidadores informais; 9 – reunião Conselho Nacional de Saúde Pública; 10 – Comissão Parlamentar da Saúde; 11 – alegações finais de Alcochete; 12 – Compra <i>Media Capital</i> pela <i>Cofina</i> ; 13 – Ligações aéreas entre a Europa e os EUA; 14 – Chama Olímpica; 15 – Encerramento das escolas; 16 – Conselho de Ministros; 17 – debate na Assembleia da República

		<p>b) 1 – Política; 2 – Economia; 3 – Sociedade; 4 – Mundo/Internacional; 5 – Desporto</p> <p>c) Variável aberta</p> <p>d) 1 – Notícia; 2 – reportagem; 3 – entrevista; 4 – análise; 5 – participação dos ouvintes; 6 – crónicas “weblog”</p> <p>e) 1 – Própria; 2 – agência; 3 – outros meios</p> <p>f) 1 – Interior; 2 – Exterior</p> <p>g) Variável aberta</p> <p>h) Variável aberta</p>
--	--	---

Tabela 13 – Codebook com orientações de codificação das variáveis comuns à rádio e ao online

K. Tabela referente às análises aos conteúdos
K.1. Enquadramento

Tema	RÁDIO		ONLINE	
	Enquadramentos	Contagem	Enquadramentos	Contagem
Votação do Orçamento do Estado 2020	Disputa partidária	15	Disputa partidária	15
	Aprovação de especialidades	1	Votação do OE 2020	4
	Avaliação sobre o comportamento do PSD	1	Aprovação do OE2020	1
	Votação do OE2020	4		
	Aprovação do OE2020	4		
Debate quinzenal	Medidas para contenção do coronavírus em Portugal	1	Medidas para contenção do coronavírus em Portugal	23
	Consequências económicas do coronavírus em Portugal	5	Disputa partidária	20
			Consequências económicas do coronavírus em Portugal	2
Super Terça-Feira americana	Projeções	14	Candidatos	1
	Avaliação dos resultados	4	Projeções	9
	Vitória	1	Situação nas urnas	2
	Desistência	2	Avaliação dos resultados	1
			Desistência	3
			Gastos de campanha	1
			Elogios a um dos candidatos	1
Coronavírus	Problemas sociais	2	Problemas sociais	1
	Ponto de situação	5	Consequências sociais	4
	Consequências na educação	7	Consequências na saúde	2
	Consequências políticas	1	Ponto de situação	10
	Consequências na saúde	1	Consequências na educação	4
	Consequências económicas	7	Consequências empresariais	3
	Exposição de soluções	8	Consequências económicas	8
	Consequências sociais	7	Consequências no desporto	4
	Consequências empresariais	5	Descoberta científica	1
	Consequências no turismo	1	Exposição de soluções	3
	Consequências no desporto	1		
Reunião de Ministros com António Costa	Exposição de soluções	4	Exposição de soluções	1
	Consequências na educação	3		

Plenário no Parlamento Europeu	Exposição de soluções	2	Exposição de soluções	1
Coronavírus no Futebol	Soluções tomadas	6	Soluções tomadas	1
Cuidadores informais	Questões monetárias	1	Questões monetárias	1
Reunião Conselho Nacional de Saúde Pública	Exposição de soluções	9	Exposição de soluções	1
	Avaliação das soluções	2		
Comissão Parlamentar da Saúde	Exposição de soluções	1	Exposição de soluções	2
	Ponto de situação	9	Disputa partidária	2
			Consequências económicas	1
			Ponto de situação	1
Alegações finais de Alcochete	Absolvição de Bruno de Carvalho	4	Retoma do julgamento	1
	Reações	1	Absolvição de Bruno de Carvalho	1
Compra da Meda Capital pela Cofina	Falha da compra	2	Desistência da compra	1
	Desistência da compra	1	Consequências económicas	1
	Consequências económicas	4		
	Avaliação da situação	1		
Ligações aéreas entre a Europa e os EUA	Suspensão de voos	4	Suspensão de voos	1
	Consequências económicas	4	Reações	2
	Reações	4		
Chama Olímpica	Abertura do ano olímpico	1	Preparação para os jogos olímpicos	1
	Preparação para os jogos olímpicos	1		
	Preocupação do Presidente do Comité Olímpico em Portugal	2		
Enceramento das escolas	Negociações do Conselho de Ministros	1	Reunião de António Costa com líderes partidários	1
	Apelo ao Primeiro-Ministro	2		
	Expetativas sobre a reunião do Conselho de Ministros	4		
	Reações	3		
	Suspensão do Conselho de Ministros	1		
	Consequências	2		
Conselho de Ministros	Exposição de soluções	27	Exposição de soluções	2
	Reações	2		
	Reunião de António Costa com os ministros	2		
	Consequências sociais	5		

Debate na Assembleia da República	Avaliação das soluções propostas	1	Disputa partidária	3
	Exposição de soluções	3	Consequências no setor da saúde	1
	Consequências sociais	1	Cenário das galerias no Parlamento	1
			Consequências sociais	1
			Ensinamentos da situação italiana	1
			Avaliação das soluções propostas	1
			Exposição de soluções	7
			Consequências económicas	1
			Ponto de situação	1
			Término do debate	1

Tabela 14 - Variável "enquadramento" na rádio e no online, por tema

K.2. Conteúdo

Tema	RÁDIO		ONLINE	
	Conteúdos	Contagem	Conteúdos	Contagem
Votação do Orçamento do Estado 2020	Apresentação dos factos e contextualização	11	Apresentação dos factos	17
	Apresentação dos factos	3	Explicação	1
	Apresentação dos factos e explicação	6	Apresentação dos factos e explicação	1
	Opinião	1	Apresentação dos factos, aprofundamento e contextualização	1
	Explicação	3		
	Apresentação dos factos, explicação e contextualização	1		
Debate quinzenal	Apresentação dos factos e explicação	6	Apresentação dos factos	41
			Apresentação dos factos e contextualização	4
Super Terça-Feira americana	Apresentação dos factos e contextualização	8	Apresentação dos factos, explicação e contextualização	1
	Apresentação dos factos	2	Apresentação dos factos	6
	Apresentação dos factos, explicação e contextualização	2	Apresentação dos factos e acrescimento de informação	3
	Apresentação dos factos e explicação	2	Apresentação dos factos, aprofundamento e acrescimento de informação	1
	Apresentação dos factos e aprofundamento	3	Apresentação dos factos, explicação e aprofundamento	1
	Explicação e aprofundamento	3	Apresentação dos factos e contextualização	3

	Apresentação dos factos, explicação, contextualização e aprofundamento	1	Apresentação dos factos e explicação	1
			Apresentação dos factos, aprofundamento e contextualização	2
Coronavírus	Apresentação dos factos, explicação e contextualização	7	Apresentação dos factos, explicação e contextualização	4
	Apresentação dos factos e explicação	9	Apresentação dos factos e explicação	5
	Apresentação dos factos e contextualização	5	Apresentação dos factos, aprofundamento e contextualização	6
	Apresentação dos factos	14	Apresentação dos factos	11
	Apresentação dos factos, explicação e aprofundamento	7	Apresentação dos factos e aprofundamento	7
	Apresentação dos factos, aprofundamento e contextualização	3	Apresentação dos factos e contextualização	6
			Apresentação dos factos, explicação, aprofundamento e contextualização	1
Reunião de Ministros com António Costa	Apresentação dos factos e explicação	6	Apresentação dos factos, explicação e aprofundamento	1
	Apresentação dos factos	1		
Plenário no Parlamento Europeu	Apresentação dos factos e explicação	2	Apresentação dos factos e explicação	1
Coronavírus no Futebol	Apresentação dos factos, explicação e contextualização	4	Apresentação dos factos e aprofundamento	1
	Apresentação dos factos	1		
	Apresentação dos factos, aprofundamento e contextualização	1		
Cuidadores informais	Apresentação dos factos e explicação	1	Apresentação dos factos, explicação e aprofundamento	1
Reunião Conselho Nacional de Saúde Pública	Apresentação dos factos e contextualização	1	Apresentação dos factos, aprofundamento e explicação	1
	Apresentação dos factos	3		
	Apresentação dos factos e explicação	4		
	Apresentação dos factos, aprofundamento e explicação	2		
	Apresentação dos factos e aprofundamento	1		
	Apresentação dos factos e aprofundamento	4	Apresentação dos factos	5

Comissão Parlamentar da Saúde	Apresentação dos factos, explicação e aprofundamento	1	Apresentação dos factos, explicação e aprofundamento	1
	Apresentação dos factos e explicação	4		
	Apresentação dos factos	1		
Alegações finais de Alcochete	Apresentação dos factos	2	Apresentação dos factos e contextualização	1
	Apresentação dos factos, explicação e aprofundamento	3	Apresentação dos factos, explicação, aprofundamento e contextualização	1
Compra da Meda Capital pela Cofina	Apresentação dos factos e explicação	1	Apresentação dos factos, explicação e contextualização	1
	Apresentação dos factos e aprofundamento	2	Apresentação dos factos e contextualização	1
	Apresentação dos factos e contextualização	3		
	Apresentação dos factos	1		
	Apresentação dos factos, contextualização e explicação	1		
Ligações aéreas entre a Europa e os EUA	Apresentação dos factos e aprofundamento	2	Apresentação dos factos, explicação e contextualização	1
	Apresentação dos factos	1	Apresentação dos factos, contextualização e acrescimo de informação	1
	Apresentação dos factos, explicação e contextualização	5	Apresentação dos factos e contextualização	1
	Apresentação dos factos e contextualização	4		
Chama Olímpica	Apresentação dos factos	1	Apresentação dos factos e contextualização	1
	Apresentação dos factos, contextualização, explicação e aprofundamento	2		
	Apresentação dos factos, contextualização e explicação	1		
Enceramento das escolas	Apresentação dos factos, aprofundamento e contextualização	5	Apresentação dos factos e aprofundamento	1
	Apresentação dos factos e contextualização	4		
	Apresentação dos factos e explicação	2		
	Apresentação dos factos, explicação e contextualização	1		

Conselho de Ministros	Apresentação dos factos, explicação e contextualização	3	Apresentação dos factos, explicação, aprofundamento e contextualização	1
	Apresentação dos factos e explicação	15	Apresentação dos factos, explicação e contextualização	1
	Apresentação dos factos	10		
	Apresentação dos factos e aprofundamento	2		
	Apresentação dos factos, explicação e aprofundamento	6		
Debate na Assembleia da República	Apresentação dos factos, explicação e contextualização	2	Apresentação dos factos	15
	Apresentação dos factos e aprofundamento	2	Apresentação dos factos e explicação	1
	Apresentação dos factos e contextualização	1	Apresentação dos factos e aprofundamento	2

Tabela 15 - Variável "conteúdo" na rádio e no online, por tema

L. Conteúdo publicado no *site* da *TSF* e utilizado para a análise de conteúdo

- Votação Orçamento do Estado 2020 – 6 de Fevereiro

06 fev • 16:07

há 87 dias

Inês André Figueiredo

"Governo terá de procurar soluções de estabilidade governativa"

"O Governo terá de procurar soluções de estabilidade governativa para assegurar o próximo Orçamento do Estado", assegurou André Silva, lembrando que "o PS tem feito acordos com partidos à esquerda e com PSD".

Garantir estabilidade "não nos compete", realça. Desta forma, o porta-oz do PAN reiterou que ao PAN compete uma "postura proativa de empenho", esclarecendo ainda que o Governo tem mostrado "pouca abertura" para as propostas do PAN.

06 fev • 16:03

há 87 dias

Inês André Figueiredo

"PSD montou esta encenação calçado nos sapatos do Bloco"

João Oliveira recusa a responsabilidade sobre a redução do IVA da eletricidade e aponta o dedo ao PSD. O comunista assegura ainda que o PCP manteve "sempre a coerência" e nunca mudou de posição.

"Houve outros grupos parlamentares, nomeadamente o do PSD, que prometeram coisas aos portugueses e à medida que estavam mais próximas de se concretizar, de forma cobarde, foram recuando ao ponto de retirarem as suas propostas", justificou.

João Oliveira espera que os portugueses "retirem as devidas consequências e peçam responsabilidades". "O PSD conta com outros para as suas encenações. Montou esta encenação calçado nos sapatos do Bloco de Esquerda, não monta nenhuma encenação em sapatos do PCP", assegurou.

06 fev • 15:57

há 87 dias

Inês André Figueiredo

"Se o guião fosse cumprido reduzíamos o IVA"

Rui Rio insiste que o PSD não podia pôr em causa a sustentabilidade das finanças públicas e justifica o sentido de voto à proposta do PCP, salientando que o partido que lidera foi coerente.

Tal como Duarte Pacheco já tinha frisado, Rio explicou que "se o guião fosse cumprido reduzíamos o IVA e a seguir tínhamos as contrapartidas, e o PS era obrigado a votar as contrapartidas, se não era um buraco orçamental enorme". Desta forma, "o PS altera o guião, reprova as contrapartidas e éramos completamente incoerentes [se votássemos a favor]".

O líder do PSD recusa ainda que a pressão exercida sobre o governo por causa do IVA da energia tenha a ver com o congresso do fim de semana, como Mário Centeno e António Costa tinham insinuado.

"Propostas do PSD vão no sentido de redução da carga fiscal com equilíbrio orçamental, não sei o que é que isto tem de diferente, com congresso, sem congresso, seja como for", esclarece o líder do PSD.

Questionado sobre as críticas do CDS, Rio acusa os centristas de serem responsáveis pela manutenção do IVA a 23% e garante que o voto contra não teria acontecido com a anterior direção.

"Notamos uma alteração e uma postura diferente e isto era possível de acontecer há um mês", diz, referindo-se à nova direção do CDS.

06 fev • 14:17

há 87 dias

Inês André Figueiredo

Costa "surpreendido" com o PSD e com "cenas patéticas"

António Costa, à saída da votação que aprovou o Orçamento do Estado para 2020, admitiu que "ficou muito surpreendido" com o PSD, que sendo um partido que já teve responsabilidade governamental, tenha feito a proposta da redução do IVA na eletricidade.

O primeiro-ministro acusa o PSD de ter continuado a usar um "instrumento da campanha eleitoral interna", referindo-se às posições sociais-democratas como "cenas patéticas" com "avanços e recuos irresponsáveis".

"Assim sem mais nem menos deitávamos pela janela fora metade daquilo que nos estão a pedir para sete anos", recordou, questionando-se sobre o que pensariam os países da União Europeia.

O primeiro-ministro assegura que este "Orçamento não dá um passo maior do que a perna".

06 fev • 14:04

há 87 dias

Inês André Figueiredo

Orçamento do Estado para 2020 foi aprovado

PS votou a favor do documento, Bloco, PCP, PAN e Joacine Katar Moreira abstiveram-se e PSD, CDS, Iniciativa Liberal e Chega votaram contra.

A bancada do Partido Socialista aplaudiu de pé a aprovação do Orçamento do Estado.

As propostas de lei de Grandes Opções do Plano de 2020 e do quadro plurianual de programação orçamental para 2020-2023 também foram aprovadas.

06 fev • 13:45

há 87 dias

Inês André Figueiredo

"Oposição tentou criar uma 'Gerincoisa'"

"Parece que não há fama sem drama", começa por dizer Mário Centeno, frisando que Orçamento é histórico, mas não pelas razões que a oposição "tentou imprimir".

O ministro das Finanças acredita que Portugal tem de se "orgulhar" do caminho que foi feito até aqui, do que se conseguiu com contas certas e num dos países mais seguros do mundo.

O governante diz que Portugal é um dos países que "reduziu o peso dos impostos diretos das famílias", assegurando que as taxas de juros são das mais baixas da UE.

"Desde 2016, não ganhámos apenas o campeonato da Europa de futebol e a Eurovisão, ganhámos também o campeonato das exportações", ressaltou o ministro.

Mário Centeno reitera que Portugal tem estabilidade financeira, económica, financeira e social e assegurou que "Portugal não se vai cansar de cumprir" e que há uma obrigação para com os portugueses: "Não dar passos maiores do que a perna."

Porém, diz, agora "as pernas são mais longas, mas também os passos".

Sobre as propostas apresentadas e votadas na especialidade, Centeno refere-se às propostas sobre o IVA da eletricidade e explica que "expor os portugueses a tais riscos não é compatível com as responsabilidades que aqui queremos".

Centeno avisa: "Nada está garantido." O ministro das Finanças apontou também o dedo aos novos partidos, dizendo que não é possível aumentar receitas para poupar e ao mesmo tempo querer reduzir essas mesmas receitas com outras medidas.

'Gerincoisa' da oposição

O ministro das Finanças voltou à questão da energia, mostrando que a medida do Governo será "muito menor" do que a "medida radical" do PSD. "O Governo pretende reduzir o IVA", mas as questões financeiras e ambientais não podem ser postas em causa.

O governante atacou ainda Rui Rio, dizendo que as contas feitas pelo líder da oposição já teriam sido feitas por outros países da Europa se fossem assim "tão fáceis".

"É esta a farsa e a tragédia do debate orçamental", disse, citando Rocha Andrade, e dizendo que uns querem pagar tudo e outros não querem pagar nada.

Os partidos da oposição tentaram criar uma 'Gerincoisa', acrescentou, dizendo que houve propostas que nem tiveram um segundo de discussão, mesmo algumas apresentadas nos Passos Perdidos, "estavam perdidas".

"Como não há carros sem travões, também não há orçamentos sem cativações"

"Como não há carros sem travões, também não há orçamentos sem cativações", admitiu o ministro das Finanças, frisando que depois "há quem acabe a cortar a direito".

Centeno garante que "não se vai voltar atrás" e que Orçamento é responsável, "o melhor dos últimos anos porque Portugal também está melhor".

06 fev • 13:28

há 87 dias

Inês André Figueiredo

PS volta a atacar PSD sobre IVA da eletricidade

Ana Catarina Mendes garante que este "Orçamento espelha as prioridades do PS, do Governo, mas também da maioria dos portugueses".

A líder parlamentar socialista acredita que as propostas apresentadas são "representativas da energia e vitalidade" do Parlamento, assegurando que foram feitas as "escolhas necessárias", aquelas que "não desvirtuavam o trabalho".

Ana Catarina Mendes fala em propostas "populares, talvez" que chegaram à especialidade, uma "perplexidade que aumenta quando vêm de partidos que já tiveram responsabilidades governativas".

Numa crítica ao PSD, a socialista aponta "irresponsabilidade" ao partido liderado por Rui Rio e ironiza o caminho dos sociais-democratas nesta proposta de redução do IVA da eletricidade.

Ana Catarina Mendes acredita que este é um "orçamento histórico" porque tem "contas certas", "aumenta os apoios sociais", "reforça sem precedentes o SNS" e porque "com diálogo e negociação" tornou-se melhor para o país.

06 fev • 13:20

há 87 dias

Inês André Figueiredo

"Não há casamento de papel passado, mas também não houve a coragem de consumir o divórcio entre as partes"

O líder do PSD, Rui Rio, anunciou o esperado voto contra do PSD ao Orçamento do Estado e deixou críticas ao Governo, aos partidos da antiga 'Geringonça' e principalmente ao PCP devido à medida da descida do IVA da eletricidade.

Rui Rio acusa o Orçamento do Estado de não ter "estratégica económica" e de ter uma "continuidade que despreza visão reformista".

O líder do PSD sublinha que "não podia esta realidade ser muito diferente" devido à conjuntura político-parlamentar.

"Não há casamento de papel passado, mas também não houve a coragem de consumir o divórcio entre as partes", apontou, frisando que se vive uma situação em que "arrufos e ameaças convivem com carinhosos piscar de olhos e pequenos lanches à mesa do orçamento".

Rui Rio fez um discurso com críticas a ministro das Finanças, dizendo mesmo que "Mário Centeno em Bruxelas duvida da eficácia de Mário Centeno em Lisboa".

O líder social-democrata disse ainda que o primeiro-ministro, à beira das eleições europeias, "ameaçou com ua demissão teatral" por causa de uma verbas de 600 milhões de euros nas suas "estrambólicas contas".

Costa voltou a usar um "toque melodramático", diz, agora a propósito do IVA da eletricidade. "Nem numa situação nem na outra se aplica a insustentabilidade financeira, porque em ambos os casos o equilíbrio estava garantido", assegura.

Depois das críticas de João Oliveira, Rui Rio também se atirou ao PCP, dizendo que não faz sentido querer descer já o IVA, mas se não for já, não pretende fazê-lo.

06 fev • 12:58

há 87 dias

Inês André Figueiredo

BE mantém abstenção, mas recorda que "PS abdicou de um horizonte mobilizador à esquerda"

O Bloco de Esquerda mantém a abstenção no Orçamento, mas garante que "o debate sobre o IVA é exemplar das dificuldades desta legislatura" e acusa o PS de ter abdicado de "um horizonte mobilizador à esquerda".

Catarina Martins acredita que o "Governo não percebeu ou não quis perceber a importância do debate" do IVA da eletricidade, realçando que no Parlamento existe uma maioria que acredita na necessidade de descer este imposto.

A coordenadora do Bloco de Esquerda aponta que, num Orçamento sem aumentos de salários, esta seria uma forma de os portugueses terem mais rendimento disponível.

Catarina Martins recusa "encarar o IVA como um imposto verde", exemplificando que "ninguém usa dois frigoríficos porque a eletricidade desceu", mas há quem possa "ligar o aquecedor para não passar frio".

A "trincheira contra a descida do IVA", diz, é a mesma que nos temas como o investimento, a habitação ou a subida dos salários.

Catarina Martins apontou o dedo ao PS, ao PAN e até a Joacine Katar Moreira, que votou ao lado do Governo no IVA da eletricidade, frisando que o CDS nunca mais pode usar as palavras "carga fiscal" e que o PCP preferiu "deixar tudo como está".

"O Governo ficou aliviado, mas a fatura elétrica não", salvaguardou.

06 fev • 12:50

há 87 dias

Inês André Figueiredo

PCP atira-se ao PSD devido ao IVA da energia

João Oliveira começou por mostrar que o PCP expressa "um posicionamento político que se distancia deste Orçamento", nomeadamente na ideia de excedente orçamental que o PS defende.

"O PCP não deixou nenhum problema para trás", assegura, criticando o PS e várias medidas presentes no Orçamento do Estado.

Porém, diz, foram apresentados "avanços na especialidade" que permitem que "não se recue" naquilo que foi feito nos últimos anos, desde as pensões, à gratuitidade das creches, passando pela saúde, pela educação e pela segurança.

No discurso, João Almeida atirou-se ainda ao PSD, por ter garantido que votava a favor do IVA da eletricidade, quando acabou por se abster. "Não ficaremos à espera desse voto que não chegou porque sabemos que ele nunca chegará, muito menos se for decisivo", apontou.

O líder parlamentar comunista reafirma que "não há solução para os problemas do país sem uma rutura com a política de direita".

06 fev • 12:42

há 87 dias

Inês André Figueiredo

"Orçamento é pouquinho"

Cecília Meireles, do CDS, anunciou o voto contra e referiu que "este Orçamento é mais do mesmo, é pouquinho" e criticou a "chuva de propostas" que faz deste Orçamento "uma manta de retalhos".

A centrista aponta que "não houve limites" nas propostas e que houve "muito pouco tempo para as análises como devem ser feitas".

"Nas últimas 12 horas conseguimos ver partidos a terem sentidos de voto completamente diferentes conforme os seus autores", referiu, dando como exemplo, sem referir, o caso do PSD no IVA da eletricidade.

No discurso, Cecília Meireles falou ainda das touradas, dizendo que se decidiu no Parlamento que estas "não são cultura nem tradição" e "como deputados não gostam e não têm coragem de proibir, penalizam".

Neste seguimento, a deputada do CDS dirigiu-se ainda a André Silva ao pedir "respeito" pelos estilos de vida rurais e que "não tem direito a impor o estilo de vida" seguido pelo deputado.

06 fev • 12:34

há 87 dias

Inês André Figueiredo

"Orçamento sai do Parlamento melhor do que entrou"

André Silva, do PAN, assegura que "este Orçamento deu alguns passos, sai do Parlamento bem melhor do que entrou", mas garantiu que há muito por fazer num momento de emergência climática.

No discurso do fim da discussão orçamental, André Silva felicitou a subida do IVA das touradas, que considera uma "cobardia humana".

"Conseguimos corrigir uma das maiores obscenidades fiscais do nosso país", apontou. Neste caso, o deputado deixou ainda críticas ao PSD: "Não percebemos a posição do PSD, (...) tem de escolher se quer ser um partido do século XXI ou se quer ficar no Portugal dos pequeninos".

Num contexto de emergência climática, falou ainda de uma "coligação negativa" entre PS e PSD para proteger a indústria da carne.

06 fev • 12:27

há 87 dias

Inês André Figueiredo

PEV abstém-se com uma oportunidade para "Governo não falhar"

Mariana Silva, d'"Os Verdes', lembrou que este Orçamento não é de continuidade, como o Governo diz, e "está longe de responder aos problemas mais graves com que o país se confronta".

"Palavras leva-as o vento. Quando foi hora de aprovar as propostas do PEV [sobre alterações climáticas], PS e PSD juntam-se para votar contra", aponta a deputada.

"A opção dos Verdes na votação final global sinalizará o que de positivo aí foi incluído e procurará dar ao Governo a oportunidade de não falhar, desta vez, na concretização do que agora foi aprovado, mas reclama outro rumo na resposta aos legítimos interesses das populações por parte da ação do Governo, por isso o nosso voto será abstenção", anunciou Mariana Silva.

06 fev • 12:21

há 87 dias

Inês André Figueiredo

O "Orçamento do cortinado" que se baseou em "chantagem"

André Ventura fala de um "Orçamento do cortinado" que acaba apoiado pela esquerda, frisando que foi uma "chantagem" feita aos partidos.

O deputado do Chega diz que o Orçamento diz "paguem". "Porque não o IVA a 25, a 27 ou a 29 ou a 30 em nome das necessidades climáticas?", questionou.

Ventura acredita que o OE "virou a cara aos polícias, professores, funcionários públicos" e que "quem defende os portugueses não cede"

Sobre a subida do IVA das touradas, ainda frisou que se deu "o primeiro passo para matar uma arte em Portugal".

06 fev • 12:17

há 87 dias

Inês André Figueiredo

PS está "sentado à cabeceira" do OE

"Hoje acaba esta festa e estamos a levantar a mesa do OE." Foi desta forma que João Cotrim Figueiredo, deputado do Iniciativa Liberal, iniciou o discurso antes da votação do documento da especialidade.

Cotrim Figueiredo apontou para um "estado socialista, lampeiro e todo poderoso" que está "sentado à cabeceira" do Orçamento.

O deputado único do partido liberal acredita que este Orçamento "dá os melhores nacos de pão" aos partidos, por exemplo, que "não pagam impostos".

"OE aumenta o tamanho da mesa mas diminui os números das pessoas", disse, acrescentando que "ninguém os encoraja a fazer o próprio pão, tomar decisões, ser livre e dono da sua própria vida".

06 fev • 11:50

há 87 dias

Inês André Figueiredo

Proposta do Bloco para descer eletricidade foi chumbada

A proposta foi chumbada com votos contra do PS, CDS, PAN e de Joacine Katar Moreira, contra os votos a favor de PSD, Bloco de Esquerda, PCP, Chega e Iniciativa Liberal.

O Bloco de Esquerda propunha uma descida do IVA para 13% já este ano e para 6% até ao fim da legislatura.

Pouco antes, a proposta do PCP que previa baixar a taxa da eletricidade para 6% também havia sido chumbada, com o PSD a abster-se após ter dito que votaria a favor da proposta.

06 fev • 11:33

há 87 dias

Teresa Mota

Contrapartidas do PSD chumbadas

Rejeitada descida do IVA e data de entrada em vigor em outubro bem como os cortes das despesas nos gabinetes ministeriais

06 fev • 11:32

há 87 dias

Carolina Rico

Acompanhe aqui a discussão em direto



06 fev • 11:30
há 87 dias



Anselmo
Crespo

Se a descida do IVA for aprovada, Governo admite apresentar novo orçamento

A demissão do governo não é o único cenário em cima da mesa. A TSF sabe que há no Partido Socialista quem defenda uma abstenção do PS na votação final global, permitindo ao governo recomeçar as negociações com a esquerda e apresentar um novo orçamento no Parlamento.
Este é um dos cenários possíveis.

06 fev • 11:27
há 87 dias

Teresa Mota

Voto de Joacine decide IVA da energia

Há empate no Parlamento. Está alinhado o sentido de voto das várias bancadas perante as propostas de redução de IVA na energia. O voto de Joacine Katar Moreira serve para desempatar.

Contas feitas, existe um empate entre os votos a favor e os votos contra, cabendo o desempate ao voto da deputada não-inscrita, Joacine Katar Moreira.

112 (PSD+PCP+BE+PEV+IL+Chega) - 112 (PS+PAN)

LER MAIS



Figuras 32 a 45 - Crónicas "weblogs" referentes ao tema sobre a Votação do Orçamento de Estado 2020 (6 de fevereiro de 2020) Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/politica/dia-de-votacao-final-global-do-oe2020-marcado-pelo-iva-da-eletricidade-11791872.html>

ORÇAMENTO DO ESTADO 2020

Coligações negativas custam 40 milhões de euros ao orçamento

É um aumento marginal, face à despesa que o Governo previa na versão inicial do orçamento do Estado para este ano. E ainda falta somar o aumento da despesa que resultou dos entendimentos entre o PS e a esquerda.

Por Anselmo Crespo e
Hugo Neutel
06 Fevereiro, 2020 • 19:02

PARTILHAR



© EPA

Depois do drama, o alívio. O governo conseguiu aprovar o Orçamento do Estado para este ano sem a baixa do IVA da eletricidade, mas não se livrou, ainda assim, de um ligeiro aumento da despesa, face ao inicialmente previsto.

Ao que a TSF apurou, o executivo estima que as alterações aprovadas pela oposição - e que não contaram com o voto favorável do PS - somem cerca de 40 milhões de euros à versão inicial do documento. Um valor marginal e que não coloca em causa as metas orçamentais do governo para este ano e que apontam para um excedente de 0,2%.

Figura 46 - Notícia referente ao tema sobre a Votação do Orçamento de Estado 2020, que decorreu a 6 de Fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/economia/coligacoes-negativas-custam-40-milhoes-de-euros-ao-orcamento-11794150.html>

PORTUGAL

Empate no Parlamento. Voto de Joacine decide IVA da energia

Está alinhado o sentido de voto das várias bancadas perante as propostas de redução de IVA na energia. O voto de Joacine Katar Moreira serve para desempatar.

Por Judith Meneses e Sousa
06 Fevereiro, 2020 • 11.17

PARTILHAR

- Facebook
- Twitter
- WhatsApp
- E-mail
- Comentar



Deputada Joacine Katar Moreira na Assembleia da República. © José Serra Goulão/Lusa

I PSD anuncia a viabilização da proposta de descida do IVA na energia para 6% apresentada pelo PCP.

Contas feitas, existe um empate entre os votos a favor e os votos contra, cabendo o desempate ao voto da deputada não-inscrita, Joacine Katar Moreira.

112 (PSD+PCP+BE+PEV+IL+Chega) - 112 (PS+PAN)

Primeiro vai ser votada a proposta do PCP, depois as contrapartidas propostas pelo PSD que implicam, por exemplo, cortes nos gabinetes ministráveis e entrada em vigor da redução do IVA na eletricidade em outubro, e finalmente a proposta do BE que defende uma redução do IVA da energia para a taxa intermédia de 13%.

Figura 47 - Notícia referente ao tema sobre a Votação do Orçamento de Estado 2020, que decorreu a 6 de Fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/politica/empate-no-parlamento-voto-de-joacine-decide-iva-da-energia-11791794.html>

- Debate quinzenal – 4 de março

04 mar • 16:54

há 62 dias

Inês André Figueiredo

"Evolução da situação exigirá um desenvolvimento dos meios necessários"

António Costa lembra experiências passadas e fala numa "evolução da situação que exigirá um desenvolvimento dos meios necessários", afirmando que é "ainda cedo para ter uma visão clara de como vírus vai evoluir".

O primeiro-ministro aponta "dúvidas sobre se a gravidade é maior ou menor" que numa gripe, mas reitera que profissionais estão tranquilos e empenhados.

04 mar • 16:53

há 62 dias

Gonçalo Teles

Ferro Rodrigues interrompe Costa

O presidente da Assembleia da República repreende os deputados: "Se querem conversar, vão lá para fora."

Ferro Rodrigues dirige-se também à tribuna - onde estão vários jovens -, pedindo a quem está de pé que "se sentem ou saiam".

Há um deputado que, estando de costas, decide mesmo sair do hemiciclo.

04 mar • 16:51

há 62 dias

Gonçalo Teles

"O senhor primeiro-ministro pode garantir que o país está preparado?"

Maria Antónia Almeida Santos, do PS, saúda a escolha do coronavírus como tema deste debate.

Entre elogios aos profissionais do SNS e aos portugueses, a deputada lembra que a epidemia "continua a aumentar fora da China".

O PS recorda que Portugal passou por várias epidemias e argumenta que o país "sempre soube responder" e que os planos sempre funcionaram.

"As estratégias de prevenção e contenção funcionaram, estamos confiantes de que desta vez esteja tudo a postos e tenhamos a capacidade instalada para enfrentar esta nova pandemia", diz.

Em resposta a Rio, a deputada lembra que os hospitais de segunda linha "são 12".

04 mar • 16:46

há 62 dias

Inês André Figueiredo

Costa afasta-se de "cenários"

Costa revela que "não traça cenários" e que o Governo apenas agiu tendo em conta as declarações das entidades de saúde.

Sobre a igualdade de tratamento, disse que bastava o setor privado seguir o exemplo do público.

04 mar • 16:45

há 62 dias

Gonçalo Teles

"Pode contar connosco, teremos tempo para voltar aos duelos entre Liberalismo e Socialismo"

João Cotrim Figueiredo, da Iniciativa Liberal, pede união no combate ao coronavírus.

"Se, infelizmente, assim não for, quero que saiba que pode contar com a IL", garante o deputado.

O deputado diz que o Estado pode estar a "preferir" fazer uma linha de crédito a instruir os organismos do Estado a "pagar a horas".

04 mar • 16:42

há 62 dias

Inês André Figueiredo

Costa manteve-se sentado e, pouco depois, levantou-se para mais uma resposta curta: "Não só não telefono para pedir para despedir jornalistas como respeito as opiniões."

04 mar • 16:42

há 62 dias

Gonçalo Teles

"Gostava que, de alguma forma, reagisse a estas palavras."

Ventura recorda palavras de Sócrates sobre o Montijo, que acusa o Governo de "ódio e cegueira política" na decisão sobre o aeroporto.

04 mar • 16:41

há 62 dias

Inês André Figueiredo

"É mentira." A curta resposta que faz lembrar Joacine Katar Moreira quando ainda fazia parte do Livre.

04 mar • 16:41

há 62 dias

Gonçalo Teles

Ventura confronta Costa: "É ou não verdade que ligou para redações a pedir para despedir jornalistas?"

O líder do Chega refere-se ao caso da jornalista Ana Leal.

04 mar • 16:40

há 62 dias

Inês André Figueiredo

A resposta a Ventura

"Estamos num risco, estamos a viver uma epidemia e o risco de uma pandemia", respondeu, dizendo que Graça Freitas é a DGS dos portugueses e não do primeiro-ministro.

04 mar • 16:39

há 62 dias

Gonçalo Teles

Ventura desafia Costa a demitir Graça Freitas

André Ventura recorda que em janeiro a OMS disse que o mundo estava à beira de uma pandemia e defende que Graça Freitas disse que ainda era cedo.

"Como é que pode manter a confiança da diretora-geral da Saúde?", questiona.

04 mar • 16:38

há 62 dias

Gonçalo Teles

Em nove segundos, José Luís Ferreira diz que não se está a falar de obras públicas "com paixão".

"É preciso resolver o problema do aeroporto na Portela. Este novo aeroporto não resolve o problema. Decida-se."

04 mar • 16:38

há 62 dias

Inês André Figueiredo

Montijo? "Não podemos ficar parados"

O primeiro-ministro esclareceu que "nas situações de internamento [os trabalhadores] começarão a receber logo a partir do primeiro dia e não no terceiro" e no caso da quarentena será paga a "100% porque o que importa é que pessoas tenham condições para cumprir instruções das autoridades de saúde"

Sobre o Aeroporto do Montijo, voltou a dizer que "agora não é tempo de discutir", lembrando que não concordava com a decisão no momento em que foi tomada, mas assegurou que "não podemos ficar parados e [temos de] fazer o que ainda não foi feito".

04 mar • 16:33

há 62 dias

Gonçalo Teles

Verdes perguntam pela remuneração em caso de quarentena

José Luís Ferreira, d'Os Verdes, reforça a confiança no Serviço Nacional de Saúde e dos seus profissionais, apelando ao combate "sem facilismos nem alarmismos".

"Não podemos contar muito com o setor privado na Saúde para ameaças coletivas", defende o deputado.

Sobre os direitos dos trabalhadores que precisem de ser sujeitos a quarentena, José Luís Ferreira pergunta se, sendo equiparada a internamento, não haverá de facto perda de remuneração.

"Temos alguma dificuldade em perceber quando diz que estão garantidos os direitos de remuneração neste caso."

Sobre o aeroporto do Montijo, o PEV pede que se pense numa "verdadeira solução" para o problema da necessidade e para a retirada do aeroporto Humberto Delgado da cidade de Lisboa.

"Qual é a abertura do Governo para pensar num alternativa ao Montijo?"

04 mar • 16:30

há 62 dias

Inês André Figueiredo

A resposta sobre o Montijo

Costa enaltece o respeito pelo poder local e frisou que dos seis municípios "houve seis que se manifestaram contra posição do Governo".

"Acho legítimo que presidente de Câmara queira defender interesses", mas admitiu que se deve procurar "responder a esse impacto", frisando que neste momento não é possível reverter o que já está feito.

04 mar • 16:27

há 62 dias

Gonçalo Teles

O elogio do PAN ao PSD de Rio

André Silva vira a agulha do debate para o novo Aeroporto do Montijo, lembra que o CDS mudou de opinião quanto ao mesmo, porque "no ano passado, fazia depender a solução do Montijo da realização de uma Avaliação Ambiental Estratégica, em janeiro e fevereiro passou a defender Alverca" e em março "diz que afinal vale tudo, que pode ser no Montijo, sem garantias ambientais, mudando-se a lei"

"Até o PSD do Dr. Rui Rio, um partido que luta para ser Governo, mostra ser um partido mais responsável e à altura do papel que se lhe exige."

04 mar • 16:24

há 62 dias

Inês André Figueiredo

"Não temos de multiplicar meios ou recursos"

"A resposta dos portugueses é melhor demonstração que resposta tem chegado", afirma o primeiro-ministro, frisando que até podia haver posições contrárias devido à "avalanche noticiosa e risco de alarme".

"Se vier a aumentar a procura e necessidade de internamento, este será reservado para casos graves e os demais serão **aconselhados a serem tratados nas suas próprias casas, como noutras gripes**", explicou Costa, dizendo que "não temos de multiplicar meios ou recursos, o que temos é de adequar meios às necessidades".

Assim, os casos que agora estão internados acontecem porque há poucos infetados em Portugal com o Covid-19.

04 mar • 16:21
há 62 dias

Gonçalo Teles

"Como vai o Governo garantir respostas preventivas e de proximidade?"

André Silva lembra que os profissionais de saúde e familiares são "os mais expostos" ao coronavírus.

O líder do PAN pergunta ao Governo quando vai resolver "a falta de materiais e equipamentos", quando vão estar preparados "espaços de isolamento" e como vai garantir que as pessoas "não se expõem e não expõem os outros".

"Quando irá o governo resolver a falta de materiais e equipamentos? Que garantias pode dar o Governo de que todas as estruturas de saúde de proximidade das populações terão disponíveis espaços adequados à contenção e isolamento de potenciais casos?"

"Considera que está acautelada a transmissão de informação juntos dos cidadãos?", questiona o partido.

04 mar • 16:19
há 62 dias

Inês André Figueiredo

Primeiro-ministro insiste que decisões são das autoridades de saúde

Costa lembra os aeroportos que tomaram a medida do controlo térmico e afastou-se da decisão, apontando que as autoridades técnicas é que vão decidir quando e que controlos devem ser feitos.

04 mar • 16:17
há 62 dias

Gonçalo Teles

Do coronavírus aos cuidados paliativos

Telmo Correia dá o exemplo de várias cidades mundiais que fazem controlos térmicos nas chegadas dos aeroportos para atirar que "eles é que devem estar errados".

A eutanásia é o tema seguinte nas questões do CDS:

"Avançar nesta matéria quando não fizemos tudo nos cuidados paliativos é um erro e é chocante", defende Telmo Correia, que questiona Costa sobre a sua disponibilidade para o reforço financeiro dos mesmos.

04 mar • 16:17
há 62 dias

Inês André Figueiredo

"Não há contradições"

António Costa acredita que "não há contradições", como acusou Telmo Correia, e justificou que "pode não haver quebra das cadeias" da China, que algumas já recomeçaram a produzir, e assegurou que "o controlo térmico não é aconselhado pelas autoridades", porque as pessoas podem ter febre por outras razões ou simplesmente "ter tomado um paracetamol".

04 mar • 16:14

há 62 dias

Gonçalo Teles

"Quando se pede tranquilidade, nem sempre o que nos tem chegado inspira essa tranquilidade"

Telmo Correia lembra as diferenças e desmentidos entre Direção-Geral da Saúde e ministério da Saúde sobre o coronavírus para perguntar se o financiamentos e meios disponíveis são necessários para o combate ao vírus.

"Há médicos que demoram duas a cinco horas a ter uma resposta" da linha de apoio especial criada para a ocasião, atira o centrista.

Telmo Correia defende que Portugal perdeu "um mês e meio, ou mais", no combate ao novo coronavírus.

Sobre a atividade económica, Telmo Correia lembra as perdas no setor têxtil e questiona Costa sobre o que tenciona fazer em relação a essa e outras perdas económicas.

04 mar • 16:12

há 62 dias

Inês André Figueiredo

Costa vai mais longe e responde com quadro jurídico

O chefe do Executivo acredita que o quadro jurídico em vigor é suficiente para o caso do coronavírus, lembrando que "mesmo que normas não existissem, o quadro jurídico permite adoção das medidas necessárias para prevenir crime ainda que por negligência".

04 mar • 16:09

há 62 dias

Gonçalo Teles

CDS questiona internamentos

Pelo CDS-PP, Telmo Correia estreia-se como líder parlamentar em debates.

O centrista questiona Costa sobre possíveis alterações à lei sobre internamentos.

04 mar • 16:08

há 62 dias

Inês André Figueiredo

"Cada Governo que chega não pode pôr em causa decisão dos anteriores"

Costa reiterou a ideia de que "cada Governo que chega não pode pôr em causa decisão dos governos anteriores", lembrou que foi feito o estudo de impacto ambiental e que, numa segunda fase, "a ANAC há de receber o projeto e pronunciar-se".

O primeiro-ministro lembra que decisões em causa "não são políticas, mas eminentemente técnicas" e que serão cumpridas pelo Executivo.

"Há um interesse nacional que é uma urgência", frisou, apontando que não é possível manter aeroporto que "está a rebentar pelas costuras".

04 mar • 16:03

há 62 dias

Gonçalo Teles

PCP questiona papel da VINCI

Sobre o aeroporto, Jerónimo de Sousa pergunta se não é verdade de que a construção do novo aeroporto no Campo de Tiro de Alcochete "estava decidida em todas as instâncias nacionais" e que tal foi mudado "depois da privatização da ANA - Aeroportos de Portugal".

O PCP critica a denominação de "forças de bloqueio" para quem se opõe ao aeroporto.

"Não é verdade que será construído com receitas geradas pela ANA que serão utilizadas pela VINCI?", questiona Jerónimo de Sousa.

Jerónimo de Sousa acusa o Governo de estar "refém" da VINCI.

04 mar • 15:58

há 62 dias

Inês André Figueiredo

Medidas serão tomadas quando for "extremamente necessário"

Costa explicou que "há indicações técnicas internacionais" e que "não haverá qualquer obstáculo à contratação".

Sobre o internamento, o primeiro-ministro falou da Lei de Bases da Saúde e garantiu que medidas serão adotadas "em função do que é extremamente necessário".

"Estamos focados no coronavírus, mas as outras doenças continuam a existir", afirmou, frisando que o SNS tem de continuar a responder às questões do dia-a-dia.

04 mar • 15:56

há 62 dias

Gonçalo Teles

Combate ao coronavírus

O PCP, por Jerónimo de Sousa, sublinha a necessidade de medidas de prevenção e "criação de condições e meios" para o combate ao coronavírus.

PCP quer saber se o Governo admite que possam ser tomadas medidas para que hospitais e centros de saúde não fiquem dependentes da "central de compras" para comprar material médico necessário.

Sobre os motoristas de transportes internacionais de passageiros ou mercadorias, Jerónimo de Sousa questiona a ausência de "medidas excecionais".

04 mar • 15:54

há 62 dias

Inês André Figueiredo

Costa anuncia que escolherá novo governador do Banco de Portugal

Sobre a questão do "conflito laboral", Costa apenas garantiu que o caso está a ser acompanhado pelas entidades competentes.

Relativamente ao Governador do Banco de Portugal, o primeiro-ministro disse apenas que tem mantido relações cordiais e que respeita. No fim do mandato, "o Governo designará competências, designando um novo governador".

04 mar • 15:50

há 62 dias

Gonçalo Teles

"O Governador do BdP nunca fez nada"

Catarina Martins recorda que o Bloco de Esquerda pediu por várias vezes a destituição de Carlos Costa e diz que a continuidade do mesmo no cargo é um "atentado ao país", com responsabilidades para o Governo.

A líder bloquista traz também o tema dos estivadores do Porto de Lisboa para a mesa: **"Ou as empresas que operam no Porto de Lisboa têm capacidade para o fazer, ou o Governo deve retirá-lhes a concessão."**

Cabe ao Governo "sentar as partes à mesa e chegar a um acordo que garanta o emprego e rejeite a fraude descarada".

04 mar • 15:49

há 62 dias

Inês André Figueiredo

Costa aponta que poderes são do Banco de Portugal

Depois de Catarina Martins trazer o caso de Isabel dos Santos para debate, Costa assegurou que **"o Governo não tem instrumentos que permita intervir"**, justificando que é o Banco de Portugal e o Governador que têm essa responsabilidade e as "orientações prudenciais são do BdP e não do Governo".

04 mar • 15:47

há 62 dias

Gonçalo Teles

Catarina Martins traz a Justiça ao debate

As investigações a magistrados e a ausência de suspensão de funções são trazidas ao debate pelo Bloco de Esquerda.

Sobre os "crimes denunciados por Rui Pinto", Catarina Martins diz ter sabido com agrado que as investigações hoje efetuadas a vários clubes e SADs têm como origem denúncias do Football Leaks.

Em relação ao caso Luanda Leaks, a líder do Bloco de Esquerda lamenta que o Governador do Banco de Portugal "tenha lavado as mãos", esta manhã no Parlamento e pergunta ao Governo o que está a fazer em relação ao "arresto judicial das contas de Isabel dos Santos em Portugal".

04 mar • 15:45

há 62 dias

Inês André Figueiredo

"Nada há a temer"

O primeiro-ministro assegura que "nada há a temer". "Julgava que ia elogiar decisão do Eurogrupo de usar toda a margem disponível para reposta da UE para risco de regressão económica", apontou ainda a Catarina Martins, numa resposta curta, em que enumerou as medidas já tomadas para trabalhadores independentes e para quem apoia quem está infetado.

04 mar • 15:43

há 62 dias

Gonçalo Teles

Catarina Martins agradece aos profissionais de saúde

"Trabalham em condições difíceis, sentem que as carreiras não têm sido valorizadas e ainda assim são incansáveis", elogia a líder do Bloco de Esquerda.

Catarina Martins apela à luta contra a desinformação e o alarmismo no combate ao coronavírus.

Sobre a resposta ao surto, o Bloco de Esquerda pergunta:

- pela prontidão das empresas privadas;
- pela garantia de "apoio a 100%" aos trabalhadores do setor público e privado - em especial aos "precários - e a forma de acompanhamento a pessoas dependentes, como por exemplo crianças;
- reforços na Saúde que estão dependentes de autorização do ministério das Finanças.

04 mar • 15:40

há 62 dias

Inês André Figueiredo

A resposta irónica de Costa

"Não foi muito elegante dizer que tenho de ir ao oftalmologia, coisa que eu já sei e que estou a ver se arranjo tempo para ir", brincou.

<p>04 mar • 15:40 há 62 dias Gonçalo Teles</p>	<p>"O Governo precisa de um secretário de Estado do cinema, porque o senhor primeiro-ministro não está a ver bem o filme", responde Rio, face à falta de uma resposta satisfatória sobre o caso da RTP.</p>
<p>04 mar • 15:38 há 62 dias Inês André Figueiredo</p>	<p>PPP "não passou a ser ao calhas"</p> <p>O primeiro-ministro insiste que "a lei define critérios muito rigorosos para as PPP" e assegurou que esta questão "não passou a ser ao calhas".</p> <p>Sobre o secretário de Estado do cinema, "ele não interfere em qualquer contrato com a RTP".</p>
<p>04 mar • 15:35 há 62 dias Gonçalo Teles</p>	<p>"Já são olhos a mais"</p> <p>"Posso subscrever que quatro olhos veem melhor que dois", atira Rio, sem perder a oportunidade de responder à letra.</p> <p>"Não subscrevo um Governo tão grande - com tantos, já são olhos a mais - a olhar para algo muito técnico e que tem de ter muito rigor."</p> <p>Rio diz que em muitas PPP do PS, só ganhou "a parte privada".</p> <p>Sobre o caso do terreno vendido pela RTP, Rio quer saber se Costa pode "elucidar" a Assembleia da República e os portugueses.</p>
<p>04 mar • 15:33 há 62 dias Inês André Figueiredo</p>	<p>"Quatro olhos veem melhor que dois"</p> <p>António Costa, sobre as PPP, afirma que "o controlo em vez de ser feito pelos ministros é feitos pelos olhos de todos os membros do Governo" e que "quatro olhos veem melhor que dois".</p> <p>Relativamente à questão da habitação, "as circunstâncias justificam-se pela urgência em dar resposta a uma crise habitacional".</p>

04 mar • 15:31

há 62 dias

Gonçalo Teles

PPP em debate

"O PSD está naturalmente disponível para ajudar", assegura Rio, recusando-se a fazer "oposição com um assunto tão sério".

Sobre a lei das PPP, que Rio traz ao debate, o líder social-democrata defende que os portugueses vão pagar "1500 milhões de impostos" para pagar rendas das mesmas.

Rio recorda que o PSD tem pedido que Centeno vá ao Parlamento explicar a situação, acusando o PS de impedir o ministro de ir ao Parlamento.

"Qual a vantagem de tirar as PPP do controlo do ministro das Finanças, qual a vantagem de uma maior opacidade e, em concreto, porque é que o setor da habitação tem ficar fora da lei?", questiona.

04 mar • 15:28

há 62 dias

Inês André Figueiredo

A "tentação" dos políticos que Costa recorda a Rio

Em resposta a António Costa, o primeiro-ministro deixou claro que tem uma "visão factual". "Nós políticos temos sempre a tentação de nos sobrepormos a quem efetivamente sabe", atira o primeiro-ministro.

Costa reiterou que existem dois milhões de máscaras e lembrou que estas devem ser usadas para profissionais de saúde e para casos suspeitos.

Relativamente às camas, o chefe do Executivo volta a confirmar as duas mil camas e garante que "não se justifica" a utilização das camas totais disponíveis para estes casos.

04 mar • 15:24

há 62 dias

Gonçalo Teles

"Há realmente um plano de contingência?"

Rui Rio saúda a intervenção "otimista" de Costa sobre o coronavírus em Portugal, mas alerta para uma situação que pode ter um crescimento "exponencial".

O líder do PSD **argumenta com a alegada falta de material nos hospitais, "falta de coordenação e resposta na linha Saúde24" e pergunta pela situação nos aeroportos, nomeadamente em termos de controlo de chegadas da China e Itália.**

Sobre os números da DGS - o "cenário" do número de infeções - **Rio pergunta se "há realmente um plano de contingência" e se esse mesmo plano está preparado para o tal crescimento "exponencial".**

"Onde estão as duas mil camas?", questiona, perguntando também pela "articulação com as Forças Armadas".

04 mar • 15:20

há 62 dias

Inês André Figueiredo

"O pior vírus é o do alarme social"

"A prioridade de saúde pública tem de ser a prevenção dos riscos de contágio", alerta o primeiro-ministro, assegurando que o se tem de viver com "o sentido do vírus", mas com serenidade.

"O pior vírus é o do alarme social", diz, louvando "civismo que os portugueses têm demonstrado".

04 mar • 15:14

há 62 dias

Inês André Figueiredo

Costa garante que SNS está preparado para o novo coronavírus

O primeiro-ministro anunciou que o Governo pode lançar uma linha de crédito de cem milhões de euros para apoiar empresas que tenham prejuízos devido ao Covid-19.

António Costa dá conta das medidas que o Governo já tomou para os portugueses infetados com o novo coronavírus e para os casos suspeitos. No discurso que dá início ao debate quinzenal sobre a nova epidemia, o primeiro-ministro deixou ainda um agradecimento ao SNS.

"Estão em prática medidas preventivas", assegurou, nomeadamente nos voos provenientes da China e de Itália.

O primeiro-ministro explicou que os meios inicialmente ativados já foram reforçados e que estão disponíveis máscaras e equipamentos de proteção individual que têm como intuito ser usadas para profissionais do SNS.

Figuras 48 a 63 - Crónicas "weblogs" referentes ao tema sobre o debate quinzenal de 4 de março de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/politica/primeiro-ministro-no-parlamento-para-discussao-sobre-o-coronavirus--11886422.html>

DEBATE QUINZENAL

Linha de crédito de cem milhões para empresas afetadas pelo coronavírus

Primeiro-ministro dedicou a sua intervenção inicial no debate quinzenal no Parlamento à epidemia de Covid-19.

Por **Lusa**
04 Março, 2020 • 16:35

PARTILHAJ

Facebook
Twitter
WhatsApp
Email
Comentar



O primeiro-ministro, António Costa © José Sena Goulão/ÁLUSA

O primeiro-ministro anunciou esta quarta-feira o lançamento de uma linha de crédito para apoio de tesouraria a empresas afetadas pelo impacto económico do surto do novo coronavírus, caso seja necessário, no valor inicial de 100 milhões de euros.

No debate quinzenal no Parlamento, António Costa dedicou a sua intervenção inicial à epidemia de Covid-19, ressaltando que "o impacto económico para as empresas portuguesas tem sido moderado ou reduzido".

"Não se esperam quebras significativas nas cadeias de fornecimento de componentes, até porque a China está já a retomar a sua atividade industrial. Apenas no setor do turismo, viagens e eventos, tem havido uma quebra de procura e alguns cancelamentos, cujo impacto verdadeiramente dependerá da duração e da gravidade do surto epidémico", afirmou o chefe de Governo.

LEIA TAMBÉM
Governo prepara linha de crédito para empresas afetadas por coronavírus

Figura 64 - Notícia referente ao tema sobre o debate quinzenal de 4 de março de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/coronavirus-costa-anuncia-linha-de-credito-de-100-milhoes-de-euros-a-empresas-11887071.html>

DEBATE QUINZENAL

Governo vai substituir Carlos Costa no final do mandato à frente do Banco de Portugal

Sobre a matéria, António Costa disse apenas que tem mantido relações cordiais e que respeita o atual governador.

Por TSF
04 Março, 2020 • 16:24

PARTILHAR

Facebook

Twitter

WhatsApp

E-mail



Comentar



© LUSA

O primeiro-ministro anunciou, durante o debate quinzenal, que o Governo escolherá um novo governador do Banco de Portugal no final do mandato de Carlos Costa.

Sobre a matéria, António Costa disse apenas que tem mantido relações cordiais e que respeita o atual governador. No fim do mandato, "o Governo designará competências, designando um novo governador".

Estão a decorrer investigações à alegada intervenção do governador do Banco de Portugal em créditos concedidos pela Caixa Geral de Depósitos (CGD) quando este era administrador do banco público, entre 2004 e 2006.

Figura 65 - Notícia referente ao tema sobre o debate quinzenal de 4 de março de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/politica/governo-vai-substituir-carlos-costa-no-final-do-mandato-a-frente-do-banco-de-portugal-11887068.html>

- Eleições primárias EUA – 4 de março

04 mar • 21:51
há 62 dias

Lusa

Joe Biden venceu as eleições primárias do Estado de Maine

O ex-vice-presidente Joe Biden teve esta quarta-feira a sua 10.ª vitória nas eleições da "super terça-feira" das primárias democratas na corrida à Casa Branca, ao conseguir a maioria dos delegados do Estado de Maine.

Enquanto os votos do Estado da Califórnia ainda estão a ser contados, a comissão eleitoral do Partido Democrata determinou esta quarta-feira que Joe Biden foi o vencedor no Estado de Maine, obtendo 80% dos 24 delegados.

[LER MAIS](#)



04 mar • 19:15
há 62 dias

Lusa

Trump elogia resultados eleitorais de ex-vice-presidente Biden

O Presidente dos EUA e recandidato à reeleição pelo Partido Republicano, Donald Trump, elogiou esta quarta-feira a "incrível recuperação" nas primárias democratas de Joe Biden, que poderá ser o seu opositor nas eleições presidenciais de novembro.

"É uma fantástica recuperação para Joe Biden, uma incrível recuperação quando pensamos nisso", disse o Presidente norte-americano, referindo-se aos bons resultados eleitorais do ex-vice-Presidente de Barack Obama na "super terça-feira", quando 14 estados e um território foram a votos para as primárias democratas.

[LER MAIS](#)



04 mar • 18:44
há 62 dias

Bloomberg gastou 500 milhões de dólares da sua fortuna em campanha

O bilionário candidato do Partido Democrata Mike Bloomberg gastou mais de 500 milhões de dólares (449 milhões de euros) em campanha, antes de esta quarta-feira se retirar da corrida, após maus resultados eleitorais nas primárias. Bloomberg desistiu da sua candidatura presidencial, endossando apoio ao ex-vice-Presidente Joe Biden e reconhecendo que a sua vitória nas primárias democratas seria praticamente impossível, depois de na "super terça-feira", quando decorreram eleições em 14 Estados e um território, apenas ter conseguido chegar em primeiro lugar na Samoa Americana.

Ao longo dos 101 dias em que esteve em campanha, Bloomberg gastou mais de 500 milhões de dólares da sua fortuna pessoal, estimada em mais de 60 mil milhões de euros, prometendo continuar a gastar o seu dinheiro apoiando o candidato Democrata que enfrentar o Presidente Republicano Donald Trump, nas eleições de novembro próximo.

LER MAIS



04 mar • 16:39

há 62 dias

Francisco Nascimento

Elizabeth Warren pondera abandonar corrida democrata

A candidata à eleição democrata decidiu reunir a equipa para analisar os resultados da "Super Terça-Feira", em que apenas conseguiu o terceiro lugar no seu Estado natal, Massachusetts.

A informação foi avançada por uma fonte da campanha à Associated Press.

Warren aparece no terceiro lugar dos resultados globais, com apenas 50 delegados ao congresso democrata.



AFP

04 mar • 15:31

há 62 dias

Paulo Andrade Soares

Michael Bloomberg desiste e apoia Joe Biden



Mike Bloomberg
@MikeBloomberg

Three months ago, I entered the race to defeat Donald Trump. Today, I'm leaving for the same reason. Defeating Trump starts with uniting behind the candidate with the best shot to do it. It's clear that is my friend and a great American, @JoeBiden.



77,6 mil 16:22 - 4 de mar de 2020

23,3 mil pessoas estão falando sobre isso

04 mar • 13:51

há 63 dias

Francisco Nascimento

Joe Biden toma a dianteira da eleição democrata

Antes da "Super Terça-feira", o vice-presidente de Barack Obama estava em segundo lugar na votação geral, com menos 12 delegados do que o Bernie Sanders. Neste momento, Joe Biden conta com 390 delegados ao congresso democrata, contra 330 de Sanders.

Joe Biden venceu as primárias do Partido Democrata em dez estados, enquanto o senador de Vermont conseguiu a maioria dos votos em quatro estados.

04 mar • 11:50

há 63 dias

Rita Carvelho Pereira

Votação ainda decorre na Califórnia

Problemas com as máquinas para a votação eletrónica estão a causar longas filas no estado da Califórnia, à semelhança do que aconteceu no Texas.

Todas as pessoas que se encontram na fila para votar até à hora de encerramento das urnas têm direito a exercer o voto, o que deverá atrasar em muito o efetivo fecho das votações e a obtenção dos resultados.

Os eleitores estão a recorrer às redes sociais para denunciar as longas horas de espera nas filas nas mesas de voto:



Michael Cruz
@MikeCruzable



7 hours on line. Got there at 7:20pm, left at 2:20am. Just got home. Such a great system we have now. #california
[instagram.com/p/B9Tvv8KJHD0/...](https://www.instagram.com/p/B9Tvv8KJHD0/)

11:42 - 4 de mar de 2020



Veja outros Tweets de Michael Cruz



Joey Jefferson
@joey_spaceman



The line in the la Canada voting center in California. Seeing a lot of people get out their cars, see the line, and leave while shaking their heads. #California #Primaries2020 #bernie #bernie2020 #VoteBernie



04 mar • 09:05
hd66das

Catarina Matias
Vasconcelos

"A herança Obama-Hillary-Bill Clinton ainda é mais forte do que uma ala muito à esquerda"

"Se há uma semana dissessemos a Joe Biden que os resultados da Super Terça-feira seriam estes, acho que nem ele iria acreditar nisso." É Germano Almeida, analista de política norte-americana, que o defende, em declarações à TSF. O especialista em assuntos norte-americanos lembra mesmo que "há cerca de uma semana, Biden estava a 20 pontos".

Biden ultrapassou Sanders no número de delegados, mas esta reviravolta não era expectável, assinala Germano Almeida. "Estamos perante um dos maiores comebacks, um dos maiores regressos, um dos maiores renascimentos da História da política norte-americana, lançado na Carolina do Sul no fim de semana, com a enorme vitória que teve." A este ponto, é portanto arriscado alvitrar quem enfrentará Donald Trump nas Presidenciais. "Diria que é mais provável que seja Joe Biden, mas ainda não há um caminho fechado para Bernie Sanders."

Um caminho aberto, que contou com o empurrão dos "apoios que teve, como de Pete Buttigieg e Amy Klobuchar, que levaram e que todo o campo central se juntasse com Joe Biden". Demasiado à esquerda para grande parte da população dos EUA, Sanders ainda tem muitos delegados, nota Germano Almeida.

Agora, para fortalecer o avanço do antigovice-presidente de Obama, "será importante que Biden ganhe a Califórnia, mas é muito relevante que ganhe o Texas". No entanto, o que estes resultados demonstram é que de um dia para o outro tudo pode mudar. "Joe Biden mostrou em poucos dias que a ala mais central, mais moderada, e a herança Obama-Hillary-Bill Clinton, ainda são mais fortes do que uma ala muito à esquerda, que ganhou força nos últimos anos para responder como contraponto à ala muito à direita do Partido Republicano, com Donald Trump."



04 mar • 07:17

há 63 dias

Rita Carneiro Pereira

Biden vence no Texas

Joe Biden acaba de conquistar a vitória no estado do Texas, o segundo mais importante - em termos de número de delegados eleitos (228, no total) - nas eleições primárias do Partido Democrata.

O antigo vice-presidente norte-americano conseguiu mais de 33% dos votos, contra os cerca de 29% de Bernie Sanders.



04 mar • 06:49

há 63 dias

Rita Carneiro Pereira

Quem vota em que candidato?

De acordo com as sondagens à saída das urnas, citadas pela imprensa norte-americana, Joe Biden está a recolher a maioria dos votos da população afro-americana e dos eleitores mais velhos.

Já Bernie Sanders estará a conquistar os votos da população latina e do eleitorado jovem.



Foto: Frederic J. Brown/AFP

04 mar • 06:37

há 63 dias

Rita Carvalho Pereira

Bernie Sanders reclama vitória na Califórnia

Apesar de os votos ainda não estarem contados na totalidade, a Associated Press dá já como certa a vitória do senador Bernie Sanders no estado da Califórnia, o mais decisivo nestas primárias democratas.

Sanders já foi até às redes sociais para festejar a vitória no estado californiano.

"Acabámos de ganhar na Califórnia! Juntos, estamos a enviar à classe bilionária uma mensagem poderosa de que o povo americano está pronto para verdadeira mudança", escreveu Bernie Sanders, na sua página de Instagram.



Ver Mais no Instagram



691,036 gostos

berniesanders

BREAKING: We just won California! Together, we are sending a powerful message to the billionaire class that the American people are ready for real change. Let's go forward and win this election. If you're still in line to vote, stay in line!

Chip in to our campaign at the link in bio.

ver todos os 14,773 comentários

Adiciona um comentário...



04 mar • 06:19

há 62 dias

Rita Carvalho Pereira

Warren perde no estado-natal

A senadora Elizabeth Warren não conseguiu conquistar a maioria dos votos no seu estado-natal do Massachusetts, onde o vencedor foi Joe Biden.



Foto: Jeff Kowalsky/AFP

04 mar • 06:16

há 62 dias

Rita Carvalho Pereira

Sanders à frente na Califórnia

A Associated Press dá como ganha a Califórnia, o estado norte-americano com mais delegados em jogo, para Bernie Sanders.

Nesta altura, Sanders conta com 29% dos votos, contra 19,5% para Biden, no estado californiano.

Ainda não há previsões para os outros dois estados decisivos, Texas e Maine.



Foto: Chip Somodevilla/AFP

04 mar • 06:12
há 63 dias

Rita Carvalho Pereira

Bloomberg vence na Samoa Americana

Michael Bloomberg, antigo presidente da câmara da cidade de Nova Iorque, foi o candidato mais votado na Samoa Americana, território não incorporado dos Estados Unidos situado na Polinésia.



Foto: Erik S. Lesser/EPA

04 mar • 06:09
há 63 dias

Rita Carvalho Pereira

Sanders vence em Vermont, Colorado e Utah

O senador Bernie Sanders tem, até ao momento, garantida a vitória no seu estado natal do Vermont e nos estados do Colorado e Utah.



Foto: Herb Swanson/EPA

04 mar • 06:06
há 63 dias

Rita Carneiro Pereira

Biden à frente

Até ao momento, o antigo vice-Presidente Joe Biden segue na dianteira, com vitórias confirmadas em oito estados: Virginia, Alabama, Arkansas, Massachusetts, Minnesota, North Carolina, Oklahoma and Tennessee.



Foto: Mario Tama/AFP

04 mar • 06:02
há 63 dias

Rita Carneiro Pereira

Sanders, Biden, Warren e Bloomberg a votos

O grupo de candidatos mais bem posicionados nas sondagens para as eleições primárias no Partido Democrata - que determinarão qual o candidato democrata às eleições presidenciais dos EUA, em novembro - está agora reduzido a quatro nomes: Bernie Sanders, Joe Biden, Elizabeth Warren e Michael Bloomberg.

Estão em jogo 1357 delegados em 14 estados e no território da Samoa Americana - mais de um terço do total.

O primeiro a conquistar 1991 delegados (50% do total, mais um) é considerado o potencial nomeado do partido.

Antes da "super terça-feira", alguns dos principais nomes na corrida às primárias democratas, como Pete Buttigieg, Amy Klobuchar e Beto O'Rourke, desistiram das candidaturas e declararam o apoio ao ex-vice-Presidente de Obama, Joe Biden.



Figura 66 a 75 - Crónicas "weblogs" referentes ao tema sobre a super terça-feira americana que decorreu a 4 de março de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/biden-a-frente-com-vitorias-em-oito-estados-mas-bernie-prestes-a-conquistar-california-11884631.html>

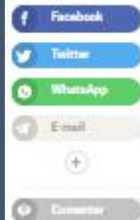
PRIMÁRIAS DEMOCRATAS

Bloomberg gastou 500 milhões de dólares da sua fortuna em campanha

Bilionário desistiu da sua candidatura presidencial.

Por Lusa
04 Março, 2020 • 19:37

PARTILHAR



O bilionário Mike Bloomberg © Michael Reynolds/EPA

O bilionário candidato do Partido Democrata Mike Bloomberg gastou mais de 500 milhões de dólares (449 milhões de euros) em campanha, antes de esta quarta-feira se retirar da corrida, após maus resultados eleitorais nas primárias. Bloomberg desistiu da sua candidatura presidencial, endossando apoio ao ex-vice-presidente Joe Biden e reconhecendo que a sua vitória nas primárias democratas seria praticamente impossível, depois de na "super terça-feira", quando decorreram eleições em 14 Estados e um território, apenas ter conseguido chegar em primeiro lugar na Samoa Americana.

Ao longo dos 101 dias em que esteve em campanha, Bloomberg gastou mais de 500 milhões de dólares da sua fortuna pessoal, estimada em mais de 60 mil milhões de euros, prometendo continuar a gastar o seu dinheiro apoiando o candidato Democrata que enfrentar o Presidente Republicano Donald Trump, nas eleições de novembro próximo.

A fortuna aplicada em múltiplas ações de campanha e numa intensa torrente de anúncios publicitários nos 'media' não conseguiu ser suficiente para manter Bloomberg numa candidatura com viabilidade de vitória, apesar de as sondagens o apontarem como um forte nome no elenco Democrata.



LEIA TAMBÉM

[Michael Bloomberg desiste e apoia Joe Biden](#)

Figura 76 - Notícia referente ao tema sobre a super terça-feira americana que decorreu a 4 de março de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/bloomberg-gastou-500-milhoes-de-euros-da-sua-fortuna-em-campanha-11887793.html>

PRIMÁRIAS DEMOCRATAS

Trump elogia resultados eleitorais de ex-vice-presidente Biden

Ex-vice-presidente venceu a maioria das eleições.

Por: Lusa
04 Março, 2020 • 19:13

PARTILHAR:

- Facebook
- Twitter
- WhatsApp
- Email
- Comentar



Donald Trump, Presidente dos EUA © Jim Lo Scalzo/EPA

O Presidente dos EUA e recandidato à reeleição pelo Partido Republicano, Donald Trump, elogiou esta quarta-feira a "incrível recuperação" nas primárias democratas de Joe Biden, que poderá ser o seu opositor nas eleições presidenciais de novembro.

"É uma fantástica recuperação para Joe Biden, uma incrível recuperação quando pensamos nisso", disse o Presidente norte-americano, referindo-se aos bons resultados eleitorais do ex-vice-Presidente de Barack Obama na "super terça-feira", quando 14 estados e um território foram a votos para as primárias democratas.

Joe Biden venceu a maioria das eleições, num momento em que nem todos os votos foram ainda apurados, e ultrapassou largamente o seu principal adversário, Bernie Sanders, em número de delegados eleitos (550 contra 487).

LEIA TAMBÉM:
[Michael Bloomberg desiste e apoia Joe Biden](#)

Figura 77 - Notícia referente ao tema sobre a super terça-feira americana que decorreu a 4 de março de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/trump-elogia-resultados-eleitorais-de-ex-vice-presidente-biden-11887991.html>

PRIMÁRIAS DEMOCRATAS

Joe Biden venceu as eleições primárias do Estado de Maine

Ex-vice-presidente obteve 80% dos 24 delegados.

Por Lusa
04 Março, 2020 • 21:49

PARTILHAR

Facebook

Twitter

WhatsApp

Email



Comentar



O ex-vice-presidente norte-americano Joe Biden © Etienne Laurent/EPA

O ex-vice-presidente Joe Biden teve esta quarta-feira a sua 10.^a vitória nas eleições da "super terça-feira" das primárias democratas na corrida à Casa Branca, ao conseguir a maioria dos delegados do Estado de Maine.

Enquanto os votos do Estado da Califórnia ainda estão a ser contados, a comissão eleitoral do Partido Democrata determinou esta quarta-feira que Joe Biden foi o vencedor no Estado de Maine, obtendo 80% dos 24 delegados.

O senador Bernie Sanders ficou em segundo lugar no Maine, obtendo os restantes delegados, numas eleições que o Partido Democrata disse terem sido muito participadas. Com esta vitória, Joe Biden alargou a sua diferença perante o seu principal adversário interno, Bernie Sanders, ao vencer 10 das eleições em 15 Estados e territórios, conseguindo, para já, 566 delegados nesta "super terça-feira", contra 501 de Bernie Sanders.



LEIA TAMBÉM

[Michael Bloomberg desiste e apoia Joe Biden](#)

Figura 78 - Notícia referente ao tema sobre a super terça-feira americana que decorreu a 4 de março de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/joe-biden-venceu-as-eleicoes-primarias-do-estado-de-maine-11888104.html>

PRIMÁRIAS DEMOCRATAS

Bloomberg desiste nas primárias democratas a favor de Joe Biden

Bilionário e ex-mayor de Nova Iorque desistiu da corrida presidencial depois de maus resultados na "superterça-feira".

Por Lusa
04 Março, 2020 • 16:23

PARTILHAR

Facebook


Twitter

WhatsApp

E-mail

+

Comentar



O bilionário Mike Bloomberg © Michael Reynolds/EPA

O bilionário Mike Bloomberg desistiu esta quarta-feira da sua candidatura nas primárias democratas para as eleições presidenciais nos EUA e endossou o ex-vice-Presidente Joe Biden. O bilionário e ex-mayor de Nova Iorque desistiu da corrida presidencial depois de maus resultados na "superterça-feira", quando decorreram eleições em 14 estados e um território, tendo apenas conseguido uma vitória na Samoa Americana e apenas 44 delegados no total.

Michael Bloomberg gastou mais de 400 milhões de euros da sua fortuna pessoal na campanha eleitoral, mas hoje reconheceu que o seu esforço não permitiu passar a sua "mensagem política".

"Há três meses, apresentei a minha candidatura presidencial para vencer Donald Trump. Hoje, retiro-me da corrida pelo mesmo motivo: vencer Donald Trump, porque ficou claro para mim que continuar tornaria mais difícil conseguir isso", explicou Bloomberg.

LEIA TAMBÉM:

[Michael Bloomberg desiste e apoia Joe Biden](#)

Figura 79 - Notícia referente ao tema sobre a super terça-feira americana que decorreu a 4 de março de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/bloomberg-desiste-nas-primarias-democratas-a-favor-de-joe-biden-11886985.html>

- Coronavírus – 9 de março

09 mar • 14:58
há 58 dias
Calvinas Mubhanak
Vasconcelos

"Extremamente dramático." Preços do petróleo vão deixar "economias sob grande pressão"

"Já temos uma queda de 30% hoje na abertura dos estudos do petróleo." Este impacto será especialmente preocupante "na economia dos países produtores, países que estão dentro da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEC+), que são 14 membros e dez aliados".

Tal acontece, justifica o diretor geral da Infinox, porque "muitos desses países têm custos de produção altíssimos", e, "se estes preços a que estão a ser vendidos os barris de petróleo se mantêm baixos, essas economias vão ficar sob grande pressão".

LER MAIS



Foto: Timothy A. Clark/AFP

09 mar • 14:51
há 58 dias
Rui Patrício

Segunda-feira negra nas bolsas. Wall Street esteve suspensa

Queda do preço do petróleo e coronavírus fizeram disparar o índice do medo nas praças europeias e em Wall Street.

Na Europa, ao início da tarde desta segunda-feira o índice português, PSI-20, perde 8,1%. Um cenário idêntico ao registado por todo o continente. Frankfurt recua 8,46%, Paris desvaloriza 8,64%, Madrid cai 8,26% e Londres 7,92%.

Em Nova Iorque as negociações chegaram a estar suspensas por 15 minutos depois de uma queda de 7% devido ao pânico associado às consequências económicas do novo coronavírus



09 mar • 14:49
há 58 dias

Lusa

Governo simplifica suspensão de contratos de trabalho

As empresas vão poder avançar com "lay-off" simplificado se virem a sua "atividade severamente afetada" devido à epidemia de Covid-19, de acordo com um pacote de medidas esta segunda-feira anunciado pelo Governo em sede de Concertação Social.

LER MAIS

09 mar • 14:35
há 59 dias

Lusa

Sindicato dos guardas prisionais querem máscaras nas prisões para visitas

Sindicato Nacional do Corpo da Guarda Prisional (SNCCGP) vai propor esta segunda-feira aos serviços prisionais que sejam distribuídas máscaras nas prisões e suspensas as visitas íntimas aos reclusos para fazer face ao surto do novo coronavírus.

Estas sugestões vão constar de um ofício que o sindicato vai enviar esta segunda-feira à Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), depois deste organismo ter suspenso, a partir desta segunda-feira, as visitas aos fins de semana nas prisões do país, devendo estas ter lugar em dias úteis e limitadas a um máximo de dois visitantes por recluso devido ao Covid-19.

LER MAIS



Foto João Manuel Ribeiro/Global Imagens

09 mar • 14:31
há 59 dias

Lusa

Federação adia campeonato nacional de patinagem artística em Fafe

O campeonato nacional de show e precisão, marcado para sábado e domingo, em Fafe, foi adiado esta segunda-feira pela Federação Portuguesa de Patinagem (FPP), devido à epidemia de Covid-19.

"Dada a evolução do novo coronavírus em Portugal, e mais concretamente na zona geográfica onde está planeada a realização do campeonato, a FPP decidiu adiar o campeonato nacional de show e precisão de 2020 para data a definir", lê-se no comunicado do organismo.

09 mar • 14:11
há 59 dias

Lusa

FMI defende "resposta internacional coordenada"

Os governos devem dar "uma resposta internacional coordenada" para atenuar o impacto económico da epidemia de coronavírus, defendeu a economista-chefe do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Apontando o exemplo da China, Gopinath observou que se a baixa da produção é comparável à que foi registada no início da crise financeira mundial, em 2008: a diminuição no setor dos serviços "parece desta vez mais significativa".

"Pode haver despedimento de trabalhadores dado que as empresas não podem pagar os salários. Os efeitos podem ser particularmente graves em determinados setores, como o turismo e a hotelaria, como se tem visto no caso de Itália", exemplificou.



Foto: Olivier Douliery/AFP

09 mar • 13:46
há 59 dias

Carolina Roca

"Mais vale prevenir..."

O presidente da Câmara de Lousada admitiu que o encerramento das escolas e outras infraestruturas do concelho são "medidas muito gravosas que mexem com o dia a dia das pessoas", mas sublinhou que se está "perante um desafio médico, político, social e económico. Portanto mais vale prevenir do que remediar".

Pedro Machado deixa um apelo à população: "Não relativizem o problema. Este é um caso sério, não é um caso para nós brincarmos. Apelo aqui ao sentido de responsabilidade de todos para que sigam as determinações da DGS, porque é fundamental para contermos os efeitos desta doença".



09 mar • 13:41
há 59 dias

Cartão Rico

Irão libertou condicionalmente 70 mil reclusos

As autoridades iranianas libertaram condicionalmente até ao momento cerca de 70 mil pessoas como medida para evitar a propagação do novo coronavírus.

"A libertação dos prisioneiros vai continuar enquanto se acreditar que não provoca insegurança à sociedade", disse Ebrahim Raisi, responsável judicial iraniano.

09 mar • 13:36
há 59 dias

Cartão Rico

Acender da tocha olímpica para Tóquio 2020 à porta fechada

O ato de acender a tocha olímpica, marcado para quinta-feira nas ruínas do antigo Olimpo em Atenas, a caminho dos Jogos Olímpicos Tóquio2020, em julho e agosto, vai decorrer à porta fechada devido ao surto de Covid-19.



Foto: AP Photo/Dimitri Messinis

09 mar • 13:10

há 59 dias

João Francisco
Guarniero

Coronavírus já infetou 239 pessoas na Bélgica

A direção da prestigiadíssima **Universidade de Lovaina** acredita que basta "**limpar certos locais**" das instalações em que um professor infetado esteve a lecionar na semana passada, depois de regressar de umas férias no norte de Itália.

"As aulas vão continuar", anunciou hoje o vice-reitor do setor de ciências da saúde da UCLouvain, Frédéric Houssiau, num comunicado divulgado após a deteção deste caso de infeção, na universidade em que acolhe **21 estudantes portugueses** em regime de Erasmus.

As autoridades sanitárias da Bélgica anunciaram hoje **39 novos casos**, somando-se aos 200, que tinham identificado até ontem.

A cada dia que passa, o país que acolhe as instituições da União Europeia valida várias dezenas de novos casos. O vírus que matou mais de 3800 pessoas, em todo o mundo, desde que foi identificado há três meses, foi identificado hoje entre **um dos funcionários da Nato, que tem sede em Bruxelas**. Nas instituições europeias foram já identificados pelo menos dois infetados.

O país vai reagindo com algumas medidas, mais ou menos aleatórias, mas o governo e, em particular os seus **nove ministros da saúde**, não têm escapado às críticas de "inação". Em sentido contrário, foi o próprio governo a criticar um decisor local que tomou medidas em escolas e locais públicos.

Por exemplo, um dos burgomestres da região de Bruxelas, neste caso da Comuna de Woluwe-Saint Lambert, recebeu duras críticas dos seus pares, e até do ministério da Saúde, que sugeria que não houvesse a decisão de recomendar isolamento e proibir, por 14 dias, a entrada em locais públicos a oriundos da zonas de risco, identificadas pelo ministério dos Negócios Estrangeiros, como Itália.

09 mar • 13:09

há 59 dias

Lima

Especialista alerta que surto pode demorar mais tempo do que o previsto

Há menos de duas semanas, especialista chinês tinha anunciado que surto deveria estar controlado no final de abril. Agora, Zhong Nanshan, chefe da equipa de médicos especialistas designados pelo Governo chinês para combater o surto do Covid-19, disse que a doença continuará a alastrar-se pelo mundo até pelo menos junho próximo.

Numa conferência de imprensa em Cantão, sul da China, Zhong disse que o "foco na prevenção e controlo do vírus" passará para a importação de infeções oriundas do exterior, à medida que o surto se alastra por mais de uma centena de países.

O pneumologista, de 83 anos, disse ainda que a China prestará assistência a países onde o vírus está a propagar-se rapidamente, incluindo experiência em proteção e tratamento médico.

[LER MAIS](#)

09 mar • 13:05
há 59 dias

Lusa

FIFA e confederação asiática adiam jornadas de apuramento para Mundial do Qatar 2022

"Em concordância com as federações membro e sempre que a segurança de todas as pessoas cumpra as normas exigidas e as federações em causa estejam conforme, será possível disputar os jogos durante aqueles períodos internacionais de março ou junho, com a aprovação prévia da FIFA e da AFC", pode ler-se no comunicado emitido pelas duas organizações, referindo-se às datas FIFA de 23 a 31 de março e de 1 a 09 de junho.

Envolvidas na fase de qualificação estão as seleções da Coreia do Sul, orientada por Paulo Bento, e do Bahrain, de Hélio Sousa.

Além destas duas jornadas, FIFA e AFC decidiram ainda adiar o apuramento asiático para o Mundial da Lituânia de futsal, a ser disputado este ano, que passará para 5 a 16 de agosto. Em relação aos torneios de apuramento para os Jogos Tóquio2020, estes mantêm-se, com exceção para a eliminatória feminina entre a Coreia do Sul e a China, reagendada para o período internacional de 1 a 10 de junho.

09 mar • 13:01
há 59 dias

Lusa

Universidade dos Açores adia ou cancela eventos em espaços da instituição

A Universidade dos Açores (UAç) decidiu esta segunda-feira adiar por "tempo indeterminado ou cancelar" os "congressos, 'workshops', seminários ou outros eventos públicos científicos ou culturais" em espaços da instituição, atualizando o plano para enfrentar o surto de Covid-19.

"Mesmo que já autorizados, os congressos, 'workshops', seminários ou outros eventos públicos científicos ou culturais em espaços da UAç, incluindo eventos organizados por associações estudantis, tunas e núcleos, assim como eventos promovidos por entidades externas à UAç, são adiados por tempo indeterminado ou cancelados", lê-se na página oficial da academia.

A instituição de ensino superior dos Açores, que já tinha implementado um plano de contingência sobre o Covid-19, esclarece que, "dada a rápida progressão" do surto, atualizou o documento, que se aplica "a toda a comunidade académica, assim como convidados e visitantes de espaços da instituição".

09 mar • 13:01
há 59 dias

Lusa

Barril de petróleo Brent afundou-se 26% até 33,36 dólares

O preço do barril de petróleo Brent, de referência na Europa, afundou-se até 33,36 dólares no início do dia, menos 26,31%, a maior queda num dia desde a primeira Guerra do Golfo em 1991.

LER MAIS



Foto: J.J. Guillen/EPA

09 mar • 12:46
há 59 dias

Lusa

Desinfeções diárias e reforço de limpeza nos transportes públicos do Porto

A Metro do Porto e a Sociedade de Transportes Coletivos do Porto (STCP) revelaram esta segunda-feira à Lusa que estão a reforçar a limpeza das suas viaturas, fazendo desinfeções diárias devido ao surto de Covid-19.

A STCP adotou ainda "cuidados especiais" com os motoristas, tentando reduzir "ao mínimo" o contacto com os passageiros, pelo que recomenda evitar compras do bilhete a bordo e assinalou, no pavimento dos autocarros, a distância que os utentes devem manter em relação ao condutor.

A Metro do Porto acrescenta que, nos próximos dias, vai "receber e imediatamente começar a utilizar equipamento de limpeza de largo espectro, mais eficaz e com garantias de uma higienização mais prolongada no tempo".

09 mar • 12:44
há 69 dias

Luiza

Especialista chinês estima que surto se vai alastrar mundialmente até junho

Numa conferência de imprensa em Cantão, sul da China, Zhong disse que o "foco na prevenção e controlo do vírus" passará para a importação de infeções oriundas do exterior, à medida que o surto se alastra por mais de uma centena de países.

O pneumologista, de 83 anos, disse ainda que a China prestará assistência a países onde o vírus está a propagar-se rapidamente, incluindo experiência em proteção e tratamento médico.

"Estima-se que o desenvolvimento do surto global perdurará até pelo menos junho próximo", disse Zhong, que desempenhou um papel importante no combate ao surto da Síndrome Respiratória Aguda e Grave (SARS), ou pneumonia atípica, que atingiu o país entre 2002 e 2003.

09 mar • 12:43
há 69 dias

Luiza

Governo reforça linha de crédito para empresas

O Governo vai duplicar de 100 para 200 milhões de euros a linha de crédito para apoio à tesouraria das empresas, sendo uma das medidas para minimizar o impacto do novo coronavírus que foram hoje anunciadas aos parceiros sociais.

A linha de crédito destina-se a micro, pequenas e médias empresas, tem a comissão de garantia totalmente bonificada e estará disponível a partir de dia 12.

09 mar • 12:31
há 69 dias

Carolina Rico

Casos duplicam em Madrid

O número de infeções pelo novo coronavírus duplicou nas últimas 24 horas em Madrid, Espanha, que passaram de 202 para 436. O mesmo se regista com o número de mortos: passou de 8 para 16, todos doentes com patologias prévias, avança a TVE.

09 mar • 12:30
há 59 dias

Rita Correia Pereira

CIP defende que se deve "ir fatiando as medidas" conforme os efeitos do surto

O presidente da Confederação Empresarial de Portugal (CIP), António Saraiva, considera que, perante a incerteza dos impactos da propagação do Covid-19 em Portugal, é necessário "ir fatiando as medidas em função daquilo que for a realidade concreta".

Falando aos jornalistas à entrada de uma reunião em Concertação Social, na qual o tema será discutido entre o Governo e os parceiros sociais, António Saraiva admitiu que alguns setores da economia estão já a ter problemas nas suas cadeias de abastecimento, nomeadamente no têxtil, algum setor automóvel, calçado e turismo.

LER MAIS



Foto: Miguel A. Lopes/Lusa

09 mar • 12:29
há 59 dias

Inês André Figueiredo

De quarentena, mas a analisar o OE2020

Mesmo de quarentena voluntária devido ao coronavírus, Marcelo Rebelo de Sousa vai anunciar uma decisão sobre a proposta do OE2020 até ao final da semana.

O Presidente da República decidiu suspender toda a agenda oficial durante duas semanas e vai manter-se em isolamento voluntário depois de ter sido confirmado que uma turma que visitou o Palácio de Belém na última terça-feira é da mesma escola de Felgueiras que foi entretanto encerrada devido ao internamento de um aluno infetado com o novo coronavírus.

LER MAIS

09 mar • 12:26
há 69 dias

Lissa

Procura de petróleo deverá cair em 2020 pela primeira vez desde 2009

O novo coronavírus provocará em 2020 a primeira contração da procura global de petróleo desde a recessão de 2009, segundo a Agência Internacional de Energia (AIE), que avisa que o crescimento do consumo vai desacelerar nos exercícios seguintes.

No relatório mensal sobre o mercado do petróleo publicado esta segunda-feira, a AIE reconhece que a situação ainda é muito incerta, também pela falta de acordo na sexta-feira entre os membros da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) e os 10 aliados liderados pela Rússia em relação a um corte da produção que por agora não vai ocorrer.



Foto Pixabay

09 mar • 12:23
há 69 dias

Lissa

Investigadores brasileiros sequenciam genoma do coronavírus em 48 horas

Um grupo liderado por investigadores da Universidade de São Paulo (USP) no Brasil, anunciou esta segunda-feira que sequenciou o novo coronavírus 48 horas depois da identificação do primeiro caso no país.

Análises preliminares mostram que o vírus identificado no Brasil é diferente por três mutações do referencial observado em Wuhan, na China, primeiro foco da epidemia. Duas dessas alterações aproximam o vírus que chegou ao Brasil do diagnosticado na região da Bavária, na Alemanha.

Os pesquisadores brasileiros também conseguiram isolar e cultivar em laboratório o novo coronavírus obtido no sequenciamento genético dos primeiros pacientes brasileiros diagnosticados com a doença no Hospital Israelita Albert Einstein. O objetivo é ampliar a capacidade de realização de testes diagnósticos e avançar em estudos sobre como a doença é causada e se propaga.

09 mar • 12:18
há 69 dias

Cardinalício

UBI pede a alunos de Lousada e de Felgueiras para não irem às aulas

A Universidade da Beira Interior (UBI), na Covilhã, distrito de Castelo Branco, pediu aos alunos de Lousada e de Felgueiras para não se deslocarem àquela instituição, se tiverem estado nas suas zonas de origem nas últimas semanas.

Em comunicado a universidade acrescenta que "na eventualidade de ser necessário aplicar medidas de quarentena ou tratamento a alunos, estes poderão ter acesso aos exames de época especial ou à possibilidade de assistirem às aulas a partir de casa".



Foto: Francisco Leong/Arquivo Global Imagens

09 mar • 12:16
há 69 dias

Lusa

Filipinas declara estado de emergência de saúde pública

O Presidente das Filipinas, Rodrigo Duterte, declarou esta segunda-feira o estado de emergência de saúde pública em todo o país, depois das autoridades de saúde confirmarem no fim de semana a primeira transmissão local do novo coronavírus.

As autoridades de saúde anunciaram esta segunda-feira que o número de casos de Covid-19 duplicou em apenas um dia nas Filipinas, com registo de 20 infeções confirmadas.

Na sua declaração, Rodrigo Duterte indica que o surto viral "constitui uma emergência que ameaça a segurança nacional, o que requer uma resposta de todo o Governo". As autoridades podem solicitar a comunicação obrigatória de infeções, impor quarentenas e outras ações de controlo de doenças, incluindo recorrer à polícia e outras agências policiais para ajudar a lidar com a ameaça da Covid-19.

09 mar • 11:35
há 59 dias

Rita Carvalho Pereira

Governo admite fechar fronteiras e impor quarentena forçada "se absolutamente essencial"

Em declarações à TSF, Patrícia Gaspar afirmou que os portugueses compreenderam que a chave para o combate à Covid-19 é "conter o vírus nesta fase, para que não haja um aumento exponencial [do número de infetados]".

LER MAIS



Foto: André Vidigal/Global Imagens

09 mar • 11:21
há 59 dias

Carolina Rizzo

UTAD suspende eventos, atividades desportivas e deslocações ao estrangeiro

A Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), em Vila Real, decidiu suspender eventos e atividades desportivas da responsabilidade da academia, bem como as deslocações em serviço para países afetados pela Covid-19.

Através de um despacho interno, o reitor da academia, António Fontainhas Fernandes, recomenda que os "professores, investigadores, trabalhadores técnicos, administrativos e de gestão, bem como estudantes oriundos de áreas afetadas, devem voluntariamente submeter-se a um período de contenção social, de 14 dias, após a sua chegada ao país".



09 mar • 11:11
há 59 dias

Lusa

PSG-Borussia Dortmund da Champions realiza-se à porta fechada

O jogo Paris Saint-Germain-Borussia Dortmund, da segunda mão dos oitavos de final da Liga dos Campeões em futebol, vai realizar-se sem a presença de público devido à epidemia de Covid-19, anunciou esta segunda-feira a polícia parisiense.

As autoridades policiais da capital francesa informaram que a decisão de impor a realização à porta fechada da partida de quarta-feira, em Paris, decorre das medidas tomadas do domingo, em sede de Conselho de Defesa e Segurança Nacional.

09 mar • 11:10
há 59 dias

Lusa

Paris revê em baixa crescimento económico para 0,1% no 1.º trimestre

França reviu esta segunda-feira em baixa a estimativa de crescimento económico, devido à epidemia do novo coronavírus, para 0,1% no primeiro trimestre, menos duas décimas, e para menos de 1% no conjunto do ano.

"O impacto será severo sobre o crescimento francês em 2020, de várias décimas do Produto Interno Bruto (PIB)", indicou na emissora France Inter o ministro da Economia e Finanças francês, Bruno Le Maire, sem precisar o valor.

Le Maire considerou que haverá "um antes e um depois da economia depois do coronavírus" e que o impacto deste até agora aponta para a necessidade de reforçar a soberania económica dos países. O representante francês sublinhou que a crise é mundial e pediu, por isso, uma resposta "massiva" por parte da União Europeia.

09 mar • 11:08
há 59 dias

João Francisco
Guerra

Coronavírus na sede a NATO

O secretário-geral da Nato confirmou hoje que "um **membro da equipa da Nato**, que trabalha na sede, **em Bruxelas**, apresentou um teste positivo para a **COVID-19**".

"O funcionário voltou de **férias no norte da Itália**, sentiu-se mal no final da semana passada e foi testado devido ao aparecimento de sintomas de febre", lê-se no comunicado.

"O membro da equipa está atualmente em casa, em auto-isolamento", continua o texto, acrescentando que "minutos depois de receber o resultado, todos os colegas de trabalho mais próximos foram informados". De resto, estes já se encontravam "a trabalhar em casa desde no final da semana passada e continuam a fazê-lo".

"Todo o pessoal da sede da Nato foi informado do caso confirmado" e a organização "**continua a monitorizar a situação** continuamente e a tomar todas as medidas necessárias".

09 mar • 11:01
há 59 dias

Carolina Rico

Escola Superior de Tecnologia fecha em Felgueiras, Amarante, Lousada e Penafiel

A Escola Superior de Tecnologia e Gestão (ESTG) do Politécnico do Porto fechou por tempo indeterminado "todas as instalações onde decorrem aulas" no centro de Felgueiras e em Lousada, mas também em Amarante e Penafiel, distrito do Porto.

A medida afeta cerca de 1.800 pessoas, entre estudantes, pessoal docente e não-docente, "com a suspensão da atividade letiva de 21 cursos", acrescenta a instituição, em comunicado.

Os locais encerrados incluem "o campus 3 do Politécnico do Porto, no centro de Felgueiras" e as instalações dos Cursos Técnicos Superiores Profissionais, estas situadas nas cidades de Amarante, Felgueiras, Lousada e Penafiel.

09 mar • 10:56
há 59 dias

Carolina Rico

PSD de Felgueiras pede ao Governo apoio excecional

O PSD de Felgueiras escreveu ao ministro da Economia a pedir "a aprovação imediata de medidas excecionais de apoio à indústria e ao comércio felgueirenses" para lidar com as "consequências económicas nefastas que advirão a muito breve prazo" devido ao surto de coronavírus no concelho.

O PSD de Felgueiras receia que "muitas empresas não tenham capacidade de cumprir com exigências de produção" e nota que eventual falta de respostas pode obrigá-las a "terem de repensar a emergência de financiamento de prejuízos", em especial no setor do calçado.

09 mar • 10:51
há 59 dias

Mais 43 mortes por coronavírus no Irão

O Irão anunciou esta segunda-feira 43 novas mortes pelo novo coronavírus, elevando o número total de mortos para 237.

"Nas últimas 24 horas, foram identificados 595 novos casos infetados com coronavírus, sendo que o número total subiu para 7.167", disse o conselheiro do ministro da Saúde, Alireza Vahabzadeh, acrescentando que "até agora, 2.394 dos casos confirmados recuperaram".

09 mar • 10:47

há 69 dias

Lusa

NATO confirma um caso e adota medidas preventivas em Bruxelas

"Podemos confirmar que um membro da equipa da NATO, que trabalha na sede em Bruxelas, apresentou um teste positivo de Covid-19. O funcionário voltou de férias no norte da Itália, sentiu-se mal no final da semana passada e foi testado devido ao aparecimento de sintomas de febre", precisa o organismo em comunicado.

De acordo com a NATO, este funcionário está, atualmente, em isolamento voluntário em sua casa. "Minutos depois de receber o resultado, todos os seus colegas de trabalho foram, imediatamente, informados. Eles estavam a trabalhar a partir de casa no final da semana passada e vão continuar a fazê-lo", acrescenta a organização.

A NATO garante que todos os funcionários foram informados e adianta que vai continuar a "monitorizar a situação e tomar todas as medidas necessárias". "Continuamos em contacto próximo com as autoridades belgas. A NATO possui medidas e planos robustos para assegurar a continuidade de negócios, garantindo que o essencial do nosso trabalho continua", conclui a organização na nota de imprensa.

09 mar • 10:25

há 69 dias

Carolina Risco

Escola fechada no Algarve

A Escola Básica Professor José Buisel, em Portimão, foi encerrada como medida preventiva para evitar a propagação do surto.

Isto porque o mais recente caso de contágio por Covid-19 confirmado em Portugal se trata de uma professora que dá aulas neste estabelecimento de ensino.

LER MAIS

09 mar • 10:12

há 69 dias

Lusa

Alemanha ultrapassa os mil infetados pelo novo coronavírus

A Alemanha ultrapassou os mil casos de contaminação pelo novo coronavírus (Covid-19) ao registar 1.112 pessoas infetadas, um salto de mais de 150 casos em menos de 24 horas, anunciou esta segunda-feira o Instituto Robert Koch.

O foco principal da contaminação continua a ser a região da Renânia do Norte-Vestfália, na fronteira com os Países Baixos e a Bélgica, com quase 500 casos, segundo o instituto de referência que supervisiona na Alemanha as investigações sobre epidemias e outras doenças.

09 mar • 10:02
há 59 dias

Rita Correia/Pensina

Sindicato Independente dos Médicos alerta que cirurgias podem ser canceladas

O líder do Sindicato Independente dos Médicos admite também que, à medida que os esforços dos médicos passem a estar concentrados nos casos do novo coronavírus, há possibilidade de virem a ser cancelados procedimentos médicos noutras áreas.

"Caso aumente, como é previsível, esta epidemia, naturalmente, irão ser afetados os serviços dos hospitais - e os serviços de cirurgia, com certeza, estarão entre eles", alertou Roque da Cunha.



Foto: Artur Machado/Global Imagens

09 mar • 09:51
há 59 dias

Carolina Fico

Sobe para 31 o número de casos confirmados de coronavírus em Portugal

Uma mulher natural de Portimão é o mais recente caso de contágio por Covid-19 confirmado no país.

LER MAIS

09 mar • 09:49
há 59 dias

Sita Carvalho Pereira

Médicos no ativo e reformados disponíveis para responder a surto

O secretário-geral do Sindicato Independente dos Médicos (SIM), Jorge Roque da Cunha, responde ao bastonário da Ordem dos Médicos e garante que a disponibilidade dos profissionais de saúde nunca esteve em causa.

Em declarações à TSF, Roque da Cunha afirma que os médicos têm consciência de que o surto de Covid-19 é "algo de grande dimensão e que necessita do empenho de toda a gente".

LER MAIS



Foto: Diana Quintela/Global Images

09 mar • 09:47
há 59 dias

Lusa

União de Freguesias do Centro Histórico do Porto encerrou serviços

A União de Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória, que abrange a zona histórica e de movida do Porto, encerrou esta segunda-feira todos os seus serviços até quinta-feira como "medida pró-ativa de prevenção".

Em declarações à Lusa, o presidente da Junta, António Fonseca, esclareceu que o seu executivo optou pelo encerramento dos serviços, nomeadamente dos centros de convívio, balneários, sanitários, lavandarias e administrativos, por se tratar de "uma zona que acolhe muitos turistas, pessoas de muitas nacionalidades".

09 mar • 09:19

há 59 dias

Rita Correia Pereira

Mais de 40 portugueses retidos num cruzeiro no Egito

Pelo menos 43 portugueses estão retidos num navio em Luxor, Egito, a aguardar o rastreio dos serviços de saúde egípcios por causa de dezenas de casos de infeção pelo novo coronavírus detetados num outro cruzeiro na região.

LER MAIS



Foto: EPA

Figuras 80 a 97 - Crónicas "weblogs" referentes ao tema sobre o coronavírus (9 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/liveblog-9-ao-minuto-tudo-sobre-o-novo-coronavirus-covid-19-11902954.html>

Mais de 40 portugueses retidos num cruzeiro no Egito a aguardar testes ao Covid-19

Segundo uma passageira portuguesa, as autoridades preveem ter o rastreio ao novo coronavírus concluído até final do dia. Os passageiros devem passar a noite em Luxor.

Por Lusa
09 Março, 2020 • 09:10

PARTILHAR



Foram detetados casos positivos de coronavírus em cruzeiros junto a cidade de Luxor, no Egito. E/W

Mais de 40 portugueses estão retidos num navio em Luxor, Egito, a aguardar o rastreio dos serviços de saúde egípcios por causa de dezenas de casos de infeção pelo novo coronavírus detetados num outro cruzeiro na região.

Em declarações à agência Lusa, Sandra Monteiro, uma das passageiras portuguesas do navio "MS Princess Sarah", explicou que chegou ao Cairo no dia 3 de março e entrou neste cruzeiro em Luxor no sábado, para fazer a descida do rio Nilo.

"Saímos, visitámos o templo e regressámos. Esta manhã fomos informados de que vem a segurança e higiene nacional fazer o rastreio a todos os cruzeiros por causa do Covid-19", contou a passageira portuguesa.

Sandra Monteiro diz que no navio "MS Princess Sarah" estão pelo menos 43 portugueses, além de outros passageiros porto-riquenhos, argentinos, espanhóis e chineses e que há dezenas de cruzeiros parados em Luxor a aguardar o mesmo rastreio.

"Estão vários cruzeiros na mesma situação. Nós somos o terceiro, temos mais cinco na nossa lateral e atrás de nós estão filas idênticas, com nove a 10 cruzeiros cada, lado a lado", acrescentou.

Figura 98 - Notícia referente ao tema sobre o coronavírus (9 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/mais-de-40-portugueses-retidos-num-cruzeiro-no-egito-a-aguardar-testes-ao-covid-19-11903080.html>

COVID-19

Sobe para 31 o número de casos confirmados de coronavírus em Portugal

Uma mulher natural de Portimão é o mais recente caso de contágio por Covid-19 confirmado no país.

Por Carolina Rico
09 Março, 2020 • 09:48

PARTILHAR

Facebook

Twitter

WhatsApp

Email



Comentar



© Pedro Correia/Global Imagens

Foi esta segunda-feira confirmado mais um caso de contágio pelo novo coronavírus em Portugal, elevando para 31 o número total de infeções em Portugal.

Segundo a TVI24, trata-se de uma professora que dá aulas na Escola Básica 2,3 Professor José Buísel, em Portimão, mãe da aluna cujos testes para a infeção por Covid-19 já tinham dado resultado positivo. Ambas estavam em Lisboa para fazer testes.

Outras duas filhas desta professora frequentam outra escola em Portimão, o agrupamento de escolas Júdice Fialho. Ambas estão em casa, sem sintomas, mas monitorizadas pelas autoridades de saúde.

Em comunicado, o Agrupamento de Escolas Manuel Teixeira Gomes informa que a Escola Básica 2,3 Professor José Buísel foi esta segunda-feira encerrada como medida preventiva para evitar a propagação do surto e que os alunos que estiveram em contacto direto com a docente vão ser contactados.

Tanto os alunos como os professores e os assistentes operacionais que estiveram em contacto com a professora em causa poderão ficar em isolamento social em casa durante 14 dias, devidamente justificado, pode ler-se no documento.

Figura 99 - Notícia referente ao tema sobre o coronavírus (9 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/sobe-para-31-o-numero-de-casos-confirmados-de-coronavirus-em-portugal-11903026.html>

BURTO DE CORONAVIRUS

Governo admite fechar fronteiras e impor quarentenas "se for absolutamente essencial"

A secretária de Estado da Administração Interna, Patrícia Gaspar, revela, contudo, que os portugueses infetados têm tido um comportamento solidário e que não deverá ser necessário adotar medidas extremas.

Por Paulo Dias com
Rita Carvalho Pereira
09 Março, 2020 • 11:38

PARTILHAR



Patrícia Gaspar, secretária de Estado da Administração Interna © André Vidigal/Global Images

O Governo garante que tem condições para impor a quarentena a pessoas infetadas pelo novo coronavírus, caso seja necessário, à semelhança do que já está a ser feito em Itália, onde polícias e militares vigiam os doentes em isolamento, para assegurar que a quarentena é cumprida. Contudo, a secretária de Estado da Administração Interna, Patrícia Gaspar, diz confiar no comportamento dos portugueses e acredita que não será preciso adotar medidas tão extremas.

Em declarações à TSF, Patrícia Gaspar afirmou que os portugueses compreenderam que a chave para o combate à Covid-19 é "conter o vírus nesta fase, para que não haja um aumento exponencial [do número de infetados]".

"Estaremos em condições [de garantir quarentenas forçadas], mas estamos convencidos de que isso não será necessário", reforçou Patrícia Gaspar.

"Até aqui, todas as situações [de isolamento] que foram decretadas têm contado com toda a colaboração por parte dos portugueses", lembrou a secretária de Estado, destacando a "forma solidária e cooperante com que todos os visados têm reagido".



Figura 100 - Notícia referente ao tema sobre o coronavírus (9 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/governo-admite-fechar-fronteiras-e-impor-quarentena-forcada-a-doentes-com-covid-19-11903280.html>

CORONAVÍRUS EM PORTUGAL

Médicos no ativo e reformados disponíveis para responder a surto. Cirurgias podem ser canceladas

Depois de o bastonário da Ordem dos Médicos ter apelado aos clínicos para reforçarem a resposta do SNS contra o novo coronavírus, o sindicato vem dizer que os profissionais estão disponíveis, mas é preciso organização.

Por Cristina La Mon
com Rita Carvalho
Pereira
09 Março, 2020 • 08:56

PARTILHAR

Facebook

Twitter

WhatsApp

Email

+

Comentar



O Sindicato Independente dos Médicos apela a que sejam criadas as condições necessárias para dar resposta a uma epidemia de Covid-19 © Diana Quintela/Global imagens

O secretário-geral do Sindicato Independente dos Médicos (SIM), Jorge Roque da Cunha, responde ao bastonário da Ordem dos Médicos e garante que a disponibilidade dos profissionais de saúde nunca esteve em causa. Em declarações à TSF, Roque da Cunha afirma que os médicos têm consciência de que o surto de Covid-19 é "algo de grande dimensão e que necessita do empenho de toda a gente".

Este domingo, o bastonário da Ordem dos Médicos pediu a todos os médicos para reforçarem a resposta dos serviços públicos ao novo coronavírus, pedindo aos que estão fora do Serviço Nacional de Saúde (SNS) que também ajudem,

Figura 101 - Notícia referente ao tema sobre o coronavírus (9 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/medicos-disponiveis-para-responder-a-surto-cirurgias-podem-ser-canceladas-alertam-11903018.html>

CORONAVÍRUS EM PORTUGAL

CIP defende que se deve "ir fatiando as medidas" conforme os efeitos do surto de coronavírus

O presidente da Confederação Empresarial de Portugal admitiu que alguns setores da economia estão já a ter problemas nas suas cadeias de abastecimento.

Por TSF/Lusa
09 Março, 2020 • 12:29

PARTILHAR



António Saraiva, presidente da CIP. Miguel A. Lopes/Lusa

O presidente da Confederação Empresarial de Portugal (CIP), António Saraiva, considera que, perante a incerteza dos impactos da propagação do Covid-19 em Portugal, é necessário "ir fatiando as medidas em função daquilo que for a realidade concreta".

Falando aos jornalistas à entrada de uma reunião em Concertação Social, na qual o tema será discutido entre o Governo e os parceiros sociais, António Saraiva admitiu que alguns setores da economia estão já a ter problemas nas suas cadeias de abastecimento, nomeadamente no têxtil, algum setor automóvel, calçado e turismo.

"É um problema que não está devidamente quantificado, não sabemos o que teremos pela frente, quer em termos temporais, quer em termos de pessoas envolvidas. Temos que ir fatiando as medidas em função daquilo que for a realidade concreta com que se nos vier a deparar", disse.



António Saraiva, presidente da Confederação Empresarial de Portugal, avisa que o novo coronavírus está a fazer estragos na indústria

Figura 102 - Notícia referente ao tema sobre o coronavírus (9 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/economia/cip-defende-que-se-deve-ir-fatiando-as-medidas-conforme-os-efeitos-do-surto-de-coronavirus-11903566.html>

SURTO DE CORONAVÍRUS

Preço do barril de Brent afunda-se 26%. É a maior queda desde a Guerra do Golfo

Nas últimas semanas, o petróleo tem vindo a cair devido à epidemia do Covid-19, que impactou os mercados de valores em todo o mundo.

Por Lusa/TSF
09 Março, 2020 • 12:59

PARTILHAR



Os analistas estimam que o petróleo possa afundar para 20 dólares por barril © J.J. Gallier/EPA

O preço do barril de petróleo Brent, de referência na Europa, afundou-se até 33,36 dólares no início do dia, menos 26,31%, a maior queda num dia desde a primeira Guerra do Golfo em 1991.

Um hora depois, o petróleo do mar do Norte para entrega em maio recuperava ligeiramente no International Exchange Futures de Londres ao cotar-se a 34,80 dólares, menos 23,1% face ao encerramento de sexta-feira, quanto terminou a 45,29 dólares.

Nas últimas semanas, o "ouro negro" tinha vindo a cair devido à epidemia do Covid-19, que impactou os mercados de valores em todo o mundo e as ações das companhias aéreas caíram devido ao impacto que o surto terá nas respetivas operações.



LEIA TAMBÉM

Há 39 casos confirmados. Universidades de Lisboa e Coimbra com aulas à distância

Mas a queda do petróleo, esta segunda-feira, ocorreu depois da aliança entre a OPEP (Organização de Países Exportadores de Petróleo), a Rússia e outros nove produtores ter fracassado na passada sexta-feira em Viena, pela primeira vez desde que se tinha constituído em 2016, ao não chegar a um acordo sobre um novo corte da oferta conjunta de petróleo.

Figura 103 - Notícia referente ao tema sobre o coronavírus (9 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/economia/barril-de-petroleo-brent-afundou-se-26-ate-3336-dolares-11903589.html>

CORONAVIRUS

Especialista alerta que surto de Covid-19 pode demorar mais tempo do que o previsto

Há menos de duas semanas, especialista tinha anunciado que surto deveria estar controlado no final de abril.

Por Lusa/TSF
09 Março, 2020 • 13:08

PARTILHAR



Coronavirus © Sajad Hussain/AFP

Zhong Nanshan, chefe da equipa de médicos especialistas designados pelo Governo chinês para combater o surto do Covid-19, disse que a doença continuará a alastrar-se pelo mundo até pelo menos junho próximo.

Numa conferência de imprensa em Cantão, sul da China, Zhong disse que o "foco na prevenção e controlo do vírus" passará para a importação de infeções oriundas do exterior, à medida que o surto se alastra por mais de uma centena de países.

O pneumologista, de 83 anos, disse ainda que a China prestará assistência a países onde o vírus está a propagar-se rapidamente, incluindo experiência em proteção e tratamento médico.



LEIA TAMBÉM:

China espera ter epidemia de coronavirus sob controlo no final de abril

"Estima-se que o desenvolvimento do surto global perdurará até pelo menos junho próximo", disse Zhong, que desempenhou um papel importante no combate ao surto da Síndrome Respiratória Aguda e Grave (SARS), ou pneumonia atípica, que atingiu o país entre 2002 e 2003.

Figura 104 - Notícia referente ao tema sobre o coronavírus (9 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/covid-19-especialista-alerta-que-surto-pode-demorar-mais-tempo-do-que-o-previsto-11903893.html>

NOVO CORONAVÍRUS

Sindicato dos guardas prisionais quer máscaras nas prisões para visitas

Esta proposta acontece depois da suspensão das visitas aos fins de semana nas prisões.

Por Lusa
09 Março, 2020 • 14:32

PARTILHAR



A suspensão das visitas íntimas e as deslocações aos ginásios por parte dos reclusos são outras das medidas propostas. © João Manuel Ribeiro/Global Images

O Sindicato Nacional do Corpo da Guarda Prisional (SNCGP) vai propor esta segunda-feira aos serviços prisionais que sejam distribuídas máscaras nas prisões e suspensas as visitas íntimas aos reclusos para fazer face ao surto do novo coronavírus.

Estas sugestões vão constar de um ofício que o sindicato vai enviar esta segunda-feira à Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), depois deste organismo ter suspendido, a partir desta segunda-feira, as visitas aos fins de semana nas prisões do país, devendo estas ter lugar em dias úteis e limitadas a um máximo de dois visitantes por recluso devido ao Covid-19.

Em declarações à Lusa, o presidente do sindicato, Jorge Alves, manifestou-se contra esta medida da DGRSP, mas para mitigar a situação decidiu propor uma série de medidas.

A existência de máscaras nos estabelecimentos prisionais para serem distribuídas às visitas, suspensão das visitas íntimas e das deslocações aos ginásios por parte dos reclusos são algumas das medidas que o sindicato vai propor, disse Jorge Alves.

Figura 105 - Notícia referente ao tema sobre o coronavírus (9 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/sindicato-dos-guardas-prisionais-querem-mascaras-nas-prisoas-para-visitas-11904241.html>

CORONAVÍRUS

Governo simplifica suspensão de contratos de trabalho por causa da Covid-19

As empresas cuja atividade seja afetada pelo novo coronavírus vão poder avançar com 'lay-off' simplificado.

Por Lusa/TSF
09 Março, 2020 • 14:46

PARTILHAR

- Facebook
- Twitter
- WhatsApp
- Email
- +
 - Comentar



A medida foi anunciada na reunião extraordinária da concertação social: Manuel de Almeida/Lusa

As empresas vão poder avançar com 'lay-off' simplificado se virem a sua "atividade severamente afetada" devido à epidemia de Covid-19, de acordo com um pacote de medidas esta segunda-feira anunciado pelo Governo em sede de Concertação Social.

"Será aprovado um regime de 'lay-off' [suspensão temporária do contrato de trabalho] simplificado para empresas que vejam a sua atividade severamente afetada devido à epidemia, por via do qual os trabalhadores terão a garantia de retribuições líquidas equivalentes a 2/3 do salário, até 1.905 euros, sendo 30% suportado pelo empregador e 70% pela Segurança Social, até um máximo de seis meses", lê-se no documento distribuído aos jornalistas na reunião extraordinária da Comissão Permanente de Concertação Social.

LEIA TAMBÉM:
[Há 39 casos confirmados. Universidades de Lisboa e Coimbra com aulas à distância](#)

As medidas adicionais para minimizar o impacto económico da epidemia de Covid-19 foram hoje apresentadas pelo Governo, depois de ouvidas as associações patronais e as confederações empresariais, que expressaram as suas preocupações, nomeadamente sobre encomendas e abastecimentos, provenientes de todo o mundo, e o eventual absentismo dos seus trabalhadores.

Figura 106 - Notícia referente ao tema sobre o coronavírus (9 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/economia/governo-simplifica-suspensao-de-contratos-de-trabalho-por-causa-da-covid-19-11904213.html>

SEGUNDA-FEIRA NEGRA

"Extremamente dramático." Preços do petróleo vão deixar "economias sob grande pressão"

Muitos dos países têm custos de produção altíssimos, e, "se estes preços a que estão a ser vendidos os barris de petróleo se mantêm baixos, essas economias vão ficar sob grande pressão", aponta o diretor geral da corretora Infnnox.

Por Catarina
Maldonado
Vasconcelos com
Beatriz Morais Martins
09 Março, 2020 • 14:07

PARTILHAR

Facebook

Twitter

WhatsApp

Email



Comentar



Nesta segunda-feira negra, as bolsas europeias caíram a pique e Wall Street foi mesmo suspensa durante 15 minutos. Timothy A. Clark/AFP

Na segunda-feira negra, o preço do petróleo registou a maior queda dos últimos 30 anos, na sequência de a Arábia Saudita ter começado uma guerra de preços no mercado dos combustíveis. O caos nos mercados gerou quedas violentas também ao nível das ações e das matérias-primas.

Para Tiago Cardoso, diretor geral da corretora Infnnox, esta conjuntura, aliada ao risco crescente que representa o Covid-19, resulta numa "situação extremamente dramática". Tiago Cardoso explica à TSF que "já estamos a ver um impacto nas bolsas", que "estão a acompanhar uma queda muito agressiva que o preço do petróleo está a ter".



LEIA TAMBÉM:

Há 39 casos confirmados. Universidades de Lisboa e Coimbra com aulas à distância

Figura 107 - Notícia referente ao tema sobre o coronavírus (9 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/extremamente-dramatico-precos-do-petroleo-va-deixar-economias-sob-grande-pressao-11904410.html>

Guarda agredido no Porto depois de proibidas as visitas a reclusos

O representante dos guardas avança ainda que o responsável pelos serviços prisionais desconhecia a decisão comunicada por Marta Temido.

Por Sara de Melo
Rocha e Sara Beatriz
Monteiro
09 Março, 2020 • 11:11

PARTILHAR:



O guarda foi agredido no estabelecimento prisional junto à PJ do Porto. © Tiago Melo (arquivo Global Images)

Um guarda foi agredido este domingo no estabelecimento prisional junto à Polícia Judiciária do Porto, depois de terem sido proibidas as visitas aos reclusos durante os fins de semana, por causa do novo coronavírus. Ouvido pela TSF, o presidente do Sindicato do Corpo da Guarda Prisional, Jorge Alves, critica a forma como a decisão foi tomada e conta o que se passou.

"Ontem de manhã, confrontados com a situação, os reclusos do estabelecimento prisional junto da Polícia Judiciária do Porto, durante a manhã, quiseram fazer um levantamento de rancho, houve alguns reclusos que quiseram ir almoçar, agrediram esses reclusos e, depois, acabaram por agredir um guarda prisional com uma cadeira na cabeça que teve de ser assistido no hospital", adianta.



LEIA TAMBÉM:

Há 39 casos confirmados. Universidades de Lisboa e Coimbra com aulas à distância

Jorge Alves critica a ministra da Saúde, Marta Temido, pela forma como a informação foi divulgada: "A senhora ministra da Saúde decidiu lançar aquela bomba no sábado à noite, uma hora e meia depois do encerramento dos reclusos, sem perceber como é que funciona o sistema prisional e sem preparar previamente o próprio sistema, porque dizer isto àquela hora, quando as pessoas estavam a contar ir à visita, sem ninguém saber, inclusive os profissionais da guarda prisional, criou logo a confusão."

Figura 108 - Notícia referente ao tema sobre o coronavírus (9 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/guarda-agredido-por-reclusos-depois-de-proibidas-as-visitas-a-reclusos-11903454.html>

- Reunião de ministros com António Costa – 10 de março

"Temos de preparar-nos para o pior, desejando que aconteça o melhor"

O primeiro-ministro adiantou que o Conselho Nacional de Saúde Pública irá decidir esta quarta-feira se é necessário adotar mais medidas para a contenção do novo coronavírus, como o fecho das escolas.

Por Rita Carvalho Pereira
10 Março, 2020 • 12:06

PARTILHAR

Facebook

Twitter

WhatsApp

E-mail

Comentar



António Costa © Tiago Peinaga/Lusa

O primeiro-ministro, António Costa, sublinhou, esta terça-feira, as incertezas sobre como será a evolução do surto de Covid-19 em Portugal. Em conferência de imprensa, o líder do Governo recordou que o número de casos de infetados pelo novo coronavírus em Portugal é ainda muito inferior, se comparado com outros países europeus, mas que devemos estar preparados para uma situação de epidemia.

António Costa apontou como possíveis explicações para o ainda menor número de portugueses infetados pelo novo coronavírus o facto de ter existido menos contacto com pontos de transmissão primária ou as condições climatéricas do território português, mas admite que o país pode, simplesmente, estar ainda numa fase inicial de ma epidemia semelhante às que atingiram os países vizinhos na Europa.

"Temos de preparar-nos sempre para o pior cenário, desejando que aconteça o melhor cenário", declarou o primeiro-ministro. "Devemos continuar a agir com determinação, com precaução, mas também com serenidade."

O governante que, esta quarta-feira, o Conselho Nacional de Saúde Pública irá reunir-se e proceder à recomendação, se necessária, de novas medidas de combate à Covid-19. Entre as questões que estão em cima da mesa está o adiamento das férias da Páscoa em todas as escolas do ensino público, que poderão fechar portas mais cedo.

Figura 109 - Notícia referente ao tema sobre a reunião de António Costa com ministros que decorreu a 10 de março de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/politica/temos-de-preparar-nos-sempre-para-o-pior-desejando-que-aconteca-o-melhor-11908155.html>

- Plenário no Parlamento Europeu sobre o coronavírus – 10 de março

UNIÃO EUROPEIA

Coronavírus na Europa. "Não é possível continuar como se nada fosse"

A comissária da Saúde alerta para a necessidade de medidas agressivas para travar a Covid-19.

Por João Francisco Guerreiro, correspondente em Bruxelas
10 Março, 2020 • 10:53

PARTILHAR

Facebook

Twitter

WhatsApp

Email

Comentar



© EPA

A comissária europeia da Saúde lançou um aviso "sério", considerando que são necessárias medidas agressivas para travar a progressão do coronavírus. Stella Kyriakides não esconde o tom de preocupação no seu discurso desta manhã, no Parlamento Europeu na sessão plenária prevista para Estrasburgo, que excepcionalmente se realiza, em Bruxelas, como medida preventiva.

"Deixem-me ser absolutamente clara: não se pode continuar como se nada fosse. Estamos perante uma situação excepcional", avisou a comissária, considerando que "sob estas circunstâncias, todos têm de estar preparados para as próprias responsabilidades".

Duça a reportagem do jornalista João Francisco Guerreiro



A comissária alerta para a necessidade de medidas agressivas para travar a Covid-19, devendo "os Estados-membros focar-se nos esforços, para agressivamente conterem o vírus, particularmente onde há poucos casos".

Figura 110 - Notícia referente ao tema sobre o plenário no Parlamento Europeu que decorreu a 10 de março de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/coronavirus-na-europa-nao-e-possivel-continuar-como-se-nada-fosse-11907797.html>

- Coronavírus no futebol – 10 de março

SURTO DE CORONAVÍRUS

Jogos da I e II Liga à porta fechada devido ao surto de Covid-19

Todas as competições nacionais vão ser disputadas sem público, à semelhança do que já acontece noutros países devido ao novo coronavírus.

Por Carolina Rico
10 Março, 2020 • 12:27

PARILHAR

Facebook
Twitter
WhatsApp
E-mail
Comentar



© Pixabay

Todos os jogos da 25.ª jornada da I e II Liga vão decorrer à porta fechada devido ao surto de Covid-19, anunciou esta terça-feira a Federação Portuguesa de Futebol (FPF).

Também todos os jogos das competições nacionais de futsal decorram à porta fechada, sem público, enquanto os jogos das provas nacionais seniores não-profissionais de futebol não poderão ter mais de 5 mil pessoas nas bancadas.

A FPF decidiu ainda suspender todas as provas nacionais dos escalões de formação de futebol e futsal entre 14 e 28 de março.

LEIA TAMBÉM
Linha SNS 24 não atendeu 54% das chamadas. DGS confirma 41 casos

A ronda 25 da I Liga realiza-se entre sexta-feira (13 de março) e domingo (15 de março), enquanto a 25.ª ronda da II Liga começa no mesmo dia e encerra na segunda-feira (16 de março).

O líder FC Porto visita o Famalicão, no domingo, um dia depois de o Benfica receber o Tondela e de o Sporting jogar no terreno do Vitória de Guimarães.

Figura 111 - Notícia referente ao tema sobre o coronavírus no futebol (10 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/desporto/jogos-da-i-e-ii-liga-serao-a-porta-fechada-por-caoa-do-covid-19-11908356.html>

- Cuidadores informais – 10 de março

Cuidadores informais consideram apoio anunciado pelo Estado "insuficiente"

O projeto-piloto de apoio aos cuidadores informais arranca em 30 concelhos do país. Conheça a lista.

Por Sara Beatriz Monteiro e Margarida Serra
10 Março, 2020 • 11:38

PARTILHAR

Facebook

Twitter

WhatsApp

Email



Comentar



© Pfoolboy

A Associação Nacional de Cuidadores Informais considera "insuficiente" o apoio anunciado pelo Estado esta terça-feira. Em entrevista à TSF, o representante da associação Jorge Gonçalves explica que é preciso que os cuidadores estejam quase em estado de "indigência" para poderem receber o subsídio.

"Os valores são insuficientes, dada a circunstância de depois serem confrontados com a condição de recursos do agregado familiar, onde existe o cuidador informal e a pessoa cuidada. Essas circunstâncias levam a que a pessoa, praticamente, nem sequer tenha direito, que neste país seja considerada uma pessoa com condições, quando na realidade não tem. **Só as pessoas que estejam quase próximas de uma indigência é que vão ser atingidas totalmente e cabalmente por subsídios deste tipo**", adianta.

Os cuidadores informais em situação de pobreza vão ter direito a um subsídio de apoio do Estado de 248 a 343 euros. O valor do subsídio é calculado de modo a que o cuidador e a pessoa que é cuidada tenham um rendimento conjunto não inferior a um Indexante de Apoios Sociais (IAS): 438,81€.

De acordo com a portaria publicada esta terça-feira em Diário da República, o valor mínimo do subsídio será de 248,20 euros e o valor máximo será de 343,50 euros. Este novo subsídio será pago às pessoas que já dispõem de subsídio de assistência por terceira pessoa ou complemento de dependência de 1.º ou de 2.º grau, pelo que o montante do apoio será ditado pela diferença entre o IAS e a prestação que já é recebida.

Figura 112 - Notícia referente ao tema sobre os cuidadores informais (10 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/cuidadores-informais-consideram-apoio-anunciado-pelo-estado-insuficiente-11908046.html>

- Reunião Conselho Nacional de Saúde Pública – 11 de março

SOCIEDADE

Conselho Nacional de Saúde Pública discute antecipação das férias escolares

O funcionamento dos principais museus, e o seu possível encerramento, está também na agenda.

Por **Lusa**
11 Março, 2020 • 07:59

PARTILHAR

Facebook

Twitter

WhatsApp

E-mail

+

Comentar



Antecipar as férias escolares da Páscoa é uma das hipóteses em cima da mesa © Filipe Amorim/Global Imagens

O Conselho Nacional de Saúde Pública (CNSP) reúne-se, esta quarta-feira, para discutir medidas de contenção do surto de Covid-19, doença que tem 41 casos confirmados em Portugal, como a possibilidade de antecipação das férias escolares da Páscoa.

O primeiro-ministro, António Costa, disse na terça-feira que seja qual for a posição que o CNSP tomar, "generalizar o encerramento das escolas" ou manter a opção de apenas encerrar aquelas onde "há focos de infeção e riscos de contaminação", o executivo tomará "imediatamente" essa medida.

O funcionamento dos principais museus, e o seu possível encerramento, está também na agenda da reunião do Conselho.

LEIA TAMBÉM

DGS reconhece mais casos de infeção. Viagens Europa-EUA suspensas

"Adotaremos as medidas que os técnicos considerem ser justificado adotar. Não podemos ter cada um a sua opinião. Estamos a falar de uma matéria que não é de opção política. É uma questão em que os políticos devem agir em função da melhor informação técnica disponível", disse António Costa na terça-feira.

Figura 113 - Notícia referente ao tema sobre a reunião do Conselho Nacional de Saúde Pública (11 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/conselho-nacional-de-saude-publica-discute-antecipacao-das-ferias-escolares-11912266.html>

- Comissão Parlamentar da Saúde – 11 de março

11 mar • 11:39
há 57 dias

Judith Menezes e
Sousa

Medidas para Covid-19 já custaram 10 milhões de euros

Marta Temido revela que pelas contas feitas "ontem no gabinete" as medidas tomadas para enfrentar a Covid-19 totalizam, para já, os dez milhões de euros.

"Têm já, neste momento, um impacte financeiro de dez milhões de euros que terão de ter o necessário esforço para ser acomodados em termos de eficiência noutras partes", avisa a ministra da Saúde.

11 mar • 10:04
há 57 dias

Judith Menezes e
Sousa

Mais 81 enfermeiros para a linha SNS24

A ministra da Saúde elenca algumas medidas que estão a ser trabalhadas com a Altice, responsável pela linha SNS 24: **vai haver um reforço de 81 enfermeiros para a linha e a ministra apela a que "quem precisa apenas de informações que possa colocar as questões por mail".**

A ministra vai reunir-se na próxima sexta-feira com as ordens profissionais e já conversou com o bastonário da Ordem dos Psicólogos para que exista também **apoio psicológico disponível na linha SNS24.**

Marta Temido diz ainda que está em estudo a criação de um **novo call center e da possibilidade de informatização dos serviços,** embora com participação humana, possa permitir o atendimento "noutros pontos do país".

11 mar • 09:45

há 57 dias

Judith Menezes e
Sousa

PSD alerta a alunos: "não pode haver escolas vazias e discotecas cheias"

O deputado social-democrata Ricardo Batista Leite interpela a ministra da Saúde e pergunta se o Governo vai decidir pelo fecho das escolas.

No entanto, o deputado diz que **"não pode haver escolas vazias e discotecas cheias"**.

Ricardo Batista Leite apela ao bom senso de todos para que seja possível travar o contágio.

11 mar • 09:42

há 57 dias

Judith Menezes e
Sousa

Entidades estão a responder a "evento extraordinário"

A secretária de Estado adjunta e da Saúde garante que "até ao momento" todas as entidades estão a responder bem à Covid-19, que Jamila Madeira considera ser "um evento extraordinário".

A aquisição de equipamento e de medicamentos está a ser feita para garantir reservas, caso sejam necessárias, diz a secretária de Estado

11 mar • 09:22

há 57 dias

Judith Menezes e
Sousa

Ministra da Saúde no Parlamento

Marta Temido começa agora a intervenção perante os deputados da Comissão de Saúde. A questão da prevenção da Covid-19 deve marcar a audição.

A ministra da Saúde começa por lembrar que **estão a postos dez hospitais de primeira e segunda linha, existe capacidade para realizar análises e para recolha de material biológico em casa.**

Marta Temido adianta ainda que ainda esta semana **haverá um reforço das linhas SNS24 e de Apoio ao Médico.** Ainda está em estudo o recurso à hospitalização domiciliária.

Figuras 114 a 117 - Crónicas "weblogs" referentes ao tema sobre a Comissão Parlamentar da Saúde com a Ministra Marta Temido que decorreu a 11 de março de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/especialistas-querem-clarificacao-da-constituicao-para-permitir-quarentenas-forçadas-11912369.html>

Fase mais grave da Covid-19. "É uma questão de dias ou horas" até à mitigação

A ministra da Saúde diz que a situação da Covid-19 "é muito dinâmica" e, sem adiantar números, adianta que "houve mais casos confirmados" desde a última atualização.

Por Judith Menezes e Sousa
11 Março, 2020 • 12:14

PARTILHAR



A ministra da Saúde, Marta Temido, perante a Comissão de Saúde, na Assembleia da República. © Tiago Petinga/Lusa

Ontem de manhã eram 41 os casos confirmados e houve mais casos confirmados" desde a última atualização, explicou, esta quarta-feira, a ministra da Saúde, Marta Temido, que está a ser ouvida na Comissão Parlamentar de Saúde.

Marta Temido considera que a "dinâmica da evolução epidemiológica está a ser muito rápida" e será "inevitável a entrada na fase de mitigação dentro de horas ou dias".

Questionada pelos deputados sobre os problemas de atendimento na linha SNS24, a ministra da Saúde anuncia mais 81 enfermeiros na linha SNS 24, "ainda esta semana".



LEIA TAMBÉM

DGS reconhece mais casos de infeção. Viagens Europa-EUA suspensas

"Ainda esta sexta-feira, a [operadora] Altice reforçará o número de enfermeiros disponíveis para o atendimento", garante a ministra.

A ministra considera que a possibilidade do desdobramento de linha "não teria este efeito mais desejável" porque "as pessoas já estão muito habituadas à Linha de Saúde 24".

Figura 118 - Notícia referente ao tema sobre a Comissão Parlamentar da Saúde com a Ministra Marta Temido que decorreu a 11 de março de 2020. Disponível em:: <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/e-uma-questao-de-dias-ou-horas-ate-a-fase-de-mitigacao-a-mais-grave-11912984.html>

- Alegações finais de Alcochete – 11 de março

SPORTING

Julgamento do ataque a Alcochete entra na fase de alegações finais

Ao longo de 35 sessões, foram ouvidas 65 testemunhas de acusação e 90 de defesa.

Por Lusa
11 Março, 2020 • 09:43

PARTILHAR

Facebook

Twitter

WhatsApp

E-mail

Comentar



O processo da invasão à Academia tem 44 arguidos © Nuno Pinto Fernandes/Global Images

O julgamento da invasão à academia do Sporting, em Alcochete, é retomado hoje com as alegações finais do Ministério Público, para as quais a juíza exigiu a presença dos 44 arguidos no tribunal de Monsanto.

Depois de uma paragem de quase duas semanas, o julgamento, que começou em 18 de novembro do ano passado, entra na fase de alegações, depois de, ao longo de 35 sessões, terem sido ouvidas 65 testemunhas de acusação e 90 de defesa.

Dos 44 arguidos do processo, 22 prestaram declarações, entre os quais Bruno de Carvalho, presidente do clube à data dos factos, Nuno Mendes, conhecido como 'Mustafá', líder da claque Juventude Leonina, e Bruno Jacinto, ex-oficial de ligação aos adeptos, acusados da autoria moral de 40 crimes de ameaça gravada, 19 crimes de ofensas à integridade física qualificadas e por 38 crimes de sequestro.

Os restantes 41 arguidos são acusados da coautoria de 40 crimes de ameaça agravada, de 19 crimes de ofensa à integridade física qualificada e de 38 crimes de sequestro, todos estes (97 crimes) classificados como terrorismo.

Bruno de Carvalho foi o último dos arguidos, que manifestaram intenção de falar em tribunal, a ser ouvido pelo coletivo de juizes, presidido por Sílvia Pires.

Figura 119 - Notícia referente ao tema sobre as alegações finais do julgamento do caso de Alcochete que decorreu a 11 de março de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/desporto/julgamento-do-ataque-a-alcochete-entra-na-fase-de-alegacoes-finas-11912238.html>

SPORTING

MP iliba Bruno de Carvalho da autoria moral do ataque a Alcochete

Alegações finais estão a ser conhecidas no Tribunal de Monsanto, onde decorre o julgamento do ataque à Academia do Sporting.

Por António Botelho
11 Março, 2020 • 12:16

PARTILHAR



Bruno de Carvalho é julgado pelo ataque a Alcochete © Lusa

O Ministério Público (MP) ilibou esta quarta-feira Bruno de Carvalho, ex-presidente do Sporting, da autoria moral do ataque à Academia de Alcochete, considerando que não existem provas suficientes para uma condenação.

Durante a sessão, a procuradora do MP Fernanda Matias afirmou que durante o julgamento, iniciado em 18 de novembro de 2019, não foi feita prova de que o então presidente do clube "tivesse dado diretivas ou, sequer, tivesse conhecimento destes atos".

Nuno Mendes, conhecido como 'Mustafá', líder da claque Juventude Leonina, e Bruno Jacinto, ex-oficial de ligação aos adeptos, também foram ilibados pelo MP da autoria moral do ataque à Academia do Sporting.

O Ministério Público, deixou cair a acusação por terrorismo e os crimes de sequestro e danos materiais. No entanto, Fernanda Matias entende que os 41 arguidos em Alcochete devem ser acusados de crime de introdução em lugar vedado ao público.

A procuradora do MP quer ainda ver 37 arguidos condenados a uma pena de prisão de cinco anos, imputando a 17 deles crimes de ofensa à integridade física e, aos restantes 25, crimes de ameaça agravada.

Figura 120 - Notícia referente ao tema sobre as alegações finais do julgamento do caso de Alcochete que decorreu a 11 de março de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/desporto/mp-iliba-bruno-de-carvalho-da-autoria-moral-do-ataque-a-alcochete-11913315.html>

- Compra da *Media Capital* pela *Cofina* – 11 de março

ECONOMIA

Dona do Correio da Manhã desiste de comprar TVI após falhar aumento de capital

O grupo Cofina detém, além do Correio da Manhã e do Record, a CM TV, o Jornal de Negócios, a revista Sábado, entre outros títulos.

Por Lusa
11 Março, 2020 • 07:29

PARTILHAR

Facebook
Twitter
WhatsApp
E-mail
Comentar



© Pedro Correia

A Cofina desistiu de comprar a TVI após falhar a operação de aumento de capital, comunicou esta terça-feira a dona do Correio da Manhã, Record e revista Sábado à Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM).

A operação de oferta pública que permitiria o aumento de capital da Cofina no montante de 85 milhões de euros para financiamento da compra da TVI terminava esta terça-feira. Contudo, face à "deterioração das condições de mercado" e "não tendo sido verificada a condição de subscrição integral do aumento de capital, a oferta ficou sem efeito", pode ler-se no comunicado da Cofina.

Conclusão: "não se encontram reunidas as condições de que depende a conclusão do negócio de compra e venda das ações da Vertix (e indiretamente da Média Capital)", segundo a mesma informação divulgada pela CMVM.

A oferta abrangia a subscrição reservada a acionistas no exercício do direito de preferência e demais investidores que adquiriram direitos de subscrição, através da emissão de 188.888.889 novas ações ordinárias, escriturais e nominativas, sem valor nominal.

O preço de subscrição tinha sido fixado em 0,45 euros por cada nova ação, que correspondia ao respetivo valor de emissão.

Figura 121 - Notícia referente ao tema sobre a falha da compra da *Media Capital* pela *Cofina* (11 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/economia/dona-do-correio-da-manha-desiste-de-comprar-tvi-apos-falhar-aumento-de-capital-11912025.html>

MEDIA

Negociação de ações da Cofina e da Media Capital suspensas

A operação de oferta pública que permitiria o aumento de capital da Cofina no montante de 85 milhões de euros para financiamento da compra da TVI, não reuniram condições para concluir o negócio.

Por Luza
11 Março, 2020 • 09:56

PARTILHAR



A Cofina tinha aprovado no final de janeiro o aumento do capital até 85 milhões de euros para financiar a compra da TVI/Pablo Spranger/Global Images

A Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM) decidiu esta quarta-feira a suspensão da negociação das ações da Cofina e do Grupo Media Capital até às 09h00, até à divulgação de informação relevante.

Em comunicado ao mercado, "o Conselho de Administração da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários deliberou, nos termos do artigo 214.º e da alínea b) do n.º 2 do artigo 213.º do Código dos Valores Mobiliários a suspensão da negociação das ações da Cofina, SGPS, S.A. até às 09:00:00 do dia 11 de março de 2020, e do Grupo Media Capital SGPS, S.A. até à divulgação de informação relevante sobre o emitente".

A Cofina anunciou esta quarta-feira que desistiu de comprar a TVI após falhar a operação de aumento de capital.

A operação de oferta pública que permitiria o aumento de capital da Cofina no montante de 85 milhões de euros para financiamento da compra da TVI terminava esta quarta-feira.

Contudo, face à "deterioração das condições de mercado" e "não tendo sido verificada a condição de subscrição integral do aumento de capital, a oferta ficou sem efeito", pode ler-se no comunicado da Cofina.

Figura 122 - Notícia referente ao tema sobre a falha da compra da Media Capital pela Cofina (11 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/economia/negociacao-de-aco-es-da-cofina-e-da-media-capital-suspensas-11912517.html>

- Ligações aéreas entre a Europa e os EUA – 12 de março

SURTO DE CORONAVÍRUS

EUA suspendem voos de países da União Europeia a partir de sexta-feira

Os Estados Unidos registavam na quarta-feira 38 mortos e mais de 1.300 casos de infeção.

Por Lusa
12 Março, 2020 • 09:16

PARTILHAR

Facebook
Twitter
WhatsApp
Email
Comentar



Donald Trump, Presidente dos EUA © Doug Mills/AP

I Presidente dos Estados Unidos da América (EUA), Donald Trump, anunciou esta quarta-feira a suspensão de todos os voos oriundos de países da União Europeia para prevenir a propagação do novo coronavírus. A medida entra em vigor sexta-feira e irá durar pelo menos 30 dias.

"Para impedir que novos casos entrem em nosso país, suspenderei todas as viagens da Europa para os Estados Unidos pelos próximos 30 dias", disse o Presidente durante um discurso proferido na Sala Oval.

LEIA TAMBÉM
[Estado de alerta declarado em todo o país. Conheça todas as medidas aprovadas](#)

Trump fez o anúncio durante um raro discurso na Sala Oval dirigido à nação, depois de vários dias em que procurou minimizar a ameaça, culpando a Europa por não agir com rapidez suficiente para lidar com o novo coronavírus e alegando que os casos registados nos EUA foram "semeados" por viajantes europeus.

"Avançamos com ações antecipadas contra a China que salvaram vidas", disse Trump. "Agora devemos tomar a mesma ação com a Europa", acrescentou.

Trump disse que as restrições não se aplicarão ao Reino Unido e à carga.

Figura 123 - Notícia referente ao tema sobre as ligações aéreas entre a Europa e os EUA (12 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/eua-suspendem-voos-de-paises-da-uniao-europeia-a-partir-de-sexta-feira-11917379.html>

COVID-19

"Coronavírus é global." UE ataca decisão unilateral dos EUA de proibir viagens

A União Europeia desaprova a decisão dos Estados Unidos de impor uma suspensão de voos do espaço Schengen, "tomada unilateralmente e sem consultas", afirmaram os presidentes da Comissão Europeia e do Conselho Europeu, numa declaração conjunta.

Por Lusa
12 Março, 2020 • 11:67

PARTILHAR



Trump acusou a Europa de ter falhado na adoção de medidas de precaução contra o novo coronavírus © Renzo Tribouillard/AFP

"O [novo] coronavírus é uma crise global, não está limitada a um continente, e exige cooperação, e não ação unilateral", começam por argumentar Ursula von der Leyen e Charles Michel, na declaração conjunta divulgada ao final da manhã em Bruxelas.

Sublinhando que "a União Europeia desaprova o facto de a decisão dos Estados Unidos de imporem uma proibição de viagens ter sido tomada unilateralmente e sem consultas", os líderes do executivo comunitário e do Conselho Europeu, que representa os 27 Estados-membros, reiteram também que "a UE está a agir de forma determinada para limitar a propagação do vírus".

Esta manhã, Charles Michel já se insurgira contra a medida anunciada pelo Presidente norte-americano, Donald Trump, advertindo que é necessário "evitar a disrupção económica", numa mensagem publicada na sua conta oficial na rede social Twitter.



LEIA TAMBÉM:

Estado de alerta declarado em todo o país. Conheça todas as medidas aprovadas

Figura 124 - Notícia referente ao tema sobre as ligações aéreas entre a Europa e os EUA (12 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/coronavirus-e-global-ue-ataca-decisao-unilateral-dos-eua-de-proibir-viagens-11918370.html>

UE pede aos EUA que evitem disrupção económica com suspensão de voos

O pedido surge depois de Donald Trump ter suspenso os voos da União Europeia para os Estados Unidos durante 30 dias.

Por Lusa
12 Março, 2020 • 09:04

PARTILHAR:



Charles Michel anunciou no twitter que vai avaliar a situação esta quinta-feira/R/Stephanie Lecocq/EPA

O presidente do Conselho Europeu disse esta quinta-feira que é preciso evitar a disrupção económica, após os Estados Unidos terem suspenso os voos provenientes da maioria dos países europeus, medida que será esta quinta-feira avaliada pela União Europeia (UE).

"Após a suspensão de voos anunciadas pelo Presidente Donald Trump, vamos hoje avaliar a situação, [mas] a interrupção económica deve ser evitada", frisa Charles Michel numa publicação feita esta madrugada através da conta rede social Twitter.

Na mensagem divulgada horas depois de Donald Trump ter anunciado tal medida, o presidente do Conselho Europeu garantiu que a UE "está a tomar todas as medidas necessárias para conter a propagação do Covid-19, limitar o número de pessoas afetadas e apoiar a investigação", tentando assim responder às inquietações manifestadas pela administração norte-americana.



Figura 125 - Notícia referente ao tema sobre as ligações aéreas entre a Europa e os EUA (12 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/ue-pede-aos-eua-que-evitem-disrupcao-economica-com-suspensao-de-voos-11917641.html>

- Chama Olímpica na Grécia – 12 de março

12 mar • 11:08
há 56 dias

Comité Olímpico de Portugal preocupado

Os trabalhos de preparação para os Jogos Olímpicos prosseguem apesar das informações nem sempre convergentes que chegam da organização, contou na Manhã TSF o presidente do Comité Olímpico de Portugal.

José Manuel Constantino está preocupado com a realização dos jogos. José Manuel Constantino fala de uma situação muito complexa e queixa-se das "informações contraditórias que vão chegando" de Tóquio, garantiu na Manhã TSF.

José Manuel Constantino, que esteve no Japão há um mês para visitar os locais de competição, garante que a organização dos jogos olímpicos nunca falou da possibilidade de cancelar os jogos.

A cerimónia do acender da chama olímpica decorreu esta quinta-feira em Olímpia, na Grécia.



Foto: Aris Messinis/AFP

Figura 126 – Crónica “weblog” referente ao tema sobre o início dos jogos olímpicos com a cerimónia do acender da chama olímpica, na Grécia, a 12 de março de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/dqs-reconhece-mais-casos-de-infecao-viaqens-europa-eua-suspensas-11917624.html>

- Decisão sobre o encerramento das escolas – 12 de março

12 mar • 12:43
há 56 dias
Rita Carvalho Pereira

António Costa reúne-se com líderes partidários

O primeiro-ministro, António Costa, anunciou, esta quinta-feira, que vai reunir-se, esta tarde, com os líderes dos diferentes partidos políticos com assento parlamentar sobre as medidas a tomar para responder à pandemia de Covid-19.

Entre os temas que vão estar em cima da mesa nestes encontros, destaca-se a decisão de encerrar as escolas. O primeiro-ministro garante que, após ouvir os partidos, o Conselho de Ministros irá reunir-se esta noite e que só depois será anunciada uma decisão sobre o assunto.

António Costa alertou ainda para a deslocação do risco das salas de aula para outros espaços, aludindo ao facto de as pessoas que deveriam estar em isolamento estarem a frequentar outros locais públicos e a manter contactos sociais.



Foto: Omer Messinger/EPA

Figura 127 - Notícia referente ao tema sobre o encerramento das escolas, uma das medidas discutidas numa reunião entre os líderes partidários, que decorreu no dia 12 de março de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/dqs-reconhece-mais-casos-de-infecao-viagens-europa-eua-suspensas-11917624.html>

- Medidas tomadas no Conselho de Ministros – 13 de março

CORONAVIRUS EM PORTUGAL

Governo aprova contratação de médicos reformados e suspende limites às horas extra

O Executivo aprovou ainda um regime de prevenção para profissionais do setor da saúde diretamente envolvidos no diagnóstico e resposta à pandemia.

Por Lusa
13 Março, 2020 • 09:26

PARTILHAR

Facebook
Twitter
WhatsApp
Email
Comentar



As medidas são de carácter excecional e urgente. Pedro Correia/Global Images

O Governo aprovou a contratação de médicos aposentados, sem sujeição aos limites de idade, e a suspensão dos limites de trabalho extraordinário para fazer face à pandemia da Covid-19.

As medidas servem para "garantir o estado de prontidão" do Serviço Nacional da Saúde (SNS), refere um comunicado do Conselho de Ministros realizado na quinta-feira e hoje divulgado.

Além destas duas medidas, o Governo aprovou para o SNS a simplificação da contratação dos trabalhadores e a mobilidade de trabalhadores.

LEIA TAMBÉM:
Vários países europeus podem ficar em breve como a China ou o Norte de Itália

A lista de medidas inclui regimes excecionais para a aquisição de serviços por parte de órgãos, organismos, serviços e entidades do Ministério da Saúde e de composição das juntas médicas de avaliação das incapacidades das pessoas com deficiência.

Figura 128 - Notícia referente ao tema sobre as medidas tomadas no Conselho de Ministros devido à Covid-19 (13 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/governo-aprova-contratacao-de-medicos-reformados-e-suspende-limites-as-horas-extra-11923600.html>

COVID-19

Agências de viagens têm de reembolsar ou adiar viagens de finalistas

A Associação das Agências de Viagens saúda a decisão.

Por TSF/Lusa
13 Março, 2020 • 10:20

PARTILHAR

Facebook
Twitter
WhatsApp
Email
Compartilhar



Siza Vieira adiantou que as agências de viagens "serão obrigadas a oferecer aos interessados alternativas". (R) Manuel de Almeida/Lusa

As agências de viagens terão de adiar as deslocações de finalistas programadas para as férias da Páscoa ou reembolsar os estudantes, anunciou o ministro Adjunto da Economia, Pedro Siza Vieira.

Em declarações aos jornalistas, no final do Conselho de Ministros, em que o Governo aprovou medidas para responder à pandemia, o governante disse que foi "aprovado o adiamento das viagens de finalistas que se devam realizar na vigência do decreto-lei", aprovado pelo executivo.

Sem esmiuçar a medida, Siza Viera adiantou que as agências de viagens "serão obrigadas a oferecer aos interessados alternativas de deslocação em outra época ou a celebrar acordos no sentido de devolução que decorram dos acordos que possam ser estabelecidos".

Contactado pela TSF, o presidente da Associação das Agências de Viagens, Pedro Costa Ferreira, e Turismo considera a medida do Governo "muito inteligente equilibrada", acrescentado que a medida dá tempo às empresas e aos pais para chegarem a um acordo protegendo os interesses de ambas as partes".

Pedro Costa Ferreira acrescenta que é "tempo para o diálogo e para se chegar a um acordo".

Figura 129 - Notícia referente ao tema sobre as medidas tomadas no Conselho de Ministros devido à Covid-19 (13 de março de 2020). Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/economia/agencias-de-viagens-tem-de-reembolsar-ou-adiar-viagens-de-finalistas-11924305.html>

- Debate na Assembleia da República sobre o coronavírus

<p>13 mar • 10:57 há 55 dias Inês André Figueiredo</p>	<p>Terminou o debate sobre o coronavírus com a presença da ministra da Saúde, Marta Temido.</p>
<p>13 mar • 10:56 há 55 dias Inês André Figueiredo</p>	<p>"Ficaram muitas perguntas por responder"</p> <p>Telmo Correia, terminado o debate, assegura que "ficaram muitas perguntas por responder".</p> <p>"Este é o momento de darmos o exemplo, o que [esta câmara] não fez até agora", frisou, pedindo que "não falte coragem" para tomar medidas.</p>
<p>13 mar • 10:54 há 55 dias Inês André Figueiredo</p>	<p>"Não estivemos parados"</p> <p>Marta Temido garante que "não devemos descuidar" informação e conhecimento. "O Governo e a Autoridade de Saúde nacional não estiveram parados" entre o momento em que se soube do novo coronavírus e a declaração de pandemia.</p> <p>A ministra da Saúde enumerou o que foi feito nas últimas semanas, com reforços no SNS, na Linha de Saúde 24, com distribuição de kits e equipamentos de proteção.</p> <p>"Tememos não estar preparados porque não depende só de nós", admitiu.</p> <p>Marta Temido lembrou que os viajantes da China e de Itália foram vigiados, mas não está de acordo com pôr fim às viagens.</p> <p>"Alargámos testes com novas definições de caso", anunciou, frisando que a questão dos testes será avaliada dependendo das autoridades de saúde.</p> <p>"Um novo call center" para a Linha de Saúde 24 para poder atender duas mil chamadas em simultâneo, mas ontem houve 40 mil chamadas durante o dia.</p> <p>"É o momento de alinhar contenção, precaução com mitigação, mas não permitindo que ninguém fique em casa sozinho", garantiu.</p>

13 mar • 10:48
há 66 dias

Inês André Figueiredo

"O que não fizemos hoje vamos lamentar não ter feito"

André Ventura mostra apoio ao Governo, mas diz que medidas são insuficientes e que o setor económico foi colocado em primeiro plano em relação à doença.

O deputado do Chega pediu informações sobre aeroportos e fronteiras, pedindo que "não haja medo".

"O que não fizemos hoje vamos lamentar não ter feito", alerta.

13 mar • 10:47
há 66 dias

Inês André Figueiredo

"Portugal terá hoje não menos de 1500 infetados reais"

João Cotrim Figueiredo trouxe "números" da doença nos últimos meses. "Portugal terá hoje não menos de 1500 infetados reais. Com a atual taxa de transmissão chegaremos a uma linha de rotura de 24 dias", afirmou.

Medidas tomadas ontem são "insuficientes" e é preciso "coragem", pedindo "isolamento social".

13 mar • 10:45
há 66 dias

Inês André Figueiredo

Teletrabalho deve ser "a grande aposta para garantir isolamento de todos"

Bebiana Cunha, do PAN, alerta que "a taxa de mortalidade do vírus vai estar dependente dos mecanismos que o país for capaz de enfrentar".

A deputada do PAN fala numa necessidade de "reduzir todos os riscos de contacto", saudando a restrição em espaços públicos, o encerramento das escolas e o teletrabalho.

Bebiana Cunha questionou ainda a ministra sobre o caso das crianças da Maia que ficaram isoladas durante várias horas por suspeitas de Covid-19.

O PAN acredita que o teletrabalho deve ser "a grande aposta para garantir segurança e isolamento de todos", nomeadamente lembrando de que também o Parlamento pode dar o exemplo.

13 mar • 10:39
há 55 dias

Inês André Figueiredo

"Quanto mais fortalecido estiver o SNS mais adequada será a resposta a casos como o Covid-19"

José Luís Ferreira, d'Os Verdes, fala numa "ameaça coletiva" que pede um "SNS robusto". "Quanto mais fortalecido estiver o SNS mais adequada será a resposta a casos como o Covid-19", afirmou.

O PEV pede um "equilíbrio entre não facilitar com a responsabilidade de não contribuir para fomentar o alarme social", assegurando que devem ser seguidas as normas das autoridades de saúde.

"Reforçar os meios de prevenção dos profissionais de saúde", nomeadamente com equipamento, "garantir que não há imperativos de natureza orçamental que atrasem ou impeçam medidas", "garantir que pessoas que trabalham não sejam abusivamente prejudicadas" e apoiar as empresas são algumas das medidas sugeridas pelo PEV.

"O tempo não é dinheiro, é vida."

13 mar • 10:33
há 55 dias

Inês André Figueiredo

"O surto não pode ser pretexto para oportunismos"

Paula Santos, do PCP, acredita que "o SNS é fundamental e imprescindível" para combater o Covid-19, considerando "absolutamente estratégico reforçar o SNS".

"Seguradoras vieram logo dizer que não cobriam surto", recordou a deputada comunista, frisando que é um "tempo de enorme exigência", e que é "preciso aumentar a quantidade de camas, a resposta ao nível dos ventiladores e do isolamento".

"Vão aproveitar estrutura ainda existente do Hospital Pulido Valente?", questionou, ressaltando que o reforço de medicamentos é uma das preocupações do PCP.

"O surto não pode ser pretexto para oportunismos [sobre] crise económica, trabalhadores têm de ter direitos e rendimentos assegurados", afirmou a deputada.

13 mar • 10:28
há 55 dias

Inês André Figueiredo

"Cada um de nós pode ser um agente para travar a evolução da doença"

Moisés Ferreira alerta para uma "batalha dura e prolongada" e sublinhou que Portugal sairá melhor se for "capaz de reforçar resposta do SNS".

"Cada um de nós pode ser um agente para travar a evolução da doença", lembrou. "Estas regras simples podem parecer pouco, mas estes gestos simples são do mais eficaz que há e temos de os adotar no dia a dia", apontou ainda o deputado do Bloco de Esquerda.

Moisés Ferreira dirigiu-se ao Governo pedindo uma "resposta de crescimento rápido" no SNS.

O Bloco pede mobilização imediata de profissionais de saúde reformados e estudantes, mas também para que se permita a facilidade de acesso a equipamentos e meios no setor privado. "Tempo que vivemos não se compagina com burocracia."

13 mar • 10:22
há 55 dias

Inês André Figueiredo

"Cenário grave não deve ser descurado por nenhum de nós"

Ana Catarina Mendes pede que "não se ignore" o que se está a passar. A líder da bancada do PS acredita que as medidas tomadas pelo Governo são "proporcionais" ao momento que se vive.

"Cenário grave não deve ser descurado por nenhum de nós", frisou, lembrando que foi o "momento particular que exigiu estas medidas".

"A melhor vacina é a informação e o conhecimento", apontou a socialista, pedindo que todos tenham uma "responsabilidade própria".

Ana Catarina Mendes enumerou algumas das medidas tomadas e falou num "bom SNS", na necessidade de uma "coesão social e solidariedade entre todos", com o intuito de que "a economia continue a funcionar e que o desemprego não aumente".

"Cada um de nós, cada família deve ter o seu plano de contingência", concluiu.

13 mar • 10:17
há 55 dias

Inês André Figueiredo

"Portugal está em estado de guerra contra coronavírus"

Ricardo Batista Leite, do PSD, traz para o debate o exemplo de Itália, frisando que nesse país pode haver um limite de idade para aceder aos cuidados intensivos ou a presença de outras doenças

"Portugal não pode ser outra Itália, temos de dar todo o apoio ao Governo", enalteceu, realçando que é preciso comprar ventiladores e "testar o maior número de pessoas possível".

O deputado do PSD pediu que os estudantes de medicina ajudem a atender linhas telefónicas. OS profissionais de saúde são "heróis de vida moderna".

"Portugal está em estado de guerra contra coronavírus", apontou, mostrando solidariedade ao Governo para "atrasar o coronavírus" e "salvar vidas, principalmente dos mais vulneráveis".

"Cancelem tudo, a saída, a praia, a festa, a conferência, o casamento, o batizado, a despedida de solteiro. Cancele tudo e fique em casa. Ao ficar em casa garante que há mais um médico, um enfermeiro, uma cama disponível para todos os que precisarão de um hospital", alertou o deputado.

13 mar • 10:11
há 55 dias

Inês André Figueiredo

Há kits suficientes para fazer testes?

Ana Rita Bessa questiona a ministra da Saúde sobre o que vai ser feito no controlo dos aeroportos.

Também a área dos transportes públicos "preocupa" o CDS, questionando "o que está a ser feito para não serem um meio de contágio".

Relativamente à Linha de Saúde 24, e tendo em conta que "haverá mais chamadas", os médicos pretendem poder fazer os testes sem ligar para a linha. Ana Rita Bessa pretende ainda saber se não há falta de kits.

13 mar • 10:07
há 55 dias

Judith Meneses e Sousa

Debate parlamentar com galerias vazias

Esta discussão só pode ser acompanhada através da comunicação social porque depois das restrições às visitas decididas pelo Parlamento, não é permitida a entrada de público. As galerias estão por isso vazias de público.

13 mar • 10:07
há 55 dias
Inês Arechú Figueiredo

"Avizinham dias de enorme esforço"

A ministra da Saúde admitiu que se "avizinham dias de enorme esforço" e remeteu respostas concretas para o fim do debate.

13 mar • 10:06
há 55 dias
Inês Arechú Figueiredo

CDS deixa questões à ministra da Saúde

Telmo Correia questiona a ministra da Saúde sobre o alargamento do número de testes, sobre os profissionais de saúde e o equipamento necessário para que os mesmos possam combater o coronavírus.

O deputado do CDS pergunta ainda quantas camas estarão disponíveis, tendo em conta o número que foi inicialmente apresentado.

"Não faria sentido haver hospitais só para o coronavírus?", questionou, acrescentando também como vai ser feito no futuro relativamente aos hospitais que cancelaram as consultas.

13 mar • 10:02
há 55 dias
Inês Arechú Figueiredo

"Foram cometidos erros no passado recente"

Telmo Correia dá início ao debate sobre o coronavírus, lembrando que o CDS "mantém posição de responsabilidade e sentido de estado" em relação ao tema.

"Exigimos determinação, é importante que tenhamos a noção que foram cometidos erros no passado recente", afirmou, nomeadamente "durante algum tempo desvalorizámos a gravidade da situação".

O líder da bancada parlamentar centrista lembra que os voos não foram cancelados, que o plano de contingência chegou "dois meses e meio depois" do início do Covid-19, bem como as informações dadas pela Linha de Saúde 24.

O CDS saúda medidas tomadas pelo Governo, mas acredita que houve um atraso nas mesmas.

Figura 130 a 135 - Crónicas "weblogs" referentes ao tema sobre o debate na Assembleia da República sobre o coronavírus, que decorreu a 13 de março de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/estado-de-alerta-declarado-em-todo-o-pais-conheca-todas-as-medidas-aprovadas-11923870.html>

Governo garante que SNS24 vai poder receber duas mil chamadas ao mesmo tempo

Portugal tem já 112 casos confirmados de Covid-19.

Por Lusa
13 Março, 2020 • 13:02

PARTILHAR

Facebook

Twitter

WhatsApp

E-mail

+

Comentar



A ministra da Saúde, Marta Temido, durante a sessão plenária sobre Covid-19, na Assembleia da República. José Sena Goução/Lusa

A ministra da Saúde reiterou, esta sexta-feira, a intenção do Governo de "continuar a melhorar" a linha de saúde 24, com um novo 'call center' preparado para responder a duas mil chamadas em simultâneo.

Marta Temido, garantiu, no final do debate de atualidade no Parlamento sobre a resposta do país ao coronavírus, que Governo e autoridades de saúde não estiveram parados desde que foi conhecido o novo coronavírus, mas disse temer que Portugal, tal como os outros países, possa não estar totalmente preparado.

"Não estivemos parados e, contudo, como todos os outros, tememos não estar preparados porque não depende só de nós", afirmou a ministra.

Sem dar números concretos, que tinham sido pedidos por várias bancadas, Marta Temido comprometeu-se também com uma maior resposta às necessidades futuras com a doença em termos de camas e ventiladores, mas recusou que o Governo tenha errado ao não introduzir mais cedo restrições a viagens.

"As restrições às viagens tinham um efeito ilusório de nos proteger de um mundo cada vez mais global, passámos a acompanhar viajantes provenientes da China, depois de Itália, provavelmente teremos de pensar no mesmo sistema para outros passageiros de áreas afetadas", afirmou.

Figura 136 - Notícia referente ao tema sobre o debate na Assembleia da República sobre o coronavírus, que decorreu a 13 de março de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/governo-garante-que-sns24-vai-poder-receber-duas-mil-chamadas-ao-mesmo-tempo-11924715.html>

CORONAVÍRUS EM PORTUGAL

"Cancele tudo, fique em casa. Portugal está em estado de guerra contra coronavírus"

Parlamento alertou para a necessidade de cada um ser responsável por si e pelos outros.

Por Inês André
Figueiredo
13 Março, 2020 • 13:29

PARTILHAR

Facebook

Twitter

WhatsApp

E-mail



Comentar



Parlamento debate coronavírus © José Serra Goulão/Lusa

Algumas horas depois de o Governo ter apresentado as medidas para combater o novo surto de coronavírus em Portugal, o Parlamento debateu o tema, a pedido do CDS, com a ministra da Saúde a assegurar que as entidades responsáveis trabalharam para travar o Covid-19, mas admitindo que o país pode não estar preparado.

"Não estivemos parados e, contudo, como todos os outros, tememos não estar preparados porque não depende só de nós", começou por dizer a governante. Marta Temido anunciou que uma das medidas mais relevantes é a criação de um novo call center da linha de Saúde 24, com o intuito de atender duas mil chamadas em simultâneo

Nas respostas aos partidos, a governante não se adiantou, mas assegurou que haverá um reforço dos meios nos hospitais, nomeadamente camas e ventiladores. Relativamente aos testes para despistar casos de Covid-19, um dos temas abordados durante o debate, Marta Temido garantiu que estão a ser seguidas todas as recomendações das autoridades de saúde, o que vai continuar a acontecer no futuro.

Durante o debate, o deputado do PSD Ricardo Batista Leite deixou claro que tem de ser dado "todo o apoio ao Governo", já que "Portugal não pode ser outra Itália".

Figura 137 - Notícia referente ao tema sobre o debate na Assembleia da República sobre o coronavírus, que decorreu a 13 de março de 2020. Disponível em: <https://www.tsf.pt/portugal/politica/cancele-tudo-fique-em-casa-portugal-esta-em-estado-de-guerra-contra-coronavirus-11925192.html>

M. Transcrição das entrevistas

M.I. Diretor interino, Pedro Pinheiro

Como é que caracteriza a *TSF* no *online*? Continua a ser uma rádio (ou seja, uma extensão/prolongamento do meio tradicional) ou é um meio completamente distinto, com uma lógica autónoma (uma webrádio)?

Acho que não é um prolongamento, nem é um projeto autónomo, acho que são complementares como devem ser. A antena e o *online* têm um padrão comum. A linha editorial que nós seguimos na antena é exatamente a mesma linha que seguimos no *site*. Talvez por isso ou mesmo por isso somos penalizados, estamos longe de ser líderes do *online* porque não cedemos às fotografias da Rita Pereira e à nova ida à praia do Cristiano Ronaldo ou a notícias que não estão confirmadas. Os meios têm um tronco comum, uma base comum que para mim a mais importante é essa, de uma linha editorial sem cedências. Somos uma rádio de notícias, uma rádio informativa e temos um *site* de notícias, um *site* informativo. Depois são naturalmente complementares porque têm linguagens diferentes. Portanto nem extensão, nem projeto autónomo. São complementares mas com alicerces comuns que nos trazem alguns dissabores mas também a enorme vantagem de quem nos procura saber que ali vão encontrar notícias e informação. Poderão não encontrar todas as notícias nem toda a informação, nem tão pouco a informação melhor, mas não entramos em linguagem *pop*.

Em que aspetos o *online* modifica a rádio?

Trouxe desde logo uma nova vida ainda que isso não seja exclusivo à rádio. A rádio teve várias sentenças de morte. A primeira ainda eu estudava na universidade, tinha sido a sentença dos anos 50 do século passado com o aparecimento da televisão, toda a gente pensava que a rádio ia morrer e não morreu. Com o incremento do *online* também se julgou que a rádio ia desaparecer, não me parece que tenha desaparecido. Acho que o que *online* trouxe à rádio *TSF*, em particular, novos potenciais ouvintes. Acredito que haja muitos consumidores que tenham contactado pela primeira vez com a nossa marca através do *online*, desde logo as gerações mais jovens e se gostaram da linha editorial que nós seguimos, se gostaram do produto que nós fazemos é provável que tenham sentido curiosidade de perceber como é que nos comportamos no meio totalmente diferente como a rádio, portanto, não me parece que tenha tirado nada de todo. A transição não é pacífica numa rádio. É muito mais simples num jornal. A transição da antena para o *online* é mais complicada, porque o repórter que está na rua a fazer um direto numa manifestação não

vai a seguir escrever para enviar, tem que ter sempre alguém de retaguarda. Não é um processo pacífico, é um processo que não terminou e que se calhar nunca vai terminar. Aquilo que trouxe de basilar, eu creio que nos trouxe novos públicos, é um bocadinho indiferente se quem nos segue, nos segue no *online*, na rádio ou nas duas plataformas. Visto assim de fora e de uma forma fria, creio que nos terá trazido mais ouvintes, novos ouvintes, uma nova geração e isso é ótimo se tiver a acontecer, mesmo que em pequena escala.

Nos dias de hoje, na sua opinião, qual o lugar da rádio tradicional?

Acho que ele não mudou muito, francamente. Estes últimos meses que passamos de pandemia foram uma vez mais a prova disso, porque se julgava que com o confinamento e com as pessoas todas fechadas em casa e tendo em conta que a rádio se ouve essencialmente no carro e nos períodos de drive-time temeu-se que houvesse uma enorme quebra das audiências de rádio durante este período de pandemia, sobretudo no período do confinamento e depois isso se refletisse no futuro. Isso não aconteceu de todo. A rádio em geral, não apenas a *TSF*, manteve a sua audiência, é óbvio que deixamos de ser ouvidos no carro, mas passamos a ser ouvidos mais nos computadores, *tablets*, *smartphones*, portanto não me parece que ela tenha perdido o seu papel e voltando um bocadinho atrás, como dizia um dramaturgo "a notícia da minha morte foi manifestamente exagerada". Parece-me que todas as notícias sobre a morte da rádio são manifestamente exageradas, talvez por ser um meio único, muito particular, talvez por o som continuar a mexer com o que de mais emocional temos. Ao contrário da televisão, a rádio permite reconstruir o resto da história de ti própria e talvez seja essa característica única que ainda não foi suplantada que faz com que nós da rádio não tenhamos perdido o nosso papel. Voltando a cruzar com o *online*, o *online* trouxe-nos um outro emissor. É ótimo hoje sabermos que podemos ser ouvidos tanto aqui através do rádio tradicional como na outra ponta do mundo, através da web. Mais recentemente, embora o fenómeno seja anterior, esteja a sedimentar-se em Portugal de uma forma mais tardia como sempre, acho que o *podcast* trouxe nova vida à rádio. No entanto, não são muito diferentes do que é um programa de rádio, talvez nos tempos, no modo como é feito e na postura. No outro dia discutia isso com alguém aqui dentro que se calhar o *podcast* e aquela postura mais descontraída no modo como é realizado nos tenha remetido para aquela que é a verdadeira essência da rádio. A essência da rádio não é exatamente vozes muito colocadas, isso morreu com a emissora nacional. É sobretudo isso: a conversa. Um programa funciona

tanto melhor na rádio quanto mais conversado for. Eu acho que o papel da rádio se reforçou, ainda que, numa primeira visão, um bocadinho mais a quente e um bocadinho mais sem pensar, nós associamos que a rádio estava a morrer, porque cada vez mais as pessoas, no carro querem ouvir uns discos, querem ligar aquilo ao *Spotify* e não se importa com a rádio. Isso não deixa de ser verdade, mas esqueceram-se é que a rádio pode ser consumida através de outros meios que antigamente eram só na caixinha. Eu acho que vem aí outro enorme desafio para a rádio e como todos os desafios pode ser positivo e pode ser negativo. Eu creio que é por um mero posicionamento da indústria automóvel que os carros ainda não vêm todos com um terminal que permite aceder à *internet* e a partir daí aceder ao que precisares. Quando isso acontecer e não é por ausência de bases tecnológicas, porque isso é possível fazer, quando isso acontecer, a rádio vai ganhar um enorme desafio que é poder ter ouvintes em qualquer parte do mundo, nesses seus períodos de drive-time que continuam a ser os mais fortes, quando saímos de casa, vamos para o trabalho, para a escola e no regresso a casa. Estou muito ansioso por esse momento. Há quem veja nisso um enorme risco. Eu vejo uma enorme oportunidade. Deixamos de estar confinados ao alcance dos emissores, passamos a não necessitar de emissores para chegar a qualquer lado. Também vamos ter mais concorrência, da mesma forma que a *TSF* pode ser ouvida em Londres, a *BBC* também passa a ser ouvida com enorme facilidade nos carros que circulam em Lisboa. Mas a história da rádio é feita sempre destes desafios. Eu quando cheguei à rádio ela já tinha uma sentença de morte e ela continua aqui, “vivinha da silva” e espero que com saúde.

Tendo em conta as análises que fiz, verifiquei que uma parte relevante das notícias, principalmente aquelas que são publicadas no *site*, são reproduções da agência *Lusa*. Porquê essa opção?

Isso não deixa de acontecer também na antena. Boa parte da produção dos nossos noticiários tem como base a *Lusa* e a *France Press* e a *Reuters* e sempre foi assim. E não vai mudar. O ideal era que todas as notícias pudessem ser feitas pelos nossos jornalistas, mas a nossa equipa é demasiado pequenina para a dimensão do trabalho que o *site* dá. Naturalmente, nas grandes notícias do dia elas são escritas por nós e têm o nosso cunho e o nosso acompanhamento. Temos o *feed* da *Lusa* que nos faz acrescentar mais notícias ao *site* porque ter mais notícias também significa potencialmente ter mais cliques, mais utilizadores, logo melhores audiências, melhores receitas. Digamos que há aqui uma espécie de dois em um: a incapacidade de respondermos a toda a atualidade, porque os

meios são finitos e a importância de termos tantas mais notícias quanto possível no *site* porque isso traz esse reflexo em cadeia. Fazer notícias é muito caro. É muito mais fácil fazer uma rádio em que se passa discos e tem alguém a fazer graçolas ao microfone e eu não estou a desvalorizar essas rádios, porque as acho também fundamentais. Mas é muito caro fazer notícias, é muito caro ter uma redação e nunca podemos perder de vista as receitas e potenciar receitas e poder ir buscar tanto dinheiro quanto possível para sustentar uma casa que é difícil de sustentar. Não é de hoje, nem de ontem, é quase da história da *TSF*. Isto nunca foi um grande negócio, nem nunca será um grande negócio.

Por vezes, a *TSF* recorre aos conteúdos de outros meios em vez de deslocar os seus jornalistas ao terreno. Porque é que não se investe mais nessas deslocações, que permitiriam um trabalho diferenciado?

Aí é só por um motivo, é mesmo a insuficiência de meios. A rádio hoje estará com um terço da redação que tinha há 20 anos. Quando eu cheguei à *TSF*, a equipa de edição teria 8 pessoas, houve períodos que até teve mais e isso significa que pode estar em todos os sítios onde precisas de estar e ter pessoas aqui a editar e outras a fazer *desk*. Tinhas meios para todas as encomendas. Isso hoje não acontece na *TSF* e não acontece na maior parte das rádios privadas. Só uma explicação: insuficiência de meios, incapacidade de estar em todo o sítio, agravado neste período de pandemia, em que nós estamos com equipas no mínimo dos mínimos, o restante está em teletrabalho. Ora se elas já eram escassas com toda a gente aqui, tudo isto se complicou um pedaço. Talvez se note menos na editoria de política onde continuamos a ter uma equipa relativamente autónoma e capaz de responder ao essencial de cada dia. Também não acontecerá no desporto onde conseguimos fazê-lo. Mas tudo o resto, que é muito não temos meios para e, portanto, de vez em quando, temos de recorrer a fontes externas, sejam dos sons que são fornecidos, não é por acaso que a *Lusa* hoje fornece para além de textos, também som e vídeo. Foi uma resposta à insuficiência de meios da maior parte das redações para responder ao que é necessário.

De acordo com a análise que fiz, verifiquei que as potencialidades do *online* são, ainda, subaproveitadas no *site* da *TSF*. Porquê?

Nós temos uma regra no *site* que é ter sempre som, porque somos uma rádio. Achamos que devem estar lá os sons. Os sons não rendem nada. Render, ou seja, pessoas que vão lá clicar para ouvir. Perdem força. Acho que as pessoas se sentem suficientemente informadas ao ler o texto, não precisam de mais do que isso. Eventualmente pode haver uma declaração mais polémica que queiram ouvir tal e qual como foi expressa. O vídeo

também tem isso um bocadinho, mas é uma ilusão pensarmos que muito vídeo é igual a muita procura. A experiência diz-nos que não, nós temos uma aposta nesse sentido há dois anos e ela não se revelou frustrante, mas também não se revelou aquela mina de ouro que se julgava que seria. Sobre as infografias, uma vez mais estamos na insuficiência de meios, não temos infografias, porque não temos um infográfico, temos mesmo uma redação mínima para responder às necessidades do dia-a-dia, mas aí é essa a única explicação. Não que não sintamos necessidade, não que não achemos que a infografia é mais um instrumento fundamental para captar seguidores, leitores e ouvintes, mas ainda não conseguimos fazê-lo.

Nas redes sociais como o *FaceBook* ou o *Twitter*, a *TSF* limita-se a colar o link para determinado conteúdo publicado no *site*. Por que não investir em publicações mais dinâmicas e apelativas para que realmente os seguidores tenham vontade de consumir as informações?

Aqui estamos novamente na nossa espinha dorsal muito dura e pouco elástica. Seria muito mais fácil mostrar o ultimo biquíni da Rita Pereira, o urso que deu à luz 17 ursinhos e o panda que deixou de comer bambu e agora come não sei o quê. Foi uma opção que eventualmente poderá ser corrigida. Eu veria com alguma pena cedermos aí porque acho que a *TSF* tem um ADN sempre tão citado, esta independência em relação aos poderes e a forma como não abdica daquilo que parece ser a informação realmente importante, não cai muito em *faits divers*, conteúdo que pouco acrescenta para a marca que somos. Eu não tenho nada contra as fotografias em biquíni da Rita Pereira nem os últimos bóxers do Cristiano Ronaldo. Acho é que há meios para isso, e outros que não são e, por isso, é que somos diversos e isso é que fará sentido para as pessoas terem capacidade e opção de escolha. As pessoas já sabem que aqui vêm buscar informação “mais relevante para o nosso dia-a-dia”, abdicando um bocadinho daquilo que nos ia dar um enorme rendimento. Eventualmente um dia a administração ou uma futura direção chegará à conclusão que estamos a perder mais do que a ganhar. Se apesar de termos números baixos de audiência, conseguimos ter uma notoriedade que é suplante a isso, se calhar um dia vão chegar à conclusão que um *site* como a *TSF* não pode ter tão poucos visitantes únicos por mês, tem que ter muitos mais e portanto tem que abdicar daquela que é a sua linha e seguir por outros caminhos. Até lá a ideia é não ceder a esse populismo. É relativamente fácil perceber como é que estas coisas se fazem. Eu recebo ao longo do mês projeções do que será o nosso resultado no *site* no final do mês, comparado com outras marcas, e é

relativamente fácil de perceber que quando a meio do mês determinada marca está a perder em relação ao mês anterior ou ao mês homólogo, é seguro que naqueles dias a seguir lá vai sair o último biquíni da Rita Pereira, os novos boxers do Cristiano Ronaldo, porque basta uma coisinha destas para voltar a equilibrar os números. Eu diria que é o caminho mais fácil.

A TSF nunca pensou num programa exclusivamente para o online?

Temos alguns *podcasts* exclusivamente para o *online*. Temos nesta altura vários programas que verdadeiramente são feitos para o *online*, por exemplo um que estreou agora o "Botequim" sobre a condição da mulher em Portugal nas suas mais diferentes áreas, foi um programa que foi pensado para ser *podcast*, e está a ser executado como sendo e como é um *podcast*. É um programa que tem uma hora e um quarto e depois sofre uma edição e está no ar com meia hora ou 40 minutos. É um exemplo de um programa que foi pensado só para estar no *online* e que tem como programa de recuo a antena. Muitas das vezes já pensamos primeiramente no *online* do que pensamos na antena.

Considera a TSF uma redação multiplataforma?

Não. Desde logo porque há aqui duas gerações claras, até há quase três, ainda há uma sobra do que foi a primeira redação TSF, temos depois uma outra geração um bocadinho mais jovem mas que andarás pelos 40 anos que nasceu para a rádio, ainda antes do advento do digital e depois temos a tua geração que vem com ótimas qualificações e com grandes capacidades. Tanto editam uma imagem, vídeo, som, como fazem texto. Essa sim é uma parte da redação que poderíamos assim, a traço grosso, considerar que é multiplataforma, no sentido em que toca vários domínios. Eu diria que não é uma redação totalmente multiplataforma. Tendencialmente caminhará para isso porque vai sendo substituída, a geração mais velha vai saindo e vão chegando os mais novos. Nota-se muito no trabalho dos técnicos que apoiam diretamente a redação. Durante boa parte do tempo que eu estou na rádio, eles eram essenciais para gravar, para editar, para colar, para montar a peça. Hoje os jornalistas que chegam mais novos para o bem e para o mal gravam, cortam, editam, montam e nunca vão pedir ali uma ajuda aos técnicos. É um processo dinâmico. É o caminho da vida e não é só na nossa profissão. É em todos os domínios da nossa vida, até na nossa vida pessoal.

A TSF prepara os seus jornalistas tendo em conta o processo de convergência? Isto é, a TSF promove algum tipo de formação nesse sentido?

Infelizmente vivemos tempos em que já dificilmente contratamos. Saudosos os tempos em que contratávamos bastante e tínhamos 10 pessoas à nossa frente para escolher uma. Como é óbvio nos momentos de contratação olhamos para as capacidades de cada um. Recordo-me quando cheguei à rádio, uma das coisas obrigatórias era por exemplo ter carta que é hoje uma coisa completamente anacrónica. Isto vai tudo evoluindo. Hoje naturalmente estamos atentos às capacidades de cada um dos potenciais novos jornalistas da TSF. Não faria sentido contratar alguém que a única coisa que sabe é fazer noticiários. Isso verdadeiramente também não existe porque ou vais buscar pessoas mais velhas e vais buscá-las por outros *skills* ou então se vais buscar pessoas mais novas, que estão a sair agora da faculdade, já vêm todos com essas capacidades. Eu não te vou dizer que sou um perfeito apaixonado pelo jornalista multiplataforma, mas é ótimo ter todas essas capacidades prontas a aplicar, ainda que depois deva seguir um caminho, não direi de especialização, mas deve ser colocado naquilo onde aparentemente possa desenvolver mais as suas capacidades, crescer e ser mais benéfico para o todo.

Na sua opinião, em que nível de convergência é que se situa a TSF?

Eu diria que vamos a meio do caminho. É um caminho longo como te disse. A TSF tende a ir sempre à frente porque a TSF foi a primeira rádio a ter uma redação *online*, autónoma, enorme e tal foi a aposta que ao fim de três meses/seis meses/um ano teve de voltar tudo para trás porque eram salários a mais, para o rendimento que aquilo dava a seguir. Se calhar fomos para o terreno um bocadinho cedo demais, talvez devêssemos ter tentado sustentar um bocadinho melhor este percurso. Tivemos esse efeito nefasto que foi de apostar tudo e depois ir quase para o zero e depois ter refazer um caminho. Eu não sei se alguma vez teremos uma redação em que quem faz o noticiário, a seguir vai escrever a notícia para o *site* e ainda vai lá dar um jeitinho à fotografia para publicar. Não sei se isso será contraproducente. Eu diria que vamos a meio caminho, ainda temos muito caminho para andar.

Tendo em conta a atual situação pandémica, o que é que mudou no trabalho jornalístico?

Isso acho que mudou muito. Eu acho que o teletrabalho vai prejudicar muito a nossa profissão. O jornalismo não é feito em casa, porque tu precisas de andar na rua para contar o país, precisas de andar de transportes públicos, precisas de ir ao cinema. Isto são as

regras básicas que aprendíamos quando chegávamos à profissão. Dificilmente contarás bem o teu país fechada em casa. Portanto, acho que isso vai ser muito nefasto. No outro dia brincava com uns colegas da agência *Lusa* dizendo que na abertura do ano letivo, as crianças estão a chegar à escola acompanhados pelos pais onde estão os professores e os funcionários e os jornalistas que contam esta história estão em casa, o que não me parece bater certo com aquela que são as regras base da nossa profissão. Também me aflige um bocadinho as pessoas sobretudo no *online*, que estão cá há um ano, dois anos, estarem em casa sozinhas a aprender. É o melhor caminho para repetir erros. Eu sempre achei que o jornalismo é um exercício coletivo. Nunca o vi como uma coisa individual, talvez mais na rádio do que nos jornais, porque de repente é o lançamento que não me sai, é o título que eu escrevi mas não é exatamente aquilo, é a palavra que escolhi mas que me está a soar mal e todo este exercício precisa de companhia, precisa de um coletivo. Depois, faz-me impressão que tenhamos esquecido que somos uma profissão de risco. Ainda há dias numa reunião discutíamos isto e eu dizia que eu sou do tempo em que havia fila de espera para ir para a guerra civil na Bósnia, onde a *TSF* tinha um apartamento em Sarajevo com funcionária de limpeza, com um jeep, com tudo e mais alguma coisa e havia uma espécie de rota aérea Lisboa-Sarajevo em que estava lá alguém 3 semanas, depois passavam serviço, outro vinha. Todos iam para a guerra civil e hoje não temos ninguém para fazer uma reportagem à enfermaria de Covid do Hospital Santa Maria. Não, nem tudo são conferências de imprensa onde os jornalistas se sentam e ficam a ouvir quem está a falar. Não. Há coisas em que temos de meter a cabeça e esta parece-me uma óbvia. Não sou um irresponsável, não estou a defender que o jornalista agora vá ali para o Santa Maria contar a história como se nada acontecesse. É óbvio que se deve proteger, mas da mesma forma que quando ia para um cenário de guerra se protegia. Portanto, não vai ser bom. O amor já não é assim muito o que era entre a sociedade e o jornalista. Temos muitas culpas neste processo, algumas causas estavam à frente dos nossos olhos e nós não quisemos ver, e quando vimos já era tarde, portanto este não é um processo que começou agora, mas eu receio que seja, não direi que seja o último prego na profissão, mas que nos venha a afastar ainda mais da sociedade, precisamente por esta coisa tão base que é falar de uma realidade com a qual não estás a contactar. Basta olhar aqui para a rádio, temos as equipas com 3 pessoas, estão duas em teletrabalho, há um técnico que também está em teletrabalho. Julgo que o jornalismo não se faz assim, o jornalismo precisa de toque, de olhos, de ouvidos e em casa isso não é possível.

Que tipo de desafios e preocupações é que o período de emergência colocou à *TSF*, tanto na rádio como no *online*?

Nesse aspeto foi fantástico porque, sobretudo, na *TSF* é nesses momentos que vem ao de cima o melhor de nós. De repente tínhamos 3 ou 4 programas novos em antena. A capacidade de reação foi brutal. Quando nos confinamos todos dividimos o grupo em dois subgrupos: um ficava 14 dias em casa, outro ficava 14 dias aqui e iam trocando na altura da quarentena. Agora será reduzido para preservar sempre um grupo no caso de alguma infeção aqui entrar. As pessoas produziram como não produziam há imenso tempo. O som não era o melhor, nem sempre era bom, às vezes havia uma voz um bocado no fundo do túnel, parecia que estavam a falar dentro de uma sanita, mas a produção foi imensa. Nós tínhamos os noticiários de 20 ou 25 minutos e a deixar muitas coisas fora por manifesta falta de tempo. O desafio em situações de crise, por exemplo, a queda das torres em Nove Iorque, a invasão do Iraque, nesses momentos mais agudos em termos informativos, esta casa tem uma capacidade de reação extraordinária. As preocupações têm muito a ver com o teletrabalho e depois consequências que isso pode ter. Não é só na *TSF*, nem é só na *Global Media*, nem é só na comunicação social, eu estou convencido que muitas pessoas jamais voltarão ao seu posto de trabalho físico, jamais sairão de casa. Acho que não faltará muito até haver ofertas de emprego em que uma das condições é estar em casa. O desafio foi reinventar a rádio. Seguramente que não acertámos em tudo, mas no espaço de 2 ou 3 dias tínhamos virologistas em antena a responder aos ouvintes, psicólogos a explicar o que é fundamental para não começarmos a dar cabeçadas nas esquinas e a fazermos pior do que o próprio do bicho, portanto o desafio foi esse, foi reinventarmo-nos e acho que nos reinventamos bem.

De que forma é que a *TSF* conseguiu fazer informação durante o período de pandemia? Considera que as limitações interferiram na qualidade da informação que produziu?

Interferem sempre, até porque de repente tivemos de colocar 40 pessoas em casa. Não havia computadores nem cabos para todos poderem gravar com o telemóvel. Isso é incontornável, mas isso aconteceu em todo o lado. Passaste a ver toda a gente na televisão a entrar por *Teams* ou por *Zoom* e a imagem frisava e não se ouvia nada. Isso aconteceu com todos. Ainda assim não deixaram de ouvir e ver, situando-me aqui na televisão e na rádio. O mesmo não pode dizer a imprensa, que sofreu um bocadinho mais. Esses têm um desafio enorme pela frente porque já estavam em queda, cada vez se vendiam menos

jornais, o confinamento levou a que praticamente não se vendessem jornais e a retoma não está a acontecer, pelo menos nos números pré confinamento. Aí acho que há um desafio gigantesco, eventualmente, colocar-se-á também à rádio e à televisão mais tarde ou mais cedo. Mas eu posso dizer que foi bom porque é nestes momentos que tens de mostrar de que és feito e mostrar que és diferente dos outros.

Quais foram/são as principais lições jornalísticas retiradas durante o período de pandemia?

Essas são muitas, mas as principais estão por tirar ainda. Acho que vamos precisar de algum tempo para perceber até que ponto é que agimos bem, no sentido em que, como é óbvio, num primeiro momento, nós tornámo-nos porta-vozes das entidades oficiais, nomeadamente da DGS, do Ministério da Saúde, do Governo, porque era necessário amplificar essa voz. Penso que precisaremos ainda de algum tempo para perceber se tivemos a atitude correta, se era realmente essa a mensagem que devíamos ter passado, se a devíamos ter questionado antes de a reproduzir. Dificilmente a quente consegues ter esse distanciamento para formular assim um juízo tão perfeito. Reconheço que em algumas coisas fomos por arrasto, mas tinha de ser. Por exemplo, recordo-me do programa que criamos, diário, e que tinha virologistas a responder às dúvidas dos nossos ouvintes em que demos conselhos que hoje percebemos que não faziam sentido nenhum. Recordo-me de ouvir, por exemplo, alguém que perguntava "se eu viver no primeiro andar e sacudir a minha roupa quando ponho a secar, há possibilidade de o vírus vir por ali aos trambolhões e colar-se à roupa da pessoa que vive no rés-do-chão que depois a vai vestir e vai inalar?" e nessa altura as respostas eram todas "sim, há essa hipótese, sim é possível, sim mais vale não.". Fomos verdadeiramente jornalistas no sentido de termos uma informação absolutamente rigorosa ou em alguns casos fomos um bocado alarmistas? Se calhar fomos, mas também era um momento novo e único para toda a gente, portanto vamos precisar de algum tempo para perceber se estivemos sempre bem. Não tivemos tempo de questionar tanto quanto deveríamos as mensagens que nos passavam, mas terá havido tempo para isso? Era tudo tão urgente, tão para ontem, o bicho parecia que estava aí ao dobrar de cada esquina de boca aberta, à nossa espera, que se calhar não conseguimos ter esse distanciamento. De um modo geral, são lições positivas, estivemos à altura, francamente. Não estou a falar da *TSF* de todo, estou a falar da comunicação social em geral em Portugal. Até serviu um bocadinho para a reabilitar. Espero que saibamos ser inteligentes para manter esse capital. Mencionei anteriormente

o divórcio que se acentua nos últimos anos de um modo geral entre a sociedade e os jornalistas mas a verdade é que, num momento de crise, foram as marcas de referências, foram os “Públicos”, as “TSFs”, as “Renascenças”, as “Antenas 1” que as pessoas vieram procurar. Não é um mau sinal, apesar sermos um país bastante iletrado em termos mediáticos acho que as pessoas souberam perceber que esta não era a altura de ir para os *sites* mais manhosos. Que se calhar valia ir à procura outra vez dos meios tradicionais porque dão garantias que os outros não dão.

M.2. Diretor adjunto, Ricardo Alexandre

Como é que caracteriza a *TSF* no *online*? Continua a ser uma rádio (ou seja, uma extensão/prolongamento do meio tradicional) ou é um meio completamente distinto, com uma lógica autónoma (uma webrádio)?

É uma aventura extraordinária, graças ao empenho das pessoas que a têm protagonizado, especialmente a equipa que está no *online*. Obviamente que na sequência de um risco que foi assumido pela direção, e é um risco porque o mais simples era fazer um repositório da rádio, ou seja, aquilo que nós publicamos em termos de áudio na antena, reproduzir e colocar no digital. É aliás a estratégia seguida por estruturas que têm muito mais peso que a nossa, que são de serviço público e que basicamente se limitam a colocar no digital aquilo que a rádio produz. Nós entendemos que sendo a *TSF* uma rádio de notícias, não fazia sentido que o *site* não fosse um *site* de notícias. Isso foi a premissa base para a estratégia que nos últimos anos montámos em relação ao digital, muito graças ao empenho do Anselmo Crespo, que já não está connosco, e que foi obviamente apoiado e secundado pelo resto da direção. Depois confrontas-te com a nossa realidade que para fazer aquilo que estamos a fazer, precisávamos de ter muito mais pessoas porque de repente colocámos 10/12/13 jornalistas, alguns deles com muito pouca experiência. Por exemplo, os *sites* que nascem de jornais é uma coisa completamente diferente. Uma coisa é seres de uma redação de um *Jornal de Notícias*, de um *Diário de Notícias*, de um *Público*, um *Correio da Manhã* em que tens imensas pessoas a produzir para uma edição em papel e essas coisas automaticamente refletem-se no *online*, necessariamente com adaptações de linguagem. Outra coisa é ter uma redação maioritariamente formatada para rádio, visto que as pessoas mais velhas e mais experientes que estão aqui são formatadas para rádio, muitas delas nunca trabalharam num jornal e, de repente, têm que estar a escrever notícias em termos de texto. Isso muda tudo. Torna o processo mais complicado. Se juntarmos a isso uma boa parte de uma equipa muito reduzida, pessoas com pouca experiência, o desafio é ainda mais acrescido. Contudo, acho que os números provam que a aposta se não está ganha, acho que tem condições para ser ganha. Acho que estamos a fazer o que devemos fazer, deveríamos ter mais meios para fazer o que estamos a fazer.

Nota que há mais pessoas a ouvir ou a ler o *online* do que a ouvir a rádio?

Essas coisas não são muito claras e dependem muito das *nuances* ao longo do dia na rádio e no *site* e do que é que se lê efetivamente. Acho que é uma leitura muito redutora dizermos ouvem *X* a rádio e vêem *Y* o *site*. Mas o que é que se ouve na rádio e o que é se

ouve no *site*? Se calhar em *sites*, não é o caso da *TSF*, apesar de tudo as leituras até podem ser um bocadinho mais simplificadas. Em meios de comunicação social em que falte uma carga de entretenimento, qual é o peso da notícia nisso? Ou seja, um exemplo aleatório: as pessoas que vão ao *site* da *TVI*, vão para ver notícias, ou vão ver qualquer tipo de informação sobre o entretenimento da estação? Depois, acho que leituras muito diretas, muito casuísticas sobre o digital devem ser acompanhadas de um estudo muito apropriado, ou seja, que tipo de notícias é que leem no *online*, que tipo de notícias é que são mais procuradas no nosso *site*, que tipo de audiência é que temos em cada horário na rádio e na rádio ouvem o quê. Por exemplo, eu acho que era uma sensação que eu já tinha enquanto ouvinte e conhecedor do meio antes de ter vindo para a *TSF* (eu estava na *Antena 1*, na *RTP*) mas tinha a noção de que “ok a *TSF* passa pouca música, mas a música que passa normalmente é boa” e depois de vir para cá percebo, pelo feedback de ouvintes, pelas apreciações de pessoas do meio, até pela experiência que tenho tido porque tenho estado a supervisionar a playlist da *TSF*, que há muita gente que ouve a *TSF* por causa da música, o que não seria de esperar de uma rádio notícias. Acho que nesse aspeto vamos conseguindo um nível de equilíbrio bastante interessante e, por outro lado, faz-me questionar a forma como às vezes lemos os números do digital. É preciso perceber “ok as pessoas estão a ler ou estão a ouvir ou estão a ver”, mas estão a ver o quê, a ouvir o quê, a ler o quê...

Em que aspetos o *online* modifica a rádio?

Acho que a apresenta de outra forma, que a disponibiliza de outra forma, que a complementa, que a desenvolve. Não acho que a mude. A rádio continua a ser a rádio. Aparece de outra forma, noutra plataforma. Se formos a ver isso acontece com a televisão, quando aparece no digital e, em último caso, embora as linguagens sejam mais aproximadas, a própria imprensa também se apresenta de outra forma no digital. Acho que é só mesmo uma questão de poder consumir de outro modo.

Nos dias de hoje, na sua opinião, qual o lugar da rádio tradicional?

Isso é mais interessante, porque nos coloca desafios muito interessantes e se calhar não consigo dar uma resposta no sentido unívoco, se calhar preciso de estudar mais, precisamos todos de estudar mais, porque acho que há várias coisas que temos que considerar. Há uma que eu gosto sempre de referir que é: nós habituamo-nos a um paradigma tradicional que era “a rádio conta, a televisão mostra e os jornais explicam”. Isto obedece a uma lógica de a rádio já tinha noticiário de hora a hora e portanto a rádio

é que contava as notícias, a televisão quando chegava a hora do telejornal mostrava e se alguém queria explicações lia o jornal no dia seguinte. E isto foi o paradigma tradicional que tivemos todo o tempo. Vamos pensar só nas televisões por cabo. A partir do momento em que a televisão passa também a ter noticiários de hora a hora ou em permanência, para perceber um bocadinho a génese disso temos que se calhar de ir à *CNN*, à rutura em termos informativos que a *CNN* introduziu no panorama global. Se podemos ter notícias de *breaking news* a toda a hora, não precisamos do noticiário da rádio sequer, portanto já não é só dar a notícias às 3h ou as 4h, é poder dá-la às 3:17h, que foi uma coisa que a *TSF* foi absolutamente pioneira em Portugal. Eu estava noutra sítio, estou completamente à vontade para falar disso. A inveja que eu tinha de "nós até somos tão bons como eles, temos mais meios do que eles porque somos a rádio pública e eles dão as notícias primeiro, porque abrem a antena" e na *RTP*, muito tradicional não, "não é agora neste noticiário é no outro, porque entretanto há um programa". E a *TSF* rompeu com isso. Fazendo agora um exercício de auto crítica e de crítica generalizada, acho que adormecemos um bocadinho à sombra da bananeira nisso, às vezes as pessoas da *TSF*, hoje em dia, tendem a acomodar-se um pouco e a não perceber que "caramba, a antena está livre, podemos ir ali e abrir o microfone e dizer aquilo que acaba de acontecer". As televisões por cabo introduzem essa rutura, baralham esse jogo, a *internet* ao mesmo tempo ou até antes dilui também isso, já ninguém hoje precisa de esperar pelo jornal do dia seguinte para ter coisas aprofundadas, explicadas, os próprios jornais, muito antes de todos têm instrumentos para desenvolver, para dar as coisas em detalhe sem esperar pela edição em papel. Todas essas fronteiras foram diluídas. Perante isso, eu pergunto muitas vezes "até que ponto, a linguagem da rádio tem de obedecer àquele princípio de ser curta, clara, concisa porque quem ouviu já não volta a ouvir". Não. Hoje em dia, o digital permite-nos parar e voltar a ouvir. Se a rádio já não é aquilo que se ouve uma vez e já não se volta a ouvir, se calhar eu tenho de começar a pensar em reformular a própria linguagem da rádio, eventualmente até a elevar a fasquia, chegar a outros. Depois também tem os perigos de deixar, não é o caso da *TSF*, mas se calhar determinadas rádios têm uma abordagem mais popular, perdem algum público, mas até certo ponto, faz sentido que "ok não vamos ter medo de dizer as coisas de determinada forma porque as pessoas não compreendem". Não. Se não puderem compreender param, voltam atrás ou param e vão pesquisar ao *Google* e voltam a perceber. Isto assim parece simples só não o é, porquê? Porque estes hábitos demoram muito tempo a mudar e não vão mudar agora nos próximos 6 meses. São coisas que podem acontecer mas que sabemos que até estarem

instituídas, consolidadas, sedimentadas, vão demorar muito tempo. Não é se calhar para pessoas da tua geração, mais novas, porque provavelmente muitos já não ouvem a rádio *on air*, na emissão, já ouvem só *podcasts* e *online* e a rádio sendo cada vez mais digital, vai cada vez mais permitir soluções dessas, de parar, pedir explicações, carregar num *link* que abre outro *hyperlink* e que dá a explicação e o contexto daquela notícia. Tudo isso vai ser possível, não podemos esperar que gerações mais avançadas estejam muito predispostas a isso e temos de ter a preocupação de não descapitalizar esse público. Depois a própria lentidão com que estes processos vão mudando e eu sei que é um lugar-comum mas aquela história do *the video killed the radio stars*, da música dos anos 70 ou 80, não se verificou muito. Sim hoje as estrelas mediáticas são sobretudo da televisão, é verdade, não há estrelas na rádio, há uma ou outra. As coisas mudam, mas levam a tempo a mudar e creio que a rádio ao longo destas décadas e deste tempo de avanço avassalador do digital provavelmente foi o meio dos três tradicionais que demonstrou a maior capacidade de resiliência.

Tendo em conta as análises que fiz, verifiquei que uma parte relevante das notícias, principalmente aquelas que são publicadas no *site*, são reproduções da agência *Lusa*. Porquê essa opção?

Por necessidade de recursos, por não termos gente suficiente para isso porque provavelmente se quiséssemos ser um mero repositório daquilo que colocamos em antena não teríamos necessidade de recorrer ao serviço da *Lusa*. Por outro lado, é preciso também pensar um bocadinho como é que as coisas são feitas, isto é, a *TSF* como os outros meios e aliás, o grupo da *TSF*, o *Global Media Group*, é acionista da *Lusa* com uma percentagem ainda bastante razoável e pagamos o serviço. Se usamos o serviço na antena, nas equipas que vão buscar informação à *Lusa*, porque é que não havemos de usar num *online*. É um serviço que é pago, é disponibilizado pela agência de notícias pública de Portugal, para todas as redações que contratualizam o serviço, Portanto, para mim é uma coisa perfeitamente normal. Acho que a dependência seria menor se tivéssemos outros recursos. Acho também que se tivéssemos outros recursos, em vez de a *Lusa* ser só a cópia no *site*, podia ser a base para consultar outras fontes. Mas isso é uma questão de meios e recursos. Agora, eu vejo em dezenas ou centenas de meios de comunicação do mundo takes integrais da *Reuters*, da *Associated Press*, da *AFP*. É o trabalho das agências normalmente. Sim, com outros meios todos nós, ou seja não é só a *TSF*, em Portugal, toda a comunidade jornalística tendo mais meios poderemos ser mais criteriosos naquilo que

escolhemos, poderemos complementar essa fonte que são as agências de notícias com outras. Não vejo sinceramente que o problema seja por aí.

Por vezes, a TSF recorre aos conteúdos de outros meios em vez de deslocar os seus jornalistas ao terreno. Porque é que não se investe mais nessas deslocações, que permitiriam um trabalho diferenciado?

Sim, isso é um problema mais recente. Mas radica na mesma origem, na falta de recursos, gostava que fosse diferente.

De acordo com a análise que fiz, verifiquei que as potencialidades do *online* são, ainda, subaproveitadas no *site* da TSF. Porquê?

Sim, e percebemos facilmente porquê... mais uma vez a falta de recursos.

A TSF nunca pensou num programa exclusivamente para o *online*?

A TSF tem alguns programas exclusivamente para o *online*. Se calhar têm pouca visibilidade e já temos tido casos de programas que foram pensados inicialmente para o *online* e acabaram por ir para a antena. Hoje em dia provavelmente como a antena tem muito mais força, as pessoas acham que é um programa da antena, mas nasceu para o *online*. Estou a lembrar-me de um em específico que nunca chegou à antena, foi um teste, foi uma ideia minha e sinceramente a coisa nunca teve grande projeção em termos do *online* e decidimos nunca passar na antena, que continuo a achar que é uma coisa que pode funcionar e pode funcionar sobretudo no digital e acho que é obrigação de meios de comunicação social portugueses fazerem, que é fazer programas noutras línguas. Nós temos um programa chamado “LusoBreve” que é em francês, que é feito por uma correspondente da *France Press* em Portugal e que está no *site* da TSF há meses.

Considera a TSF uma redação multiplataforma?

Considero a TSF uma redação tentativamente multiplataforma. Estas coisas levam tempo, porque é preciso mudar mentalidades. E é preciso também perceber as especificidades do meio. Se nós estamos a trabalhar com equipas na redação da rádio muito reduzidas e a fazer noticiários de meia em meia hora, as pessoas não têm tempo para estar a escrever para o digital. Não têm tempo quase para ir à casa de banho em 7 ou 8 horas. E portanto torna-se complicado estar a fazer antena e digital. Outra coisa é determinadas reportagens e determinados trabalhos que se fazem fora dos horários de turnos de notícias em que poderia haver eventualmente uma maior atenção em relação a isso, seja na TSF, seja nos outros meios. Conhecendo um bocado o panorama geral, acho que é uma questão de

tempo ou num dia levarmos com uma terapia de choque que nos obrigue a dizer que temos de fazer para os dois lados, sempre. Até agora, vamos navegando o melhor possível, mas obviamente com a consciência de que é uma necessidade, reiterando o que disse: há muitos momentos fazer para rádio e para *online* ao mesmo tempo é impossível, como é impossível ao mesmo tempo fazer televisão e *online*, como em último caso, mais fácil como já dissemos, mas em último caso há alturas em que estar a publicar no *site* ou estar a mandar para a tipografia de um jornal também não deve ser fácil.

A TSF prepara os seus jornalistas tendo em conta o processo de convergência? Isto é, a TSF promove algum tipo de formação nesse sentido?

Não apanhei isso na altura em que entrei, creio que isso foi feito antes da minha chegada, mas eu sou um defensor acérrimo da formação contínua e das pessoas estarem constantemente em formação, sempre que possível. É evidente que os últimos anos não têm sido fáceis. Este grupo está a passar, agora já se pode dizer porque até já é público, hoje no dia em que estamos a conversar, está a passar por transformações na estrutura acionista que decorrem de um problema que o grupo tinha a nível financeiro e precisava de reconfigurar a sua estrutura acionista. Se associarmos isso a uma crise financeira que é geral aos *media* por falta de receitas publicitárias, porque a publicidade tradicional caiu muito nas vendas nomeadamente a imprensa. Não se refletiu no aumento na publicidade no digital, apesar das audiências estarem a aumentar, a publicidade não migrou para o digital e isso é um problema de negócio, portanto temos situação específica do grupo, temos situação setorial e estamos neste contexto de pandemia no último meio ano pensar em ações de formação nesta altura não é realizável, infelizmente.

Na sua opinião, em que nível de convergência se situa a TSF?

Não consigo dar a resposta, em termos definitivos. Eu diria que face ao esforço e à ambição do desafio está no nível bastante aceitável ou bastante elevado face ao que era a ambição do desafio. Face à concretização dos objetivos acho que está no nível das nossas possibilidades. Precisamos de ter mais possibilidades.

Nas redes sociais como o *FaceBook* ou o *Twitter*, a TSF limita-se a colar o *link* para determinado conteúdo publicado no *site*. Por que não investir em publicações mais dinâmicas e apelativas para que realmente os seguidores tenham vontade de consumir as informações?

Acho que voltamos sempre ao mesmo. Com que meios e com que pessoas? As respostas têm tendência a ser muito repetitivas, mas tem a ver com isso.

Tendo em conta a atual situação pandémica, o que é que mudou no trabalho jornalístico?

Mudaram algumas coisas. A minha formação é de sociologia e uma das coisas que a sociologia me ensinou é ter muito cuidado com as generalizações e às vezes essas perguntas convocam à generalização, portanto dito isso acho que é muito perigoso generalizar. Acho que abusámos do teletrabalho no sentido de o teletrabalho ser confundido com quarentena. De uma forma geral, se calhar há pessoas que estavam em casa em teletrabalho, mas saiam de casa para ir ao café "só um bocadinho, vou só tomar um cafezinho; só um bocadinho para comprar o jornal; só um bocadinho para ir ao talho buscar qualquer coisa que era preciso para casa; só um bocadinho para ir buscar uns iogurtes que o meu filho precisa e é natural que precise de iogurtes para comer; vou só sair de casa, vou uma moeda no estacionamento não posso o parquímetro daqui da zona não tenho cartão de residência e preciso de pôr aqui a moeda no carro para não ficar aqui a noite toda". Tudo isso é absolutamente legítimo, mas agora fazer uma reportagem a meia hora de distância "isso é que já não porque estou em teletrabalho". Isso tira-me um bocadinho do sério, mesmo. Falei nisso aqui muitas vezes. Nós vamos chegar a uma altura e eu quero prestar a minha homenagem aos *media*, a *TSF* também o fez pontualmente, que eu lamento que tenha sido só pontualmente, se calhar não é em exclusivo mas vamos radicar a questão na falta de recursos, mas eu tiro o chapéu aos meios que conseguiram fazer reportagem com frequência porque o meu problema, a minha preocupação é que como meio de comunicação social daqui por 10 anos queira contar o que foi esta pandemia e olhe para trás, "épá mas nós não fizemos reportagens sobre a pandemia". Ou seja, nós que tivemos a contar o que era a vida das pessoas que estava na linha da frente a lutar contra isto fizemos isso a partir de casa e acho isso um bocado surreal, muito estranho, acho que devíamos ter estado um bocadinho mais à frente. Depois entram aqui várias coisas todos nós tivemos as nossas situações, foram dados exemplos aqui nesta casa de "então mas nós quando era nos anos 90 toda a gente fazia fila para ir para a Bósnia, para a guerra ou para o pós guerra e agora ninguém quer ir fazer reportagens?" Mas isto tem a ver com as pessoas que na altura tinham 20 e tal anos e agora têm 40 e tal, ou 50 e tal. Há uma diferença que é fundamental: uma coisa é uma pessoa ir para a uma guerra e se tiver um azar fica lá, morre mas é só a pessoa que morre e a família fica triste; uma pandemia com um vírus, a pessoa se se descuidar e for infetado, pode infetar muitas pessoas. Tudo isso obrigou a refletir de outra forma. Eu para resumir a tua pergunta, provavelmente quando olharmos para trás nalguns casos vamos achar que fizemos um

bom trabalho e que conseguimos mostrar o que foram estes tempos e se calhar noutros casos vamos ter a tendência para dizer que devíamos ter feito mais.

Que tipo de desafios e preocupações é que o período de emergência colocou à TSF, tanto na rádio como no *online*?

No fim-de-semana em que percebi que o que estávamos a prever fazer não era minimamente adequado em termos de prevenção, todas as regras que a DGS estava a fazer, a prever, eu com a ajuda do Anselmo Crespo, na altura, tivemos que mudar os horários de toda a gente. O Pedro, o nosso diretor, estava de férias, estava longe do país, super preocupado e empenhado mas não estava cá, e tivemos que mudar os horários de toda a redação e andar o fim-de-semana a dizer às pessoas: “olha agora vais trabalhar assim, a partir de segunda ficas em casa”. Isso para mim foi a coisa mais complicada, num fim-de-semana criar um modelo em que a redação pudesse funcionar em espelho, ou seja, metade da equipa em casa, metade a trabalhar. O trabalho em rádio é muito específico, às vezes, posso estar a ser injusto, mas acredito que num jornal seja mais fácil de fazer isto, na rádio há pessoas que não fazem coisas que outras pessoas fazem, se calhar nos jornais também isso acontece, há coisas que só algumas pessoas é que fazem, mas o tipo de especificidade técnica que a rádio abriga faz com que isto tenha de ser muito criterioso e numa redação já limitada em termos de recursos isto foi mais delicado. Foi muito difícil fazer isto, fizemos com erros certamente, eu apesar de tudo não tinha conhecimento desta redação há muito tempo e das idiossincrasias e então ainda mais erros poderei ter cometido, mas acho que apesar de tudo conseguimos aguentar o barco e levar as coisas para a frente. Quando esta empresa entrou em *layoff* e no caso da TSF foi com uma redução do 25% do horário de trabalho, isso tornou a nossa tarefa ainda mais complicada, foi obviamente mais difícil manter metade em casa, conseguimos manter alguns em casa, mas outros que estavam aqui se tinham redução de horário, é tipo o lençol que tapa de um lado e destapa do outro, tivemos que fazer outras contas, necessariamente correndo alguns riscos, tivemos que diminuir as pessoas que ficavam em teletrabalho e foi mais ou menos o cenário que vivemos até agora o *layoff* ter acabado. Isso foi sobretudo o grande desafio, depois é gerir uma escassez ainda maior de recursos num cenário que já é de escassez.

De que forma é que a *TSF* conseguiu fazer informação durante o período de pandemia? Considera que as limitações interferiram na qualidade da informação que produziu?

Acho que conseguimos muito, acho que fizemos coisas ótimas, criamos produtos novos. O Anselmo Crespo não está aqui agora, mas teve um papel extraordinário nisso, deu uma série de ideias para coisas que fomos fazendo, o Pedro Pinheiro, eu também, a redação, toda a gente se mobilizou para a apresentar ideias. Há produtos novos, a Teresa Dias Mendes tem um programa de autor que foi criado, foi pensado por ela, houve pessoas que sugeriram uma série de ideias, fomos fazendo coisas. A coisa mais extraordinária da *TSF* é que as pessoas têm muito brio em trabalhar aqui, apesar de tudo, da falta de recursos e meios, da falta de condições remuneratórias. As pessoas têm muito brio em trabalhar aqui e isso nota-se especialmente nos momentos de crise, as pessoas chegam-se à frente e trabalham e, portanto, eu acho que quando vemos aquilo que fizemos durante a pandemia, os produtos novos que temos e conseguimos estreitar, acho que só devemos estar satisfeitos e face à escassez de recursos, os buracos que conseguimos tapar, as coisas onde conseguimos estar, a resposta rápida que conseguimos ter acho que temos razões para estar orgulhosos. Faltou-nos um bocadinho de mais assertividade na reportagem, em estar mais cedo a ir para a linha da frente, ter gente disponível para sair para a reportagem. Eu cheguei a ter aqui pessoas que me disseram “porque é que vocês apesar das equipas serem curtas, mas porque é que não mandam essa pessoas em reportagem?” e cheguei a ter como resposta “não mas assumes tu a responsabilidade porque tu é que és diretor, eu sou editor só e não quero ter a responsabilidade de mandar uma pessoa para um sítio que é de perigo” e isto é uma questão até academicamente interessante. Em termos jornalísticos é complicado, porque é verdade, porque eu também não queria estar no papel daquela pessoa e ter de decidir. Vamos lá ver uma coisa, há uma coisa no jornalismo português que eu sei que é nunca ninguém foi para um cenário de perigo, tipo uma guerra, uma pandemia é uma realidade que não conhecíamos, mas nunca ninguém foi mandado para uma guerra obrigado, as pessoas iam porque queriam e portanto se houvesse alguém que me dissesse “sim mas olha não estou disponível, tenho medo, não quero ir”, a pessoa não iria ser obrigado. Tendo isto em conta, eu acho que deveríamos ter feito um bocadinho mais de esforço por estar nalguns sítios na linha da frente.

Quais foram/são as principais lições jornalísticas retiradas durante o período de pandemia?

Acho que é, no futuro, se houver mais uma situação desta, ou uma segunda vaga que tanto se fala e já estará aí, começarmos a pensar como é que queremos que isto seja contado no futuro, com recurso às televisões, às agências, ao que fizemos por telefone ou por Zoom ou aquilo que nós vimos no terreno? Isso vai ser a grande questão.

M.3. Autor do programa "Sinais", Fernando Alves

Como ponto de partida, comecemos por falar no "hino à rádio", um jingle que o Fernando Alves fez onde dizia "podia morrer nos teus olhos, amada rádio". Na sua perspectiva, o que mudou na rádio desde essa altura?

A rádio mudou *de alto a baixo*. Mudou nos recursos tecnológicos que utiliza de uma forma brutal. Mudou até no sentido tribal que as redações tinham nessa altura. As redações tinham um espírito de corpo muito forte. Hoje isso perdeu-se um pouco porque veio gente de muitos sítios. É como no futebol. Muitas transações, gente com formações díspares. Quando a *TSF* arranca tem o cuidado de formar de raiz todos os jovens jornalistas e cruzá-los com veteranos que tinham um dado perfil, que eram cúmplices de uma estratégia, estavam de acordo quanto ao essencial do trabalho e do desafio que lhes era colocado. Depois como acontece em tudo, no futebol também, passou a imperar outra lei, outra regra, as pessoas foram aliciadas por outros projetos, por razões monetárias, ou de outro tipo. Nesse sentido, o espírito inicial da *TSF* perdeu-se. Quando se fala da *TSF* sabe-se do que estamos a falar. Não sei se a marca coincide com a coisa, com a essência da coisa. Em grandes momentos, felizmente para nós todos ainda coincide mas há hoje largos momentos na antena e na vida da redação em que o que se passa aqui, imagino que será semelhante ao que passa em outras redações. Isso desagrada-me, custa-me, magoa-me, enfurece-me, às vezes, mas é uma marca dos tempos. Hoje não há esse amor à camisola que marcou esses tempos longínquos, para usar uma linguagem futebolística, já que meti aqui o futebol como uma metáfora. Esse jingle foi feito num qualquer verão e resulta de uma disponibilidade que todos tínhamos, cada um usando as suas ferramentas, aquilo em que se mexia melhor. Eu mexia-me melhor na escrita para rádio e no modo de a dizer. Cada um contribuía para o que lhe era pedido, para lá do que o salário exigia. Nesse verão fiz esse jingle, noutros fiz outros. Esse ficou por causa dessa frase, porque essa frase tem uma carga e de facto pretendia traduzir o meu amor pela rádio, a minha paixão pela rádio, aquela coisa física, uma doença boa, se posso dizer assim. Hoje, penso que dizer dessa maneira é quase agarrar o *slogan* muitas vezes esvaziado de sentido, mas é bom que ainda assim demos connosco a não nos esquecermos de vez dessas ressonâncias e a não dizer outras coisas. Imagina que agora faço um jingle a dizer "vamos implementar uma rádio" ou "a rádio que basicamente e atempadamente..." Alguma coisa estaria estragada em mim, alguma coisa teria apodrecido gravemente em mim e naqueles que ainda se lembram desse jingle. Muitos já não se lembram desse jingle. Não me

incomoda que não se lembrem por ser uma coisa feita por mim. Incomoda-me que não se lembrem porque esses valores, esse jingle, remetia eficácia e urgência.

Sente que o *online* retira o espaço da rádio tradicional ou a rádio ainda consegue coexistir?

Consegue. Eu fui um adversário feroz do *online*, disse uns disparates em voz alta na redação quando surgiram os camaradas do *online*. Nós temos a felicidade de ter uma boa equipa de *online* na *TSF*, gente muito boa, gente que olhei de lado quando elas chegaram porque nos era pedido, num primeiro momento, que fizéssemos segundas versões das coisas para o *online*, o que duplicava o nosso trabalho, nos roubava energias, nos desviava daquilo que era essencial, que é a rádio. Os patrões são sempre muito poupadinhos mas quando se trata de reforçar os recursos humanos olham para o lado, assobiam para o lado, acham sempre que somos muitos. Nós somos de facto muito poucos, no *online* são muito poucos, são menos do que nós na rádio e o que eles fazem é hoje muito importante porque para mim interessa pouco usar certos recursos tecnológicos, interessa pouco, quase nada. Eu vou picar o *El País*, o *Libération*, o *Guardian*, a *Folha de São Paulo*. Só me serve para isso e para pouco mais. Percebo que a vida e os apetecimentos das pessoas conduzem a grande maioria de nós para essa janela, é aí que se sentem bem. Agora pôr a cabeça no buraco e dizer "não, não que o *online* não interessa." Isso é uma estupidez e eu fui algumas vezes um pouco estúpido, porventura, porque o disse aqui dentro em voz alta. Hoje, não digo isso e tenho muito cuidado em fazer as versões *online* dos programas que faço e faço isso com todo o gosto, também para não sobrecarregar os meus camaradas do *online*. Uma rádio como a *TSF* deve apostar seriamente no *online* e nessas outras tecnologias, mesmo aquelas que eu não gosto e nunca usarei, como as redes sociais. É fundamental usá-las de preferência com higiene, percebendo que as redes sociais estão condenadas a ser de grosso modo sarjetas, repugnantes. É importante usá-las sempre com muito cuidado.

Como caracteriza a *TSF* no *online*? Continua a ser uma rádio (uma extensão do meio tradicional) ou é um *online* autónomo (uma webrádio)?

Nem é apenas prolongamento, mas também não tão autónomo assim. O que eu defendo que já que usa o símbolo da rádio e fala em nome da rádio, remete para esta rádio, não para outra qualquer, deve expressar de grosso modo o que é a produção dominante da rádio, mas com a sua própria linguagem, estilo, leveza, com rasgos próprios. Não me choca nada que haja reportagens próprias mas que não sejamos obrigados a passá-las na

rádio porque muitas vezes elas são feitas por pessoas que da rádio pouco percebem, do mesmo modo que eu não percebo nada de *online*. Se esse trânsito não for obrigatório porque fazemos parte da mesma empresa, tudo bem. Agora, se houver obrigação de haver uma espécie de vasos comunicantes e a rádio fosse obrigada porventura a passar uma tradução sonora de produções próprias do *online* só porque sim, seria um pouco abstruso. Acho que não devem confundir-se, são suportes distintos e linguagens distintas. Percebo que o que passa na rádio, por ter sido escrito supostamente para ser dito de uma dada maneira, não deve ser transcrito para o suporte *online* e a inversa é verdadeira. Agora, a camisola é a mesma. O *online* da *TSF* deve transpor aquilo que é a marca *TSF* que é uma só, deve transpor para outros registos, deve exprimir o essencial do que a *TSF* produziu e está a produzir nesse dia e algo que não escape ao que é a *TSF*. A *TSF* é que é o chapéu.

Nos dias de hoje, na sua opinião, qual é o lugar da rádio tradicional com a evolução do *online*?

Neste caso é ainda sempre informar, no caso desta rádio. Hoje a rádio está muito virada para o entretenimento. O que é perverso é quando informação e entretenimento se misturam de uma forma tonta e sem que se perceba, sem que haja uma separação de águas. Acho que a rádio não tem que ser um *zombie*, ou tem que ser feita por tipos sisudos de manhã à noite. Pelo contrário, o que eu faço penso que joga no oposto disso, mas o entretenimento que marca algumas rádios e há rádios que o praticam com grande qualidade técnica, com grande capacidade, não pode misturar-se com regras base do jornalismo. O jornalismo não pode entrar por caminho ínvios a pretexto de que é preciso chegar facilmente às pessoas e captar a sua atenção. Não pode. Pode moldar-se a novas linguagens, mas não pode abastardado. Não vale tudo e essa onda de leveza, tão leve, que às vezes é mais leviana que outra coisa pode matar aquilo que é central na nossa vida de jornalistas da rádio. Se cairmos nessa tentação que é fácil, uma tentação muito apetecível, quando dermos por ela já nem conseguimos vir cá fora pedir tremoços. É tramado. Ficamos ali a naufragar. Tenho muito medo disso, dessa confusão. Esta rádio é uma rádio claramente de informação que desenvolve escapatórias. Também tem programas que escapam às regras estritas do jornalismo radiofónico. Podem ser de pura conversa, de puro entretenimento se for o caso, de uma rádio que tem critérios musicais que são discutíveis. Não é uma rádio de notícias 24 sobre 24 horas, é uma rádio que abre janelas para outros registos, mas os noticiários são sagrados. É um bocado a nossa missa das 8, não é já em latim, era o que faltava, mas é a nossa missa das 8, ali não se mexe.

A rádio agora é muito mais assistida em *streaming*, pelos *podcasts*. O Fernando sente isso em relação ao seu programa "Sinais"? Há mais pessoas que o ouvem pela *internet* do que pela rádio hertziana?

Não faço ideia. Os que dirigem a estação não têm tido o cuidado de me fornecer tabelas de audiência, portanto não sei. Sei o que me dizem as pessoas na rua e isso é o que me interessa verdadeiramente. É perceber que há pessoas que me dizem que os toquei de uma dada maneira, que se emocionaram "ai emocionei-me com aquela história que o senhor contou" ou "você quando fala certas coisas põe-me entre a espada e a parede." Esse tipo de reação que raramente é agreste e quando o é não é agressiva. Isso é que me interessa. Saber que há pessoas que param o carro às 9h menos 5 para ouvir aquilo, vão levar o filho à escola e param o carro àquela hora para ouvir. Se um dia fosse despedido da rádio abria como ato de guerrilha imediato um *podcast*. Tinha que pedir a alguém que soubesse fazer isso e trataria de o fazer. Enquanto isso não acontece o que me interessa é mesmo o cheiro da rádio, o cheiro do estúdio.

Tendo em conta a atual situação pandémica, o que é que mudou no seu trabalho?

A rádio ficou mais triste, ficou com mais medo, com o medo que cada um de nós foi. Andámos aí todos um bocado assustados e ainda andamos hoje. Às vezes distraímos-nos disso e fomos levianos. Nós todos fomos levianos em algum momento mas nós todos, ainda bem que não ficamos o dia todo cheios de medo porque isso teria sido grave, termos aceitado ser prisioneiros de alguma coisa que não tem nome, e não falo da Covid, falo de uma atmosfera que se instalou a pretexto da Covid. As redações estão tristes, curtas nas mangas, já estavam curtas nas mangas, já havia tão pouca gente nas redações, agora encolheram ainda mais as mangas porque vê 2/3 pessoas. A esta hora a que conversamos há mais gente mas há certos horários em que a redação é um deserto. Primeiro fator: empobrecimento das redações, empobrecimento humano, cada um no seu canto com, só vendo os olhos uns aos outros e às vezes convém ver a face porque há risos mordazes, portanto mais distância física dentro das redações, tudo feito à distância, menos reportagens, menos contacto com a cidade. Hoje está percebido que o teletrabalho tem vantagens para toda a gente, mas tem mais malefícios porventura. Em profissões como esta são mais os malefícios do que as vantagens. Gasto menos gasóleo se ficar em casa, mas também trabalho mais que nem um cão. Posso ser mais controlado estando em casa porque não tenho capacidade de resposta, não posso discutir as decisões porque não estou ali olhos nos olhos com o meu editor ou o meu chefe. O grande ganho é mesmo para as

entidades patronais que poupam na luz e na água, pelo menos, fora o resto, mas estamos para lá do grande dano que isto nos causou a todos e das ostes dos novos pobres que isto lançou aí para o terreno e do que lá vem. Falando agora da nossa profissão isto veio pôr as redações encurraladas.

Que desafios e preocupações é que passou a ter e, no fundo, que lições retirou e ainda retira?

Eu só fiz teletrabalho 15 dias. Isso resumiu-se a gravar uma crónica num gravador e a mandá-la por e-mail. Foi a alteração. Continuei a ter acesso ao *El Pais* e aos outros jornais internacionais, mas deixei de ter acesso à *Lusa* que tenho aqui e deixei de ter acesso às conversas com os meus camaradas. Nesses dias andei mais à volta do quarteirão e apanhei coisas, mas isso não daria para 2 meses, deu para 15 dias. "Olha que engraçado aqui um azulejo partido aqui na rua onde moro que nunca tinha visto." Isso tem muita graça um dia, dois dias, uma semana, depois começa a ser pacóvio. Eu não gostei de ter estado em teletrabalho, foi uma experiência muito desagradável, muito claustrofóbica e isso impediu-me de fazer aquilo que eu gosto verdadeiramente. Pegar no carro e no gravador e de zarpar e ir para estradas secundárias, até mesmo para sítios sem asfalto e estar com as pessoas demoradamente, beber um copo com elas, ouvir histórias, gravar histórias, trazer histórias, escrever sobre isso. Isso é que é o grande gozo. Sei que sou um felizardo porque ainda me posso dar ao luxo desses gozos. Alguns não podem porque estão ali amarrados diariamente a tarefas muito chatas e a rádio vive disso, vive dos que estão no batente permanentemente e dos que por qualquer razão podem zarpar e podem ir ver se chove. Eu gosto de ir ver se chove. A pandemia tramou-me essa possibilidade de respirar fundo e de ir à minha vida. Obrigou-me a estar fechado. Nós jornalistas não devemos estar fechados. A não ser por opção, "agora vou ficar aqui sozinho, ninguém me chateia", isso sim, essa solidão é boa. "Agora ficas aí, daqui não sais porque anda aí um perigo que nem vês e agora vais fazer só isto, o teu trabalho é isto", isto escapava ao que era o teu trabalho, ao que havia de fascinante no teu trabalho, ao que havia de motivador, de novo, de surpreendente. "Agora ficas aqui na linha de montagem a fazer esta coisada." Isso começa a criar-te uma perturbação, podes dar em maluquinha com isso se durar muito tempo. Vamos ver se não dura e se ninguém aproveita este tempo para impor novos modos de fazer. Não sou um tipo bom a tirar lições, mas tivemos todos a oportunidade agora de perceber uma coisa que já devíamos ter percebido muitas vezes a respeito de muitas coisas. Que em vez de estarmos à espera da opinião dominante, da opinião dos

dirigentes políticos, por exemplo, devíamos ouvir mais os especialistas, os cientistas. Que os próprios que nos dirigem com o nosso voto para tratar da nossa vida comum, na sociedade em que vivemos, deviam chamar mais os cientistas, em vez de aparecerem eles próprios. Por exemplo, nas conferências de imprensa sobre a Covid diariamente deviam pôr mais vezes aqueles que têm autoridade científica e não estarem eles próprios, porque cada vez que estão eles próprios a suspeição de que estão ali a vender o seu peixe, às vezes estragado, outras vezes não, é uma suspeição forte. Porque é que eu preciso todos os dias de ter lá um ministro a falar do assunto se posso ter um cientista? Também não quero um país dirigido por cientistas. Agora, o facto de os cientistas terem chegado à montra e terem dito o que pensavam sobre uma coisa que nos toca a todos é relevante e é positivo. Isso aconteceu, mal ou bem, condicionado ou não, aconteceu. Foi alguma coisa que mexeu. Passamos a dar mais atenção e a ver cientistas nos telejornais e antes não vias.

M.4. *Editor online, Pedro Andrade Soares*

Qual é que considera ser, hoje, o lugar da rádio tradicional, tendo em conta o surgimento do *online*?

A *internet* surge, começa a massificar-se e os órgãos de comunicação tradicionais têm necessidade de entrar também pelo *online*. No caso em particular da rádio, as pessoas que ouviam mais em casa, começaram a ouvir muito mais rádio nos carros e o *online* começa a chegar, numa fase inicial só através do desktop e, mais tarde, através do mobile, sendo que a rádio tal como a televisão e a imprensa escrita tradicional mantêm mais ou menos as suas estruturas originais. O *online*, com esta perspetiva mais recente de multimédia, dá um astro muito maior aos órgãos de comunicação. A divulgação da informação acaba por ser muito mais vasta.

Em que aspetos é que o *online* modifica a rádio?

Uma das questões mais particulares é o *podcast*. Há uma série de plataformas agregadoras de *podcast*, que começam a ser invadidas por programas que passam na rádio e depois são disponibilizados por *podcast* ou programas originalmente só de *podcast*. Outra alteração que a rádio sofre do meu ponto de vista bastante positiva é a emissão em direto. A emissão que nós ouvimos no carro ou em casa, através do transístor podemos começar a ouvi-la digitalmente. No caso da *TSF*, a emissão que está a passar tradicionalmente começa a passar também digitalmente. É uma forma de chegarmos a mais pessoas. Por exemplo, uma pessoa que está em Espanha ou em França emigrante ou não, que esteja interessada em informação veiculada em português pode ouvi-la, o que não acontecia antes.

O que é que se espera exatamente do *online* de uma rádio, isto é, o que deve conter um *site* de uma rádio? Esta deve ser pensada principalmente para ser ouvida, valorizando, desta forma, a sonoridade da rádio? Porquê?

O *site* de uma rádio pode ser o espelho dessa mesma rádio, ser basicamente áudio e muito menos texto, mas a realidade que nós conhecemos passa muito mais pela escrita com esse apoio de áudio. Isso é uma discussão que há na *TSF* e há noutras rádios, não só em Portugal, se o *site* de uma rádio deve ser apoiado em áudio ou não ou se deve ser até muito mais do que isso. Eu acho que o caminho é esta segunda vertente. Sim, deve ser o *site* de uma rádio, obviamente. Há uma linha editorial, há toda uma lógica que deve seguir-se, mas deve ser muito mais do que isso. Deve ter texto, deve ter vídeo, deve ser muito mais abrangente.

Como caracteriza a *TSF* no *online*? Continua a ser uma rádio (uma extensão do meio tradicional) ou é um *online* autónomo (uma webrádio)?

Sem dúvida que é uma rádio. É uma marca. Os programas estão lá todos, a emissão em direto e as reportagens *TSF* estão lá sempre. O *site* da *TSF* é um *site* de uma rádio, mas também tem um apoio muito grande de texto e de vídeo. É um *site* multimédia e o caminho ainda é longo, mas é esse caminho que se está a fazer e julgo que não pode fugir muito disto. É o *site* de uma rádio, sim, com uma vertente de som obviamente, mas o caminho é para ser mais do que isso, ou seja, com bons textos e com vídeo.

Na rádio, a linguagem é repleta de marcas de oralidade, ao contrário do *online*. Considera que no *online*, o som perde força? De que forma é que a não publicação dos sons transmitidos em antena é compensada?

A ausência pode ser compensada sempre com um texto bem construído, sendo que depende muito do leitor/ouvinte que vai ao *site* da *TSF*. Por exemplo: temos um texto construído com base em RM's que passaram *on-air* e no meio desse texto estão lá os RM's. Aqui colocam-se vários problemas. Os RM's normalmente são relativamente curtos e antecidos de publicidade. Ora se o RM tem 20 segundos e nós damos ao leitor/ouvinte *online* uma publicidade de 15 ou 20 segundos antes do som em si, o leitor/ouvinte vai ser defraudado. Tem sempre que haver um equilíbrio. Quando é uma peça com 2 minutos a questão já é outra e se o texto escrito for uma mais-valia em relação à peça e não só uma colagem direta vale a pena. Depois temos outras questões, como por exemplo os programas, em que o caminho, apesar de estar agora a ser outro, era muito um título, um lead e o programa lá colocado. Isso é algo que as pessoas procuram. Outra questão é as reportagens *TSF*, que falam por si, em formato áudio. A reportagem *TSF* é uma reportagem extensa e apoiada por dois textos. Aí temos duas mais-valias: por um lado, o *site* da rádio puro e duro, com reportagem *TSF* que é a nossa imagem e, por outro lado, um texto que o repórter que foi ao local escreveu com uma perspetiva diferente da abordagem de áudio. Há aqui várias vertentes do som, que é sempre uma procura constante até para não defraudarmos as expectativas de quem nos procura *online*. Fazer sempre o equilíbrio entre a rádio e o *online* multimédia.

Nunca se considerou dividir as peças do *site* da *TSF* em subtemas acessíveis por hipertexto, de modo a que o leitor lesse apenas aquilo que lhe interessasse sobre um determinado conteúdo? Porquê?

Fazemos isso em alguns formatos. Nós temos um *longform* que no *backoffice* chamamos de reportagem. Temos um texto longo, dividido em vários temas e muitas vezes um tema tem um parágrafo, dois parágrafos, poucas linhas, ou até uma fotografia com uma hiperligação para um texto mais pormenorizado desse tema. Acontece com textos e temas mais longos. Há outro formato que chamamos de *liveblog*, que acontece quando seguimos um tema em direto, em que temos diariamente um formato longo que é acompanhado ao minuto e esse formato que se resume a uma pequena entrada tem pouco mais do que um título, um lead, uma fotografia e uma hiperligação para um texto mais longo sobre esse tema. Por exemplo, uma conferência de imprensa da Direção Geral da Saúde sobre a Covid-19 que acompanhamos ao minuto, quando a Diretora Geral da Saúde fala sobre o balanço das últimas 24 horas, essa entrada no direto normalmente é curta e fazemos uma hiperligação para um texto mais pormenorizado sobre esse aspeto em específico da Covid.

Quando o *online* aproveita os conteúdos que passam na antena, quais os critérios de escolha para esse aproveitamento?

Os critérios são sempre jornalísticos. Normalmente, quando a antena abre um noticiário com um tema, inevitavelmente esse tema, muitas vezes, já está no *online*, em manchete provavelmente, ou entrará nos minutos a seguir. Há aqui uma coordenação entre os editores de antena e de *online* e os temas que passam na antena estão no *site*. O contrário já não acontece tantas vezes porque a antena tem limitações de tempo e nós no *online* não temos limitações de espaço, portanto o *online* consegue em 24 horas normalmente ter mais temas publicados. Quando são histórias *TSF* que passam na antena, vão também para o *online*. É inevitável.

Porquê a publicação constante de notícias *Lusa* no *site*, em vez de a própria *TSF* ir em busca da informação, deslocando-se ao local?

Como sabemos, as redações nos últimos anos têm perdido jornalistas, infelizmente. Quando optamos por ir atrás de uma história é preciso um, dois, ou mais jornalistas para ir atrás dessa história. As nossas escolhas para irmos em reportagem, para fazer contactos, mesmo a partir da redação, têm que ser muito mais delicadas. Não é só problema da *TSF*, infelizmente, nós assistimos no panorama nacional, menos reportagem, menos produção própria das redações porque há uma escassez gritante de jornalistas. A *Lusa* é uma agência

de notícias e é um serviço pago. Muitas vezes, ou porque é uma história da *Lusa* e é uma história muito bem calçada, portanto nós não temos a mínima dúvida de a divulgar, ou muitas vezes são histórias um bocadinho mais locais e nós não vamos ao local, porque não temos lá um correspondente e veiculamos a informação através da *Lusa*. Percebo há um excesso de *Lusa*, mas não acho que seja chocante. A *Lusa* veio colmatar aqui um problema muitas vezes que é essa escassez de recursos humanos.

De acordo com as análises que realizei, observei que as potencialidades do *online* são, ainda, subaproveitadas no *site* da *TSF*. Por exemplo, verifiquei que a *TSF* investe pouco nos vídeos, isto é no formato visual dinâmico. Porquê?

Aqui há uns 2 anos houve uma aposta mais forte em termos de conteúdo multimédia. A falta de jornalistas, de camaras, de repórteres de imagem e de recursos materiais impediu um maior desenvolvimento da nossa área multimédia/vídeo. É um caminho que continuamos a procurar, mas neste momento não está a ser fácil.

Nos *liveblogs*, porque não apostar também na publicação de áudios e não apenas texto em formato de citações?

Essa questão já envolve pormenores do grupo onde a *TSF* se insere. O *liveblog* foi construído para as várias publicações do grupo, sendo que a *TSF* é a única rádio do grupo e nesta fase estamos à espera que seja possível colocar áudios no *liveblog*. A explicação pode ser disparatada mas é factual. Infelizmente é isto que acontece. Realmente é muito texto, fotografia e *tweets* com hiperligações. Podemos lá pôr vídeo também. A questão do áudio passa muito por aí, é um *gatekeeping* técnico. Nós queremos lá pôr o áudio para os nossos leitores ouvirem esse áudio e não conseguimos fazê-lo porque temos um problema técnico que nos impede de o fazer, se não os nossos *liveblogs* teriam uma vertente muito mais radiofónica.

No conteúdo publicado no *site* e maioritariamente nos *liveblogs*, opta-se pela mera apresentação/descrição dos factos, muitas vezes, através de citações dos protagonistas. A contextualização, explicação e desenvolvimento da informação não são dadas. Porquê? Não é compatível?

O *liveblog* é isso mesmo. É muito mais uma informação de lead, uma informação curta e direta. A lógica é ter mais entradas sobre aquele tema, mas com diferentes perspetivas e uma informação sucinta. A hiperligação funciona para completar o *liveblog*. Quando há uma entrada no *liveblog* que tem uma hiperligação, a expectativa normalmente é que esse lead que estamos a ler seja desenvolvido porque nós achamos que essa informação era

muito relevante e portanto queremos dar essa mais-valia aos nossos leitores. São escolhas. Normalmente, o *liveblog* são entradas curtas, sendo que essas entradas mais curtas normalmente quando são mais importantes têm um desenvolvimento, um texto isolado.

Na sua opinião, o jornalista *online* deve ter uma formação prévia para saber trabalhar com as funcionalidades deste meio? No caso da *TSF*, os jornalistas receberam essa formação?

O jornalista que trabalhe na rádio, na televisão, na imprensa escrita tradicional, ou no *online* tem que ter formação jornalística. Boa, de preferência. Agora, quando esse jornalista vai para áreas mais específicas e neste caso o *online*, sim deve ter formação, mas logo nas universidades. No entanto, essa formação devia ser contínua e quando as pessoas até logo no momento de um estágio começam a focar-se no *online*, deviam ter dentro das redações uma formação mais específica. Essa formação não é dada formalmente, mas é dada no dia-a-dia. Se é o ideal? Não, mas é normalmente o que acontece nas redações, em Portugal. O estagiário quando fica numa redação "em definitivo" já tem de ter uma boa formação académica, ter feito um bom estágio e deve ter sempre formação contínua. Sendo que quando um jornalista vai para o *online* pode até ter uma vertente muito menos de escrita e estar muito mais ligado ao vídeo e até ao áudio.

Na sua opinião, em que nível de convergência se situa a *TSF*? Porquê?

A convergência na *TSF on-air* e *online* tem vindo a acentuar-se bastante nos últimos anos. Essa procura de cada vez mais existir uma ligação estreita *on-air/online* é um caminho que se faz caminhando. É um caminho que não é fácil, mas está a ser feito e os frutos já muitos foram colhidos e estamos à espera de colher muitos mais. Por exemplo quando comecei na profissão há mais de 20 anos, quando o *site* do jornal *Público* começa, a ligação papel/*online* era praticamente inexistente, ninguém do *online* escrevia para o papel e vice-versa e as fotografias que chegavam à redação quase nunca eram disponibilizadas para o *online*, eram disponibilizadas para o dia seguinte para o papel. Eu já não estou no *Público*, mas sei que hoje já não é nada disso. Isto é um caminho não só que se fez e que se está a fazer na *TSF*, mas que se fez e que se está a fazer ainda em quase todos os órgãos de comunicação social em Portugal.

Qual a média de visualizações de uma notícia por dia?

Eu posso falar dos últimos 3 anos de *TSF*. Nós temos vindo a crescer bastante em número de visitas diárias no *site*, sendo que ainda temos de crescer bastante mais. Temos oscilações de número de visitantes durante um dia. Por exemplo, durante a madrugada

não temos praticamente visitas. Aos fins-de-semana e feriados, não é só na *TSF*, é quase praticamente generalizado, temos uma quebra acentuada de número de visitantes. Andaremos numa média de 100-120 mil visitantes únicos por dia e mais do que duplicamos o número de *page views*.

Tem a perceção de que há públicos distintos: um do *online* outro da radio tradicional? Ou são o mesmo público?

Esse estudo não foi feito e para ter uma perceção exata dessa questão, só com um estudo aprofundado. No entanto, conseguimos entender que temos os nossos ouvintes tradicionais que continuam a ouvir como sempre ouviram, temos novos ouvintes que só ouvem no digital a emissão e temos leitores que não vão tanto atrás da emissão em direto, procuram outros conteúdos, outro tipo de informação, uns explicadores, uns *longforms*, vídeo com entrevistas, reportagem *TSF*. É um ouvinte/leitor transversal: o tradicional; o mais recente e o ouvinte/leitor da *TSF online*. Temos um público mais vasto e abrangente, mas também temos um público que procura especificamente determinadas coisas. Por exemplo, continuamos a ter picos de audiência na antena e no *site* com os relatos *TSF* do futebol.

A *TSF* nunca pensou num programa exclusivamente para o *online*?

Nós temos alguns formatos e isso é outro caminho que estamos a procurar mas é preciso mais uma vez, jornalistas para executar as coisas bem e com qualidade.

Qual é o perfil do jornalista *multitasking* da *TSF*?

Criou-se a ideia do jornalista *multitasking* aqui há uns anos que era aquele “tipo porreiro” que saía da redação e o que é que ele fazia? Levava uma câmara para filmar, um gravador para gravar áudio, uma máquina fotográfica, um papel e uma caneta e era fabuloso porque ele sozinho fazia uma reportagem, montava tudo de preferência em pouquíssimas horas. Em pouco tempo fazia um trabalho espetacular multimédia. Isso basicamente nunca aconteceu. Foi feito efetivamente, mas com qualidade basicamente nunca aconteceu ou quando aconteceu esse jornalista ia em reportagem, mas era-lhe dado dois ou três dias para ele fazer esse trabalho. O jornalista *multitasking* felizmente desapareceu. O jornalista multimédia é outra coisa. É um jornalista que, dando-lhe tempo e espaço, permitindo que ele faça um bom trabalho e com qualidade, pode ir fazer uma reportagem e apresentar um texto escrito, fazer uma peça para a antena e fazer um vídeo. Normalmente esse jornalista tem que estar apoiado por alguém que só faça vídeo, que saiba montar, que perceba as vicissitudes de montar um vídeo, com um técnico ou com um sonoplasta da antena, um

editor *online*, um editor multimédia e um editor da antena. Fazer um trabalho multimédia, tudo bem, não vejo inconveniente nenhum. Pelo contrário, é um caminho agora que se está a fazer com mais calma e tranquilidade, dando um bocadinho mais de condições às pessoas, que nem sempre é possível. Isso acontece na *TSF*, mas ainda estamos longe. Temos tentado fazer com toda a qualidade possível, como é óbvio. É um caminho que se está a fazer, é um caminho difícil. Vamos ver como é que o futuro vai ditar este tipo de compromisso.

Nas redes sociais como o *FaceBook* ou o *Twitter*, a *TSF* limita-se a colar o *link* para determinado conteúdo publicado no *site*. Por que não investir em publicações mais dinâmicas e apelativas para que realmente os seguidores tenham vontade de consumir as informações?

Há redações que têm gestores de redes sociais, o que não acontece na *TSF*, infelizmente. Quando há um gestor ou mais ou quando há um jornalista que se dedica às redes sociais podemos fazer uso delas de uma forma totalmente diferentes. Podemos criar uma dinâmica, uma discussão sobre um tema que está na ordem do dia, podemos tornar a nossa informação muito mais apelativa. Há inúmeras ideias e coisas por explorar, mais uma vez, lamento, é preciso pessoas com qualidade e em número para executarem uma série de ideias que estão aí. A *TSF* vai por esse caminho porque não conseguimos não temos mão-de-obra suficiente para tornar as nossas redes sociais muito mais apelativas, nomeadamente *FaceBook* e *InstaGram*. Fugindo da questão meramente editorial, há aqui uma outra questão muito fácil de explicar: o *FaceBook* é um hipermercado onde está lá tudo e o Zuckerberg não quer que as pessoas quando entrem no hipermercado dele saiam de lá. O Zuckerberg por ele tinha todas as informações de todos os órgãos de comunicação social do mundo, totalmente coladas lá e as pessoas não saiam de lá. O que acontece? O *FaceBook* tem de ser uma mais-valia para os órgãos de comunicação social que lá estão, ou seja, eu coloco lá um *link* com o título e se calhar com um lead e já estou a dar informação suficiente para uma série de pessoas que se sentem informadas com o que lá está. Quem quer mais faz o favor de clicar no hipermercado do Zuckerberg e salta, neste caso, para a *TSF*. Nós precisamos de divulgar a nossa informação nas redes sociais mas precisamos que as pessoas entrem porque se não há inúmeros órgãos de comunicação social que estão condenados a desaparecer. Resumindo, nós não podemos e não devemos colocar tudo no hipermercado do Zuckerberg porque se não os órgãos de comunicação social que já estão a atravessar dificuldades tremendas vão fechar amanhã, ou já hoje.

Que tipo de desafios e preocupações é que o período de emergência colocou ao site da TSF? De que modo é que a TSF online se organizou/reinventou para fazer face à informação durante este tempo?

A pandemia de covid-19 é um momento histórico, para qualquer pessoa, nomeadamente para qualquer jornalista. Eu equiparo isto muito, mal comprado é óbvio, mas em termos de jornalismo, eu comparo muito ao que acontece no 11 de setembro nos EUA. E porquê? Porque o nosso trabalho de um momento para o outro, mais no 11 de Setembro do que agora com a Covid-19, mas de um momento para o outro, a quantidade de trabalho cresceu exponencialmente e as redações não cresceram. Houve alterações de secções para reforçar outras e fragilizando mais outras. Quando eu estava no *Público* no 11 de Setembro foi isso que aconteceu. Agora na TSF a mesma coisa. Teve de haver uma gestão muito melhor dos jornalistas da redação porque durante dias tivemos de nos dedicar praticamente a um só tema, o que é muito mau por todas as razões, mas isso teve de acontecer, até porque as pessoas, tal como no 11 de Setembro, procuravam praticamente só um tema. Era isso que estava a influenciar as suas vidas, tudo o resto era completamente lateral. Falando da pandemia, nós tivemos de alterar completamente mapas de escala, começamos a ter um horário mais alargado de trabalho diário. No caso da Covid-19 a equipa ficou em teletrabalho, portanto ainda houve aqui mais um acréscimo às alterações que tivemos de fazer na nossa forma de trabalhar.

Quais foram/são as principais lições jornalísticas retiradas durante o período de pandemia?

Acho que ainda passamos a divulgar a informação de forma mais célere, o que não é necessariamente bom. O que eu concluo editorialmente falando, são dois factos muito importantes: a confirmação da informação e o cuidado redobrado com as fontes de informação. Quando há um evento destes à escala mundial, há muita informação e muita contrainformação, as *fake news* e cada vez mais os jornalistas têm de estar muito atentos às fontes de informação, sejam elas nacionais ou internacionais. A informação atualmente circula à velocidade da *internet* que é a velocidade do momento, portanto os jornalistas sejam eles mais antigos, ou mais novos, têm de ter uma atenção redobrada, quando se trata de eventos à escala mundial. É confirmar, confirmar, confirmar, é factos, factos, factos. A base do seu trabalho é essa. É confirmar e é ter factos. Nós lidamos com factos e com confirmações, não há volta a dar.

M.5. Editora online, Teresa Mota

Qual é que considera ser, hoje, o lugar da rádio tradicional, tendo em conta o surgimento do *online*?

A rádio tem o seu lugar independentemente do *online*. Nesta altura, a telefonia em si até pode desaparecer mas a rádio não. Pode ser substituída por telemóveis ou *tablets*, mas a rádio em si não desaparece. Desaparece o aparelho recetor de rádio que ajuda na transmissão da voz e do som à distância. Isso pode ter os dias contados, ou tornar-se um objeto quase de culto e não de todos os dias, mas o meio de comunicação não. A rádio hoje em dia tem algumas particularidades porque é, talvez, o único meio que ainda é linear, no sentido em que para ver uma reportagem ou uma notícia do telejornal tens de esperar e se o editor do telejornal decidisse que essa notícia só seria emitida ao fim de uma hora, tem de se ficar ali uma hora à espera. Hoje em dia não, vou a um *site*. O digital também ajudou a que as coisas fossem mais segmentadas segundo o nosso interesse. O digital traz um bocadinho essa possibilidade de ouvir coisas que já passaram mas acho que isso vai ser mais ainda importante. No futuro da rádio, vai haver um momento em que os carros vêm com *internet* disponível e isso vai permitir selecionar, segmentar, ouvir as coisas de forma não linear, mas a rádio em si continua e aliás e acho que este 2020 com todos estes desafios mostrou a importância da rádio.

Em que aspetos é que o *online* modifica a rádio?

Primeiro torna o meio não tão linear. É um meio onde tu podes acrescentar conteúdos que na rádio não tens tempo para os passar. Por isso temos *podcasts*, programas, conversas que têm um determinado tempo na rádio e têm um bocadinho mais na versão do *site*. Isso é uma outra vantagem que o digital traz para a rádio, mais uma componente e acho que o *online* traz novos caminhos, traz novos suportes, novas possibilidades para a rádio. Há outras coisas em que são diferentes e há outras em que se complementam.

O que é que se espera exatamente do *online* de uma rádio, isto é, o que deve conter um *site* de uma rádio? Esta deve ser pensada principalmente para ser ouvida, valorizando, desta forma, a sonoridade da rádio?

Eu acho que um *site* de uma rádio é diferente exatamente por isso. É muito ouvido, tem muita componente de áudio. Na *TSF* tem a questão de ser rádio e tem a questão de ser *TSF*, a marca *TSF*, da informação da *TSF*, *TSF Rádio Notícias*. A *TSF* plasma toda essa filosofia e o que é a *TSF*. Mantem-se a rapidez, o imediatismo da rádio, o curto intervalo de tempo entre o acontecimento e o seu relato, a sua difusão, a sua publicação, contar a

história mantendo aquilo que eu acho que é a marca da *TSF*, a importância do rigor, da seleção da informação e dos critérios notícia. Isso é a grande diferença do *site* da *TSF*.

Como caracteriza a *TSF* no *online*? Continua a ser uma rádio (uma extensão do meio tradicional) ou é um *online* autónomo (uma webrádio)?

O *site* da *TSF* é o *site* da rádio *TSF*. Não é uma webrádio. É o *site* da *TSF*.

Na rádio, a linguagem é repleta de marcas de oralidade, ao contrário do *online*. Considera que no *online*, o som perde força? De que forma é que a não publicação dos sons transmitidos em antena é compensada?

Eu acho que o som faz parte da vertente multimédia do *site* e acho que não perde força. Dá uma marca própria. É uma mais-valia, acrescenta. Normalmente o som não é publicado quando é redundante. Nós desgravamos e utilizamos os sons. Pode ou não estar presente, se fizer sentido. O texto não tem tudo o que está no som. O som acrescenta. Ainda hoje, uma das jornalistas do *online* foi fazer uma reportagem sobre as vindimas no Douro em tempo de pandemia. A sua reportagem passou na Manhã 1, tem o texto e fotografias no *site*. O *site* acrescenta a componente multimédia.

Nunca se considerou dividir as peças do *site* da *TSF* em subtemas acessíveis por hipertexto, de modo a que o leitor lesse apenas aquilo que lhe interessasse sobre um determinado conteúdo?

Sim, há vários projetos. É um *site* antigo e tem tido vários upgrades e várias atualizações mas realmente ainda não se aplicou esse aspeto.

Quando o *online* aproveita os conteúdos que passam na antena, quais os critérios de escolha para esse aproveitamento?

Os critérios notícia. Há coisas que nós fazemos para o *online* que podem não ter espaço em antena e há coisas que resultam em antena e que se calhar no *site* ou não resultam, ou têm outro tipo de abordagem.

Porquê a publicação constante de notícias *Lusa* no *site*, em vez de a própria *TSF* ir em busca da informação, deslocando-se ao local?

Nós procuramos sempre ir para o terreno e procurar informação própria e ângulos próprios, sobretudo, mas não temos os meios que nos permitem. Como qualquer meio de comunicação recorreremos à agenda. No noticiário da rádio tu tens um tempo, no *online* esse tempo dilata um bocadinho, tu podes sempre recorrer mais à agência do que em antena.

De acordo com as análises que realizei, observei que as potencialidades do *online* são, ainda, subaproveitadas no *site* da *TSF*. Por exemplo, verifiquei que a *TSF* investe pouco nos vídeos, isto é no formato visual dinâmico. Porquê?

Sobretudo porque não há meios. A *TSF* não é uma televisão, não é uma produtora, não tem os meios que se calhar poderiam ajudar a completar essa necessidade. Essa questão faz sentido, eu também acho que devíamos ter mais vídeos.

Nos *liveblogs*, porque não apostar também na publicação de áudios e não apenas texto em formato de citações?

Essa questão está em desenvolvimento. Faz todo o sentido, ainda para mais na *TSF*, porque nós falamos com muitas pessoas, temos áudios muito interessantes e muito úteis, sobretudo. O *liveblog* tem muito a ver com algo que careça de uma atualização constante, como é o exemplo da pandemia e o áudio é fundamental para nós, sim.

No conteúdo publicado no *site* e maioritariamente nos *liveblogs*, opta-se pela mera apresentação/descrição dos factos, muitas vezes, através de citações dos protagonistas. A contextualização, explicação e desenvolvimento da informação não são dadas. Porquê? Não é compatível?

Acho que é difícil. Por isso é que nós colocamos no *liveblog*, por exemplo uma conferência da DGS que estamos a acompanhar. Vais dando a notícia e a seguir vais trabalhar a informação, enquadras, decides segundo os critérios notícia e sobre aquilo que interessa o que é que vais isolar ou não e aí trabalhas. A seleção é feita com esses critérios, de acordo com os meios humanos e técnicos que tens e depois aí quando isolas a notícia em si, dás um enquadramento e tudo isso é acrescentado depois. Na entrada no *liveblog* colocas sempre a remeter para ler mais informação.

Na sua opinião, o jornalista *online* deve ter uma formação prévia para saber trabalhar com as funcionalidades deste meio? No caso da *TSF*, os jornalistas receberam essa formação?

A *TSF* já tem *online* há muito tempo. Eu acho que houve várias fases de formação, sim. Embora eu ache que a formação nunca acaba, a formação é um ato contínuo, é um trabalho que está constantemente em progressão, não é uma coisa fechada.

Na sua opinião, em que nível de convergência se situa a *TSF*?

É como a formação, é um caminho que se faz. Faz-se caminhando e estamos sempre a fazê-lo, todos os dias e eu estou cá há dois anos e meio e noto uma diferença abismal,

para melhor. Diria que é uma convergência com frutos que podemos observar. Acho que tem caminho ainda para fazer mas que está muito solidificada.

Qual a média de visualizações de uma notícia por dia?

Depende.

Tem a percepção de que há públicos distintos: um do *online* outro da radio tradicional? Ou são o mesmo público?

Temos os números mas percebemos por exemplo pelos seguidores da *TSF* no *FaceBook* e pelos comentários e notas que nos deixam que quem ouve a *TSF* também procura a *TSF* no *online*.

A *TSF* nunca pensou num programa exclusivo para o digital?

Já. O “Open Mic”, um programa sobre humor é um exemplo.

Qual é o perfil do jornalista *multitasking* da *TSF*?

Eu acho que o importante é ser um bom jornalista. O resto aprende-se, ensina-se, são ferramentas. É a mesma coisa para um jornalista multimédia que trabalha com um telefone ou com um gravador. Têm é de ser bons, têm de saber contar histórias, têm de gostar daquilo que faz, isso é que é importante.

Não acha que ser *multitasking* retira valor aos conteúdos?

Não. O que eu acho é que se vamos sobrecarregar as pessoas e se calhar em vez de fazer 10 conteúdos, faz só um e faz para as diferentes fórmulas, isso é outra questão. Agora, eu acho que não perde valor o trabalho feito por um jornalista para a rádio e o *online*.

Nas redes sociais como o *FaceBook* ou o *Twitter*, a *TSF* limita-se a colar o *link* para determinado conteúdo publicado no *site*. Por que não investir em publicações mais dinâmicas e apelativas para que realmente os seguidores tenham vontade de consumir as informações?

Há muitas publicações que têm pessoas alocadas só a fazer isso e isso é um trabalho a tempo inteiro. Há várias técnicas de *push traffic*, nós na *TSF* não temos essa vertente, não desenvolvemos isso.

Que tipo de desafios e preocupações é que o período de emergência colocou ao *site* da *TSF*? De que modo é que a *TSF online* se organizou/reinventou para fazer face à informação durante este tempo?

Socorremo-nos daquilo que achámos essencial. A importância da seleção, os critérios, o valor notícia e depois fomos construindo e adaptando. Este período teve aqui alguns desafios. Ficámos em teletrabalho, portanto tivemos de nos reorganizar e readaptar, mas houve uma procura de notícias muito grande, portanto em termos de *site* foram meses com números incríveis e isso mostrou-nos que as pessoas queriam que nós ajudássemos. Tudo isso fez com que trabalhássemos muito e chegássemos a muitas pessoas e a adaptação foi trabalharmos até conseguir adaptarmo-nos e as coisas ao fim de uns dias, uma semana ou duas, começaram a entrar nos eixos.

Quais foram/são as principais lições jornalísticas retiradas durante o período de pandemia?

Acho que uma pandemia, uma altura que é uma revolução desta dimensão social, não é só de saúde, não é só de trabalho, é uma coisa transversal a todos os aspetos da sociedade. É uma revolução muito grande e eu acho que é cedo para nós compreendermos as implicações que toda esta transformação social teve. Há algo que ficou bem patente com tudo isto foi a importância do jornalismo e da informação credível e verificada. Acho que isso é um reforço da importância do jornalismo.

M.6. Subeditora da Manhã 1 e jornalista, Cristina Lai Men

O que é que o *online* traz de novo à rádio?

O *online* é um desafio para a rádio. A relação entre o *online* e a rádio foi, pelo menos aqui na *TSF*, que é a experiência que eu tenho, foi um sempre um bocadinho conturbada. Nós começámos por ter uma redação só para o *online*, separada da redação da rádio. Depois, num determinado momento, decidimos que “ok vamos juntar toda a gente” e as pessoas da rádio passariam a ter de fazer textos para o *online*. Fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Houve uma fase em que isto aconteceu. As coisas não correram assim tão bem e voltou a separar-se outra vez. Agora temos uma redação para o *online* e uma redação para a rádio que, diz a direção, que têm de funcionar como uma só. Eu acho que isto não funciona bem porque acho que o *online* tem uma linguagem diferente da rádio, têm velocidades diferentes e portanto nós ainda estamos aqui, acho eu, neste ziguezague a tentar perceber como é que nos podemos fundir sem nos atrapalharmos uns aos outros.

A rádio influencia o *online* em termos do conteúdo noticioso que é publicado?

A rádio deve influenciar o *online*. Supostamente, o *site* da *TSF* deve ser reflexo do que vai para a antena na *TSF*. Portanto, sim, a rádio deve influenciar o *online*. Muitas vezes o que acontece é a antena ter uma notícia, avisamos o *online* e eles dizem “ok vão dar já ou esperamos por vocês?” Há timings que são acertados para que as coisas funcionem minimamente como se isto fosse um conjunto. Um exemplo muito específico: há uma sondagem que só pode entrar a determinada hora, por causa do *site*, porque não é só uma sondagem *TSF*, mas sim uma sondagem *TSF/JN* ou mais algum parceiro e por causa de limitações e estratégias do *site*, “ok só podemos entrar com esta sondagem às 8h da manhã”. Isso para a rádio é um bocadinho limitativo e nós próprios discutimos entre nós “porque é que só pode entrar às 8h, quando temos noticiários 24 horas por dia e quando a manhã *TSF* começa às 7h?”. Essa é uma discussão, só um exemplo de como às vezes os *timings* são diferentes, mas é assim decidido por quem paga a sondagem. Neste caso a orientação vem de cima e portanto nesses dias a sondagem só vai às 8h da manhã, quando, por caricato que possa parecer já outras publicações às 7h da manhã, já estão a dar e nós não estamos a dar. É uma coisa com a qual eu discordo e que gere alguma discussão e no início aqui na rádio, mas não há nada a fazer.

Tudo o que passa na antena vai para o *site*?

Tudo o que passa para a antena, deve ir para o *site*. Nem tudo vai. Há pequenas coisas que não dão cliques, então não têm muita importância, é esquecido ou é remetido para segundo plano. Estou a lembrar-me por exemplo, porque essa é a experiência que eu tenho na manhã *TSF* em que, às vezes, tínhamos conteúdos mais alargados, de conversa, de entrevista e depois aquilo não ia para o *site*, ou se aparecia no *site*, aparecia dez horas depois, quando já tínhamos os convidados que tinham estado na rádio a perguntar assim "então não está no *site*? eu queria ter acesso e ouvir, não há um *link*?" E às vezes se as pessoas da rádio não faziam o texto para o *site* aquilo não aparecia, ou se aparecia, aparecia muito tarde.

Como caracteriza a *TSF* no *online*? Continua a ser uma rádio (uma extensão do meio tradicional) ou é um *online* autónomo (uma webrádio)?

Devia ser um prolongamento da rádio, mas algumas vezes não é, lamentavelmente, na minha opinião. Isso gera a tal discussão que eu falava no início, sobre se o *site* é o reflexo da rádio. Devia ser, mas muitas vezes não é.

Qual a razão para a repetição de informações de noticiário para noticiário?

Isso tem a ver com o ciclo de vida da notícia. Nós pensamos em três noticiários. Vamos reformulando os textos, vamos tentando que, se primeiro houve uma peça, daí a 2 horas tiramos só os sons, ou damos um retoque, apresentamos de maneira diferente, mas o que acontece, de facto, é que a notícia é importante e tem de lá estar. Já ouvi queixas dentro da própria redação e isto também gera outra discussão na própria redação de que devíamos ter continuado a dar a notícia durante mais tempo. Já me disseram assim "fui ao médico às 10h da manhã e depois queria saber os números da Covid e quando voltei do médico às 2h da tarde já não estavam a dar." Lá está se calhar a notícia estava às 10h da manhã, demos às 11h e ao meio dia e depois caiu. Há quem defenda que a notícia deve ter um ciclo de vida mais prolongado. Há os ouvintes que nos ouvem permanentemente, ou porque estão a fazer uma viagem ou porque são muito fiéis e os que se cansam. Não sei qual é a solução, nós temos essa política de tentar três horas e ao fim de três horas refrescar sempre com uma coisa diferente. Não sei se é cansativo ou não ou se pelo contrário como diz este meu colega devíamos prolongar o ciclo de vida da notícia.

Na sua opinião, o *online* aumentou ou diminuiu o espaço da rádio tradicional?

Eu espero que tenha aumentado. A rádio deve informar, fazer companhia a quem está lá em casa, ser um amigo. E eu acho que o *online* potenciou isso, porque a partir do momento

em que consegues ouvir a rádio *online*, chegas a muitos mais sítios. Por exemplo, falando na *TSF* queixam-se que "não consigo ouvir a emissão no Algarve", por causa dos emissores que não são muito fortes, mas se tu tiveres ligada ao *site* podes ouvir onde quiseres. Eu tenho uma história muito curiosa que é eu já tive no estrangeiro algumas vezes em trabalho e dou por mim, eu própria, a ouvir muito mais a rádio quando estou lá fora do que quando estou aqui em Portugal e tenho uma pessoa conhecida, que eu não conhecia de lado nenhum, posso dizer que é um atual ministro e na primeira vez que nos encontramos disse-me assim "eu conheço-a" e eu disse "mas eu não o conheço da lado nenhum". E ele disse "mas eu conheço-a porque estive lá fora a trabalhar durante muito tempo e ouvia sempre a rádio *online*, portanto eu sei o que fez aqui." Eu fiquei, de facto, surpreendida porque ele sabia que eu tinha estado aqui e acolá e aqueloutro e que trabalhos é que eu tinha feito. Portanto eu espero que o *online* e a *internet* tenha potenciado esse lado da rádio de chegar a cada vez mais pessoas e cada vez longe.

Atualmente, qual é que considera ser o lugar da rádio tradicional?

Eu acho que deve ser também dar pistas. As pessoas estão alerta, agora durante a pandemia ouviu-se muito que as pessoas começaram a ouvir mais rádio, durante os incêndios também, sempre que há um acontecimento assim extraordinário as pessoas vão à rádio porque acreditam que está lá. É instantâneo e tudo o que precisam de saber está na rádio. Não estou só a falar da *TSF*, estou a falar da rádio como meio. Isto para dizer o quê? Eu acho que temos não só de informar, mas também de alertar e ensinar as pessoas. Às vezes há coisas que as pessoas acham pouco interessante. Estou a lembrar-me, por exemplo, o João Paulo Baltasar que trabalhou aqui tinha uma expressão muito interessante que era "nós como jornalistas temos de tornar interessante aquilo que é importante". Às vezes nós podemos achar uma coisa importante e o ouvinte não achar piada nenhuma aquilo. O nosso papel como jornalistas da rádio é tornar interessante aquilo que nós achamos que é importante, de facto.

De que forma considera que um meio potencia/melhora o outro?

O *podcast*. Acho que pelo *online* isso é garantido, aliás nos EUA, o *podcast* está em alta, aqui ainda não é muito bem explorado. Depois, acho que temos feito aqui uma tentativa nesse sentido de captar publicidade através do *site* e estamos a falar de uma rádio privada como é a *TSF*. A publicidade é fundamental para a nossa sobrevivência e portanto o que dizem é que pela rádio já não aumentamos os nossos recursos e portanto é preciso apostar

no *online*. Se calhar por aí, o *online* possa também ajudar e servir de suporte à rádio como meio tradicional.

De que forma é que observa a tendência de cada vez mais (não considerando a situação da atual pandemia de Covid-19) ter de fazer trabalho de redação? Gostaria de sair mais para o terreno, ter mais contacto pessoal com as fontes? Em que medida é que esta situação limita o trabalho do jornalista?

Eu gosto de dizer que sou uma repórter, mais do que jornalista. Eu queria estar sempre na rua e a fazer reportagem. Até que ponto é que isso é possível ou não nas atuais circunstâncias, extra pandemia? O meio não só da rádio, mas da comunicação social atravessa uma crise e é cada vez mais difícil irmos *ao fim da rua e ao fim do mundo*. Ao fim do mundo então parece que é preciso termos parceiros porque é muito caro, de facto. O meu sonho era poder só fazer reportagem, acho que a maior parte das pessoas que aqui está também tem esse sonho, mas também gosto de estar no batente, de estar a fazer o trabalho da redação. Há pessoas que se cansam disso. Ao fim de alguns anos é cansativo, de facto, mas eu também sinto falta disso. Eu aqui há uns tempos brincava que ainda tinha saudades de fazer conferências de imprensa da CGTP ou de ir a um conselho de ministros, agora já não tenho, mas acho que o nosso papel é esse, é ir para a rua e ouvir as pessoas.

Uma parte considerável dos sons obtidos para a antena são recolhidos pelo telefone. Porquê?

O telefone funciona muito para a rádio porque é mais barato. Só tens de ligar e gravar. Não implica a deslocação e portanto às vezes é mais fácil obter assim as reações porque é mais instantâneo. Durante a pandemia, isso então exacerbou-se porque tu não podias ir para lado nenhum, por questões mesmo de segurança.

Na sua opinião, a crescente capacidade de *multitasking* do jornalista retira valor e profundidade aos conteúdos noticiosos? De que forma é que essa capacidade afeta o seu trabalho?

Pode retirar, sim, sobretudo quando vamos para o estrangeiro. Já fui enviada especial algumas vezes. Por uma questão de custos tu tens de fazer, disseram-me uma vez quando fui para Angola “tens de fazer textos para o *site*, para o *DN*, que na altura que ainda havia todos os dias, além de fazeres o trabalho para a rádio” e tu pensas que só tens duas mãos e estás com um microfone numa mão, estás com um marantz na outra a gravar para a rádio e como é que vais tirar fotografias ou fazer um vídeo ou coisa que o valha? Aí perdes um bocadinho. Eu não tinha dilema nenhum. Podia ter um dilema à partida mas

não tinha. Para mim, o importante é a rádio e portanto esquecia um pouco a questão da fotografia. Se conseguisse tirar no final, tirava, mas não era assim uma coisa que me preocupasse muito. Fazia mal, eu sei. Mas isto para dizer o quê? Que tu chegas ao fim do dia, depois de despachares as peças todas para a rádio, pensas que ainda tens de fazer um texto com não sei quantos mil caracteres para o *DN*, que o *site* também está à espera que tu faças um texto. Claro que te tira discernimento.

Mas também não é uma forma de teres controlo sobre o teu próprio trabalho?

É, sim. Para o *site*, as notícias do dia-a-dia que saem na *Lusa* e noutros órgãos eu não me preocupo muito porque sei que o *site* está atento e portanto eles farão. Mas por exemplo se for uma grande reportagem eu faço questão de ter o meu texto e de ter as minhas fotos. Isso dá muito trabalho. As pessoas não têm noção, nós aqui ouvimos muitas vezes por parte sobretudo de quem manda de que “isso não custa nada, é só adaptar o texto da rádio e já está”. Mas não é assim. Acho que quem diz isso é porque ou faz poucas vezes ou nunca fez. Para um texto *online* bem feito, que as pessoas de facto queiram ler, rouba-nos tempo e sobretudo para uma pessoa da rádio, para quem está habituado a escrever com frases curtas e sintéticas. O *online* é completamente diferente. Tens de fazer uma coisa como deve ser, tens de fazer citações, portanto demoras o dobro do tempo ou muitas vezes mais a fazer um texto para o *site* do que a fazer uma peça para a rádio.

Mas apesar de roubar tempo, por exemplo, se tu escreveres o teu próprio texto para o *online*, tu é que tiveste no terreno, tu é que sabes o que aconteceu e tens os detalhes que se calhar uma pessoa do *online* vai ver a tua peça da rádio e não tem para escrever...

Mas é isso que eu te digo. Na grande reportagem, faço questão mesmo de ser eu a fazer. Mas agora quando é uma coisinha pequenina, hoje fiz uma história sobre as baleias na Tasmânia, nem me preocupei em fazer o texto para o *site*, quer dizer, eles que façam.

Que tipo de desafios e preocupações é que este período de emergência colocou ao seu trabalho diário? Quais foram as consequências que notou em termos da variedade, pluralismo e qualidade da informação?

Na qualidade, bastante. Tivemos todos de saber adaptar-nos porque foi assim de um dia para o outro. Um dia estava tudo normal e no dia a seguir tinhas de trabalhar em casa. Muitas vezes sem meios porque tinhas de usar o teu próprio computador, tiveram de instalar assim à pressa VPN's para aqui e para lá. Foi muito complicado e eu acho que a nível de qualidade isso ressentiu-se, porque se calhar o ouvinte não sente isso, mas nós

sentimos. É aquela voz que está com aquele som tão esquisito, enlatado, porque era gravado em casa e depois discutíamos muito sobre como é que poderíamos fazer para melhorar o som. Passámos a gravar com aquilo que fazíamos antigamente, tapar a cabeça com o cobertor, a gravar para a frente de um cortinado. Tentamos assim resolver um bocadinho a questão, não sei se ficou muito bem resolvida, mas foi isso que tentámos fazer. Foi esse o maior desafio, porque a nível dos valores, eu acho que os valores são sempre os mesmos, eu acho que aí não mexeu muito.

Quais foram/são as principais lições jornalísticas retiradas durante o período de pandemia?

Não só no jornalismo, mas no geral temos de saber adaptar-nos ao que aí vem, a novos desafios. É um desafio para nós também que ainda não sabemos muito bem como é que vamos vencer, se é que vamos conseguir fazê-lo. A pandemia foi um desafio e ainda estamos a tentar aprender como é que vamos sobreviver a esse desafio e se vamos conseguir sobreviver ao fim ao cabo.

M.7. Subeditora da Tarde e jornalista, Ana Sofia Freitas

O que é que o *online* traz de novo à rádio?

O *online* e a rádio devem andar juntos. O que traz de novo é permanência das notícias e da reportagem. Na rádio o que está dito, já foi dito, já não se pode voltar para trás, ao contrário do que se faz na televisão. Eu acredito que na rádio também vai acontecer isso no futuro, vai ser possível parares o noticiário a meio e voltar para trás. É uma tecnologia que mais dia, menos dia, vai acabar por aparecer em Portugal e no mundo inteiro. O *online* o que faz é que dá continuidade ao trabalho que se faz na rádio e permite que permaneça o nosso trabalho nessa plataforma, no *site* da rádio, nas redes sociais e portanto, obviamente que valoriza imenso o trabalho e potencia o trabalho da rádio.

A rádio influencia o *online* em termos do conteúdo noticioso que é publicado?

Se estamos a falar de um *site* da rádio, obviamente que tem de haver uma coerência entre aquilo que é dado na antena da rádio e no *site* da *TSF*. Claro que, há matérias que se podem justificar só para o *site* e a antena não tem de dar tudo aquilo que vai para o *site*. O que eu já não acho tão normal é por exemplo estar em manchete no *site* da *TSF* uma coisa que a rádio não dá. Ou seja, quando há um *site* de uma rádio tem de haver uma conectividade. Não há duas *TSF*'s. Há uma *TSF* que tem uma rádio áudio *on-air* e tem um *site*, mas se é um *site* da rádio tem de haver obviamente uma identidade. Têm de se complementar, tem de haver uma identidade. A pessoa que vai ao *site* tem de abrir o *site* e dizer "isto é *TSF*". Eu não posso ir ao *site* da *TSF* e de *TSF* só ter o nome. Se eu vejo lá uma manchete que nem sequer foi à antena da rádio porque os editores da rádio por algum motivo consideraram que não tinha peso para ir e porque houve uma escolha editorial não faz muito sentido para mim isso acontecer.

Como caracteriza a *TSF* no *online*? Continua a ser uma rádio (uma extensão do meio tradicional) ou é um *online* autónomo (uma webrádio)?

Eu quero olhar para a *TSF online* como um produto que faz parte da rádio. Sim, pode ser um prolongamento ou um acrescento. A rádio é um produto diferente do *site*. São produtos distintos, mas são produtos que têm a mesma identidade. Essa identidade tem de estar lá. Claro que a forma de fazer é diferente. Eu posso fazer num *site* uma foto galeria, pegar numa reportagem da rádio e colori-la, dar até uma nova vida a essa reportagem, uma outra abordagem. Agora a identidade tem de lá estar. A forma como se tratam as notícias, como se fazem escolhas das notícias, das reportagens, do que vai para o ar é a mesma. O fio condutor tem de ser o mesmo. Portanto, o *site* da *TSF*, neste

momento, o que tem é o problema que tem também a rádio e todos os *sites* do país: falta de gente para dar formação às pessoas que lá trabalham e falta obviamente investimento em querer apostar no produto *online*.

Qual a razão para a repetição de informações de noticiário para noticiário?

Temos horas e públicos completamente distintos ao longo do dia. Normalmente quem ouve a *TSF* é um público-alvo muito bem definido que é classe média-alta, pessoas que têm determinado tipo de interesse mas que não estão sistematicamente a ouvir a rádio. Por isso, quem ouve o noticiário às 10h, pode não ouvir ao meio-dia, ou às 11h, e vice-versa e portanto a repetição faz parte da rádio sempre fez parte da rádio. O que deve acontecer, num mundo ideal da rádio é a cada hora tentarmos dar uma cor diferente aquele texto, ao lançamento para a peça, ao rodapé para a peça e ao alinhamento. Posso abrir com uma notícia obviamente, mas há sempre forma de dar uma outra cor ao noticiário. Agora, aquilo é o mesmo, a peça é a mesma. Não vejo problema nenhum nisso. A rádio é repetição. Cansa mais a quem faz e a quem vai para o ar estar sempre a repetir o mesmo do que certamente a quem ouve. Claro que há ouvintes que ouvem a rádio o dia todo e devem cansar-se de ouvir sempre o mesmo, mas isso faz parte. Isso também significa que não está a acontecer mais nada. A *TSF* normalmente quando acontece alguma coisa de novo no mundo de relevante no país, no mundo, é normalmente a primeira a dar.

Na sua opinião, o *online* aumentou ou diminuiu o espaço da rádio tradicional?

Eu acho que o *online* amplia brutalmente o espaço da rádio. O *online* potencia a rádio. O *online* não vem tirar espaço à rádio, o *online* vem fazer a rádio brilhar mais. Quem não ouve rádio, pode consumir o trabalho que a rádio faz. Isto é incrível. Eu faço uma grande reportagem para a rádio, passa as 7h da tarde a uma quinta-feira. Se eu não tiver o *site* da *TSF* onde vai ficar a minha reportagem, acabou, ninguém mais sabe, ouviu àquela hora ou não ouviu mais. O *site* dá brilho à rádio. O *site* não é qualquer coisa que vem roubar coisas à rádio. É o contrário, eu acho que pode potenciar o trabalho que se faz na rádio. Agora, se há mais gente a consumir no *site* e menos gente a ir à antena, eu acho que é um percurso normal, temos que encarar isso com naturalidade e tranquilidade. Temos de estar preocupados em não ter brio e não caminhar cada vez mais para um investimento sério no *site* da rádio.

Atualmente, qual é que considera ser o lugar da rádio tradicional?

O papel da rádio é fazer pensar. O papel de rádio uma rádio como a *TSF*, ou seja, uma rádio de informação é, para além do papel de informar, obviamente, é transmitir

conhecimento, mas essencialmente de fazer pensar. Todos temos um papel também de ajudar a formar cabeças, quer pela forma como escolhemos as notícias que damos e as que não damos.

De que forma consideram que um meio potencia/melhora o outro?

A forma da rádio potenciar mais o *site* é citar mais o *site*, publicitar mais o *site*, fazer mais referências ao *site*. Por exemplo, eu dou uma notícia sobre uma lista nova de ministros ou secretários de estado e estou a dar essa informação no noticiário da hora. Eu posso perfeitamente e devo dizer "bom, quer consultar o resto da lista, quer saber quem é, ou quer saber quais são os elementos do governo, pode consultar em tsf.pt". Eu posso fazer referência a uma reportagem que está no *site*, mais desenvolvida. Por exemplo, há aqui uma questão que é interessante e que distingue muito o *site* da rádio: o tempo. O noticiário em média normalmente tem 10/12 minutos. Obviamente que se eu te pedir uma peça, a tua peça não deve ultrapassar os 2 minutos e meio. Vais para a rua fazer uma reportagem, tens imensa gente a falar, tens imensas pessoas interessantíssimas, tens testemunhos fantásticos mas então como é que vou fazer isto em 2 minutos para a antena? Tens de fazer, de facto, é um exercício difícil para todos. Para o *site* podes fazer 10, 15, 20, se aquilo merecer. Portanto, a questão do tempo é fundamental. Eu posso perfeitamente na rádio piscar o olho ao *site*, porque o *site* está sistematicamente a piscar o olho à rádio. Portanto, se é uma marca só, é um nome só, é uma identidade só, são géneros diferentes, são meios diferentes e linguagens ligeiramente diferentes, mas com o mesmo sentido de urgência, é *push*, tem de ser dado, é agora. A rádio tem isso. É agora, tem de ser, é para já, é para ontem. Portanto, há muitos pontos em que o *online*, e a rádio se unem. Acho que se unem em mais coisas do que se distanciam.

De que forma é que observa a tendência de cada vez mais (não considerando a situação da atual pandemia de Covid-19) ter de fazer trabalho de redação? Gostaria de sair mais para o terreno, ter mais contacto pessoal com as fontes? Em que medida é que esta situação limita o trabalho do jornalista?

Pois, é um problema nas redações, menos gente, menos pessoas que podem ir para a rua, menos capacidade de fazer reportagem. É lamentável que isso aconteça, eu espero que seja uma fase que rapidamente se ultrapasse e que quem investe tenha consciência de uma coisa: não é possível fazer bom jornalismo em rádio sem falar com pessoas. Claro que há jornalismo de investigação que se pode fazer maioritariamente na redação, mas eu vejo as coisas de duas maneiras: primeiro fazemos cada vez menos reportagem na rua e esse é

um problema obviamente, mas outro problema que eu noto é a falta de capacidade que as redações começam a ter, nomeadamente a *TSF*, de colocar o jornalista com a nítida perceção de que se não chegarem às pessoas, não conseguem conversar com as pessoas, não vão conseguir fazer trabalho de jornalismo. Vão ser apenas transmissores do que diz a *Lusa*, do que diz o *Público*, do que dizem os jornais. Isso não é um trabalho de jornalismo. Um trabalho de jornalismo requer pesquisa própria, requer conferir informação sempre com fontes de confiança, convém, fazer contraditórios. Requer mais do que isso. Eu acho que faltam competências pessoais. Não são as competências técnicas porque isso tu vais a uma faculdade e aprendes como é que se constrói uma notícia, como é que consigo verificar que isto é verdade ou mentira. O que eu penso que falta e sinto falta são as competências mais do foro pessoal. O jornalista tem de criar empatia, não é ser simpático com quem está a entrevistar, não é ser arrogante, é ter capacidade de chegar às pessoas. Como é que tu vais tirar daquela pessoa que estás a entrevistar, o melhor. Isto é uma coisa que se aprende, mas eu acho que há menos tempo para ensinar isso e há menos propensão das gerações mais novas para quererem saber isso. Porque está tudo fácil, vais à net, vais ao *site*, “é sobre ambiente, ok vamos lá.” Não! A riqueza que tu podes tirar das pessoas e do terreno é uma coisa que o *Google* não te dá, que os *sites* não te dão e a forma como chegas às pessoas vai definir o teu trabalho, o produto final. A falta disso nota-se muito em antena.

Uma parte considerável dos sons obtidos para a antena são recolhidos pelo telefone.

Porquê?

É mais prático, rápido, fácil e há coisas que de facto não fazem sentido nenhum teres de ir ao terreno. Agora, também me espanta muito que continuemos a lutar para ter melhor qualidade de chamada, melhor qualidade de som. A rádio tem de dar conforto às pessoas. Se um som não tiver qualidade é ruído para as pessoas. O ruído afasta ouvintes, mudas de estação, desliga o rádio. Portanto, essa é uma preocupação fundamental da rádio: o som. Pode ser por telefone e ter excelente qualidade, é isso que devemos procurar sempre. Se não for possível, a *internet* tem ferramentas que te põem a falar com pessoas com uma qualidade relativamente boa: o *WhatsApp*, por exemplo. Agora, de facto continua a ser ainda hoje mais prático ligares a um médico, a um advogado, a um especialista, a um político e dizer "pode gravar? muito bem, então vou passar para estúdio." Esta é a forma tradicional. Agora, sinceramente eu acho que a rádio deve modernizar-se. O que penso que aconteceu também a este nível foi o desinvestimento que acabou por permanecer até

agora, e de facto houve uma desvalorização de meios. A grande preocupação da rádio é a estética sonora e isso só se consegue com meios e isso nem sempre acontece.

Na sua opinião, a crescente capacidade de *multitasking* do jornalista retira valor e profundidade aos conteúdos noticiosos? De que forma é que essa capacidade afeta o seu trabalho?

Vejo isso de uma forma muito natural, acho que é assim que deve ser. Agora, claro que num turno que tem 7 horas, se o jornalista da rádio está a dar apoio à redação e ao editor, não tem tempo para fazer para a rádio e nesse mesmo turno fazer para o *site* aquilo que fez para a rádio. O que poderia acontecer? Poderia acontecer uma coisa que já aconteceu há poucos anos: um jornalista ficar num turno com um tema só, tratar daquele tema para os dois meios, para a rádio e depois escrever para o *site*. O problema é que hoje o jornalista começa a tratar de uma coisa no início do turno, por exemplo, começa a tratar de um tema relacionado com justiça e acaba o turno a tratar de qualquer coisa relacionado com bichinhos ou com bolas de basquete. Então aí não é possível. Agora, que eu vejo com naturalidade e acho que o jornalista tem de estar preparado obrigatoriamente para escrever um bom texto para o *site*, fazer uma peça de rádio e editar os sons, claro que sim, obrigatoriamente.

É uma forma do jornalista ter controlo sobre o seu trabalho?

É uma forma de vender o trabalho que está a fazer. Se eu vou fazer uma reportagem, vou ter que a vender, ou seja, fazer com que essa reportagem chegue e seja apreciada pelo maior número de pessoas. Como faço isso? Escrevendo um bom texto, fazendo uma boa reportagem para o *site*, para além da reportagem áudio, obviamente.

Que tipo de desafios e preocupações é que este período de emergência colocou ao seu trabalho diário? Quais foram as consequências que notou em termos da variedade, pluralismo e qualidade da informação?

É difícil fazer essa avaliação porque logo no início quando ficámos com equipas em espelho, metade das pessoas na redação, metade em casa, eu senti que as pessoas que ficavam em casa produziam imenso para a antena. Nesse período obviamente que a qualidade de som pode não ser a melhor, a pessoa está em casa, grava com os meios que tem, mas do ponto de vista de material e de conteúdo não me parece tenha que a rádio tenha sentido. O que nesta altura a rádio sente é que a pandemia tem vai ter rapidamente consequências económicas graves, que obviamente vai afetar o nosso trabalho. Primeiro, pela instabilidade que a própria empresa nos pode vir a trazer e em segundo lugar pela

própria crise sanitária porque nós estamos aqui mas, mas não estamos muito à vontade, portanto acho que ainda não prejudicou efetivamente o trabalho na antena mas pode vir a acontecer isso no futuro tendo em conta que qualquer um de nós pode ficar infetado, pode acontecer uma reestruturação na empresa, pode acontecer imensa coisa que está diretamente relacionada com a pandemia.

Quais foram/são as principais lições jornalísticas retiradas durante o período de pandemia?

Eu acho que ainda não chegamos lá. O problema do jornalista de rádio e do jornalista de *site* e de jornal na pandemia, mas principalmente, o jornalista de rádio é que tem que ir para o ar e principalmente o editor que tem que ir para o ar sistematicamente há 6 meses e falar em mortos e em casos de infeção e em consequências da pandemia e os hospitais cheios e os cuidados intensivos e as mortes e o drama. Independentemente de sermos jornalistas, somos pessoas, cidadãos, que quando saem do trabalho têm de lidar com a pandemia. Vou ao supermercado, tenho de ter cuidados, não posso ter contacto com a minha família mais próxima ou com os meus pais porque já têm alguma idade. Nós não conseguimos despir a pandemia, porque o nosso trabalho é falar da pandemia”. “O que é tu fazes?” “Trato da pandemia”. “E como é que se trata da pandemia?” “Estou 24 horas não digo, mas 12 horas a pensar na pandemia”. Isto é um bocadinho doentio. Porque se eu tivesse qualquer outra profissão, tirando os profissionais de saúde, obviamente que têm de lidar com isto, pelo menos enquanto estivesse a trabalhar estava a pensar noutra coisa. Se fosse caixa de um supermercado ou advogada estaria tratar de processos que até poderiam de alguma maneira estar relacionados, obviamente, mas estar sistematicamente a falar na pandemia, sistematicamente a ter de noticiar coisas relacionadas com a pandemia é estranho e pode ser até contraproducente.

M.8. Jornalista online, Carolina Rico

O que é que o *online* traz de novo à rádio?

Eu acho que o *online* traz como grande mais-valia para a rádio, a possibilidade de termos sempre a rádio perto de nós e no nosso bolso. Nós, hoje em dia, no fim-de-semana já não ligamos a televisão para ver que filme é que está a dar ao sábado à tarde. Vamos à *Netflix* e escolhemos o filme que queremos ver. E a rádio é exatamente a mesma coisa graças ao *online*. Podemos escolher exatamente o *podcast* ou a entrevista que queremos ouvir, quer ela tenha passado nesse dia, no dia antes ou até anos antes. Está tudo à distância de um clique. Todo o conteúdo que a rádio passou não se perde no éter nem nas ondas de rádio. Está tudo ali.

É como se levasse a rádio sempre para todo o lado, no teu bolso.

Sim, sim e é intemporal, principalmente.

A rádio influencia o *online* em termos do conteúdo noticioso que é publicado?

Acho que, hoje em dia, já se influenciam um ao outro. A rádio e a *TSF*, em especial, inventou quase o conceito de *breaking news* em Portugal. A *TSF* interrompia para dar uma última hora. Se estivéssemos a ouvir música, a emissão parava se houvesse alguma coisa que justificasse. Isso é o equivalente a um *push notification* hoje em dia, no *online*. Essa ideia de a notícia não ter hora é verdade tanto para a rádio como para o *online*. Os meios influenciam-se mutuamente nesse sentido. A notícia não tem hora. A notícia quando surge temos que dar. Não temos de esperar pelo noticiário das 17h ou das 18h, por exemplo. A nível de conteúdo já se começam a influenciar pelo mal e pelo bem, por todo o imediatismo da notícia. Às vezes acontece que não vamos esperar que a rádio dê alguma notícia, antes de dar no *online*. Damos no *online* e depois se calhar já vamos dar na rádio. Uma coisa acaba por influenciar a outra.

Como caracteriza a *TSF* no *online*? Continua a ser uma rádio (uma extensão do meio tradicional) ou é um *online* autónomo (uma webrádio)?

Não é de todo uma webrádio, é um projeto bastante diferente do *Observador*, por exemplo. O que nós tentamos fazer no *online* é que tudo o que passe na antena, esteja disponível no *online*, mas não é necessariamente um espelho com dois lados idênticos. Tudo o que estiver em *TSF* na rádio, vai estar certamente no *online*. Por outro lado temos conteúdos que só o *online* tem com vídeo ou foto galerias, podendo, assim, complementar o conteúdo da rádio e acrescentar valor multimédia.

Há alguma coisa que esteja no *online* e nunca foi para a rádio?

Há muita coisa. Todos os dias temos os *feeds* da *AFP*, também seguimos muito o *Twitter* e as notícias internacionais e se virmos uma notícia que achamos interessante e relevante para os leitores, nós publicamos apesar de não estar na antena, sim.

Que tipo de exigências lhe colocam quando trabalha para o *online*? Em que medida é que difere daquilo que se faz na antena?

A exigência é manteres-te a par da atualidade, principalmente. Depois, tudo o resto vais adquirindo. Aquela capacidade para transformar um texto áudio num texto *online* é uma coisa que tu vais aprendendo com o tempo. Uma coisa é uma notícia, outra coisa completamente diferente é transformar uma reportagem áudio, numa reportagem *online*, porque isso é que é algo em que nós temos muita dificuldade no dia-a-dia e que eu acho que só o próprio repórter que esteve no local é que consegue fazer essa transição e mesmo assim vai perder valor. Muitas reportagens áudio têm valor pelo som, pelo ambiente, pela forma como nos fazem sentir, por nos transportarem para aquele local através do som e isso às vezes é completamente intransponível para o *online*. O que fazemos nessa altura é dizer: "olhem tenho aqui uma reportagem espetacular sobre este tema, oiçam" e pomos o som na íntegra. Isso também é uma mais-valia. No *online* temos as notícias, temos as coisas que são precisas, temos a informação útil, mas é um local onde as pessoas podem ir ouvir e não temos de transformar tudo em *online*, em texto ou em imagem. Não, o áudio também lá está.

Não acha que no *online*, de certa forma, o som perde força?

Não, não acho que perde força. Perde força se decidirmos ignorá-lo, se decidirmos escondê-lo ou se decidirmos pegar numa entrevista e transcrevê-la na íntegra quando ela está com a sua versão áudio, que por vezes pode beneficiar...

Pois, porque muitos dos conteúdos que analisei continham o som e depois estava tudo transcrito em texto.

Na minha opinião pessoal, esse tipo de trabalho é um bocadinho redundante. Eu evito, ou ponho uma ou outra, ou então deixo claro no texto que aquele som vale a pena ouvir por algum motivo, ou porque é reportagem no local ou porque se for uma entrevista, à partida, as pessoas escolhem, ou ouvem ou leem. Posso estar no meu trabalho e até me dá jeito ler a notícia ou posso estar em casa a fazer o jantar e dá-me jeito ouvir a entrevista.

Sim, porque ouvir é uma tarefa secundária.

Exatamente. E mesmo quando não acrescenta valor em termos de sons ou de conteúdo, a pessoa pode tem essa escolha, ouvir ou ler a entrevista.

Na sua opinião, o *online* aumentou ou diminuiu o espaço da rádio tradicional?

Há muitas pessoas que dizem que o vídeo matou a televisão e o *online* matou a rádio. Mas não, não é verdade. Eu acho que aumentou, na minha experiência pessoal, pela capacidade de tu acederes à rádio de todo o mundo, de todos os anos, a qualquer hora, voltares e recuperares. Sou particularmente fã de um programa americano de rádio que se chama "This American Life" que já tem mais de 700 episódios e que já tem episódios desde antes de eu ter nascido, portanto já há mais de 28 anos que eles transmitem um episódio novo por semana na rádio pública dos EUA e que eu aqui em Portugal nunca teria acesso sintonizando a minha telefonia. Nunca ia ouvir aquele programa, no entanto, eu tenho no telefone e consigo aceder ao episódio de 1991 e é um programa fantástico que recomendo a toda a gente, ganhou este ano o *Pulitzer*, foi o primeiro programa de rádio a ganhar um *Pulitzer*, por reportagem áudio. Eu sem o *online* nunca teria acesso. E quem diz esse, diz qualquer programa de rádio na França, na Alemanha, nos EUA. Um trabalho excepcional de jornalismo que seria transmitido aos americanos que ligassem o rádio e perdia-se para sempre a partir daí e agora está *online*, disponível para todos.

Atualmente, qual é que considera ser o lugar da rádio tradicional?

A rádio tem o lugar tradicional tal como a televisão continua a ter um. Acho que há espaço para todos. Há espaço para eu hoje estar cansada, ligar a televisão e ver a primeira coisa que me aparecer. Da mesma maneira que eu estou no carro e ligo a rádio. Só que, se calhar se está a dar um programa ou uma entrevista que até me está a interessar, eu não vou ficar no meu carro já estacionado à espera para ouvir. Vou para casa e recupero o programa no *online*. Isso tira um bocadinho a magia da rádio? Tira e não tira. Hoje em dia, não se diz "é aquele momento, eu tenho que ouvir". Se a entrevista já começou e eu quero ouvir desde o início, não tenho que perder nada, está tudo *online*. É uma vantagem, porque foi a forma como nós facilitámos a nossa vida em todos os *media*. Agora, claro que há espaço para eu estar no meu carro e ligar a rádio e simplesmente ouvir, ou ouvir à hora certa, tal como os jornais e as televisões continuam a ter um jornal à uma e um jornal às oito. É importante ter essa rotina e saber que está lá e poder ouvir e confiar que tudo o que eu preciso de saber vai estar lá à hora certa, mas também ter a garantia que se eu quiser

aprofundar, ou ouvir desde o início, ou ouvir o programa todo, ou ouvir de novo, não tenho que esperar nem tenho que perder porque está *online*.

De que forma considera que um meio potencia/melhora o outro?

Para além de poder ter sempre a rádio comigo e em qualquer tempo, ir buscar programas passados, acho que valoriza também a possibilidade de nós à secretária, conseguimos ir buscar sons de acontecimentos que se passam no estrangeiro. Infelizmente já não podemos mandar repórteres para fora com a frequência com que há duas gerações atrás ou mesmo há uma se mandava. Agora acontece qualquer coisa no Reino Unido, nós temos um correspondente lá, mas está em Londres, é limitado e através do *online* nós conseguimos ir buscar sons. No outro dia ouvi um trabalho que soava a reportagem. Houve o congresso dos democratas e o congresso dos republicanos e um dos nossos colegas da *TSF* fez um trabalho impecável de áudio em que nós púnhamos os fones e de repente parecia que estávamos no congresso. No entanto, ele estava aqui sentado na *TSF* e eu fui falar com ele e disse-lhe "isto está espetacular, parece que estiveste lá, como é que conseguiste isto?" e ele disse que tinha ido buscar vídeos ao *YouTube*, as transmissões da conferência e algumas notícias e recuperou todo aquele cenário sonoro como se estivesse lá. E ainda disse que até teve acesso a mais sons do que outros meios que estiveram presentes porque lá o jornalista está fechado numa sala de imprensa, ainda por cima com as condicionantes da Covid-19.

De que forma é que observa a tendência de cada vez mais (não considerando a situação da atual pandemia de Covid-19) ter de fazer trabalho de redação? Gostaria de sair mais para o terreno, ter mais contacto pessoal com as fontes? Em que medida é que esta situação limita o trabalho do jornalista?

O mundo muda e as coisas trazem vantagens e desvantagens. Essa é uma vantagem, o meu colega não estava nos EUA mas conseguiu fazer uma reportagem como se estivesse. Porém, isso também é uma desvantagem. Porquê? Porque, ele podia mesmo ter ido aos EUA. O slogan da *TSF* é *vamos ao fim do mundo e vamos ao fim da rua*. Deixar de ir ao fim da rua porque talvez possamos fazer o mesmo trabalho ou um trabalho semelhante que nunca vai ser o mesmo, sentados na nossa secretária é perigoso e temos de ter consciência disso. Por um lado, é uma vantagem, é um mundo novo e é muito bom aproveitarmos essas ferramentas. Por outro não nos pode criar o facilitismo de “agora já não vou fazer trabalho de exterior” ou “agora já não vou mandar ninguém em reportagem”, porque a visão do jornalista no terreno acrescenta valor, é uma mais-valia

enorme para todo o trabalho jornalístico, quer seja na rádio, quer seja no *online*, em qualquer meio. Estar lá e efetivamente o que se passa, sentir as coisas de maneira diferente é primordial no jornalismo, devíamos cultivar mais isso. É um risco que o *online* traz.

Enquanto estive na equipa da *TSF online*, nunca vi ninguém do *online* a ir à rua.

Sim, no dia-a-dia, não vais ver ninguém a ir para a rua. Imagina que há um incêndio algures em Lisboa, ninguém do *online* se vai levantar para ir cobrir o incêndio e é provável que alguém da antena o faça. No dia-a-dia do *hard news*, não há pessoas suficientes no *online* para assegurar tudo, ou seja, que mantemos um *site* mais ou menos vivo e permitir que alguém saia efetivamente da redação e vá cobrir um acontecimento desses, mas nós podemos propor temas de reportagem ou decidir fazer uma entrevista e aí sim, pegamos no nosso microfone e no nosso telemóvel e vamos fazer a reportagem. Geralmente fazemos a versão áudio também, mas não é uma coisa de dia a dia, infelizmente.

Teve algum tipo de formação antes de integrar a equipa *online*?

Não, nem por isso, eu já tinha experiência do *online*, sempre vim do meio *online*, tive só um período de adaptação muito curto.

Acha que faria sentido ter essa formação?

Acho que para quem começa a trabalhar acaba sempre por ser com o tempo. Não é necessário uma formação ou um curso porque não há regras. Isto não é uma fábrica, há muitas coisas que tens que avaliar caso a caso e, aliás, todos os dias, todas as situações nós avaliamos quase caso a caso e o que funciona para uma coisa, não vai funcionar para outra, ou seja, não há um conjunto de regras, não há um manual de instruções que possamos dar às pessoas e dizer "olha está aqui como funciona o *online* na *TSF*". Agora, o que fazia falta? Fazia falta um programa de apoio aos estagiários que eu acho que não tem. Infelizmente pela falta de recursos humanos às vezes até dar vazão aos problemas do dia-a-dia já é difícil, quanto mais ainda para estar a acompanhar uma pessoa que aí sim, precisava de acompanhamento. Não precisava de um manual de instruções nem de um conjunto de regras, mas precisava de acompanhar as decisões e precisava de perceber "olha nós decidimos isto porque estamos a pensar desta maneira, chegamos a esta conclusão". Não diria uma formação, nem diria uma espécie de curso, mas diria um acompanhamento das pessoas individualmente.

Na sua opinião, a crescente capacidade de *multitasking* do jornalista retira valor e profundidade aos conteúdos noticiosos? De que forma é que essa capacidade afeta o seu trabalho?

Acho que sim, porque a ideia do jornalista canivete que, apesar de ser necessária pela falta de recursos humanos nas redações, traz problemas porque como dizia nós às vezes saímos em reportagem e quando eu saio em reportagem geralmente levo um microfone, um gravador, uma camara fotográfica. Houve aí tempos que até para filmar também levávamos o telemóvel da empresa, porque depois editaríamos o vídeo e faríamos vídeo, fotografia, áudio, a reportagem *online*, a reportagem para a antena. Faríamos tudo. Então eu saia daqui tipo burro de carga com várias malinhas e tinha de dizer ao senhor "espere eu estou a segurar o microfone com a mão direita, mas estou a filmá-lo com a mão esquerda, portanto agora se não se importar vai se virar para esse ângulo, para eu não apanhar o meu braço". Isso tira valor a vários níveis, porque o áudio não vai ficar tão bem captado, o vídeo não vai ficar tão bem captado. Num mundo perfeito em qualquer reportagem áudio, sairia um jornalista e um técnico, um sonoplasta, e era ele que fazia a captação. Num mundo perfeito. Nós sabemos que a realidade está longe desse mundo perfeito, mas para mim seria perfeito, acho que ganhava muito mais valor.

Mas mesmo assim sendo *multitasking* é uma forma de ter mais controlo sobre o seu próprio trabalho?

Mais ou menos, porque eu preferia confiar num colega e tenho a certeza que se levasse comigo um técnico a captação do áudio ia ficar melhor. Eu estou lá para me preocupar com o conteúdo jornalístico, para fazer a entrevista, para observar, para fazer a reportagem e se eu tivesse um colega que se preocupasse com o áudio, se tivesse um colega especializado em vídeo que se preocupasse com o vídeo, ou um fotógrafo que fosse fazer as fotografias da reportagem, claro que iam ficar melhor que as minhas. O tempo em que eu estou a filmar ou a fotografar, não vou perder tempo a observar que devia ser o meu trabalho principal e a captar o que me rodeia, vou perder tempo em que não vou estar a fazer isso, vou perder o tempo das pessoas porque vou obrigá-las a "agora espere um bocadinho porque vamos tirar uma fotos, apesar de eu já ter acabado a entrevista" e em última instância vai ficar um trabalho com menos qualidade do que alguém especializado numa dessas áreas faria.

Que tipo de desafios e preocupações foram colocados ao *online* da TSF? De que forma é que a TSF *online* se reinventou perante a pandemia para que a variedade, o pluralismo e a qualidade da informação fossem assegurados?

O *online* está em teletrabalho. Sou a única que, neste momento, regressou para a redação por opção própria mas ficámos todos em teletrabalho. Eu também fiquei durante 103 dias. Estivemos todos ligados pelas ferramentas, *WhatsApp*, *Hangouts*, *Zoom*. Usámo-las todas, estivemos todos em contacto permanente uns com os outros. Não é a mesma coisa para mim, claro que nos protegeu a todos, impediu que viéssemos para a redação. A principal preocupação que adotámos foi o teletrabalho para todos e agora neste momento continua o teletrabalho para quem assim o desejar. Manter a comunicação e a coesão da equipa não foi fácil e não é nada fácil, mas fez-se.

E mesmo assim conseguiram assegurar que o conteúdo saísse com o mesmo valor?

Sim, porque nos protegemos também muito uns aos outros. Sempre temos um editor que vai rever o que nós fizemos, que vai avaliar o título, que vai certificar-se que aquele é o ângulo correto. Todos nós fizemos um pouco de editores uns dos outros. Eu vou ler as peças dos meus colegas e eles vão ler as minhas e tem que continuar a discussão e a avaliação das notícias caso a caso e de todas as situações.

É uma entreajudada.

Sim e tem que ser reforçada. Aqui se calhar acontece de forma quase orgânica porque estamos mesmo ali ao lado e viramo-nos para o lado e perguntamos "olha achas que este título fica bem assim ou achas que isto soa muito estranho, achas que estou a insinuar alguma coisa?" era só virar para o lado e questionar, mas nós tentámos manter isso e tentámos. Eu ligo só para perguntar "olha preferes esta palavra ou aquela?" e são palavras idênticas, é preferível manter isso por muito trabalho que dê porque dá mais trabalho, tenho que estar a escrever num *chat*, tenho que estar a colocar a minha dúvida, tenho que estar a ligar para alguém de propósito, às vezes para colocar uma dúvida ínfima, pedir ajuda para uma palavra, para um sinónimo, mas nós tentámos manter isso.

Quais foram/são as principais lições jornalísticas retiradas durante o período de pandemia?

Que o jornalismo é sempre um trabalho de equipa apesar de eu ter o meu texto, a minha entrevista e poderia simplesmente trabalhar sozinha, transcrever e não pedir opinião a ninguém, mas não, é um trabalho de equipa, é preciso entreajudada, é preciso uma linha editorial coletiva que nos une a todos. O teletrabalho, apesar de ser muito conveniente,

principalmente, no *online*, o que é que impede de estar aqui sentada na secretária no computador ou estar em casa? Tudo. Para mim, sim, tudo. O jornalismo faz-se no terreno, pela observação, e se já estar na redação era mau, estar em casa é pior ainda. O jornalismo perde muito quando é um trabalho só de secretária e não nos podemos habituar a esse sistema, temos é de combatê-lo e tentar sempre fazer com que, se já acontece por falta de recursos humanos e de meios, temos é que tentar combatê-lo e não ainda acomodar-nos mais à cadeira. Ainda que tenhamos estado todos em isolamento e a cumprir a quarentena profilática, é fundamental ver o país com os próprios olhos, mesmo fora do contexto do jornalismo. Eu posso noticiar que há filas no supermercado ou que já há falta de produtos no supermercado mas se eu não fui ao supermercado, não só enquanto jornalista, enquanto cidadã, se eu não fui ao supermercado e eu não senti isso na pele, eu já vou escrever de maneira diferente e eu já vou ser influenciada por uma informação que chegou em segunda, terceira, quarta mão e que pode não corresponder à realidade. Enquanto jornalista eu também tenho que ser um cidadão ativo, tenho que estar na rua, mesmo fora do trabalho, tenho que ver como é que as coisas funcionam na rua. A pandemia impediu-nos em grande parte de fazer isso e pode-nos induzir em erros, pode-nos induzir a ser influenciados por pessoas com agendas, por grupos com agendas. De repente nas redes sociais fala-se qualquer coisa, por exemplo, parece uma manifestação enorme porque no *FaceBook* havia uma fotografia que parecia que estavam centenas de pessoas, mas se eu estivesse lá estado tinha visto que se calhar eram só 20. Isto vale para o trabalho jornalístico e vale para o trabalho do dia-a-dia de compreendermos o mundo por estarmos inseridos nele, compreendermos o nosso país por estarmos inseridos nele.

M.9. Jornalista online, Sara Beatriz Monteiro

O que é que o *online* traz de novo à rádio?

Traz o contexto que a rádio não pode dar por causa do tempo limitado e o *online* não tem limitação. Traz o vídeo e a imagem que a rádio também não pode dar e traz mais uma plataforma para mostrar o que se faz na rádio, através dos sons, das reportagens. Hoje em dia sobretudo uma população mais jovem ouve pouco a rádio, mas ouve muitos *podcasts*, ouve muitos programas e até pessoas que estão nos transportes públicos com os fones, não querem estar a ler as notícias, mas até ouvem aquele som.

A rádio influencia o *online* em termos do conteúdo noticioso que é publicado?

Aqui, influencia muito, até porque os jornalistas do *online* pegam praticamente no que a antena faz e passam para o *site*. Adapta-se a linguagem, transcreve-se os sons. Isso é até a base do *site* sobretudo naquilo que é *hardnews*. Há vários sítios em que os jornalistas do *online* fazem muitas entrevistas, muita produção própria, aqui na *TSF* não acontece tanto, portanto a rádio influencia muito. É a essência do *online* da *TSF*.

Mas há coisas que são publicadas no *online* e que não passam na rádio.

Exatamente.

Quais é que são os critérios?

Tem a ver com coisas que são importantes, que são do interesse público mas que a rádio não tem tempo para passar porque o espaço da rádio é limitado, os noticiários são limitados e o *online* é praticamente ilimitado. Quantas mais pessoas tiveres, mais coisas podes pôr.

Como caracteriza a *TSF* no *online*? Continua a ser uma rádio (uma extensão do meio tradicional) ou é um *online* autónomo (uma webrádio)?

Acho que é um prolongamento da rádio, um complemento. A essência do que lá está é a rádio, é a *TSF* e responde aos critérios editoriais da *TSF*. Não há o projeto editorial *TSF* rádio e o projeto editorial *TSF site*. São o mesmo, é a mesma essência, o mesmo projeto. Depois vê-se o resultado na rádio num formato e no *online* noutra e o ideal é que aquele *site* seja o mais a *TSF* possível.

Como se fosse um espelho da antena?

Sim.

Que tipo de exigências lhe colocam quando trabalha para o *online*? Em que medida é que difere daquilo que se faz na antena?

É muito diferente porque tu na rádio tens o noticiário de 10/15 minutos e depois há um tempo para escrever as notícias e montar as reportagens para o outro bloco. No *online*, é constante, tu estás a fazer um texto, mas de repente cai uma última hora e sobretudo em equipas relativamente reduzidas como a nossa, tu deixas o texto a meio, para fazer outra coisa. A exigência é muita atenção, muita rapidez. Na rádio também é preciso rapidez, como é evidente. Se estiveres a ler um noticiário e de repente cai uma última hora, alguma notícia importante, tu tens que dar na hora e não tens bem tempo para pensar em como vais dizer as coisas. No *online* tens um bocadinho mais de tempo. Há vantagens num lado e no outro. Mas é a rapidez, a concentração, a capacidade de fazer muita coisa ao mesmo tempo e em equipas reduzidas é gerir a informação.

Na sua opinião, o *online* aumentou ou diminuiu o espaço da rádio tradicional?

Eu diria que aumentou. Se tivermos a falar de ouvintes, a *internet* no seu todo diminuiu os ouvintes da rádio. A forma como a informação é dada hoje e a importância que as pessoas dão à informação diminuiu os ouvintes. Agora eu acho que o *online* deu outro alcance à *TSF*. Eu acho que a rádio foi o meio que melhor soube aproveitar a *internet* e acho que as pessoas continuam a querer o áudio. Não sei se estão interessadas na rádio convencional e de ligar no carro, até porque no carro já muita gente não ouve rádio, ouve *podcasts*, ouve listas de música, *etc*, mas diria que o *online* das rádios aumentou o seu alcance, porque os jovens que não ouvem a *TSF*, leem notícias que estão no *site* da *TSF*, que foram feitas por jornalistas da *TSF*, que também vão à antena, que escrevem para o *site* e ouvem reportagens que nunca ouviram na rádio, mas que estão a ouvir no computador, telemóvel, no que seja.

Atualmente, qual é que considera ser o lugar da rádio tradicional?

Eu acho que a rádio tem sempre um papel diferente porque é um papel de companhia e de intimidade. O que é que a rádio convencional pode fazer daqui para a frente para continuar a ter um papel relevante, eu não sei muito bem, mas acho que é adaptar-se precisamente aos novos tempos. Já há muitos programas de rádio que fazem isso, mas se calhar ter uma maior interatividade com as pessoas, através das mensagens do *WhatsApp*, por exemplo, o “Fórum *TSF*”, as pessoas estão no carro a ouvir, ou estão nos trabalhos ou nos escritórios e querem dar uma opinião, querem falar e essa interatividade pode chamar pessoas para a rádio.

De que forma considera que um meio potencia/melhora o outro?

No *online* é basicamente ser uma montra daquilo que se faz na rádio, mas acrescentando por exemplo a imagem e o tempo. Uma reportagem de 3 minutos na antena pode valer um texto de 5 mil caracteres no *site* que já é um texto bastante composto e depois o *site* pode chamar gente para a rádio como a rádio pode e por exemplo no “Fórum TSF” nós sentimos isso, pode chamar pessoas para o *site* também. No “Fórum TSF” nós publicamos todos os dias uma notícia a dizer às pessoas para ligarem e participarem. Aquilo encaminha as pessoas para a rádio e depois o Manuel Acácio está a fazer o “Fórum TSF” diz “vá ao *site* da TSF, faça um comentário, deixe a sua opinião no *site* da TSF”. Acho que essa interatividade pode ser uma forma de ligar a rádio ao *online* e potenciar os dois.

De que forma é que observa a tendência de cada vez mais (não considerando a situação da atual pandemia de Covid-19) ter de fazer trabalho de redação? Gostaria de sair mais para o terreno, ter mais contacto pessoal com as fontes? Em que medida é que esta situação limita o trabalho do jornalista?

Claro! Eu acho que há muito poucos jornalistas da minha idade que queiram ficar o dia todo sentados numa redação a adaptar ‘lusas’, textos de outros jornalistas. Não é o sonho de ninguém, acho que é o sonho de pouca gente e é um trabalho muito desgastante também porque exige uma atenção muito grande. Uma coisa é tu estares a trabalhar no *online* e fazer um texto com pessoas com quem tu falaste, depoimentos que recolheste, que depois vais tratar com tempo. Outra coisa é trabalhares numa redação onde tens pouquíssima gente a trabalhar contigo, as pessoas são mal pagas e onde tenho de fazer esse trabalho de secretária, de monge copista quase. Claro que temos de dar as notícias internacionais, mas uma coisa é tu falares com um especialista sobre o que está a acontecer nos EUA sobre um tema qualquer, outra coisa é pegares numa notícia do *Guardian* e transcreveres. Tu não te sentes jornalista, sentes-te um tradutor. Quando adaptas uma *Lusa* ou um texto de um colega por muito bom que esteja, por muito que aprendas com aquilo, não te sentes um jornalista, sentes-te um monge copista. Mas para as pessoas do *online* poderem fazer trabalho de entrevista e fazer bons conteúdos que é possível, é preciso que saiam à rua, que falem com pessoas e que tenham mais gente nas equipas. Depende muito de pessoa para pessoa, acho que a resposta que estou a dar é muito pessoal, dou-ta só em meu nome, diria que não é o sonho das pessoas, agora era preciso haver redações maiores, bem pagas. Não dá para pagar valores muito perto do

salário mínimo porque nem tens motivação para ir um bocadinho além daquilo que é o teu trabalho do dia-a-dia.

Teve algum tipo de formação antes de integrar a equipa *online*?

Aqui tive formação mais técnica. A formação que tive foi no meu curso. Acho que estávamos bastante bem preparados. Eu comecei na *Renascença*. Trabalhava para a antena mas fazia algumas coisas para o *online* esporadicamente. Também não havia tempo. Tu vês aqui muitas vezes que os jornalistas de rádio não conseguem, estão a fazer as coisas para a hora seguinte e não vão estar a escrever um texto para o *online*. Depois trabalhei num jornal *online* como editora portanto percebi como é que as coisas funcionavam. Por fim, vim para aqui já tinha algumas bases, claro que depois com a experiência do Pedro Andrade Soares por exemplo que já trabalha no *online* há imenso tempo, aprendi muito. A minha formação é pelo exemplo e por ler muito. Faria sentido ter formação por exemplo na área de vídeo e assim, mas isso é porque eu não aproveitei tanto no curso como podia ter aproveitado ou não fui tão autodidata como outros colegas foram. Acho que depende muito dos cursos, por exemplo, no meu temos as várias áreas acho que saímos bastante bem preparados para qualquer uma delas. Acho que não seria necessário.

Na sua opinião, a crescente capacidade de *multitasking* do jornalista retira valor e profundidade aos conteúdos noticiosos? De que forma é que essa capacidade afeta o seu trabalho?

Às vezes retira. Depende muito. Há jornalistas que são muito bons a fazer muita coisa e que são muito despachados nessas coisas das tecnologias. Eu, por exemplo, o que eu gosto de fazer é rádio. Também gosto de escrever mas o que eu gosto de fazer é rádio, portanto para mim é muito bom saber que se eu for para algum sítio e além de gravar a minha reportagem tiver de editar o som, o facto de eu saber fazer essas duas coisas relativamente bem deixa-me mais segura. Agora, acho que esta coisa de nós termos todos que ser bons tira-nos o foco de algumas coisas importantes. Se tu queres de facto ser competitiva e ter valor acrescentado para uma redação é bom que saibas um bocadinho de tudo, mas eu acho que é mais saudável para o jornalismo que as pessoas fossem especializadas em determinadas coisas. Não só saberem muito fazer uma coisa, seja escrever, seja rádio, seja *online*, como serem especializadas mais numa área porque de repente nós como jornalistas temos de saber um bocadinho de tudo e sabemos muitas

vezes as coisas pela rama. Sobretudo no *online* em que temos de estar a dar muitas notícias e a escrever muitas notícias por hora. Acabamos por não saber sobre nada.

Não é uma maneira de ter controlo sobre o seu trabalho?

Sim, mas é muito melhor trabalharmos em equipas com profissionais muito especializados numa área. Por exemplo no ano passado fui fazer a reportagem dos “Bons Sons”, fui ao festival e fiz reportagens nos vários dias, entrevistas a músicos, punha uns sons e editei. Aquilo ficou decente e passou em antena, mas se tivesse ido um técnico de som comigo, fazer aquela montagem, a qualidade era muito maior. Eu aprendi na *TSF* que o meu trabalho pode ser muito melhor se tiver ali um profissional especializado, uma pessoa que faz isto há muitos anos. Nós temos aqui o Miguel Silva que é um sonoplasta maravilhoso. Nós achamos muitas vezes que os editores de som só cortam, baixam, sobem e fazem o que o jornalista quer, mas são autênticos criativos. Eu acho que é importante nós sabermos fazer um bocadinho de tudo para nos safarmos numa situação limite, mas naquilo que eu idealizo para uma redação, cada pessoa tem a sua função, as pessoas trabalham em equipa. Por isso é que estar em teletrabalho é complicado porque não ouves as discussões da redação, não ouves discutir o que é notícia e o que não é, não ouves a dinâmica de coisas que são fundamentais e eu acho que em equipa as coisas funcionam melhor. É bom termos controlo sobre o nosso trabalho, mas nós podemos ter controlo sobre o nosso trabalho, trabalhando com outras pessoas, se soubermos trabalhar em equipa e se tivermos boas equipas com quem trabalhar.

Que tipo de desafios e preocupações foram colocados ao *online* da *TSF*? De que forma é que a *TSF online* se reinventou perante a pandemia para que a variedade, o pluralismo e a qualidade da informação fossem assegurados?

Para já a *TSF* teve em *layoff*, portanto tínhamos uma equipa muito reduzida. Numa fase inicial, tínhamos muita informação a chegar ao mesmo tempo, informação que também era nova para nós, termos que eram novos, as palavras anti germe, estirpes, mutações. Eram coisas que nós sabemos mais ou menos o que são, mas eram coisas muito específicas. Era preciso saber gerir a informação com uma equipa muito reduzida, com dificuldades de comunicação evidentemente, porque quando estamos aqui na redação dizemos “manda *push*” ou “olha está a falar não sei quem, pega aí”, é muito mais imediato dizer “olha faz isto” do que fazer a partir de casa, no *WhatsApp*, com falhas de net, com uma série de problemas.

Acha que houve consequências na qualidade do produto?

Espero que tenha havido o mínimo possível. Eu acho que o regime de teletrabalho é sempre mau para o jornalismo. Foi importante por uma questão de saúde pública, é importante ainda por uma questão de saúde pública, mas eu acho que é sempre mau porque o jornalista tem de andar na rua, de andar a viver o mundo porque se eu tiver fechada no meu búnquer, como é que eu sei o que se passa no mundo? E acho que o jornalista não pode ser um ser isolado, tem que estar em comunidade. Sobretudo eu, que tenho 4 anos de experiência profissional, já trabalhei em sítios diferentes, com dinâmicas diferentes mas em todos eles eu encontrei o burburinho da redação e é muito importante eu perceber coisas que não são comigo, discussões entre colegas, debates, propostas para poder evoluir porque em casa não evoluo nada. Nós somos uma equipa muito jovem, ficaram 7/8 jovens em casa, sem contacto com estes monstros da rádio que nós temos aqui, pessoas valiosas que nos podem ensinar imensas coisas que mesmo sem falarem connosco, já estamos a aprender só de os ouvir falar com outros. Perdemos muito isso e o jornalismo precisa de andar na rua. Somos uma profissão mais arriscada, mas tem de ser.

Quais foram/são as principais lições jornalísticas retiradas durante o período de pandemia?

Para mim é que o jornalismo não pode ficar em casa, mesmo. Isto vai continuar e acho que os efeitos disto se vão perceber mais daqui à frente. Eu acho que isto vai ter consequências más mesmo em termos da contratação de jornalistas, vai haver muita gente a trabalhar talvez como freelancer, em trabalho remoto. O jornalismo não está muito famoso e não vai melhorar com esta situação, mas acho que o jornalista tem de estar lá. Acho que é a maior lição que eu consigo tirar para já. Não nos podemos fechar.

M.10. Jornalista online, Rita Carvalho Pereira

O que é que o *online* traz de novo à rádio?

Eu acho que o *online* traz novas possibilidades à rádio. Traz a capacidade de armazená-la no tempo. Na verdade, isso também é tirar um pouco a magia à rádio, porque a magia da rádio é ouviste, ouviste, não ouviste, tivesses ouvido, desaparece no tempo. Mas traz a capacidade de podermos ouvir sempre que quisermos as reportagens, os jingles, os programas, tudo congelado no tempo. Podemos capitalizar cada vez mais, ganhar mais ouvintes, porque nem toda a gente pode ouvir aquilo que passa à hora que passa, então com o *online* trazemos esse lado de acabar com o efémero, trazer um lado mais duradouro, de congelar os conteúdos. Trazemos a possibilidade de desenvolver ainda mais os temas que tratamos na antena, porque não só temos o lado do áudio, mas temos também a componente do vídeo que complementa muito as reportagens áudio e o texto onde podemos sempre desenvolver muito mais do que simplesmente num trabalho em antena.

A rádio influencia o *online* em termos do conteúdo noticioso que é publicado?

A rádio influencia o *online*, claramente, sim. A maior parte da nossa cobertura noticiosa no *online* baseia-se naquilo que a antena dá prioridade, embora obviamente como é um meio diferente também vá buscar muitas vezes outro tipo de temas que a antena não traria, coisas mais virais, conteúdos mais *internet related* do que o que a antena trataria, mas sim influencia muito.

Como caracteriza a *TSF* no *online*? Continua a ser uma rádio (uma extensão do meio tradicional) ou é um *online* autónomo (uma webrádio)?

Ainda não é uma webrádio, mas também não é esse o espírito que nós queremos que tenha. A diferença de quando eu comecei no *site* para agora já é muito diferente. Antes era mesmo um prolongamento da rádio, nós só púnhamos no *site* aquilo que a antena tratava. Agora, nesta altura, já não, temos muito mais liberdade e autonomia no *site*. Tratamos temas muito diferentes, às vezes fazemos grandes reportagens mesmo multimédia, com vídeo, e tudo isso que têm por exemplo 2 minutos em rádio e depois um grande texto, um grande vídeo. Outras coisas que não chegam sequer a ir para a antena e que são feitas exclusivamente para o *site*. Penso que não é mais um prolongamento da antena, mas que ainda não é uma webrádio sozinha, mas também não sei se é isso que querem que seja.

É um meio-termo.

É o nosso cantinho.

Que tipo de exigências lhe colocam quando trabalha para o *online*? Em que medida é que difere daquilo que se faz na antena?

É muito diferente, logo a começar em termos de linguagem, porque o discurso da antena é um discurso muito mais oralizado, obviamente sempre com rigor, mas mais corriqueiro. Tentamos na antena que soe o mais parecido possível com o que é eu estar a falar diretamente contigo. O ouvinte tem de sentir que o jornalista na antena está a falar diretamente com ele, como se fosse um amigo que lhe dá notícias com rigor. Mas não podemos transpor essa linguagem quando vamos para o *site* porque aí temos regras de português como deve ser, temos uma estrutura muito mais formal, mais idêntica à dos jornais e só nesse ponto é logo muito diferente.

Na sua opinião, o *online* aumentou ou diminuiu o espaço da rádio tradicional?

Eu acho que aumentou. Vem dar este lado de congelar aquilo que passa na rádio. De memória, de arquivo, que não tinha antes, o que é bonito por um lado, mas também se perde tanta coisa porque trabalhamos, estudamos, não podemos estar 24 horas por dia a ouvir rádio e às vezes gostávamos, principalmente em coisas como grandes reportagens que passam ao final do dia, as pessoas ainda estão a trabalhar. Coisas que se tu não tivesses guardadas num *site*, se não pudesses ouvir quando te desse jeito em casa, tu não podias, perderias para sempre.

Atualmente, qual é que considera ser o lugar da rádio tradicional?

Eu acho que o papel da rádio continua a ser aquela companhia imediata. Estamos no carro a ir para o trabalho, estamos a trabalhar e queremos ouvir as notícias àquela hora. A rádio dá aquela companhia direta, aquele imediatismo, e acho que vai ser sempre assim mesmo que se pense que a rádio pode acabar. A rádio não vai acabar. Por exemplo, os diretos que nós fazemos no *FaceBook*, no *InstaGram*, são mais do que o prolongamento do vídeo, daquilo que sempre foi a rádio mas para o cidadão comum. Nós precisamos sempre dessa sensação de intimidade, que está lá alguém que vai falar connosco e dizer-nos as coisas naquele momento sem termos de ir à procura. No caso da *TSF*, porque é uma rádio de informação, sempre com o rigor, e com a certeza de que estamos a informar com qualidade e que temos a certeza do que estamos a dizer e que ninguém se sente enganado.

De que forma consideram que um meio potencia/melhora o outro?

Eu acho que a antena ganha muito com a dimensão multimédia do *site*. Abre mais possibilidades, mesmo para além de depois poderes ir ler o texto ou ver o vídeo. Mesmo o próprio som agora quando fazemos reportagens temos cuidado em procurar descrever os locais e procurar sons como estivéssemos a ver uma reportagem televisiva ou multimédia. Não só tanto áudio, fugir um bocado daquela estrutura RM/voz/RM/voz e procurar trazer mais essa transversalidade, uma tridimensionalidade, que acho que a reportagem multimédia tem e que influencia a reportagem áudio e acho que já se vai notando isso, pelo menos aqui na antena.

Não acha que no *online* o som perde força?

Eu acho que há muitas pessoas que saltam o som e que pode perder um bocadinho, mas acho que fenómenos como os *podcasts*, vem mostrar que as pessoas até querem mesmo ouvir, não só ver. Há formas de potenciar o som no *online*. Este disparo da fama dos *podcasts* é prova disso, as pessoas querem ouvir como ouvem um programa de rádio e querem poder ouvi-lo na casa delas ou com os amigos, simplesmente sem terem de estar ali com o rádio ligado àquela hora e podem ouvir quando quiserem. É uma coisa muito boa que o *online* trouxe para a antena, portanto acho que é uma das grandes vantagens.

De que forma é que observa a tendência de cada vez mais (não considerando a situação da atual pandemia de Covid-19) ter de fazer trabalho de redação? Gostaria de sair mais para o terreno, ter mais contacto pessoal com as fontes? Em que medida é que esta situação limita o trabalho do jornalista?

Vejo muito mal. Sou vítima disso e é uma realidade muito triste mas que tomou conta da maioria das redações. Eu sei que não é só aqui e não sei como é que se pode combater se não com investimento e confiança das direções e das administrações de que é preciso procurar histórias inovadoras. É preciso não ficar só à espera da última hora que cai, de ficar à espera das notícias de agenda, mas ir procurar histórias novas, de ir para a rua, porque é assim que nós conhecemos o mundo. Se nós perdemos esse lado, nós não estamos a cumprir a nossa missão, pelo menos aquela que acredito que seja a nossa missão de jornalistas. Muito obviamente que isso implica meios financeiros, implica ter dinheiro para os jornalistas se deslocarem aos sítios. Implica que se estas pessoas não estão aí, têm que estar outras no lugar delas na redação a fazer as tais últimas horas e cumprir a agenda do dia. Obviamente implica esforço financeiro e vontade de fazer melhor e diferente que

é aquilo que precisamos que as direções e as administrações compreendam, mas como sabemos, como em tudo o dinheiro fala mais alto.

Teve algum tipo de formação antes de integrar a equipa *online*?

A formação que eu tive foi de como é que funciona o *back office* com os nossos colegas e depois tive já depois de estar a exercer, algumas formações sobre potencialização dos nossos artigos nas redes sociais que foram promovidas mesmo pela administração em que explicaram como é que devemos fazer a partilha dos *posts* nas redes sociais, como potenciar para ter mais alcance, mas isso já aconteceu depois de estar a trabalhar, não foi nada antes.

Acha que faria sentido essa formação?

Eu acho que faz obviamente. Toda a gente tem que perceber o que está a fazer, para ir fazer, mas a composição do *online* é jovem e não é por acaso. É mesmo porque quando procuram novas pessoas para a equipa *online* sabem que estão habituadas ao meio digital e que têm facilidade em mover-se nesses meios, sem terem de fazer esse grande investimento na formação. Se precisassem de adaptar algumas pessoas que já estão a trabalhar há muito tempo na antena, pessoas mais velhas, aí sim precisavam de uma grande formação para elas conseguirem adaptar-se ao *online*. Em termos do que é que é jornalismo *online* as bases que eu tenho são as que aprendi no meu curso e o que aprendi aqui na redação, não tivemos formação antes para isso.

Na sua opinião, a crescente capacidade de *multitasking* do jornalista retira valor e profundidade aos conteúdos noticiosos? De que forma é que essa capacidade afeta o seu trabalho?

Eu acho que isso é um “pau de dois bicos”. Temos um lado positivo e um lado negativo. Obviamente que se não somos especializados em nenhum e fazemos todos mais ou menos, o trabalho não vai sair com tanta qualidade como se fosse uma pessoa especializada no som, uma no multimédia, que é o que nós tentamos fazer. Às vezes conseguimos outras vezes não. O trabalho perde qualidade obviamente se não for cada um na sua especialidade a contribuir para ter um todo coeso, mas acho importante que nós nos adaptemos às mudanças. Acho que não podemos pensar que basta ter uma competência e que é importante mesmo para o jornalista que vá evoluindo como o mundo está a evoluir e que saiba filmar, mesmo que não seja profissional, que saiba fazer várias coisas porque nem sempre é possível termos essa ajuda de outros colegas especializados

nas outras áreas. Por isso quanto mais completos formos, melhor, mas sim isso prejudica o trabalho final.

É uma forma de ter mais controlo sobre o próprio trabalho?

Também, sim.

Que tipo de desafios e preocupações foram colocados ao *online* da TSF? De que forma é que a TSF *online* se reinventou perante a pandemia para que a variedade, o pluralismo e a qualidade da informação fossem assegurados?

Nós fomos todos enviados para teletrabalho. A antena teve que ficar sempre com equipas aqui a rodar, mas nós no *online* pudemos ficar em casa, o que a mim que moro com pessoas de grupo de risco me tranquilizou muito. Houve falhas no início. Demorou um pouco até afinarmos o sistema. Agora penso que já está a funcionar mais ou menos em pleno, mas é sempre difícil porque uma coisa é estarmos aqui na redação todos juntos e podemos ir comunicando com a antena, outra coisa é estar em casa, e ter que telefonar e ter que falar por chat. É mais difícil fazer essa ponte com a antena para o *online*. Em termos de conteúdos, nós sempre tivemos este trabalho tipo de secretária portanto não muda muito estar numa secretária aqui ou estar numa secretária em casa. É basicamente a mesma coisa, ainda assim, agora com o retorno à normalidade, já alguns colegas estão a sair à rua e a fazer reportagens e estamos a voltar a sair com todas as precauções, mas durante meses foi basicamente o nosso trabalho de agenda e agências. Contudo, aquilo que se faz aqui, pode fazer-se tranquilamente em casa, porque era o mesmo que se fazia aqui, se não tivermos de sair à rua, portanto isso não houve problema.

Não acha que a qualidade se tenha perdido?

No *online*, não. No início tivemos problemas técnicos por isso houve menos braços. Nós depois tivemos em *layoff* portanto tivemos sem uma grande parte da redação, durante muito tempo, e foi muito difícil conjugar isso. Tivemos fins-de-semana e feriados em que basicamente estava quase uma pessoa a fazer o dia todo e isso é resultado da pandemia, mas não só da pandemia, é da situação da empresa. Mas esse foi mais do que o não poder sair de casa, porque o nosso trabalho não é tão condicionado por isso no *online*, foi a falta de meios humanos para isso.

Quais foram/são as principais lições jornalísticas retiradas durante o período de pandemia?

A grande lição é que o jornalismo tem que estar sempre lá, sempre. Não importa que o mundo esteja a desabar, que as pessoas estejam a morrer, que o mundo esteja a acabar. Não interessa. As pessoas precisam de saber o que está a acontecer e nós temos essa função. Nós somos o elo entre o mundo a desabar e as pessoas que estão à espera de saber como e quando é que o mundo vai desabar. O jornalismo tem que estar sempre lá e para o jornalismo estar sempre lá é preciso ajuda, é preciso não deixar os jornalistas à mercê de si próprios, é preciso que eles tenham como fazer o trabalho deles.

M.11. Jornalista antena, Filipe Santa Bárbara

O que é que o *online* traz de novo à rádio?

Traz mais visibilidade e traz arquivo. Na verdade, pode ser um bocado contra aquela ideia romântica da rádio e do éter e a coisa passa uma vez na antena e está. A rádio no *online* permite deixar tudo isso arquivado e acessível para se poder voltar a ouvir. Acho também uma outra coisa que é nos tempos que correm, as pessoas não estão tanto a ouvir a rádio de forma linear e da maneira como hoje se faz jornalismo é importante uma rádio ter um *online* forte para poder veicular mais rapidamente a sua notícia. Acho que hoje em dia o *online* não pode ser descurado. Além disso, há toda outra vantagem que são os novos métodos de escuta: o *podcast*.

A rádio influencia o *online* em termos do conteúdo noticioso que é publicado?

Sim e não. Isso tem que ver com a linha editorial da marca *TSF* e com a rotina do trabalho diário na rádio. Influencia no sentido em que a antena tem uma história sobre um sindicato qualquer e é natural que o *online* pegue nessa história também. É esta sinergia entre as coisas que se passam na antena e que se passam no *online*. Tem, de facto, de haver uma coerência e mesmo eu, por exemplo, enquanto repórter, que estou a fazer um trabalho, na área da política, mas acabei de fazer uma entrevista a um protagonista político, eu vou colocar essa entrevista no *online*. Faço primeiro para a antena, por uma lógica de rapidez e depois naturalmente faço para o *online*. Acho que caminham lado a lado, não é influenciar ou deixar de influenciar, acho que devem caminhar lado a lado.

Como caracteriza a *TSF* no *online*? Continua a ser uma rádio (uma extensão do meio tradicional) ou é um *online* autónomo (uma webrádio)?

Para mim, é um prolongamento, claramente. Deve continuar a sê-lo, acho que deve haver um investimento maior na capacitação das pessoas, na contratação de pessoas e também na própria dinâmica do *site*, que são coisas que me são alheias em termos técnicos, mas na ótica do utilizador, acho que há algumas mudanças poderiam sempre ser feitas, de forma a tornar as coisas mais fluídas. Mas, acho que sim, é um prolongamento e tem de o ser.

Que tipo de exigências lhe colocam quando trabalha para o *online*? Em que medida é que difere daquilo que se faz na antena?

Exigências talvez seja uma palavra um bocado pesada, mas é diferente na ótica da escrita para um *site*. O ângulo é o mesmo naturalmente. Se eu tenho uma notícia para dar, a

notícia é aquela, o facto é aquele. Agora as regras a que obedece a escrita para ser lida por outros é diferente e então acho que é só mesmo nessa questão. A linguagem muda, mas o conteúdo acaba por ser sempre o mesmo. Eu gosto de tentar ser criativo em ambos os lados, mas essa mesma criatividade não se pode ser decalcada de um para o outro porque se eu no *site* posso às vezes arriscar também um bocadinho mais, posso jogar com as palavras de uma forma visual. Em antena a única maneira que tenho de fazer isso é fazer um trocadilho, é construir uma imagem mas será sempre com as palavras ditas e não com as palavras lidas. Não há exigência, acho que o foco sim deve ser: a notícia é uma, a história é uma, o lead é um, mas agora as maneiras de fazer são distintas porque as linguagens são distintas.

Qual a razão para a repetição de informações de noticiário para noticiário?

Talvez a atualidade não nos traga coisas suficientemente novas para refrescar constantemente. Também por outra coisa que é nós quando trabalhamos na rádio temos muito a sensação que “não vou dar isto outra vez desta maneira, porque as pessoas já ouviram”. Quer dizer, qual é a percentagem de pessoas que ouve a rádio de forma linear non stop e que portanto vai ouvir o noticiário das 11h, o do meio-dia e o da 1h da tarde, de forma seguida? Eu diria que deve ser residual a quantidade de pessoas que faz isso. A pessoa que está a ouvir aquilo ao meio-dia, para ela é novo. Também há coisas que são incontornáveis, por exemplo, imagina que o primeiro-ministro se demite. Eu diria que isso aconteceu às 9h30 da manhã. A notícia não tem hora certa, por isso tinha de passar às 9h30 da manhã, às 10h, às 11h, ao meio-dia, às 13h, às 14h. É um tema. Provavelmente não vais dar a notícia da mesma forma a abrir “primeiro-ministro António Costa demitiu-se.” Não, provavelmente ao meio-dia, ainda dizes que o primeiro-ministro António Costa demitiu-se, mas às 13h já estás a dar reações à demissão a abrir. A lógica é essa, é um produto que é contínuo, mas que ao mesmo tempo acaba ali. Isto parece aqui uma dicotomia. Temos de pensar que temos de refrescar os noticiários, mas também não podemos abandonar os temas porque há pessoas que não ouviram. Se não as coisas só passam uma vez e quem ouviu, ouviu, quem não ouviu, ouviu.

Na sua opinião, o *online* aumentou ou diminuiu o espaço da rádio tradicional?

Eu acho que nem uma coisa, nem outra. Aumentou no sentido de levar mais gente a conviver com a marca e a conviver com os profissionais que fazem essa marca e com os conteúdos dessa marca, no caso da *TSF*. Por outro lado, acho que não são competidores diretos porque uma pessoa está no carro a ouvir a rádio e se for preciso nunca vai ao *site*

da *TSF*, mas se for preciso há outra pessoa que só vê as notícias no *site* da *TSF* mas não ouve a rádio. Se falarmos numa lógica de marca, de facto o *site* aumenta a possibilidade de chegar a muito mais pessoas, aliás, aumenta ao ponto de chegar ao outro lado do mundo. Através do *online* dá para chegar a todo o lado e a rádio no FM não dá para chegar ao outro lado do mundo porque não temos emissores no outro lado do mundo. Portanto, nesse sentido sim aumenta, mas são focos diferentes, são pessoas diferentes que vão chegar à marca *TSF*, de maneiras diferentes.

Atualmente, qual é que considera ser o lugar da rádio tradicional?

Acho que o papel da rádio tradicional é estar à escuta, é ouvir as pessoas, é estar nos sítios. Ainda há pouco tempo ouvia num programa aqui da *TSF* que foi a rádio que inventou os *pushs*. A rádio tem o dever de continuar a ser a mais rápida a dar a notícia, a ter aquela adrenalina de aconteceu e o repórter entra no ar em direto ou mandar um som sobre alguma coisa. A rádio é a rapidez e acho que isso continua a ser muito importante nos tempos que correm. Depois, acho que esta rádio em particular, ou seja rádios que se dediquem à palavra, uma pessoa que está predisposta a isso vai para ouvir e portanto acho que as coisas na rádio devem ser conversas. Numa lógica de procura de informação as pessoas se calhar não se voltam para a rádio em primeiro lugar porque a *internet* venceu tudo isto, mas as pessoas confiam muito nas marcas da rádio portuguesa, *Antena 1*, *TSF*, *Renascença* ou também, agora, a rádio *Observador*. As pessoas confiam nessas marcas e às vezes ligam o rádio para ter a certeza. Se a *TSF* está a dar, é porque é verdade e portanto isso também é um dos papéis da rádio tradicional. Ser esse sinonimo de confiança e de verdade. Se está na *TSF* é porque foi confirmado e há profissionais aqui que fizeram esse trabalho e as pessoas confiam. Por um lado, do ponto de vista de jornalista acho que é um gosto poder fazer parte disso, mas por outro lado é mesmo isso, a rádio tradicional em Portugal tem esse carimbo de “ok é verdade, posso confiar naquilo que estão a dizer.”

De que forma considera que um meio potencia/melhora o outro?

Desde logo, no *online* o espaço é ilimitado e na rádio não. Na rádio, uma hora vai ter sempre 60 minutos e portanto um programa em antena, ou uma entrevista, ou um conteúdo qualquer vai ter que caber naquele espaço horário, mas a entrevista ou o programa pode ser muito interessante e justificar que haja uma versão maior. Essa versão maior poderá estar no *online*. Por exemplo há pouco tempo houve uma catástrofe no porto de Beirute. O *site* pode ter os vídeos e chegar às pessoas através dos vídeos e o editor que estiver a dar a notícia *on-air* pode remeter para os vídeos que estão no *site*. Se as pessoas

tiverem interesse podem lá ir ver. Os mais puristas da rádio dirão que a função do repórter e a função do jornalista da rádio é criar as imagens na cabeça das pessoas e descrever as imagens o mais fidedignas possível, de forma a que se crie um vídeo mental dessa catástrofe, no caso. Eu acho que as duas coisas podem conviver muito bem. Um jornalista não deve ser preguiçoso ao ponto de dizer “vá ao *site* e veja as imagens por si”, deve fazer a descrição o melhor que poder e tentar criar essas imagens na cabeça dos ouvintes, mas também pode de facto remeter para o *site* e dizer assim "veja com os seus próprios olhos as imagens impressionante que estão disponíveis em tsf.pt"

De que forma é que observa a tendência de cada vez mais (não considerando a situação da atual pandemia de Covid-19) ter de fazer trabalho de redação? Gostaria de sair mais para o terreno, ter mais contacto pessoal com as fontes? Em que medida é que esta situação limita o trabalho do jornalista?

No meu caso, essa parte está completamente datada no sentido em que se há coisa que eu hoje em dia faço é só estar no terreno. Eu praticamente eu não venho à rádio, o que é um luxo nos dias que correm. Já tive muito tempo de secretária também. Acho que isso é o que mata a rádio como mata qualquer outro meio. A rádio, em particular, é muito essa coisa de não ir, não estar, apanha-se pelas televisões, faz-se uma chamada, grava-se com menor qualidade de som. A aposta deve ser cada vez mais estar na rua porque é na rua que as coisas acontecem, é na rua que as histórias estão, é na rua que estão os protagonistas, e portanto a rádio tem de estar ao lado dessas pessoas e desses acontecimentos.

Na sua opinião, a crescente capacidade de *multitasking* do jornalista retira valor e profundidade aos conteúdos noticiosos? De que forma é que essa capacidade afeta o seu trabalho?

Não acho que retire valor. Tem a ver com o brio de cada um. Eu tento sempre que as coisas que têm o meu nome associado vá o melhor possível na medida do que eu consegui fazer melhor. Agora por outro lado, há muito quem defenda “cada macaco no seu galho”, e que o *multitasking* vem roubar trabalho a outras pessoas que antigamente eram coisas feitas por outros. Por outro lado, defendo que, de facto, haja um técnico para cuidar do som, um sonoplasta, para fazer a sonoplastia, mas eu também gosto de ter controlo sobre todas as fases, desde o gravar ao ir para o ar, eu não me importo por mais que me dê mais trabalho.

Que tipo de desafios e preocupações é que este período de emergência colocou ao seu trabalho diário?

Do ponto de vista jornalístico, no meu trabalho, em particular, eu estive sempre na rua, eu fui o repórter que estava sempre na rua. Do ponto de vista jornalístico a minha vida não mudou assim tanto porque eu continuava a ir para os sítios fazer as coisas. Claro que tinha sempre aquele receio como hoje tenho, talvez na altura mais exacerbado porque ainda ninguém sabia o que era a Covid, mas sempre a tentar ter o máximo de cuidados. Pensar o jornalismo na época da pandemia, até os mais críticos do atual modo de fazer jornalismo quase se renderam porque as pessoas de facto procuraram fontes confiáveis para se informarem sobre a pandemia, a doença ou sobre o que é que o poder político está a decidir. As pessoas recorriam aos meios tradicionais, e isso foi uma coisa boa. Aproximar as pessoas dos meios. Ao mesmo tempo, acho que a veracidade da informação e as redes sociais pedem demasiado aos jornalistas e ao jornalismo e vieram criar uma certa confusão na cabeça das pessoas porque a quantidade de estudos por hora que saem sobre a Covid que podem ser fontes fidedignas, porque uma é Universidade de Hong Kong e a outra é a de Oxford e a outra é um instituto qualquer de um controlo de prevenção de doenças, mas às vezes essas são contraditórias entre si. Nem a classe médica chega a consensos, uns acham que devemos ser mais relaxados, outros acham que temos de ser ainda mais duros nas prevenções e acho que às vezes estamos aqui um pouco sem filtro, tipo “ok é uma fonte fidedigna vamos dar esta história”, mas se for preciso na hora a seguir estamos a dar uma história que acaba por contradizer a história que demos há uma hora. Às vezes esses filtros por causa da falta de tempo, as pessoas acabam por dar as duas coisas mesmo que uma contradiga mais ou menos a outra, mas são fontes credíveis. Isto tudo aconteceu e saiu e as pessoas leram, ouviram e viram. Acho que, regra geral, e tudo porque estamos numa guerra de audiências, para captar a atenção das pessoas, às vezes não pensamos, não respiramos. Às vezes mais vale pensar e demorar mais uma hora a dar, mas dar bem e dar com gosto do que se calhar às vezes ser o mais rápido. A pandemia veio proliferar a quantidade de coisas. Às tantas via as pessoas na rua “já não posso ouvir falar do Covid.” Quer dizer há mais coisas no mundo a acontecer ao mesmo tempo que a pandemia. Em África, as questões dos refugiados, as rotas migratórias não pararam e continuam a vir mesmo com a pandemia, mas os noticiários só focam a pandemia porque hoje houve mais 400 casos e mais 5 mortos e houve um protagonista a dizer que é preciso confinar e outro a dizer que é preciso desconfinar. E o resto do mundo? Acho que se esqueceu um bocadinho o que acontece ao resto do mundo.

Houve algum tipo de consequência ao nível dos valores jornalísticos?

Na diversidade acho que sim, principalmente, no pico da pandemia. Tudo o que se falava era Covid, Covid, Covid, as entrevistas que eram feitas a artistas e pessoas da cultura não eram sobre as suas obras, eram sobre como é que estão a lidar com a pandemia, como é que está a ser ficar fechado. As questões internacionais eram muito como é que um determinado país está a responder à pandemia e “ok isso tem de ser dado de facto”. A questão é que se calhar estávamos a dar em demasia. Essa balança é muito difícil de equilibrar. E depois com pessoas em casa, falhas de comunicação, pessoas doentes a terem de dar atenção a outras coisas, a não terem disponibilidade para ir aos sítios para estar junto das histórias e porque a agenda mediática assim o ditava, por isso não havia espaço e não havia maneira de fazer. Claro que houve pessoas a fazer isso e claro que houve coisas a sair além de Covid. Estou aqui a exagerar um bocado, mas se formos fazer uma análise se calhar mais de 60% de um noticiário estava sempre relacionado com coronavírus e Covid.

Quais foram/são as principais lições jornalísticas retiradas durante o período de pandemia?

A lição que a pandemia trouxe ao jornalismo, em primeiro lugar, é a de que as pessoas aflitas recorrem ao jornalismo e acho que podia ter sido uma oportunidade muito boa para o jornalismo. Estou a falar em termos empresariais, para quem manda nas empresas percebiam que o modelo de negócio não está esgotado e que o jornalismo é muito essencial, não só em situação de catástrofe, mas em situação como esta, pandémica, de crise sanitária, veio revelar-se muito importante. Essa é logo uma primeira lição. A segunda lição está relacionado com o tempo e a quantidade de informação. Acho que os jornalistas de facto tiveram um papel muito importante a tentar filtrar as informações que surgiam e a tentar combater as informações falsas, os áudios no *WhatsApp* dos hospitais “tenho um amigo de um amigo que o pai é médico, diretor e diz que aquilo está tudo a cair por terra e estão a esconder mortos.”. Os jornalistas tiveram aí um papel muito importante em verificar a verdade e a transmiti-la às pessoas. A pandemia veio relembrar também a nós jornalistas um bocadinho isso e acho que agora é pegar na confiança restaurada junto da audiência para tentar fazer o melhor trabalho possível. O melhor trabalho possível é ter de sair, é ter de ir à rua, é ter de como aqui na *TSF* o *slogan* diz é *ir ao fim da rua e ir ao fim do mundo*, quando o problema é que muitas das vezes não temos sequer maneira de ir até ali à porta, quanto mais ao fim da rua e acho que isso de

facto é que tem de mudar. Gostava que assim fosse, porque gosto daquilo que faço e gosto de jornalismo, mas acho que talvez se as pessoas vissem mais histórias diferentes, se as pessoas tivessem contacto com mundos alternativos que lhes fossem proporcionados através do jornalismo voltassem a confiar mais.

M.12. Jornalista antena, Beatriz Morais Martins

O que é que o *online* traz de novo à rádio?

Eu acho que o *online* consegue dinamizar a rádio de uma forma que ela própria já não consegue fazer nos dias de hoje. O *online* consegue complementar a rádio no sentido em que consegues ver a última hora, ter hiperligações para notícias anteriores. É um complemento porque na rádio, por exemplo, tu dás a reação e nem sempre consegues explicar o que está a acontecer, ou que já aconteceu quando o assunto é muito extenso. Por exemplo o caso Rui Pinto. É um caso que já se prolonga há algum tempo e vão surgindo novas reações e tu nem sempre consegues dizer tudo o que já aconteceu. O *online* consegue fazer-te isso. Fazer essas referências e traz, naturalmente, a imagem à rádio que eu acho mais curioso. Para aqueles que o som não é suficiente, na minha opinião infelizmente, acho que o *online* consegue dinamizar a rádio ainda mais para a geração mais nova.

A rádio influencia o *online* em termos do conteúdo noticioso que é publicado?

No caso da *TSF* tenho a certeza que influencia. Ou seja, e às vezes creio que o *online* até sai prejudicado por isso, porque não há os cliques. As notícias que estão no *site* da *TSF* são a marca da *TSF*. Isso tem coisas boas e tem coisas más. Por exemplo, não somos sensacionalistas, como outros órgãos de comunicação, mas não temos notícias tão fáceis, no sentido de “cor-de-rosa”. O *site* da *TSF* não se vende tão bem como outros *sites*, no entanto, eu acho e por isso é que escolhi trabalhar aqui, que isso não é uma coisa má. Acho que acabas por selecionar também sem querer as pessoas que vão ao *site*, tal como as pessoas que vão à antena.

Trata-se de um público diferente?

Acho que sim. Acho que é um público mais literado, mais interessado pelas questões políticas, sem dúvida.

Os da rádio ou os do *online*?

Os dois. O *online* pode chamar as gerações mais novas para a rádio e isso é bom também, mas acho que o público à partida têm todos a mesma característica. São todas pessoas interessadas pelo que está a acontecer no dia-a-dia informativo e que confiam na credibilidade da *TSF*.

Como caracteriza a *TSF* no *online*? Continua a ser uma rádio (uma extensão do meio tradicional) ou é um *online* autónomo (uma webrádio)?

Não é um *online* autónomo, mas às vezes não chega a prolongar a rádio. Nem sei bem, eu acho que é uma coisa que também não sabe o que é que é. Não te consigo explicar melhor do que isto. Acho que o *site* é novo. A rádio não é. Têm um cunho muito distinto e acho que é difícil nos moldes em que os *sites* têm que ser feitos tentares incluir a *TSF* nisso. Acho que o *site* tenta fazer o melhor que consegue. O *site* da *TSF* quando tem reportagens *TSF* é incrível. Complementa áudio, com os RM's ou com a própria reportagem na íntegra. Consegue pôr hiperligações e dinamizar a coisa. Só falta um *drone* para isto ficar um *website* a sério, para podermos ter imagens mais apetecíveis para quem gosta de reportagens multimédia, mas acho que sim, o *site* da *TSF* ainda está a lutar muito para se juntar à marca. Ainda está a crescer.

Que tipo de exigências lhe colocam quando trabalha para o *online*? Em que medida é que difere daquilo que se faz na antena?

Não me fazem exigências. Eu é que proponho fazer as minhas próprias peças. Por uma razão: eu acho que hoje em dia, somos muito poucos, quer na antena, quer no *online* e isso também é um dos motivos pelo qual o *online* passa tantas dificuldades. Não há gente. E então, eu proponho fazer as minhas próprias reportagens para o *online* porque acho que o tema é meu e eu sei o que vi. Acho que há coisas que eu explico na antena e não ponho no som aquilo que vi, há outras reportagens em que eu meto o som, mas não digo, ou seja, eu é que decido e então tento sempre ter reportagens diferentes, sendo a do *online* um bocadinho mais descritiva, ou com imagens, ou com citações ou pôr a voz da pessoa mais tempo. Isso não consigo fazer na rádio porque as peças têm de ser curtas e ir diretas ao assunto e no *online* é-nos permitido pôr ali algum floreado e só eu é que posso fazer, porque eu é que tenho o bruto, eu é que fui para a rua, eu é que vi, falei com as pessoas. Eu posso na rádio dizer “a dona maria falou comigo com um olhar ternurento”, mas ter a imagem dela no *site* e possivelmente até tê-la a falar mais tempo no *site*, através da transcrição e a seguir pôr o som. Portanto, dá mais trabalho, dá. Mas acho que fica mais completo e é melhor para quem lê, vê ou ouve.

Qual a razão para a repetição de informações de noticiário para noticiário?

Depende se há notícias ou não há notícias. A *TSF* prefere passar três vezes um assunto que tem notícia do que estar a deixar cair e pôr coisas novas que não são tão importantes. É uma escolha pela qual eu opto porque eu prefiro por exemplo passar um som do

Presidente da República se realmente interessar das 7h da tarde às 10h da noite, do que estar a pôr coisas novas que não têm tanta importância do que uma declaração do Presidente da República.

E se for uma notícia do dia, convém aparecer várias vezes.

Exatamente e muitas vezes isso acontece porque precisamos de procurar reações, ou seja, a Manhã 1 chega e define os temas que vão ser feitos. Por exemplo, “vamos optar por aqui”, “vamos tentar falar com estas pessoas” e tudo mais. A Manhã 2, se o assunto já tiver caído, não consegue procurar reações e assim sempre vais tendo coisas novas, mas depende, porque se explodir agora uma bomba possivelmente esse assunto até cai, porque tens coisas novas. Depende.

Na sua opinião, o *online* aumentou ou diminuiu o espaço da rádio tradicional?

Para mim aumentou. Eu não tenho anticorpos com o *online*, honestamente. Para mim aumentou, são coisas diferentes. Eu até ouço rádio no *online*, eu vou ao *site* da *TSF* pôr o play para ouvir rádio e ao mesmo tempo estou a ler a notícia.

É como se levasse a rádio no bolso?

É sim. É a rádio no bolso, sem dúvida.

Atualmente, qual é que considera ser o lugar da rádio tradicional?

Eu não sei se há rádio tradicional agora. Acho que todas as rádios se adaptaram para o *online*. Por exemplo, estou a lembrar-me de rádio mais comerciais, que se dirigem mais para a música, não são informativas. Elas até já são filmadas, já se mostram a filmar, ou seja, a magia da rádio é isto mesmo. O que estamos a fazer aqui agora. Quem te estiver a ouvir a ti não faz ideia como é que tu és. E isso para mim é o interessante da rádio. Acho que as rádios estão a mudar. Só a própria necessidade de ter posto imagem, ter um *site*, é a rádio a render-se aos dias de hoje. Acho que não te consigo dizer uma rádio tradicional. É que eu estou a pensar por exemplo em Coimbra nas rádios mesmo académicas em que só tinhas o FM, também já construíram um *site*.

De que forma considera que um meio potencia/melhora o outro?

Se houvesse mais coordenação, podem valorizar-se um ao outro. Tem que haver coordenação. Não há. Só posso falar do sítio onde eu trabalho, não há. E também não posso estar a embelezar uma coisa que não existe, ou que não é. Tem muitos problemas. Há falta de comunicação. Acho que o imediatismo de querer noticiar o quanto antes faz com que nós não comuniquemos uns com os outros. É quase como se estivéssemos a ver

um quadro de perto. Não vês os pormenores, porque estás a ver o quadro encostado ao nariz. Tens que te afastar e pensar “ok, isto aconteceu, mas como, em que contexto, quem viu o que aconteceu, podemos ir por ali”, depois sim vamos decidir e avançar. Claro que isto não se pode aplicar em todos os conteúdos, mas eu estou a dizer aqueles em que é possível aplicar esta estratégia. Tem que haver comunicação, porque se não acaba por acontecer uma coisa que é péssima em qualquer meio de comunicação que é pedires desculpa ou teres de desmentir uma coisa.

Isso acontece mais no *online*, que tem a ver com o imediatismo.

É, sim, exatamente, mas mesmo assim não custa dizer “temos esta informação, confirmam isto? Vamos avançar”. Sim podes mandar o *push*. O malfadado *push* que consegue ser uma maldição no *online*. Eu odeio *pushs*, porque eu acordo com *pushs*. Os *pushs* são o meu alarme, eu odeio *pushs* por causa disso, porque me fazem acordar. Por exemplo a *CNN* é um bom exemplo disso. Eu sei que quando tenho *pushs* da *CNN* é porque aconteceu realmente importante, uma emergência. Lembro-me de receber um *push* da *CNN* e pensar “o que se passou?” e o Kobe Bryant tinha morrido e eu pensei “meu deus!”. Ou seja, é esta a reação, não tem que ser sempre coisas trágicas, naturalmente, mas tem que ser isto, tem que ser “pausa, pausa que aconteceu alguma coisa” e acho que nós banalizamos o *push*. É quase como os diretos.

De que forma é que observa a tendência de cada vez mais (não considerando a situação da atual pandemia de Covid-19) ter de fazer trabalho de redação? Gostaria de sair mais para o terreno, ter mais contacto pessoal com as fontes? Em que medida é que esta situação limita o trabalho do jornalista?

Digo-te assim: não quero parecer drástica, mas se me dissessem que o meu trabalho ia ser este eu não sei se tinha seguido jornalismo, para tu perceberes o quão surpreendida fiquei com isto. Naturalmente que o trabalho de bastidores é preciso e não se pode estar sempre em reportagens, nem a fazer grandes reportagens e eu gosto muito do trabalho de produção, eu gosto muito de procurar a resposta na hora. Eu começo o meu turno, leio os jornais, a seguir tenho que procurar as respostas, ou ligar às pessoas e tudo mais. Mas depois também tenho que a seguir ao meu turno ir fazer reportagem. Acho que isso é que está mal. O trabalho tem que ser mais bem organizado e não é. Acabas por fazer tudo e ao fazeres tudo, não fazes tudo bem. Acaba sempre por haver uma função que fica mal, ou porque o recado ficou mal e então a equipa a seguir já está desorientada e depois podes

correr o risco de ligar à mesma fonte duas vezes ou porque vais para a rua mas perdes o evento porque chegaste atrasada, porque estiveste a cortar RM'S.

Na sua opinião, a crescente capacidade de *multitasking* do jornalista retira valor e profundidade aos conteúdos noticiosos? De que forma é que essa capacidade afeta o seu trabalho?

Acho que o jornalista não é um robô. Chega cansado, também tem dias menos bons. Claro que isso não se pode notar no trabalho naturalmente, como qualquer outra profissão, mas desgasta teres de fazer tudo ao mesmo tempo porque há falta de gente.

Se calhar o conteúdo não fica tão bem.

Não, não fica. Fica comprometido, sem dúvida.

Mas também é uma forma de ter controlo sobre o seu próprio conteúdo ou não?

Sim, é uma forma de teres controlo. Se tu disseres “não, eu corto este som e faço a reportagem e consigo fazer o *online*”, eu digo-te “ok, *multitasking* nível ótimo.” Outra coisa é “tens de fazer isto e cortar este som e também fazer *online* porque não há gente para fazer” e tu vês-te desorientada a tentar fazer todos e isso está mal.

Teve algum tipo de formação antes de integrar a equipa *online*?

Na *TSF* não tive formação, mas as pessoas ajudam-te sempre que tu pedires e são ótimas até porque os jornalistas já têm tantas funções que também não conseguem parar para te explicar “olha isto está a acontecer”. Até porque o formato da rádio é de meia em meia hora, ou seja, não há propriamente muito tempo. E no final do turno, claro que dá, mas nem sempre é possível. Não tive formações, mas sempre tive em rádios antes de vir para aqui, as rádios académicas, dão-te umas luzes para quando tu chegas a um trabalho como o da *TSF*. O que é que senti? Senti desespero, desamparo e senti muita angústia ao início porque senti que nunca iria conseguir fazer nada bem, não tinha aquele tempo de “ok vou ensinar-te a fazer isto”. O que é que percebi desde cedo? É aprender a observar e depois tentas aplicar e arriscar. Quando te pedem “faz-me uma breve” e tu fazes e esperas que seja o melhor e às vezes é, outras vezes não é. Se não for corrigem-te sempre e tu aprendes com isso, com os teus erros.

Mas acha que faria sentido numa rádio como a *TSF* ter essa formação?

Acho que fazia sentido, como fez sentido na fundação da *TSF*. Os cursos da *TSF* foram precisamente para isso. Infelizmente há pouca gente, também não há disponibilidade para isso e não há assim tantos estagiários interessados neste formato. A maioria vai para TV

e quando chegam aqui é porque não conseguiram entrar em televisão, portanto quase que já vêm amargurados e já não dá para ensinar porque isto não é a casa onde eles queriam estar. Mas que devia haver cursos, sem dúvida. Acho que a formação é importante. Formação sem ser no momento em que estás a trabalhar, ter uma formação de treino, em que não comprometes a antena. Por um lado é um voto de confiança e acho que até trabalhas melhor sob pressão, mas acho que a formação é essencial, porque eles todos a tiveram, na verdade.

Que tipo de desafios e preocupações é que este período de emergência colocou ao seu trabalho diário?

O teletrabalho foi um desafio e foi horrível, porque a rádio é para se fazer na rua, na rádio, não é em casa.

Apesar de ser possível fazer em casa.

Eu por acaso tive algumas dificuldades porque eu tinha obras no andar de cima e os meus vizinhos não respeitaram muito. Portanto foi difícil para mim, mas sim, mas é um desafio. A rua também é desafiante. O repórter está na rua, está em contacto, pode chegar-se às pessoas, pode tirar som ambiente. A casa não é suposto ser o sítio onde tu trabalhas, pelo menos em rádio não faz sentido. Eu senti falta até das portas do estúdio que é uma coisa que eu odeio. São tão pesadas. Só o barulho das portas do estúdio irritava-me, mas eu senti falta disso.

Quais foram as consequências que notou em termos da variedade, pluralismo e qualidade da informação?

Os valores jornalísticos não ficaram comprometidos, na minha opinião. Eu acho é que a qualidade da rádio ficou. Por exemplo, as peças pareciam que estavam a ser feitas numa casa de banho, com eco e os sons não foram tão bem cortados. Até porque a *TSF* é muito rigorosa nos sons. O som não pode ficar no ar, ou seja, a pessoa tem que terminar o raciocínio, tem que concluir a ideia, tem que ficar uma ideia concluída e em casa nem sempre consegues porque os programas não te permitem e acho que demoras muito mais tempo a fazer tudo.

Quais foram/são as principais lições jornalísticas retiradas durante o período de pandemia?

Que eu odeio a pandemia, é a primeira lição. Acho que é sempre possível fazer quando nós queremos. Mesmo até a rádio consegue fazer-se em casa e fomos obrigados a

comunicar, a perceber o que se estava a passar, a confirmar as informações, a delegar trabalho e confiar que essa pessoa nos vai entregar o trabalho sem ter perguntar “já fizeste” ou dizer “ligaram, eu atendi por ti, e cortei o som”. Isso era algo que acontecia muito na rádio. Aqui tu confiaste que a pessoa ia dar-te esse trabalho. A função era dela e ela ia desempenhá-la. A nível de critérios jornalísticos creio que não houve diferenças entre a rádio aqui ou a rádio lá. Acho honestamente que a *TSF* fez um excelente trabalho tendo em conta os meios que tinha e os recursos.

M.13. Jornalista antena, Inês André Figueiredo

O que é que o *online* traz de novo à rádio?

Acho que agregado ao papel, à televisão e à rádio, o *online* é o futuro. Tudo o que é feito tem muito mais presença se for *online*. Mesmo uma notícia de última hora na rádio hoje já não é o que era. Muitas vezes as pessoas vão ouvir se tiverem no carro, mas não é, não temos a ligação com a rádio como os nossos antepassados tinham. Eu acho que o *online* é aquilo que faz com que o trabalho do órgão de comunicação onde estamos chegue às pessoas com a maior rapidez possível. Por isso, neste momento não vejo uma aposta tão fundamental como o *online*.

A rádio influencia o *online* em termos do conteúdo noticioso que é publicado?

Aqui na *TSF* a rádio influencia muito o *online*. Basicamente, a *TSF* é um órgão de comunicação com muitos anos que tem uma forma de trabalhar bastante diferente e muito reta. Digamos que as pessoas que vêm para cá levam um bocadinho desta ensaboadela e começam muito a trabalhar como as pessoas que cá estão trabalham e isso faz com que a rádio tenha um poder muito importante na informação que se dá no *online*. Tudo o que está na rádio normalmente está no *online*. É muito raro, por uma questão editorial, não aparecer alguma coisa no *online* que está na rádio. É mais fácil acontecer o contrário. Algo que quem está a editar o *online* acha que é relevante para o *online* e para o público do *online* e que a rádio acha que não tem de dar, até porque o que cabe num *site* não é a mesma coisa que cabe num noticiário. Há muito mais espaço, muito mais tempo, podemos dar coisas completamente diferentes no *online*.

Como caracteriza a *TSF* no *online*? Continua a ser uma rádio (uma extensão do meio tradicional) ou é um *online* autónomo (uma webrádio)?

Não diria que é uma webrádio. Diria que é a *TSF* e que a *TSF* tem um *plus* que é o *online*. No fundo, o *online* da *TSF* não é nada se não houver a rádio porque há uma ligação muito forte entre aquilo que passa na rádio e aquilo que vai para o *online*.

Que tipo de exigências lhe colocam quando trabalha para o *online*? Em que medida é que difere daquilo que se faz na antena?

Para mim é um bocadinho o oposto, porque eu vinha do *online*. As exigências que aqui fazem no *online* são as mesmas que eu já trazia, do meu passado, de quando comecei a trabalhar. A minha maior exigência foi quando transitei para a antena porque foi muito mais fácil para mim aterrar aqui no *online* porque a base estava lá, trabalhamos de forma

diferente, a linha editorial é diferente mas de resto o trabalho em si todo o processo de publicar notícias, de avaliar, de levar à homepage, tudo isso eu já tinha. A minha dificuldade é o oposto. Não é as pessoas que estão na rádio que têm dificuldade de trabalhar no *online*, para mim foi dar o salto para a rádio, ainda hoje o estou a fazer.

É muito difícil?

Não é uma questão de ser muito difícil, mas é diferente. A forma de trabalhar é completamente diferente. Eu sei que tenho algumas vantagens que uma pessoa que não veio do *online* não tem, porque se eu sei que faltam 45 minutos para o noticiário vou fazer aquilo que provavelmente uma pessoa da antena não faria que é vou dizer primeiro ao *online*: “vamos se calhar mandar um *push*” e chega muito mais rápido à pessoa, porque tenho aquele tato do *online* e se calhar uma pessoa que está na antena não tem essa necessidade.

E em termos de linguagem é diferente.

Sim, muito diferente. O que vale 1 minuto de rádio se calhar vale um texto de 7 ou 8 parágrafos no *online*. O som é completamente diferente daquilo que chega à antena.

Qual a razão para a repetição de informações de noticiário para noticiário?

Ao contrário de um jornal da tarde ou do jornal da noite como acontece nas televisões, nós somos um bocadinho como a *SIC Notícias*, a *RTP3* ou a *TVI24* que temos de estar constantemente a dar noticiários de hora a hora e a atualidade noticiosa não ganha uma coisa relevante de hora a hora. O que acontece é quando há uma coisa relevante passa a ser abertura e tudo o resto desce um bocadinho e vai caindo aquilo que menos interessa. Por exemplo, uma notícia que é a notícia do dia e provavelmente vai passar em todos os noticiários do dia, às vezes vai abrir, outras vezes não, mas no fundo aquele é o tema do dia, por muito que nós queiramos mudar e queiramos ler de outra forma ou dizer de forma diferente, aquela é a notícia. Não há volta a dar. Não vamos deixar de dar uma notícia porque já a demos. Imagina uma pessoa que vai no carro às 14h e não ouviu às 13h. Não podes falhar a notícia do dia para a pessoa que está às 14h.

Na sua opinião, o *online* aumentou ou diminuiu o espaço da rádio tradicional?

Eu acho que hoje não há nenhum órgão de comunicação social que sobreviva sem o *online*. Isso não tirou relevância à rádio e muito menos à *TSF* porque tem um peso na comunicação social em Portugal muito grande. Mas acredito que sem o *online* a *TSF* perderia essa vantagem no mercado porque como falámos nem toda a gente ouve rádio e

uma pessoa que nunca ouve a *TSF* e nunca tem a possibilidade de o fazer, consegue receber um *push* da *TSF*, ou consegue ir ao *site* da *TSF*. Por isso, eu acho que é um complemento, sempre. Nunca é prejudicar a rádio, nem nunca é prejudicar o *online*. Eu acho que os dois têm de se complementar e isso, para mim, que trabalho aqui há 2 anos e pouco, é o ponto que falta para que tudo dê para crescer ainda mais. É este ponto fundamental que se chama: nós somos um todo e uma equipa e temos de trabalhar em equipa. Isso é difícil porque quem está aqui tem uma história de rádio e nós que viemos para o *online* temos uma história de *online*, ou seja, há muito pouca solidariedade em saber o que é o trabalho do outro.

Atualmente, qual é que considera ser o lugar da rádio tradicional?

Eu acho que a rádio tem o papel que sempre teve. A rádio, neste caso, a *TSF* é uma rádio de notícias. Eu já ouvia a *TSF* há anos e é a minha rádio de referência. Outras pessoas terão outras. Trabalhar aqui é mais uma vantagem dentro daquilo que sempre gostei da *TSF*, mas eu acho que a *TSF* é a *TSF*, é a rádio que dá a notícia, que vai à procura de uma coisa que os outros não têm. Muitas vezes acabamos por ser prejudicados pela quantidade de pessoas que estão a trabalhar neste momento cá e pela questão financeira do grupo, infelizmente. No geral, a *TSF* é isso, procura ir atrás e dar uma coisa diferente dos outros. Essa eu acho que é a grande questão da rádio. Manter a importância, neste caso, mais do nome *TSF* do que do facto de ser uma rádio. A *TSF* é um nome em si, seja no *online*, seja na rádio. É o nome *TSF*. A notícia *TSF*. O tentar ir ao fim do mundo e ao fim da rua.

De que forma considera que um meio potencia/melhora o outro?

Eu acho que, por exemplo, o *site* da *TSF* tem a rádio em direto e isso é uma forma muito benéfica para alguém passar a ouvir rádio, porque há pessoas que vão no carro e querem ouvir música e nem sequer lhes apetece ouvir notícias e quando estão no trabalho, ou mesmo em casa, ou noutra sítio qualquer, à hora certa ligam a *TSF* e vão ouvir o noticiário. As pessoas tinham muito este hábito no carro. Até podiam ir a ouvir uma rádio de música, mas à hora certa mudavam para o noticiário. Isto é algo que pode beneficiar a rádio que é: tu consegues levar isso para o *online* e fazer com que as pessoas criem um hábito de ouvir a rádio *online*. Isso existe muito, há muitas rádios que estão neste momento só a funcionar *online*. A *TSF* não está felizmente, mas a verdade é que as pessoas podem ouvir rádio *online* e mesmo quem não tem, por exemplo, eu vejo isso em muita gente que usa transportes públicos, as pessoas não escolhem a rádio que estão a ouvir, por isso optam pelo telefone ou pelo computador e isso é uma coisa que se não

houvesse *TSF online* não era possível. Tirando as aplicações de rádio, mas aqui é muito mais fácil aceder a isso.

De que forma é que observa a tendência de cada vez mais (não considerando a situação da atual pandemia de Covid-19) ter de fazer trabalho de redação? Gostaria de sair mais para o terreno, ter mais contacto pessoal com as fontes? Em que medida é que esta situação limita o trabalho do jornalista?

Há aqui duas coisas importantes: primeiro, eu estava no *online* e lá nós temos muito pouco trabalho de terreno porque os horários são rotativos, há poucas pessoas para o trabalho que há, por isso ou era por iniciativa própria ou era muito difícil ir ao terreno. Ir ao terreno é fazer jornalismo, porque é a minha forma de o ver. Eu adoro trabalhar *online*, acho que aprendi muito desde que trabalho *online*, mas se ninguém for ao terreno dentro de um órgão de comunicação social, não estás a dar notícias, estás a ir atrás dos outros. Aqui é o benefício que nós temos de ter a rádio, porque muitas vezes há esta coisa de ir para dentro de um orelhão, ligar para uma pessoa e aquilo é uma notícia. Não tiveste de ir à rua, mas foste atrás de uma fonte, construístes uma relação com aquela fonte para que hoje ela te dê uma notícia. Não estar na secretária é fundamental, sim, mas a rádio tem uma vertente um bocadinho diferente porque tu tens as equipas que andam na rua, normalmente, as editorias de economia, política, ou sociedade. Depois tens as equipas que aqui sentadas conseguem fazer todo o trabalho de não rua porque criaram relações com as fontes que lhes permitem isso.

Fazem pelo telefone, muitas vezes.

Exatamente, a rádio tem muito isso, porque sempre houve aquela necessidade de se precisar do som naquele momento e fazer-se a entrevista, cortar-se o som e é uma notícia.

Teve algum tipo de formação antes de integrar a equipa *online*?

Não. A "formação" que eu tive foi o básico. Foi-me ensinado como é que se funcionava com o *back office*, mas eu vinha do *online*, por isso eu sabia mais ou menos como é que as coisas funcionavam.

Faria sentido haver essa formação?

Acho que faria sentido essa formação no *online*, sim. Até uma formação mais geral para dar a conhecer a *TSF*, como é que funciona, sim, acho que faria sentido.

Na sua opinião, a crescente capacidade de *multitasking* do jornalista retira valor e profundidade aos conteúdos noticiosos? De que forma é que essa capacidade afeta o seu trabalho?

Mais ou menos. Acho que há limites. Já me pediram para sair em reportagem e fazer uma peça para a antena, uma peça para o *site* e um vídeo. Isso é praticamente impossível porque fiz quase figura de parva. Estava a entrevistar a pessoa e estava a gravá-la ao mesmo tempo, a filmá-la e isso são duas coisas incompatíveis. Ou tu tens um tripé e é possível fazê-lo, ou estás, neste caso eu estava no meio de um festival, era completamente impossível, aquilo ter saído um bom trabalho. Agora, acho que sim, temos que ser cada vez mais *one man show* como se costuma dizer, porque faz parte. Se eu souber avaliar o que é importante naquele momento, se é mandar para o *online* porque ainda falta tempo para o noticiário e depois cortar os sons e mandar para a antena tudo certinho, porque não?

É uma forma de ter mais controlo sobre a sua notícia?

Claro. Para já sou eu que faço. Há aqui também uma coisa muito importante e eu tive no *online* e às vezes acho que as pessoas não sabem isso, porque quem nunca trabalhou no *online* não sabe. Quando eu estou na rua, quando eu cheiro, sinto, falo com as pessoas, eu tenho muito mais motivo de reportagem que posso escrever do que uma pessoa que não esteve lá. O que acontece muitas vezes é que a pessoa que esteve no terreno, envia os lançamentos que deu à antena e manda dois ou três sons que também enviou para a antena e quem está no *online* vai fazer uma peça com aquela informação. Porém, aquela informação é muito pequena em relação à informação toda que eu captei, até porque eu estou a mandar um som de 30 segundos ou de um minuto e eu tenho 10 minutos de som. Essa pessoa se fosse escrever uma peça para o *online* ia completá-la muito melhor e dar um contexto completamente diferente do que a pessoa que está a fazer aquilo através de um lançamento. Agora, é difícil? É. Rouba tempo? Sim. Nem sempre é possível? Sim. Por exemplo, eu vim agora de um serviço, se eu tivesse um trabalho passado meia hora eu não conseguia ter feito isso. É algo que não pode partir só do jornalista, tem de partir de quem manda porque uma coisa é eu ir para o terreno e enviar um som de 30 segundos e estou despachada, outra coisa é ir para o terreno enviar o som ou peça e ainda escrever. Isso ocupa mais tempo. Quem me manda, tem de me dar espaço temporal para eu conseguir fazer aquilo. Se me marcarem dois serviços seguidos eu vou estar sempre a descartar o *online*. Não tenho outra hipótese.

Que tipo de desafios e preocupações é que este período de emergência colocou ao seu trabalho diário?

Eu acho que o maior desafio é a falta do espírito de redação porque estar numa redação não é estar em casa. O trabalho faz-se em casa, sim. É possível fazer, principalmente o *online* porque eu tive no *online* em casa e até muitas pessoas da antena estiveram em casa. Dá para fazer os contactos, dá para enviar os sons, tudo, mas falta a solidariedade. Falta virar-me para ti e perguntar “o que é que achas deste título?”, e tu tens a palavra certa que eu não tenho. Falta o espírito de redação. Faltam pessoas que estejam ao teu lado e te digam que algo está errado, que estás a dar essa notícia pelo ângulo errado, ou o contrário, ou tu dizeres que não concordas muito com algo, ou teres uma pergunta e virares-te para o editor ou uma pessoa que tem mais experiência e perguntar “como é que eu posso dar isto?”, ou “isto é sequer relevante?” ou “isto é uma notícia para dar na *TSF*?” Faltam as pessoas e o jornalismo é muito isso. Já para não falar que falta andar na rua.

Quais foram as consequências que notou em termos da variedade, pluralismo e qualidade da informação?

Eu quero acreditar que não houve consequência e que quem esteve a editar tem isso em conta, sabe que nós estamos em casa. Quem nos está a editar também sabe quem nós somos, já trabalha connosco há muito tempo. Somos uma equipa que já está a trabalhar em conjunto há muito tempo e isso ajuda a saber gerir as coisas. Espero que não tenha afetado, agora se chegamos a menos sítios, se fomos menos vezes ao fim da rua? Fomos e isso vai tirar um bocadinho a nossa marca. O jornalismo não é isso, é ir ao fim da rua, é ir ao fim do mundo e já temos tanta coisa que nos impede de o fazer, seja em termos monetários, seja por falta de recursos humanos, isto veio ajudar a que não seja feito.

Quais foram/são as principais lições jornalísticas retiradas durante o período de pandemia?

Eu gostava que nós, jornalistas, pudéssemos voltar a ter uma redação, porque tenho muito medo de que quem está acima de nós olhe para os resultados e diga que isto funciona assim, com cada um em sua casa. Gostava que essa fosse a visão a tirar, porque é uma visão que não é para ajudar financeiramente, é uma visão para manter o jornalismo vivo e eu acho que nós precisamos disso.